

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**A ANTINATURALIDADE DE PIED-PIPING
EM ORAÇÕES RELATIVAS**

EDUARDO KENEDY

2007



UFRJ

A ANTINATURALIDADE DE PIED-PIPING EM ORAÇÕES RELATIVAS

Eduardo Kenedy

Tese de Doutorado em Lingüística
apresentada à Coordenação do Curso de Pós-
Graduação em Letras da Universidade Federal
do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos
para a obtenção do título de Doutor em
Lingüística.

Orientador:
Prof. Dr. Marcus Antônio Rezende Maia

Rio de Janeiro
Novembro de 2007

RESUMO

A ANTINATURALIDADE DE PIED-PIPING EM ORAÇÕES RELATIVAS

EDUARDO KENEDY

ORIENTADOR: PROF. DR. MARCOS ANTÔNIO REZENDE MAIA

Resumo da tese de doutorado submetida ao Departamento de Lingüística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Dentre as línguas humanas, as orações relativas preposicionadas apresentam diferentes tipos de derivação estrutural. Em português, por exemplo, existem três estratégias por meio das quais uma expressão nominal sob regência de preposição pode ser relativizada. (1) Relativas *pied-piping*: *A coisa de que eu falei na semana passada*; (2) Relativas resumptivas: *A coisa que eu falei dela na semana passada*; (3) Relativas cortadoras: *A coisa que eu falei na semana passada*. Assim como nas demais línguas românicas, o português normalmente não licencia as *relativas prepositional-stranding* características de línguas como o inglês: * *A coisa que eu falei de na semana passada*.

A antinaturalidade de *pied-piping* em orações relativas (APP) é uma hipótese que assume ser impossível para o Sistema Computacional da Linguagem Humana (C_{HL}) derivar naturalmente relativas *pied-piping*, uma vez que qualquer uma de suas alternativas derivacionais será menos custosa a C_{HL} . Isto é, na derivação de uma relativa preposicionada, as estratégias resumptiva e/ou cortadora (ou ainda *prepositional-stranding* em línguas como o inglês) devem sistematicamente bloquear *pied-piping* como opção derivacional, em razão das “Condições de Economia” do Sistema Computacional, especialmente o princípio Move F (formulado por Chomsky, 1995). De acordo com a APP, é somente através da escolarização ou de outras formas de letramento que as pessoas podem aprender a usar relativas *pied-piping*, do contrário nunca as aprenderão. Portanto, a estrutura *pied-piping* em orações relativas deve ser interpretada não só como um artefato da língua escrita, mas principalmente como um tipo de construção contrário à natureza minimalista de C_{HL} , daí a sua *antinaturalidade*.

Na presente tese, apresentamos a fundamentação teórica da APP, com base no Programa Minimalista chomskiano (Chomsky, 1995 e posteriores), bem como abordamos diversas implicações da hipótese, tais como a inexistência de relativas *pied-piping* na fala natural de crianças, de analfabetos e de indivíduos pertencentes a comunidades ágrafas, ou mesmo entre pessoas altamente letradas, desde que inseridas em contexto de uso espontâneo da linguagem. Também sustentamos a APP com

dados de experimentos psicolinguísticos de *Julgamento imediato de gramaticalidade* e *Leitura automonitorada*, aplicados com falantes nativos do Português Brasileiro (PB) e do Português Europeu (PE) de vários níveis de escolaridade. Os resultados desses experimentos demonstram que relativas *pied-piping* são um tipo de estrutura problemática para os sujeitos, tanto nas tarefas de julgamento quanto nas de processamento.

Esta tese argumenta contra a descrição tradicional das relativas do PB (Tarallo, 1983; Kato, 1993; Corrêa, 1998; Galves, 2001), segundo a qual PB e PE possuem sistemas diferentes de relativização. Assumimos que PB e PE, assim como o espanhol (cf. Pérez-Leroux, 1995), o francês (cf. Labelle, 1996), o inglês (cf. McDaniel et al., 1998) e possivelmente qualquer outra língua natural, devem possuir o mesmo sistema nuclear (*core-grammar*) de relativização preposicionada, com diferenças superficiais relacionadas aos traços morfofonológicos das línguas específicas. A APP parece ser uma hipótese relevante tanto para a teoria sintática, quanto para a aquisição e a evolução da linguagem. Como um fenômeno naturalmente impossível, relativas *pied-piping* não podem existir na gramática das crianças, tampouco na Faculdade de Linguagem que emergiu na evolução natural do *homo sapiens*.

Palavras-chave: orações relativas, português brasileiro, psicolinguística, teoria da gramática.

Rio de Janeiro
Novembro de 2007

ABSTRACT

THE ANTINATURALITY OF PIED-PIPING IN RELATIVE CLAUSES

EDUARDO KENEDY

ADVISOR: PROF. DR. MARCOS ANTÔNIO REZENDE MAIA

Abstract of the doctoral dissertation submitted to *Departamento de Lingüística* (Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro) as part of fulfillment for the degree of Doctor of Philosophy in Linguistics.

Prepositional relative clauses show different types of structural derivation throughout human languages. In Portuguese, for example, there are three strategies by which a noun under government of a preposition can be relativized. (1) Prepositional pied-piping: *A coisa de que eu falei na semana passada* (the thing about which I talked last week); (2) Resumption: *A coisa que eu falei dela na semana passada* (the thing that I talked about it last week); (3) Chopped preposition: *A coisa que eu falei na semana passada* (the thing that I talked last week). As in all Romance languages, Portuguese normally forbids Prepositional stranding, although it is allowed in some cases. (4) Prepositional stranding: **A coisa que eu falei de na semana passada*. (the thing which I talked about last week).

The antinaturalness of prepositional pied-piping as a relativization strategy is a hypothesis (APP) which assumes that it is impossible for the Computational Human Language device (C_{HL}) to naturally derive pied-piping in relative clauses, because any of the alternatives to pied-piping available in a given language would be less costly to the computational system. Consequently, in the derivation of prepositional relatives, resumption or prepositional chop (or prepositional stranding, in English type languages) should always block pied-piping, taking into consideration Chomsky's "Conditions of Economy", namely the Principle Move F (Chomsky, 1995). According to this hypothesis, people would learn to use pied-piping in relativization only through school teaching (literacy) or they would never use it at all. Therefore, pied-piping in relative clauses should be viewed not only as an artificial prescriptive artifact, but as a type of construction against the natural principles of economy of C_{HL} , hence its *antinaturalness*.

In this doctoral dissertation, we show the theoretical framework in the minimalist discussion on the APP and discuss some of its implications, such as the absence of pied-piping in natural speech of children, illiterate people and in communities which do not use any writing system, as well as in spontaneous usage of language by people with sophisticated educational background. We also support these assumptions by showing the results of two psycholinguistic experiments: a speeded grammaticality

judgment task and a non-cumulative self paced reading instrument. Results of experiments with Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP) native speakers of several levels of education show that pied-piping in relative clauses is a very problematic kind of structure to judge and to process, even though the fluency on this strategy improves as the level of formal education increases.

Our findings challenge the traditional description of relative clauses in BP (Tarallo, 1983; Kato, 1993; Corrêa, 1998; Galves, 2001), according to which BP and EP have different systems of relativization. As we assume, BP and EP, as well as Spanish (cf. Pérez-Leroux, 1995), French (cf. Labelle, 1996), English (cf. McDaniel et al., 1998) and possibly any natural language must have the same core system of prepositional relativization, with superficial differences due to morphological features. The APP is, therefore, relevant to theoretical syntax, language acquisition and language evolution. As a naturally impossible phenomenon, pied-piping in relative clauses should be absent in children's grammar and there should be no place to it in the Faculty of Language that emerged with *Homo sapiens* in the origins of our species.

Key words: relative clauses, Brazilian Portuguese, Psycholinguistics, Linguistic Theory.

Rio de Janeiro
November, 2007

AGRADECIMENTOS

Esta tese é o produto de uma pesquisa de sete anos sobre as relativas preposicionadas. Ao longo desse tempo, um grande número de pessoas contribuiu direta ou indiretamente com o meu trabalho, por isso há muitos a quem devo agradecer. Gostaria de começar por aqueles que me chamaram a atenção para o objeto da pesquisa: os meus alunos. No primeiro semestre do ano 2000, eu ministrava o curso de “Linguagem e Cognição” para os alunos do segundo período de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Quando corrigia uma das avaliações desse curso, deparei-me com uma frase charmosamente bizarra, que mais parecia uma ilustração de agramaticalidade, dessas que figuram nos manuais de sintaxe. A frase era “A linguagem é uma faculdade que cuja a qual o ser humano já nasce com ela”. Levei a frase para a sala de aula, apresentei-a aos alunos (que, é claro, deram boas risadas), e convidei-os a corrigi-la, traduzindo-a para o português culto. Para a minha surpresa, após muitas tentativas frustradas, nenhum dos 40 universitários daquela turma conseguiu chegar à versão *pied-piping* daquela oração relativa. Levei a frase para outras turmas, e a história se repetia: todos notavam a estranheza, mas poucos sabiam como corrigi-la para a construção padrão. O esforço para tentar compreender por que as relativas preposicionadas pareciam tão complicadas começou com essa minha querida turma e culmina na presente tese, que não por acaso também versa sobre a tal faculdade *com a qual o ser humano já nasce*.

Sou grato a todas as 300 pessoas, brasileiros e portugueses, que de boa vontade participaram dos experimentos que tornaram possível a argumentação central desta tese. Embora utilize o termo técnico *sujeitos* ao lhes fazer referência, não os tomo apenas como fonte de informação, mas como seres humanos reais em cujas mentes está o conhecimento que interessa à Linguística. Agradeço em especial a Nelson Simões, que, infelizmente, faleceu antes da conclusão do estudo que ele ajudou a desenvolver “apenas apertando esses botõezinhos”.

Meu curso de doutorado teve início em 2003, quando me tornei aluno do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas. Por questões de ordem prática, tive de retornar a Niterói ao fim daquele mesmo ano, quando fui aprovado na seleção para o doutoramento da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Agradeço ao Prof. Dr. Humberto

Menezes por ter aceitado orientar o trabalho que, naquela época, não pretendia estender-se para além da Teoria da Gramática. Sou grato ao Dr. Humberto também por compreender e incentivar a minha decisão de levar a hipótese de meu trabalho para o campo da Psicolinguística Experimental.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcus Maia, agradeço pela sua incomensurável generosidade. Desde o aceite ao meu pedido de orientação, num projeto que apresentava muito de teoria sintática e muito pouco de psicolinguística, até as análises estatísticas, passando pelas discussões teóricas, pela programação no Psyscope, pela análise de *corpus* e pela interpretação dos resultados dos experimentos, o Dr. Marcus foi mais que um orientador, foi meu amigo.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), órgão do Ministério da Educação, do Governo Federal brasileiro, concedeu-me uma bolsa de Estágio de Doutorando (Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior – PDDE), a chamada Bolsa-sanduíche. Essa bolsa, registrada no processo 2955/06-7, permitiu a minha viagem a Portugal, com o estágio na Universidade de Lisboa. Agradeço muito pela concessão da bolsa, sem a qual esta tese não teria sido possível.

Sou muito grato à minha orientadora em Portugal, Profa. Dra. Armanda Costa, não apenas por sua criteriosa orientação tanto teórica quanto metodológica, por suas indicações bibliográficas e por seu apoio logístico para a realização dos experimentos, cedendo o espaço de seu Laboratório de Psicolinguística e facilitando o acesso aos alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) e da Escola Secundária do Lumiar, mas também por sua hospitalidade e amizade durante o inverno que atravessei em seu país.

Sou também grato à Profa. Dra. Isabel Hub Faria, coordenadora do Laboratório de Psicolinguística da FLUL, e à Profa. Dra. Isabel Falé pelas valiosas sugestões ao trabalho, feitas durante a apresentação da tese aos membros do Laboratório, em janeiro de 2007.

Agradeço à Profa. Rita Veloso e aos demais professores e estudantes do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa pelo produtivo diálogo travado após a minha apresentação nas “Conversas D’HorAL”, realizada no Centro Interdisciplinar da

Universidade de Lisboa na agradável manhã de 06/02/2007. À Profa. Rita Veloso sou especialmente grato pela atenção e pelo banco de dados que colocou à minha disposição (*Corpus de Referência do Português Contemporâneo – Oral* (CRPC) e excertos do *C-Oral-Rom Project*).

Sou grato à Profa. Nélia Alexandre pela disponibilidade para o diálogo sobre sua dissertação de mestrado e seus atuais estudos sobre línguas crioulas de base portuguesa.

À Profa. Dolores Cortês sou grato pela receptividade na Escola Secundária do Lumiar, possibilitando o acesso aos alunos que se tornaram sujeitos do Experimento II desta tese.

Agradeço aos colegas Agostinho Salgueiro, Paula Luegi e Sofia Antunes, alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pela amizade e pela grande ajuda no trabalho de adaptação das frases dos experimentos para o Português Europeu.

Durante minha estada em Lisboa, na Residência Nossa Senhora da Paz, tive oportunidade de manter contato com pesquisadores de diferentes nacionalidades, que de formas diversas contribuíram com a minha pesquisa. Agradeço a Prof. Dr. Márcio Avelar, Prof. Dr. Donaldo Bello, Profa. Simone Floripe, Profa. Suélis Prado Mendes, Profa. Cristiane Namiuti, Profa. Dra. Francesca Negro e Profa. Karla Pádua.

Agradeço à Profa. Marie Labelle (Université du Québec à Montréal – Canadá) pela boa vontade de ter me enviando, pelo correio tradicional, cópia de seus estudos sobre relativas, bem como pelos diálogos travados via e-mail sobre suas pesquisas.

Sou grato ao Prof. Dr. Márcio Leitão e aos demais colegas do Laboratório de Psicolinguística Experimental (LAPEX) da UFRJ pelo diálogo e pelas inúmeras sugestões e ajudas na criação dos experimentos e na análise estatística de seus resultados.

Agradeço à Profa. Dra. Eugênia Duarte e à Profa. Dra. Aniela Improta pela participação na Banca de Qualificação desta tese e pelas correções e inúmeras sugestões que lá me apresentaram.

Ao Prof. Dr. Ricardo Lima sou grato pela leitura crítica e impiedosa dos esboços que geraram o Capítulo I desta tese, e também pelo constante apoio e incentivo nestes quase dez anos de coleguismo.

Aos colegas do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), especialmente à Profa. Dra. Iza Quelhas e ao Prof. Dr. Leonardo Mendes, agradeço pela ajuda que permitiu o meu afastamento da UERJ para o estágio de doutoramento no exterior.

Agradeço ao Prof. Dr. Marcelo Leite, coordenador do curso de Letras da Universidade Severino Sombra, pelo apoio e pela licença concedida por ocasião de minha viagem a Portugal.

À Profa. Fernanda Frattarola, amiga e companheira, sou muito agradecido pela gravação das vozes para o Experimento III, pela revisão textual e, principalmente, pelo carinho e pela compreensão nestes últimos meses de redação da tese.

Agradeço muito em especial e dedico esta tese a meus familiares, que compreenderam minha ausência durante os anos da pesquisa: José, Walcira, Lincon, Bárbara, Leonardo, Millena, Allana, João Victor e Caio.

ABREVIATURAS E TERMOS TÉCNICOS

QUADRO I - ABREVIATURAS

ABREVIATURAS	PORTUGUÊS	INGLÊS
APP	Hipótese da Antinaturalidade de Pied-piping em Orações Relativas	The Antinaturality of Pied-piping in Relative Clauses Hypothesis
CH	Cadeia	Chain
C _{HL}	Sistema Computacional da Linguagem Humana	Human Language Computational System
CP	Sintagma Complementador do	Complementizer Phrase
D	Determinante	Determiner
DP	Sintagma Determinante	Determiner Phrase
[e]	Categoria Vazia	Empty Category
EPP	Princípio da Projeção Estendido	Extended Projection Principle
FI	Interpretação Plena	Full Interpretation
FL	Faculdade da Linguagem	Human Language Faculty
LCA	Axioma da Correspondência Linear	Linear Correspondence Axiom
LEX	Léxico	Lexicon
LF	Forma Lógica	Logical Form
N	Nome	Noun
NP	Sintagma Nominal	Noun Phrase
N(UM)	Numeração	Numeration
OP	Operador	Operator
P	Preposição	Preposition
PF	Forma Fonética	Phonetic Form
PM	Programa Minimalista	Minimalist Program
PP	Sintagma Preposicional	Prepositional Phrase
P&P	Teoria dos Princípios e Parâmetros	Principles and Parameters Theory
Ppp	Carreamento da preposição	Prepositional pied-piping
Pst	Abandono da preposição	Prepositional-stranding
Spec	Especificador	Specifier
[t]	Vestígio	Trace
PB	Português Brasileiro	Brazilian Portuguese
PE	Português Europeu	European Portuguese
TP	Sintagma Temporal	Temporal Phrase
Traços- ϕ	Traços-fi	Phi-Features
TRL	Teoria da Regência e da Ligação	Government and Biding Theory

UG	Gramática Universal	Universal Grammar
V	Verbo	Verb
VP	Sintagma Verbal	Verb Phrase
<i>wh-</i>	Elemento <i>qu-</i>	<i>wh-</i>

QUADRO II – TERMOS TÉCNICOS

INGLÊS	PORTUGUÊS
Agree	Concordar
Chain	Cadeia
Chain Reduction	Redução de Cadeia
Convergence Principle	Princípio de Convergência (Move F)
Core-grammar	Gramática Nuclear
Copy	Copiar
Delete	Apagar
D-Structure	Estrutura Profunda
Form Chain	Formar Cadeia
Last Resort	Último Recurso
Look Ahead	Olhar à Frente
Merge	Concatenar
Move	Mover
Move F	Mover Traços
Pied-piping	Carreamento da preposição
Preposition-stranding	Abandono da Preposição
Pro	pro - Categoria [+pronominal, - anafórica]
pro-drop	Sujeito Nulo
Raising	Alçamento
Select	Selecionar
Spell-Out	Bifurcar/Pronunciar
Stranding	Abandono de item
Wh-movement	Movimento de <i>qu-</i>

SUMÁRIO

	página
INTRODUÇÃO.....	1
 CAPÍTULO I: A ANTINATURALIDADE DE PPP EM ORAÇÕES RELATIVAS	
Introdução.....	16
1. O Programa Minimalista.....	19
2. O design de FL.....	23
2.1. Condições de legibilidade.....	26
2.2 Condições de economia.....	30
3. Derivações em competição.....	31
3.1. Numeração.....	32
3.2. Merge over Move.....	36
3.3. Fase e subarranjos.....	39
3.4. Move F.....	42
4. O caso das relativas preposicionadas.....	46
4.1. O problema da língua inglesa.....	51
4.2. O problema da língua portuguesa.....	55
4.3. O problema da Aprendibilidade.....	57
5. A hipótese da antinaturalidade de <i>pied-piping</i> em orações relativas.....	58
6. A derivação de cortadoras e resumptivas.....	61
7. Conclusões.....	64
 CAPÍTULO II: EVIDÊNCIAS EM FAVOR DA APP	
Introdução.....	66
1. Evidências do inglês.....	69
1.1. Sujeitos.....	70
1.2. Materiais.....	71
1.3. Primeiro experimento.....	72
1.4. Procedimentos.....	72

1.5.Resultados.....	74
1.6.Segundo experimento.....	75
1.7.Procedimentos.....	76
1.8.Resultados.....	76
1.9.Discussão.....	77
2. Evidências do francês.....	78
2.1.Sujeitos.....	79
2.2.Materiais.....	79
2.3.Procedimentos.....	80
2.4.Resultados.....	81
2.5. Discussão.....	82
3. Evidências do espanhol.....	83
3.1. Sujeitos.....	83
3.2.Materiais.....	84
3.3. Procedimentos.....	85
3.4. Resultados.....	85
3.5. Discussão.....	86
4. Evidências de outras línguas.....	87
5. Discussão geral.....	88
6. O português: caso-problema.....	89
7. Conclusões.....	93

CAPÍTULO III: O CASO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Introdução.....	94
1. Descrição tradicional do PE.....	96
2. Variação nas relativas do PE.....	100
2.1. Peres e Mória (1995).....	100
2.2. Alexandre (2000).....	103
2.3. Arin, Ramilo e Freitas (2005).....	106
3. Variação nas relativas do PB.....	108
3.1. Tarallo (1983).....	110

3.2. Corrêa (1998).....	114
4. Varejão (2006).....	119
5. Conclusões.....	121

CAPÍTULO IV: TESTAGEM EXPERIMENTAL DA APP

Introdução.....	124
1. Experimento I – Julgamento imediato de gramaticalidade.....	128
1.1. Método.....	133
1.2. Participantes.....	134
1.2.1. Sujeitos do PE.....	134
1.2.2. Sujeitos do PB.....	135
1.3. Materiais.....	135
1.4. Procedimentos.....	136
1.5. Resultados.....	139
1.5.1. Dados do PE.....	139
1.5.2. Dados do PB.....	141
1.6. Discussão.....	143
2. Experimento II – Leitura automonitorada.....	148
2.1. Método.....	152
2.2. Participantes.....	153
2.2.1. Sujeitos do PE.....	153
2.2.2. Sujeitos do PB.....	154
2.3. Materiais.....	154
2.4. Procedimentos.....	155
2.5. Resultados.....	157
2.5.1. Dados do PE.....	157
2.5.1.1. Ensino fundamental.....	157
2.5.1.2. Ensino médio.....	159
2.5.1.3. Ensino superior.....	160
2.5.2. Dados do PB.....	162
2.5.2.1. Ensino fundamental.....	162

2.5.2.2. Ensino médio.....	163
2.5.2.3. Ensino superior.....	165
2.6. Discussão.....	166
3. Experimento III – Julgamento de gramaticalidade com analfabetos.....	169
3.1. Método.....	170
3.2. Participantes.....	172
3.3. Materiais.....	172
3.4. Procedimentos.....	172
3.5. Resultados.....	174
3.6. Discussão.....	175
4. Conclusões.....	177
CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
REFERÊNCIAS	187
ANEXOS	195
Anexo I.....	195
Português Europeu – frases do experimento I.....	195
Frases experimentais.....	195
Frases distratoras.....	197
Agramaticais fortes.....	197
Agramaticais fracas.....	197
Gramaticais.....	197
Anexo II.....	199
Português Europeu – frases do experimento II.....	199
Frases experimentais.....	199
Frases distratoras.....	200
Anexo III.....	203
Português Brasileiro – frases do experimento I.....	203
Frases experimentais.....	203
Frases distratoras.....	205

Agramaticais fortes.....	205
Agramaticais fracas.....	205
Gramaticais.....	205
Anexo IV.....	207
Português Brasileiro – frases do experimento II.....	207
Frases experimentais.....	207
Frases distratoras.....	208
Anexo V.....	211
Frases do experimento III.....	211
Frases experimentais.....	211
Frases distratoras.....	211
Agramaticais fortes.....	211
Agramaticais fracas.....	211
Gramaticais.....	212
Anexo VI.....	211
Relativas cortadoras do CRPC.....	213

INTRODUÇÃO

A linguagem como parte do mundo natural é a principal hipótese de trabalho da lingüística gerativa. Desde os seus primeiros textos, publicados ao fim da década de 50, até o presente, Chomsky tem assumido que a Faculdade da Linguagem deve ser entendida como um dispositivo inato, de alguma forma codificado no genoma de nossa espécie, programado para entrar em funcionamento de maneira automática e compulsória tão logo o organismo de um indivíduo humano, em especial o seu cérebro, mantenha contato com o ambiente exterior. A lingüística teórica chomskiana dos últimos 50 anos pode ser interpretada como um conjunto de esforços em busca da melhor caracterização formal dessa habilidade mental especificamente humana, que faculta a todos os membros da espécie¹ a aquisição e o uso, sem esforço e de maneira inconsciente, de uma língua natural em toda a sua suntuosa complexidade de estrutura.

Revolucionária em suas origens, a abordagem naturalista do fenômeno da linguagem, contemporaneamente referida também como *biolingüística* (cf. Jenkins, 2001), ainda hoje provoca controvérsias e não raramente é combatida com fervor.² Ceticismos à parte, alguma disposição inata para a linguagem na espécie humana parece ser um pressuposto epistemológico tacitamente assumido por todo pesquisador sério e interessado nas línguas naturais como fenômeno cognitivo. Afinal de contas, mesmo que grande parte da aquisição e

¹ Com exceção de patologias como o Déficit Especificamente Lingüístico (DEL) e dos casos de deformidades mentais provocadas pelo isolamento do indivíduo da interação com outros humanos.

² Haja vista o recente e polêmico artigo de Everett (2005) sobre a sociedade indígena brasileira *Pirahã*, ao qual se seguiu a réplica de Nevins, Pesetsky e Rodrigues (2007), sucedida pela tréplica de Everett (2007). Everett afirma que a língua *Pirahã* não apresenta a propriedade da recursividade, considerada, na lingüística gerativa, a característica definidora da Gramática Universal. Para Everett, a ausência da recursividade no *Pirahã* seria uma forte evidência contra a hipótese da linguagem como um fenômeno natural da espécie. O debate apaixonado *natureza X criação* na linguagem humana, suscitado por esses artigos, alcançou grande repercussão na mídia não-especializada brasileira e internacional no primeiro semestre de 2007.

do uso da linguagem envolva aprendizado sociocultural, tal aprendizado só se torna possível com a existência de uma máquina de aprender, pré-programada geneticamente. Como recentemente reafirmou Chomsky (2007), a Faculdade da Linguagem como característica natural da espécie é a única explicação para o fato de que apenas os humanos, dentre todos os organismos conhecidos, sejam capazes de aprender e de usar naturalmente um sistema de regras que associam *som* e *significado*. Para o lingüista, somente a Faculdade da Linguagem pode ser uma explicação racional para o fenômeno da aquisição da gramática pela criança, como alternativa a uma explicação sobrenatural.

Com efeito, um desdobramento recente e muito importante da concepção de língua como fenômeno natural é a busca de suas raízes evolucionárias. Afinal, como parte da natureza, a Faculdade da Linguagem deve ser produto de alguma pressão evolutiva, como a mutação, a seleção natural ou outras.³ No grande desafio que é o estudo contemporâneo da *evolução da linguagem*, cabe à lingüística formular um modelo de linguagem que possa representar o estado natural do conhecimento lingüístico de um falante, isto é, o tipo de competência gramatical que todo indivíduo humano normal inevitavelmente atinge e que lhe permite a produção e a compreensão de um número infinito de sentenças em sua língua. Tal conhecimento, como herança da evolução, deve ser universal e independente de variáveis externas acidentais, como a existência de uma cultura escrita e de formas elaboradas de comunicação social. Essa competência lingüística natural, a *língua selvagem* – isto é, a gramática anterior aos processos de letramento/escolarização e de tecnologização da fala, comuns nas sociedades ocidentais contemporâneas, com todos os seus aparatos de

³ Dentre muitas abordagens e polêmicas atuais sobre o tema *língua e evolução*, vejam-se o debate entre Hauser, Chomsky e Fitch, 2002; Pinker e Jackendoff, 2005a e 2005b; Fitch, Hauser e Chomsky, 2005 e as referências ali presentes.

estandardização da língua, como escolas, redes de televisão e rádio, livros, jornais, revistas, internet etc., – é o que pode de fato representar o legítimo produto da evolução da linguagem legado ao *homo sapiens*, a partir do que as línguas modernas se constituíram historicamente.

Essa distinção entre a gramática natural de um indivíduo e certas habilidades lingüísticas e paralingüísticas idiossincráticas, cultivadas ou não no desenvolvimento de uma comunidade lingüística qualquer, nem sempre tem sido observada pelos lingüistas. Parece correto afirmar que parte considerável dos trabalhos da lingüística teórica contemporânea, ao privilegiar a descrição do padrão culto atual das línguas européias ocidentais, apenas parcialmente é capaz de identificar comportamentos lingüísticos naturais, sobre os quais faz sentido falar em *evolução da linguagem*. Na modalidade culta dessas línguas, formada ao longo de quase três milênios de tradição escrita e erudita, é comum encontrarmos padrões morfossintáticos artificiais típicos da linguagem artística, jornalística e burocrática, mesmo em se tratando da fala mais espontânea de indivíduos letrados. São exatamente tais padrões estruturais que ocupam grande parte das preocupações dos sintaticistas contemporâneos.

De um ponto de vista naturalista, no entanto, é razoável assumir que a fluência em construções como *gapping* ou *scrambling* – as quais parecem não existir no uso vernacular das línguas e apresentam derivação sintática extraordinariamente complexa – seja um bom exemplo do tipo de habilidade lingüística que a mente humana é capaz de aprender, com maior ou menor esforço, por meio do letramento/escolarização e de outras formas de treino, mas que dificilmente faz parte da competência lingüística natural inscrita na Faculdade da Linguagem herdada pela evolução.

Assim, para uma produtiva contribuição no projeto interdisciplinar que é a *evolução da linguagem*, parece correto sustentar que a lingüística teórica deve selecionar

cuidadosamente os fenômenos das línguas humanas que compõem o pacote estrutural presente na Faculdade da Linguagem natural à espécie, separando-os com clareza das habilidades lingüísticas contingentes, que são totalmente aprendidas pela experiência – numa retomada, do ponto de vista gramatical, do debate *nature X nurture* (*natureza X cultura*), como apontado por Pinker (2004). A resposta para a pergunta *como a evolução da linguagem foi possível?* pressupõe uma hipótese adequada sobre *o que evoluiu na linguagem*, sobre como deve ser uma língua natural, sobre o tipo de competência gramatical que pode ter emergido no *homo sapiens* há pelo menos cento e cinquenta mil anos. Afinal, como afirmou Schumann et al. (2006), não podemos confundir práticas culturais recentes com habilidades geneticamente programadas pela evolução.

This question (what evolved) is important to ensure that the targets of evolutionary and neurobiological accounts of language are the appropriate ones. Just as we would not want to base an account of rudimentary human motor activity on the physiology of how an Olympic ice skater does a triple Lutz, we would not want to base a biological account of the origins of language on the kinds of forms that are used under the relaxed psycholinguistic conditions made available by reading and writing. What we want to know is what the brain had to be like for language to emerge and what that initial language may have looked like.⁴ (Schumann et al., 2006: 01)

Numa rápida exemplificação de fenômenos lingüísticos artificiais privilegiados na descrição sintática formal, Schumann et al. (2006) cita a construção *gapping* (lacuna) em orações coordenadas, presente em estruturas como “*I ate fish, Bill [...] rice and Harry [...] roast beef*”. Desde o trabalho clássico de Ross (1967), estruturas *gapping* têm sido

⁴ Tradução: “Essa questão (o que evoluiu) é importante para assegurar que os objetos em análise na perspectiva evolucionária e neurobiológica da linguagem sejam tomados apropriadamente. Assim como não queremos basear o estudo da capacidade motora humana mais rudimentar na fisiologia do esquiador do gelo que realiza o salto mortal triplo, também não queremos basear a abordagem biológica sobre as origens da linguagem nos tipos de formas lingüísticas usadas nas condições psicolingüísticas privilegiadas que se tornaram possíveis com a leitura e a escrita. O que queremos saber é como o cérebro deve ter evoluído para que a linguagem emergisse e como deve ter sido a primeira língua natural”.

identificadas para verbos, verbos e complementos, advérbios, auxiliares e determinantes. É um tipo de construção presente em qualquer manual de sintaxe, ao qual foram dedicadas cerca de 200 teses de doutorado nos últimos 40 anos (cf. Schumann et al., 2006: 02). Porém, apesar de sua importância para a Teoria da Gramática, *gapping* parece ser um fenômeno praticamente inexistente no inglês, língua que serviu de base para a vasta maioria dos estudos sobre o tema. Tal foi o que demonstraram Tao e Meyer (2006). Numa análise quantitativa do *International Corpus of English*, composto de um milhão de palavras (600 mil orais e 400 mil escritas) colhidas nos diversos tipos de discurso, os autores identificaram menos de 0,7% de construções com *gapping* nos contextos em que o fenômeno tipicamente ocorre. Esse percentual é reduzido a zero quando gêneros formais como a *escrita jornalística* e a *fala monitorada* são desconsiderados.

Estudos de *corpus* como os de Tao e Meyer parecem evidenciar o fato de que, em estruturas coordenadas, a linguagem natural privilegia repetições e reiteraões em detrimento das lacunas tão caras à análise formal – o que torna sem sentido uma possível discussão sobre o estatuto do *gapping* na Faculdade da Linguagem, se a interpretarmos como um produto natural da evolução humana.

Na presente tese de doutoramento, pretendemos apontar para um outro tipo de estrutura sintática fartamente estudada na teoria lingüística das últimas décadas que, como sustentaremos, não pode fazer parte da competência lingüística natural (*core-grammar*) dos falantes de uma língua humana. Trata-se das orações relativas preposicionadas padrão, tradicionalmente denominadas *Prepositional Pied-Piping* (Ross, 1967).

Registradas na escrita e na fala culta das diferentes línguas ocidentais, em construções como “*a pessoa com quem eu falei*”, “*the person to whom I talked*”, “*la persona*

con quien hablé” “*la personne à qui j’ai parlé*”, “*la persona con quale ho comunicato*” etc., as *relativas pied-piping* (Ppp) são geralmente tratadas na descrição sintática dessas línguas como parte natural de suas gramáticas, interpretadas quase sempre como uma instância comum do Movimento de *wh-*, à semelhança do *pied-piping* que ocorre em orações interrogativas (cf. Haegeman, 1995; Radford, 2004; Hornstein, Nunes e Grohmann, 2005; Raposo, 1992; dentre outros). Nesta tese, refutaremos essa abordagem. Procuraremos demonstrar que, apesar do grande esforço descritivo que a lingüística tem despendido na análise de tal estrutura, Ppp em relativas é um fenômeno que não pode existir naturalmente na gramática dessas línguas, e, possivelmente, de nenhuma outra língua humana. Argumentaremos que Ppp não é apenas uma construção rara e erudita, como o *gapping*, antes é ela uma estrutura impossível de ser gerada por um sistema lingüístico natural, já que, conforme sustentaremos, envolve operações computacionais que violam certas Condições de Economia da Faculdade da Linguagem formuladas por Chomsky (1995), nomeadamente o Princípio Move F, formalizado em Radford (2004: 216). De acordo com essa hipótese, o aprendizado de relativas Ppp deve ser necessariamente artificial, mediado pelo contato com a língua escrita formal, e demanda estratégias cognitivas que vão de encontro à natureza minimalista da Faculdade da Linguagem – razão por que tal hipótese será denominada *Antinaturalidade de pied-piping em orações relativas* (APP).⁵

A inexistência de Ppp nas relativas produzidas no discurso espontâneo já havia sido notada por, pelo menos, Tarallo (1983) e Murphy (1995), que sustentaram suas pesquisas em

⁵ Note-se que distinguimos *artificial* e *antinatural*. Os clíticos acusativos de 3ª pessoa são um exemplo de estrutura artificial no Português do Brasil, já que se trata de construções inexistentes no vernáculo, mas teoricamente possíveis e registradas no vernáculo de outras línguas ou dialetos, como é o caso do Português Europeu. *Pied-piping* em relativas, como argumentamos, é uma estrutura impossível de ser naturalmente gerada em qualquer língua. Trata-se de uma criação (artificial) que vai de encontro ao que é natural a C_{HL}, daí sua antinaturalidade.

dados de *corpus* do português do Brasil (PB) e do inglês norte-americano, respectivamente. Também a dificuldade de compreensão e a ausência na produção de Ppp nas relativas de crianças têm sido notadas por pesquisas experimentais independentes, de línguas diferentes (cf. Labelle, 1996; Pérez-Leroux, 1995; McDaniel et al., 1998; Goodluck e Stojanovick, 1996). A hipótese APP pode oferecer uma explicação unificada para dados como esses. Afinal, como um tipo de estrutura antinatural, aprendida através do contato com a escrita formal, relativas Ppp não devem fazer parte da competência lingüística de crianças, analfabetos e indivíduos membros de comunidades ágrafas, bem como devem ser de uso raro mesmo entre pessoas com alto nível de escolaridade quando inseridas em situações espontâneas e informais de comunicação oral. Em sua versão mais forte, a hipótese APP prevê que esse tipo de estrutura só pode ser encontrado no discurso formal das línguas européias modernas.

Particularmente, a hipótese APP prevê certa isonomia entre o sistema de relativização do PB e do português europeu (PE). Segundo a hipótese, relativas Ppp são aprendidas tardiamente em ambiente de treinamento, como a escola, e nunca fazem parte da *core-grammar* adquirida cedo e espontaneamente pelas crianças brasileiras e portuguesas. Os diferentes níveis de fluência que adultos manifestam com esse tipo de estrutura devem, de acordo com a APP, ser explicados em termos de maior ou menor familiaridade com as idiosincrasias da língua escrita formal, algo sujeito à variação tanto no cotejo entre PB e PE quanto no interior de cada uma dessas variedades. Tais previsões se opõem abertamente à tradição da sociolingüística paramétrica brasileira (Tarallo, 1983; Kato, 1993; Corrêa, 1998; Galves, 2001; dentre outros), segundo a qual PB e PE possuem diferentes sistemas de relativização, sendo Ppp inexistente apenas em PB, mas natural no PE.

O objetivo fundamental da presente tese é formular a hipótese APP no âmbito da lingüística formal chomskiana (1995 e posteriores), apresentando os principais aspectos teóricos da derivação de relativas preposicionadas que parecem sustentar a antinaturalidade de Ppp que aqui assumiremos. Objetivamos ainda aplicar a hipótese APP na análise de dados empíricos, retirados de *corpora* e também de experimentos psicolingüísticos. Esses dados parecem indicar que Ppp é um tipo de relativa inexistente ou problemática no vernáculo de diferentes línguas européias, fato que pode dar sustentação à APP, já que esta assume que tal tipo de estrutura sintática não faz parte da competência lingüística que emerge naturalmente nos falantes das diferentes línguas humanas.

Essa discussão insere-se numa outra maior, que diz respeito ao tipo de língua que a teoria lingüística deve considerar ao assumir uma abordagem naturalista do fenômeno da linguagem. Relativas Ppp, como fenômeno antinatural exclusivo da escrita formal e da oralidade que simula essa escrita, é apenas um dos tipos de estrutura sintática que não podem ser caracterizadas como *naturais*, com as quais a Faculdade da Linguagem herdada pela evolução não pode ter relação direta.

*
* *

Nas diferentes línguas humanas, existem pelo menos 4 diferentes estratégias de relativização de constituinte preposicionado, já amplamente caracterizadas na literatura formal e sociolingüística. A primeira delas é a construção considerada padrão em inúmeras línguas (como português, espanhol, francês, italiano, inglês, alemão etc.), a qual se denomina

tradicionalmente Ppp.⁶

Em termos derivacionais, uma relativa Ppp envolve necessariamente a aplicação de regra de Movimento, já que o pronome relativo e a preposição que o rege são manifestados, na Forma Fonética, no início da relativa, logo após a expressão nominal relativizada – portanto em posição distinta daquela (argumental ou não) em que são interpretados no interior da cláusula. Como a derivação de uma relativa envolve normalmente o Movimento apenas do pronome relativo ou de um operador nulo (OP), considera-se Ppp um tipo de construção excepcional, por envolver o alçamento em conjunto de, pelo menos, dois constituintes (preposição e pronome), conforme se ilustra informalmente abaixo.⁷

(1) *Relativa Ppp*

O autor [de que]_i o professor falou [~~de que~~]_j na última aula.

Um outro tipo de derivação – bastante produtiva entre as línguas naturais (cf. Pérez-Leroux, 1996; Suñer, 1998; Alexandre, 2000) – ocorre com as chamadas relativas resumptivas ou copiadoras. Nelas, a preposição é manifestada em sua posição de base, ao que se segue um pronome que realiza foneticamente os traços ϕ do constituinte alvo da

⁶ A expressão inglesa “*ped-piping*” é uma alusão à obra *The ped-piper of Hamelin*, do escritor britânico Robert Browning (1812-1889). O *ped-piper* livrou a aldeia de Hamelin de todos os ratos que empestavam suas ruas. Os ratos eram encantados com o som da flauta (*pipe*) e seguiam o *ped-piper* onde quer que ele fosse. A comparação, utilizada no sentido lingüístico primeiramente por Ross (1967), sugere que, na ocorrência de *prepositional ped-piping* (Ppp), um sintagma determinante (DP) seja o flautista e a preposição (P), o rato, já que P segue DP em seu Movimento sintático.

⁷ Existem pelo menos dois modelos de descrição estrutural das orações relativas: o modelo *wh-movement* (Chomsky, 1977) e modelo *raising* (Kayne, 1994). A diferença fundamental entre eles é que, enquanto no modelo *wh-movement* a derivação de uma relativa é caracterizada como uma adjunção entre CP e NP, no modelo *raising* assume-se que uma cláusula relativa resulta de uma estrutura de complementação formada entre D e CP. Neste trabalho não levaremos em conta as diferenças descritivas entre esses modelos e adotaremos a representação tradicional da abordagem *wh-movement*, para efeitos de simplificação da exposição – já que em ambos os modelos as motivações estruturais para o bloqueio derivacional de Ppp são as mesmas. Deverá ser notado, não obstante, que, no modelo de Kayne, a derivação de uma relativa Ppp é ainda mais custosa computacionalmente, por envolver o alçamento de mais material lingüístico (para um confronto entre os modelos *wh-movement* e *raising* em favor desse último, ver Kenedy, 2003).

relativização. Trata-se de uma relativa que envolve o Movimento somente do pronome relativo ou de um operador, conforme demonstrado a seguir.

(2) *Relativa resumptiva*

O autor [OP]_i que o professor falou dele_i na última aula.

Uma terceira espécie de relativização preposicionada são as relativas cortadoras, que vêm sendo alvo de diversos estudos na lingüística brasileira desde o trabalho pioneiro de Tarallo (1983). Para o autor, no que foi seguido, dentre outros, por Kato (1993), Corrêa (1998) e Galves (2001), a relativa cortadora representa uma inovação criada pela gramática do PB. De acordo com a análise de Tarallo (1983, 1985), a cortadora surge ao longo do século XIX e, com o desaparecimento no PB da relativa Ppp, torna-se a estratégia de relativização mais produtiva na língua a partir do século XX. Peres e Mória (1995) de certa forma corroboram as hipóteses de Tarallo, ao sustentarem que as cortadoras não existem noutras línguas neolatinas e são uma novidade nos usos atuais do PE, “*possivelmente por influência do PB*” (1995: 288).

Na derivação de uma cortadora, ocorre o Movimento de um pronome relativo (ou de OP), sendo a preposição mantida em sua posição de base e apagada, posteriormente, na Forma Fonética. Assume-se que a preposição faça parte da derivação da cortadora, embora não seja visível foneticamente, em razão de ser ela necessária à interpretação da relativa na Forma Lógica, sem a qual a construção não seria licenciada pela gramática. Vejamos um exemplo da derivação de uma cortadora.

(3) *Relativa cortadora*

O autor [que]_i o professor falou [~~de que~~]_i na última aula.

Por fim, uma relativa preposicionada pode ser derivada apenas pelo Movimento do pronome relativo (ou OP) deixando-se na base, com manifestação fonética, a preposição que o rege. Trata-se da derivação *Prepositional-stranding* (Pst), em que a preposição encontra-se *órfã, abandonada* ou, ainda, *encalhada (stranded)* no domínio da relativa em consequência do Movimento solitário do elemento *wh-*. Pst é uma construção tradicionalmente considerada agramatical em português, bem como em todas as línguas românicas, por oposição a línguas germânicas, como o inglês e o sueco, em que o fenômeno é altamente produtivo (cf. Salles, 1998). De fato, preposições com valor puramente funcional nunca aparecem órfãs na Forma Fonética em português, como se exemplifica na agramaticalidade de (4).

(4) * O autor ~~que~~_i o professor falou de ~~que~~_i na última aula.

Não obstante, preposições que carregam valor lexical podem sofrer *stranding* em certas estruturas sintáticas e discursivas, como se vê na relativa a seguir.

(5) *Relativa Pst*

O autor ~~que~~_i o professor falou sobre ~~que~~_i na última aula.

Já nas línguas em que, como no inglês, a preposição não compartilha traços com sintagmas determinantes, Pst é amplamente licenciado para funções sintáticas substantivas, dentro e fora de orações relativas, como ocorre nos exemplos em (6).

- (6) a. The person [who]_i I talked to ~~[who]~~_i last week
 b. [Who]_i did you talk to ~~[who]~~_i?
 c. The building [which]_i the teacher lives in ~~[which]~~_i
 f. [Which one]_i do you believe in ~~[which one]~~_i?
 e. The things [OP]_i that we've been talking about ~~[OP]~~_i
 f. [What]_i are you talking about ~~[what]~~_i?

Essa diversidade de estratégias derivacionais para as relativas preposicionadas constitui um importante problema teórico para a lingüística formal contemporânea de orientação Minimalista (Chomsky, 1995 e posteriores). Afinal, a coexistência numa mesma gramática de derivações alternativas entre si, umas computacionalmente mais custosas que outras, é flagrante contradição ao caráter econômico que tem sido atribuído à Faculdade da Linguagem desde os primeiros momentos do Programa Minimalista. Conforme Chomsky (1995), o Sistema Computacional da Faculdade da Linguagem (C_{HL}), herdado pela evolução, deve ser interpretado como uma *solução ótima* para os problemas de Legibilidade nas Interfaces, no sentido de que seja capaz de (i) derivar apenas estruturas *convergentes*, isto é, que podem ser lidas e usadas pelos sistemas de desempenho, e (ii) derivar somente estruturas *mínimas*, ou seja, aquelas que envolvem o menor número de operações e etapas computacionais. Se a Faculdade da Linguagem deve gerar apenas estruturas *convergentes* e *mínimas*, devemos esperar que todas as possíveis derivações alternativas à tal derivação *ótima* sejam bloqueadas por C_{HL} . Isto é, a partir de um dado conjunto de traços retirados do léxico de uma língua (Numeração), somente um tipo de derivação pode ser licenciada pela gramática – a convergente-mínima – sob pena de violação da Condição da Interpretação Plena ou das Condições de Economia da Faculdade da Linguagem.

No presente estudo, defenderemos a hipótese de que, na derivação de uma relativa preposicionada, Ppp será sempre a opção mais custosa (não-mínima) para C_{HL} em qualquer língua humana, razão por que deverá ser naturalmente bloqueada por uma derivação mínima, que será Pst, resumptiva ou cortadora. Conseqüentemente, assumiremos que Ppp em relativas não é parte da competência lingüística natural dos falantes das diversas línguas humanas, e sua existência na fala e na escrita de indivíduos letrados deve ser explicada em função de

variáveis artificiais como o letramento/escolarização⁸.

*
* *

A hipótese APP deve ser sustentada de um ponto de vista teórico-formal, assim como deve ser posta à prova, por meio de estudos de *corpus* e de pesquisas experimentais, nos quais possa encontrar sustentação empírica. Além disso, se confirmada, a hipótese provocará uma rediscussão sobre o estatuto das relativas do PB e do PE nos estudos de Teoria da Gramática brasileiros e portugueses. A presente tese está organizada em 4 capítulos, ao longo dos quais intencionamos exatamente sustentar a hipótese APP dos pontos de vista teórico e empírico, bem como conduzir uma discussão sobre o sistema de relativização do PB e do PE, com base nos dados que apresentaremos e nas teorias mais recentemente desenvolvidas no âmbito do Programa Minimalista chomskiano.

No capítulo I, será apresentada a fundamentação teórica da hipótese APP. Demonstraremos como, ao levar em consideração as Condições de Economia de C_{HL} , as relativas Ppp devem ser sistematicamente bloqueadas por outras derivações possíveis, como Pst ou cortadora. Conduziremos uma discussão detalhada sobre o *design* da Faculdade da Linguagem e suas implicações para o estudo da evolução da linguagem, tendo como fio condutor a otimalidade do Sistema que impede a derivação de estruturas não-mínimas como Ppp, exceto nos casos de Último Recurso (Last Resort).

Apresentaremos, no capítulo II, evidências independentes de estudos experimentais e de análises de *corpus* de várias línguas que parecem, todas, confirmar a hipótese APP.

⁸ Utilizaremos a expressão “letramento” em seu sentido lato, que se refere ao ato de se tornar letrado, isto é, iniciado nas habilidades cognitivas necessárias ao uso fluente da leitura/escrita culta (cf. Soares, 1998; 2002).

Veremos como diferentes estudos sobre aquisição da linguagem, em línguas como inglês (McDaniel et al., 1998), francês (Labelle, 1991; 1996), espanhol (Pérez-Leroux, 1995) e servo-croata (Goodluck e Stojanovic, 1998), demonstram a ausência absoluta de Ppp e a vasta ocorrência de outras derivações nas relativas de crianças de 3 a 15 anos. Nesse mesmo capítulo, analisaremos a produção oral de crianças portuguesas registradas no *corpus* CHILDES e na tese de Vasconcelos (1992), que também demonstram serem as relativas Ppp uma estrutura problemática.

No capítulo III, passaremos em revista a hipótese da existência de duas gramáticas da relativização, a do PB e a do PE. Analisaremos o percurso da lingüística paramétrica brasileira, e veremos como as orações relativas compõem uma parte especial nesses estudos, sobretudo em Tarallo (1983). Procuraremos demonstrar como as conclusões desses estudos são incompatíveis com a hipótese a ser defendida nesta tese, e apresentaremos evidências de estudos de *corpus* do PE que parecem indicar a existência de relativas cortadoras e resumptivas naquela língua de maneira significativa, contradizendo, assim, a hipótese paramétrica.

Os resultados de pesquisas experimentais conduzidas com sujeitos brasileiros e portugueses, acerca de sua percepção e de seu processamento de relativas Ppp e cortadoras, serão apresentados e discutidos no capítulo IV da presente tese. Veremos como experimentos de *Julgamento imediato de gramaticalidade* e de *Leitura automonitorada*, aplicados com sujeitos dos diferentes níveis de escolarização previstos nos sistemas educacionais brasileiro e português, parecem sustentar a isonomia entre os sistemas de relativização dos dois dialetos continentais da língua portuguesa, a qual, afinal, é prevista pela APP. Apresentaremos, também, por meio de um experimento de *Julgamento imediato de gramaticalidade*, aplicado

com analfabetos brasileiros, evidências de que relativas Ppp são inanalísáveis por sujeitos não-letrados, representando para eles uma espécie item, ou um bloco uniforme, em que nem mesmo fenômenos universais no português, como a marcação de gênero, parecem ser analisáveis.

Como se vê, a tese aqui apresentada possui um forte caráter interdisciplinar. Começaremos com uma discussão teórico-formal sobre natureza da Faculdade da Linguagem no contexto dos sistemas cognitivos humanos, levando-se em consideração o problema da evolução da linguagem. Essa discussão nos levará à hipótese APP, que será testada empiricamente, tanto em análise de *corpus* como através da metodologia experimental. Os resultados desses testes, por sua vez, conduzirão a uma crítica ao estatuto das orações relativas na tradição da lingüística brasileira e portuguesa. Trata-se, portanto, de uma tese que conjuga problemas da Teoria da Gramática, da análise de *corpus*, da Psicolingüística e da moderna Lingüística Comparativa.

CAPÍTULO I

A ANTINATURALIDADE DE PPP EM ORAÇÕES RELATIVAS

Introdução

As relativas preposicionadas representam um grave problema para a teoria lingüística minimalista de orientação em Chomsky (1995 e posteriores). Na descrição formal desse tipo de estrutura, encontramos, num mesmo sistema lingüístico, diferentes estratégias derivacionais que parecem competir entre si na formação de relativas que envolvem extração de objeto indireto, complemento nominal, adjunto adverbial etc. Em português, por exemplo, relativas preposicionadas podem apresentar-se nas formas *pied-piping* (Ppp) (1a.), *cortadora* (1b) ou *copiadora* (1c) (cf. Tarallo, 1983; Kato, 1993; Kenedy, 2003).

- (1) a. O assunto de que o professor falou na última aula.
- b. O assunto que o professor falou na última aula.
- c. O assunto que o professor falou dele na última aula.

Em línguas como o inglês e o sueco, registra-se também a relativa *prepositional-stranding* (Pst), uma derivação que apresenta movimento do pronome relativo independente da preposição, a qual é foneticamente manifestada em sua posição de base. Abaixo, apresentam-se exemplos de relativas Ppp (2a), Pst (2b), cortadora (2c) e copiadora (2d) em inglês.

- (2) a. The topic about which the professor talked last class.
- b. The topic which the professor talked about last class.
- c. The topic which the professor talked last class.
- d. The topic which the professor talked about it last class.

Essa rica variedade de relativas preposicionadas constitui uma incongruência teórica se levarmos em consideração as Condições de Economia Derivacional, que vêm sendo assumidas, desde Chomsky (1995), como um dos pilares do Programa Minimalista. Tais condições impõem limites aos tipos de operação sintática que o Sistema Computacional da Linguagem Humana (C_{HL}) deve empregar na derivação de estruturas, no sentido de que construções menos complexas, as quais envolvem menor quantidade de operações ou aplicação de operações computacionalmente mais simples, devem ser preferidas sempre que possível, em detrimento de construções mais complexas, que demandam um número maior de operações ou operações mais custosas. Ora, relativas Ppp, Pst, cortadoras e resumptivas parecem ser justamente estruturas alternativas entre si, verdadeiras derivações em competição, que coexistem numa mesma língua apesar do fato de umas serem computacionalmente mais custosas (não-mínimas) que outras (mínimas) – realidade inconcebível numa perspectiva minimalista. Levando-se a sério as Condições de Economia Derivacional, devemos esperar que apenas um tipo de relativa preposicionada possa existir numa língua natural, nomeadamente aquela que for *mínima* em termos computacionais.

No presente Capítulo, apresentaremos a problemática das relativas preposicionadas, sob o ponto de vista do Programa Minimalista de orientação chomskiana (Chomsky, 1995 e posteriores). Argumentaremos que as diferentes estratégias de relativização preposicionada existentes em português e em inglês, tomadas como línguas de exemplo, são *derivações em competição*, que não podem coexistir na competência lingüística natural (*core-grammar*) de um indivíduo. Demonstraremos que a gramática natural dessas línguas é capaz de gerar somente relativas mínimas, como Pst, cortadora ou resumptiva, sendo Ppp uma estrutura impossível de ser derivada por C_{HL} , em razão de ferir as Condições de Economia

Derivacional. De acordo com essa análise, relativas Ppp devem ser interpretadas como um tipo de estrutura apreendida artificialmente, ao longo do processo de letramento/escolarização. Como o aprendizado de Ppp envolve um comportamento lingüístico contrário ao que é natural em C_{HL} , denominaremos a hipótese a ser apresentada *Antinaturalidade de pied-piping em orações relativas* (APP), que a princípio deve ser válida para qualquer língua natural.

O Capítulo está organizado em cinco seções. Na primeira delas, apresentaremos os fundamentos epistemológicos do Programa Minimalista (Chomsky, 1995; 1998; 2000; 2001; 2004; 2005). Demonstraremos como o Minimalismo representa uma grande mudança na agenda de pesquisa da teoria de Princípios e Parâmetros, a partir da reformulação do estatuto da Faculdade da Linguagem no conjunto dos sistemas cognitivos humanos.

Na seção 2, faremos uma descrição do *design* da Faculdade da Linguagem proposta nos textos mais recentes de Chomsky, caracterizando as operações de C_{HL} relevantes para a discussão das relativas preposicionadas, sobretudo aquelas que dizem respeito às *Condições de Legibilidade* e às *Condições de Economia* das derivações.

Na seção 3, apreciaremos o fenômeno da competição entre estruturas, descrevendo as condições que derivações alternativas devem cumprir para que estejam em competição entre si, lançando mão, para tanto, dos conceitos de Numeração, Subarranjos e Fases. Especialmente, consideraremos certas operações gramaticais que mais comumente diferenciam derivações mais custosas de menos custosas, como a preferência de Merge sobre Move e o *Convergence Principle* em Move F. Na problemática das relativas preposicionadas, a minimalidade em Move F é o ponto chave para a distinção entre relativas mais ou menos custosas ao sistema.

A quarta seção do Capítulo discute especificamente o problema da competição entre orações relativas preposicionadas. Descreveremos os problemas teóricos que a coexistência de relativas Ppp e Pst, em inglês, e de relativas Ppp e cortadoras, em português, representam para o Minimalismo. Apontaremos, também, como a coexistência, numa mesma gramática, de diferentes estratégias derivacionais para as relativas constitui um problema para a aquisição da linguagem, tendo-se em conta as Condições de Aprendibilidade de uma estrutura.

Por fim, na seção 5 formularemos a hipótese APP. Argumentaremos em favor da antinaturalidade de Ppp em relativas como uma solução para os problemas apresentados nas seções anteriores, e apontaremos o plano de pesquisas experimentais por meio das quais testaremos empiricamente tal hipótese.

1. O Programa Minimalista

O Programa Minimalista (PM) é o estado atual da agenda de pesquisa da Teoria de Princípios e Parâmetros (P&P), formulada por Chomsky no início da década de 1980 (cf. Chomsky, 1981), após o esgotamento dos modelos de regras de transformação de línguas específicas vigentes por mais de duas décadas, nas versões da Teoria Padrão, Teoria Padrão Ampliada e outras.

Nos dias de hoje, em que o Minimalismo já soma mais de 15 anos de desenvolvimento, é ainda uma prática muito comum apresentar os fundamentos teóricos e epistemológicos do PM por meio de um confronto com o modelo da Teoria da Regência e da Ligação (TRL),⁹ que sustentou as pesquisas em P&P ao longo da década 1980 e início dos

⁹ Veja-se, por exemplo, o livro de introdução ao Minimalismo de Hornstein, Nunes e Grohmann (2005). Trata-se de uma excelente iniciação ao PM, que toma como ponto de partida a TRL. Os autores têm o cuidado de indicar que o Minimalismo *não é uma TRL enxugada*, mas sim *uma nova agenda* de pesquisa em P&P.

anos 90. Essa estratégia, embora didaticamente pertinente, pode provocar pelo menos dois tipos de confusão. O primeiro deles fora alertado pelo próprio Chomsky (1998: 05), ao afirmar que o Minimalismo *é um programa e não uma teoria*, e, portanto, não pode ser comparado com X, sendo X uma concepção teórica como Otimalidade, Lexicalismo etc. O segundo, para o qual alertou Hornstein (2001), decorre do primeiro e consiste em supor que o Minimalismo seja um refinamento técnico e tecnológico da TRL, uma espécie de novo formalismo, despojado dos excessos do momento anterior da teoria.

Na verdade, não obstante tenham sido preservados pressupostos fundamentais da lingüística gerativa e de P&P (como o inatismo, a modularidade, a rigidez dos princípios da gramática, e a variação dos parâmetros), o PM apresenta uma nova concepção da Faculdade da Linguagem (FL), substancialmente modificada em relação ao que se entendia como FL na era da TRL ou em momentos anteriores na lingüística gerativa. É em função dessa nova visão acerca do estatuto de FL no conjunto dos sistemas cognitivos humanos que muito do trabalho em Teoria da Gramática vem sendo modificado nos últimos anos.

A partir das inovações apresentadas pelo PM (desde Chomsky, 1995),¹⁰ compreende-se que FL seja um subsistema acoplado nos sistemas de performance, aos quais deve servir e em função dos quais veio a existir na mente humana. Isto é, com o PM passa-se a interpretar que FL seja um componente embutido em dois sistemas superiores, que são os *sistemas sensório-motores* (ou articulatório-perceptuais), responsáveis pelas informações que levarão à produção e percepção dos símbolos físicos que veiculam informação lingüística, e os *sistemas de pensamento* (ou conceitual-intencionais), responsáveis pela manipulação dos

¹⁰ Muitas das propostas basilares do PM a que nos referimos aqui foram formuladas por Chomsky, primeiramente, em artigos publicados em 1993 e 1994, os quais foram republicados em seu livro de 1995, que tomamos convencionalmente para referência.

significados carreados pelas expressões lingüísticas. Como se assume que FL seja um subsistema, cuja função é prover as interfaces (os sistemas superiores) de objetos lingüísticos, tem-se como consequência que a natureza e o funcionamento de FL sejam fortemente influenciados (senão *determinados*) pelas necessidades de tais interfaces. Isto significa assumir que FL não deve possuir uma essência idiossincrática. Muito pelo contrario, FL deve ter uma feição moldada pelas características dos sistemas superiores, aos quais deve servir. FL opera sob a condição de gerar objetos lingüísticos que possam ser acessados e usados pelos sistemas de performance, portanto faz um trabalho *sob medida*, orientado por/para as interfaces.

Para ilustrar esse caráter derivado que Chomsky vem conferindo à natureza de FL ultimamente, veja-se como o lingüista hipotetiza sobre o surgimento do *órgão da linguagem* na história da evolução humana, a partir daquilo que ele chamou de fábula evolucionária.

Imagine some primate with the human mental architecture and sensorimotor apparatus in place, but no language organ. It had our mode of perceptual organization, our propositional attitudes (beliefs, desires, hopes, fears...) insofar as these are not mediated by language, perhaps a "language of thought" in Jerry Fodor's sense, but no way to express its thoughts by means of linguistic expressions, so that they remain largely inaccessible to it, and others. Suppose some event reorganizes the brain in such a way as, in effect, to insert FL. To be usable, the new organ has to meet certain 'legibility conditions'.¹¹
(Chomsky, 1998: 6-7)

Essa hipótese de um surgimento tardio de FL na mente e de seu caráter determinado

¹¹ Tradução: "Imagine um primata com a arquitetura mental humana e com o aparato sensório-motor adequado, mas sem um órgão da linguagem. Esse primata teria nossos modos de organização perceptual, nossas atitudes proposicionais (crenças, desejos, esperanças, medos...) na medida em que essas não são mediadas pela linguagem, talvez uma "linguagem do pensamento", no sentido de Jerry Fodor, mas nenhuma maneira de expressar os seus pensamentos por meio de expressões lingüísticas, de tal forma que esses permanecem quase completamente inacessíveis para si próprio e para os outros. Suponha que algum acontecimento reorganize o cérebro desse primata de modo que FL possa emergir. Para poder ser usado, esse novo órgão deve obedecer certas 'condições de legibilidade'."

por outros sistemas cognitivos rompe, de certa forma, com a longa tradição no pensamento chomskiano em se considerar a linguagem como um órgão mental isolado, auto-suficiente, governado por suas próprias leis e princípios, independente do uso que dele se faça e do restante da cognição humana (cf. Chomsky, 1975: 04; 1980: 44; 1986). Inclusive, muitos críticos de Chomsky vêem em seus textos mais atuais uma forma de retratação com o que consideram uma posição isolacionista radical adotada no passado (cf. Goldberg, 2003). Para a Teoria da Gramática, o mais importante da virada do PM é que teorizar sobre FL passa a ser procurar determinar de que maneira esse sistema cognitivo é capaz de gerar objetos lingüísticos de acordo com as especificações de suas interfaces, abandonando-se a abordagem essencialista clássica, que procurava explicar FL por meio de propriedades gramaticais arbitrárias atribuídas às línguas específicas e à Gramática Universal (GU) como organismo autônomo. Ou seja, se, nos momentos anteriores ao PM, a *gramaticalidade* ou a *agramaticalidade* de uma construção C numa dada língua L era descrita em função de um princípio P intrínseco à gramática de L, no espírito do PM atual o estatuto gramatical de C deve ser compreendido em função de como as operações de FL tornam ou não C um objeto legível para os sistemas de interface, dadas as imposições destes.

Com essa mudança de concepção, a maior parte do vasto arsenal descritivo acumulado com os anos de pesquisa em TRL teve de ser abandonado, pois, naquele momento de P&P, tomava-se a gramaticalidade das construções lingüísticas justamente como um fenômeno em si mesmo e para si mesmo. Na argumentação de Chomsky (1995: 186), os diversos níveis de representação postulados na era TRL, os diferentes módulos da gramática, as incontáveis operações computacionais, filtros e restrições etc. deveriam ser abandonados, já que, nos termos do PM, não são *conceitualmente motivados*, no sentido de que não são

realidades que existam em função dos sistemas superiores responsáveis pela díade *som* e *significado*.

2. O design de FL

Assumindo-se a noção de FL proposta pelo PM, a principal tarefa da lingüística teórica passa a ser procurar capturar, num modelo formal, a natureza e o funcionamento de FL em sua função de prover os sistemas superiores de objetos lingüísticos feitos, por assim dizer, *sob encomenda* para eles. A hipótese mais forte nesse sentido tem sido a de Chomsky (1995: 219-41). Para o lingüista, FL provê as interfaces de objetos lingüísticos tecnicamente chamados de representações. Tais representações encerram dois tipos diferentes de objeto: (i) as informações fonológicas π , passadas aos sistemas sensório-motores pelo subsistema de FL chamado Forma Fonética (*Phonetic Form* – PF), e (ii) as informações semânticas λ , entregues aos sistemas de pensamento pelo subsistema de FL chamado Forma Lógica (*Logical Form* – LF).¹²

O processo do qual resulta o par (π, λ) é chamado de derivação, e é levado a termo pelo Sistema Computacional (C_{HL}) de FL. As operações de C_{HL} são desencadeadas por certos traços do Léxico (LEX) de uma língua L, que se tornam acessíveis para a computação quando selecionados para o subconjunto de LEX chamado Numeração (NUM), que se forma ao início de cada derivação.

Em suma, LF é um sistema formado por LEX, C_{HL} e os subsistemas PF e LF. A partir de certos traços de LEX compilados em NUM, através da operação Select, C_{HL} formará o par

¹² É importante ressaltar que PF e LF não devem ser interpretados como a real produção e interpretação de sentenças visível no desempenho lingüístico. Antes, estes são níveis formais de descrição da computação abstrata através da qual se forma o par (π, λ) na competência lingüística dos falantes. Por essa razão, não se deve confundir a interpretabilidade do par (π, λ) em suas respectivas interfaces com a questão da inteligibilidade ou aceitabilidade de sentenças na performance lingüística (cf. Chomsky, 1998: 8-9).

(π, λ) por meio de uma derivação. π é uma representação estabelecida em PF, que será acessada pelos sistemas sensório-motores, e λ é uma representação estabelecida em LF, a ser acessada pelos sistemas de pensamento. O gráfico 1 a seguir apresenta, em esquema visual, a arquitetura genérica de FL ora formulada.

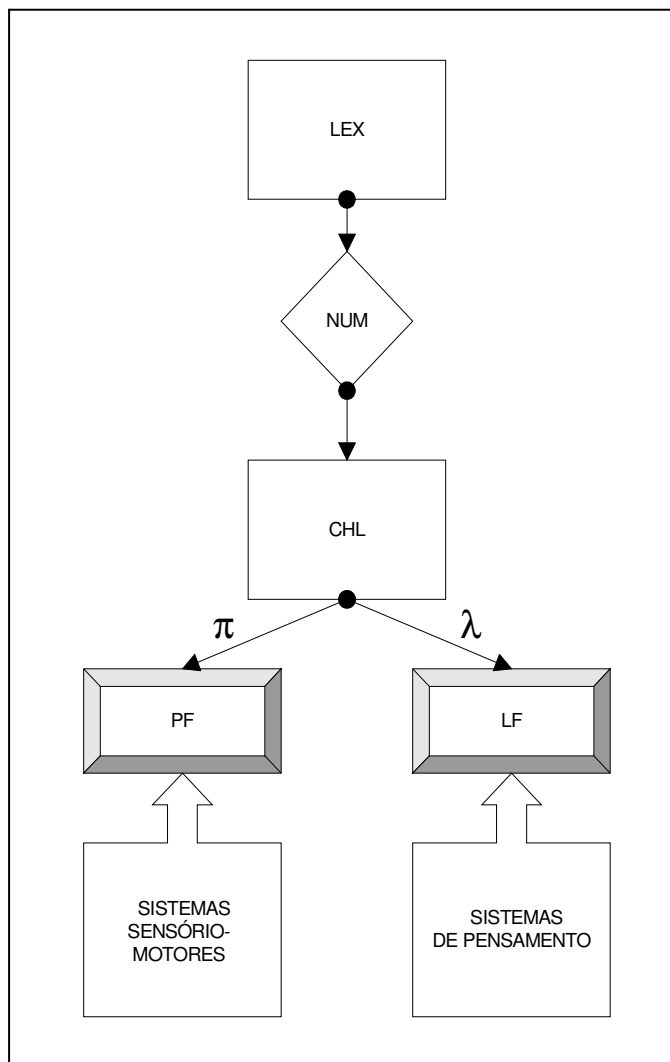
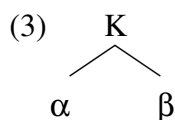


Gráfico 1: o design de FL.

C_{HL} deve ser compreendido como um algoritmo composto de diferentes operações e suboperações desencadeadas pelos traços de LEX reunidos na Numeração. Essas operações têm precisamente a função de constituir o par (π, λ) de uma maneira tal que ambos sejam

concomitantemente legíveis em suas respectivas interfaces. Dizendo de outra forma, as operações de C_{HL} seriam uma solução para as condições de legibilidade impostas pelos sistemas de desempenho.

Dentre as operações de C_{HL} , Merge é a responsável pela formação de objetos sintáticos. Merge opera sobre dois objetos α e β , sendo esses ou um conjunto de traços – visíveis num item lexical –, retirados da Numeração pela operação Select, ou um objeto sintático já previamente formado no curso da derivação. Conforme Nunes (2004: 18), Merge toma α e β e deles forma o novo objeto K , em que $K = \{\alpha, \beta\}$,¹³ como se ilustra em (3).

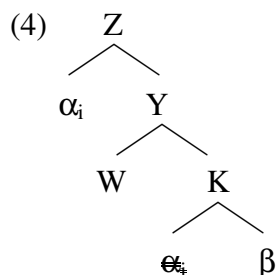


Outra operação computacional é Move, cuja função é deslocar um constituinte α de uma posição a outra no complexo do objeto que na derivação se constrói. Move é nome genérico que se dá a um conjunto de operações de C_{HL} , quais sejam Copy, Merge, Form Chain e Delete (Chain Reduction).

Move ocorre quando um objeto α , já presente na derivação, é retomado por meio da operação Copy, que faz uma cópia de α . Tal cópia sofre então Merge com Y , sendo Y outro objeto já presente na derivação. Do Merge entre α e Y resulta o novo objeto Z , em que $Z = \{\alpha, Y\}$. No domínio de Z , há, portanto, duas ocorrências de α , que são indexadas (i) na cadeia (CH): $CH = \{\alpha_i, \alpha_i\}$.

¹³ Nessa representação simplificada, indica-se a formação de uma estrutura por complementação, em que β é o complemento de α , e, por isso, α projeta K , um constituinte que recebe o seu rótulo. No caso de estruturas formadas por adjunção, a descrição simplificada deve ser $K = \{\langle \alpha, \alpha \rangle, \{\alpha, \beta\}\}$, um segmento de duas categorias em que α é o elemento que projeta, é o constituinte que recebe a adjunção.

Para fins de linearização em PF, todas as cópias menos uma da CH de α devem ser apagadas pela operação Delete (Chain Reduction), do que resulta a cadeia mínima ou a cadeia reduzida $CH = \{\alpha_i, \epsilon_i\}$. Merge, isto é, Copy, Merge, Form Chain e Delete são esquematicamente apresentados em (4).



Em certo ponto das sucessivas aplicações de suas operações computacionais, C_{HL} divide em duas partes o objeto sintático em derivação, através da operação Spell-Out. Spell-Out retira da derivação as informações de caráter fonológico, enviando-as a PF e permitindo que as informações semânticas e formais restantes sigam o curso da derivação rumo a LF, no chamado componente encoberto (não visível em PF). Uma derivação termina quando não há mais itens na Numeração que alimentem C_{HL} e o par (π, λ) tenha sido formado. Uma vez formados, π e λ poderão ser acessados em suas respectivas interfaces.

2.1. Condições de legibilidade

Como dissemos, postular a existência de C_{HL} e suas operações não é apenas fazer um novo tipo de formalismo, mas, sim, procurar capturar formalmente os meios pelos quais FL, com base nos traços do léxico uma língua L, é capaz de derivar o par (π, λ) , dando conta da díade som-significado, característica fundamental das línguas naturais. A hipótese do PM é que a derivação de (π, λ) seja orientada pelas condições de legibilidade impostas pelos sistemas de interface. Isto é, numa dada derivação, as operações C_{HL} são desencadeadas, por

um lado, pela necessidade de estabelecer certas relações estruturais que devem ser legíveis nas interfaces e, por outro, pela necessidade de retirar da derivação informações que nessas interfaces não serão legíveis.

Chomsky (1995: 220) resumiu o papel das condições de legibilidade no processo derivacional com o Princípio da Interpretação Plena (*Full Interpretation* – FI), segundo o qual todas as informações codificadas em π devem ser completamente interpretáveis pelos sistemas sensório-motores e, simultaneamente, todas as informações codificadas em λ devem ser completamente interpretáveis pelos sistemas de pensamento. Se FI é satisfeito, então a derivação de (π, λ) converge, do contrário, ela implode (*crash*).

Conforme argumenta Chomsky (1995: 120-35), as operações de C_{HL} devem arranjar os objetos sintáticos de modo a satisfazer FI, e, nesse sentido, são orientadas por/para as interfaces. Merge, por exemplo, deve estabelecer relações locais exigidas por certos traços em LEX e que devem ser visíveis em PF e/ou LF, como subcategorização, relações temáticas etc. Move deve eliminar certos traços que não podem chegar até as interfaces, por serem não-interpretáveis, ou valorar certos traços que não podem chegar a PF ou LF sem valor, e assim por diante. Em suma, para que haja coerência entre a concepção minimalista de FL e sua implementação na dinâmica das derivações, não só PF e LF, mas também as operações de C_{HL} devem ser conceitualmente motivadas, no sentido de satisfazer as condições de legibilidade.

O desafio para a Teoria da Gramática consiste em estabelecer que tipo de traços estão presentes em LEX, quais deles são relevantes para a computação e como eles, e somente eles, podem caracterizar as diferenças paramétricas entre as línguas. Além disso, cumpre descobrir de que maneira a satisfação dos traços do léxico no curso da derivação, de um lado, e a

obediência a FI, de outro, são levados a termo nos processos computacionais de estruturas específicas. Ou seja, como se dá a derivação? Como e por que as operações de C_{HL} são ativadas? Como FL satisfaz, com o *design* de Chomsky (1995), as condições de legibilidade das interfaces?

Com essas perguntas em mente, Chomsky (1998) levanta a hipótese de que FL possa ser uma *solução perfeita* para as condições de legibilidade. Para o autor, FL pode ser um sistema que, da melhor maneira possível – a assim chamada *maneira ótima* –, é capaz de gerar objetos utilizáveis pelas interfaces. Em *Minimalist Inquiries: the framework*, Chomsky apresenta, alegoricamente, a hipótese de que FL seja um sistema perfeito:

How well is FL designed? Suppose that a super-engineer were given design specifications for language: Here are the conditions that LF must satisfy; your task is to design a device that satisfies these conditions in some optimal manner (the solution might not be unique). The question is: How close does language come to such optimal design?¹⁴ (Chomsky, 1998: 05)

Para Chomsky (1998: 9), *a tese forte do Minimalismo* é exatamente sustentar que FL seja uma solução ótima para as condições de legibilidade impostas pelos sistemas de desempenho. E essa perfeição do sistema não diz respeito somente à maneira *ótima* pela qual a engenharia das derivações se dá, mas também (e sobretudo) porque FL é capaz de satisfazer todas as outras condições empíricas necessárias à sua sobrevivência e a seu sucesso na história da evolução humana, tais como aquisição da linguagem, processamento lingüístico, neurofisiologia da linguagem, mudança lingüística etc.

A despeito de sua aparente simplicidade, a tese forte do Minimalismo é bastante

¹⁴ Tradução “O quão bem-projetada é FL? Suponha que um superengenheiro tenha recebido especificações sobre o *design* da linguagem: eis aqui as condições que FL deve satisfazer; sua tarefa é elaborar um algoritmo que satisfaça essas condições da melhor maneira possível (a solução pode não ser única). A questão é: o quão perto a linguagem pode chegar desse *design* perfeito?”

controversa. Em primeiro lugar porque, como o próprio Chomsky admite em diferentes momentos de sua produção recente (cf. Hauser, Chomsky e Fitch, 2002: 1571), pouco se sabe sobre a natureza dos sistemas de interface, de modo que dizer que FL os satisfaz otimamente parece ser uma hipótese circular. Em segundo lugar porque um sistema perfeito é algo inédito em toda a natureza conhecida, como Chomsky e colegas (2002: 1575) chegam a reconhecer, e isso pode conferir à natureza de FL um caráter idiossincrático, do qual o PM quer justamente se afastar.

A tese forte do Minimalismo, de um lado, e o trabalho de descrição das operações C_{HL} sobre LEX que derivam o par (π, λ) , de outro, provocam na teoria lingüística o que Uriagereka (1999) chamou de tensão entre o *Minimalismo Ontológico* e o *Minimalismo Metodológico*. O Minimalismo Ontológico se reporta à própria natureza de FL, seu nicho na cognição humana em contato com os demais sistemas cognitivos, enquanto o Minimalismo Metodológico diz respeito à maneira de teorizar sobre as operações computacionais de FL.

Um lingüista atento ao Minimalismo Metodológico é aquele que tem sempre à mão a *Navalha de Occam*,¹⁵ isto é, é aquele que adota sistematicamente o princípio da parcimônia e evita a inflação de teorias, conceitos, axiomas. Por exemplo, se for possível explicar a derivação de uma estrutura lançando-se mão de duas etapas derivacionais, então essa explicação é melhor do que a que postule três ou mais etapas. Se for possível explicar uma derivação com base em um único axioma, então uma explicação com dois ou mais axiomas deve ser abandonada, e assim por diante.

O interessante da tensão mencionada por Uriagereka é que, como pouco se sabe sobre

¹⁵A expressão “navalha de Occam” é usada para ilustrar uma noção básica do método científico, formulada por William Occam, lógico inglês que viveu no século XIV, segundo a qual, havendo várias explicações igualmente válidas para um fato, deve-se escolher a mais simples – conceitos supérfluos devem ser eliminados.

a natureza dos sistemas de desempenho, a natureza minimalista de FL terá de ser explicitada conforme se avance nas teorizações sobre o caráter mínimo das derivações. O Minimalismo Ontológico se faz pelo Minimalismo Metodológico.

2.2. Condições de economia

Uma forma de implementar a concepção Minimalista na dinâmica de FL é assumir que as representações π e λ chegam às interfaces por meio de derivações simples e econômicas, no sentido de que C_{HL} seja um algoritmo programado para minimizar o tanto quanto possível a complexidade estrutural de suas derivações. Afinal, se FL é uma solução perfeita para as condições de legibilidade, então é natural supor que seus procedimentos sejam enxutos, não-redundantes, simétricos ou, numa só palavra, *mínimos*. Sendo FL um sistema *ótimo*, não faria sentido se seus componentes adotassem estratégias inflacionárias para gerar objetos. Por exemplo, C_{HL} não concluiria uma derivação D em três etapas, se, de alguma forma, ela pudesse ser concluída em, digamos, duas etapas.¹⁶ C_{HL} não aplicaria três operações computacionais para derivar D, se D pudesse ser gerado com duas operações, e assim por diante. Em síntese, assume-se no PM que C_{HL} sistematicamente adote o *caminho mais curto e menos custoso* na de derivação do par (π, λ) .

Essa minimalidade das operações computacionais é motivada pelas restrições dos sistemas de performance, uma vez que, nas palavras de Chomsky (1999: 09), certas limitações da *memória ativa* humana impedem ou dificultam a computação de estruturas complexas, não-mínimas. Sendo assim, assume-se que as Condições de Economia de C_{HL} sejam impostas pelas interfaces, em vez de uma natureza arbitrária do Sistema.

¹⁶ O termo “etapa” não é aqui usado com uma significação rigorosa, e serve apenas para explicar os fundamentos teóricos das Condições de Economia. Na seção 3.3., o termo será melhor esclarecido, com base em Chomsky (2001), com as noções de Fase, Arranjo e Subarranjo.

3. Derivações em competição

A nova agenda de estudos em Teoria da Gramática consiste, portanto, em determinar de que maneira uma derivação D é capaz de satisfazer a um só tempo (i) o princípio FI e (ii) as Condições de Economia de C_{HL} . No conjunto infinito de derivações que C_{HL} pode efetivamente gerar, só figuram aquelas que forem *gramaticais e mínimas*. Ou seja, sendo D o conjunto de todas as derivações teoricamente possíveis para o par $(\pi \lambda)$, C é então o subconjunto de D constituído pelas derivações convergentes. Porém, pode haver em C derivações convergentes que chegam a termo por estratégias mais complexas, se comparadas a outras mais simples, presentes também em C . Por fim, M é o subconjunto de C no qual figuram apenas as derivações convergentes mínimas – as que oferecem o menor custo a C_{HL} . De acordo com o design de FL formulado no PM, os objetos que C_{HL} deve entregar a PF/LF devem sempre pertencer ao conjunto M .¹⁷

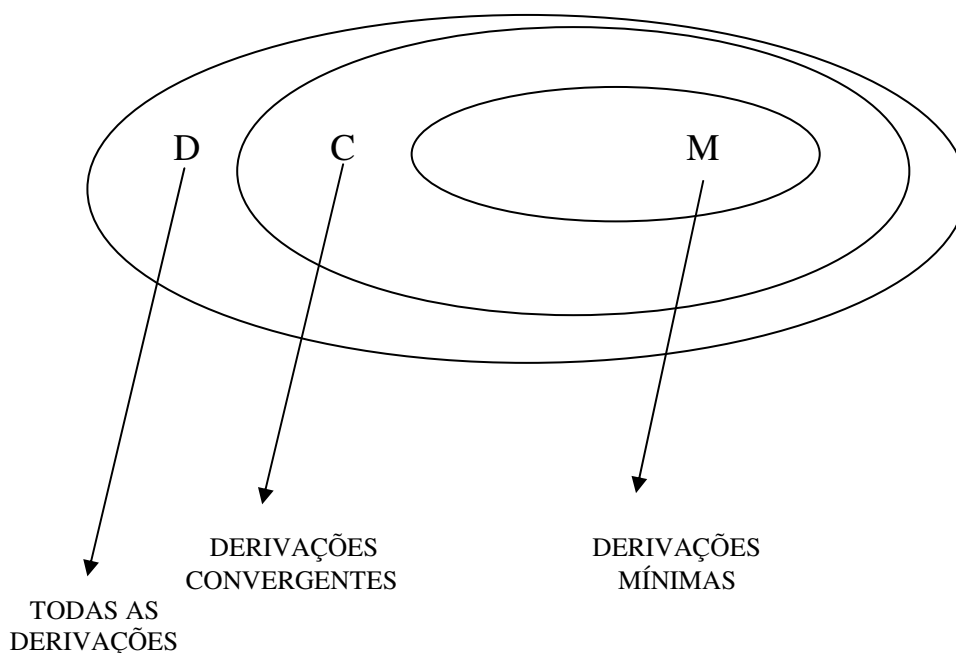


Gráfico 2: os conjuntos das derivações.

¹⁷ Caso não haja mais de uma maneira de satisfazer FI, então $M = C$. Note-se que retirar uma construção de C e introduzi-la artificialmente em M , através, por exemplo, da escrita mais rebuscada, é o que entendemos como antinaturalidade derivacional.

Com as Condições de Economia, assume-se que C_{HL} seja capaz de calcular o custo computacional de duas ou mais opções derivacionais para um mesmo objeto O , de modo a identificar e adotar a menos custosa (mínima) para o Sistema. Diante dessa hipótese, o problema que se impõe é *como* C_{HL} seria capaz de comparar derivações alternativas. Seria possível imaginar que C_{HL} geraria todas as derivações convergentes possíveis para um par (π, λ) e depois decidiria pela opção mais econômica. Mas essa hipótese, por si só, contradiz o caráter ótimo que se supõe para FL, afinal não há nada de econômico em gerar todas as derivações para mais tarde escolher uma delas – o perfeito seria ir diretamente à opção ótima.

As primeiras propostas de Chomsky (1995) para identificação da *derivação ótima* conferiam a C_{HL} um caráter ainda fortemente representacional, com operações como *Procastinate*, *Spell-Out Único* e outras que atribuíam à computação um indesejável superpoder de olhar à frente (*look ahead*) e antecipar a representação final a ser enviada às interfaces para certificar-se de que a estrutura correta está sendo feita no momento da derivação. Em trabalhos mais recentes, Chomsky (1999, 2001) e outros linguistas (dentre muitos, Uriagereka 1999; Nunes, 2004) têm adotado uma concepção claramente derivacional e sem recursos *look ahead* na caracterização do processo que permitiria a C_{HL} identificar prontamente, no curso da derivação, a opção derivacional ótima para o par (π, λ) . Tal solução técnica vem-se tornando possível pela articulação dos conceitos de Numeração, Fase e Subarranjo.

3.1. Numeração

A natureza precisa da Numeração no design de FL ainda não chegou a ser claramente formulada no desenvolvimento das propostas do PM. Por um lado, a Numeração não é assumida como um nível de representação – inclusive se chega a negar explicitamente que ela

seja a contraparte minimalista da antiga D-Structure (cf. Lasnik, Uriagereka e Boeckx, cap. 5). Por outro, C_{HL} não tem acesso direto ao léxico, mas somente através de um subconjunto dele – a Numeração – que retira itens do léxico e os apresenta já de certa forma estruturados para C_{HL} .

Intuitivamente, a Numeração parece ser o correlato formal do planejamento de fala (cf. Levelt, Roelofs e Meyer, 1999 – *apud* Corrêa, 2003), afinal a performance de uma sentença pressupõe um mínimo de planejamento, o que inclui uma conceptualização e alguma seleção vocabular. Não parece insensato, portanto, assumir que a Numeração possa ser, de alguma forma, um nível de interface de FL com outro sistema cognitivo dedicado ao significado dos traços do léxico e/ou à conceptualização. No entanto, na arquitetura de FL formulada por Chomsky (1995 e posteriores), o contato de FL com as interfaces só ocorre depois de a derivação ter sido concluída e seu produto enviado aos subsistemas PF e LF, esses, sim, níveis de representação e de interface.

Independente do estatuto que a Numeração venha a assumir futuramente, não há como negar que seu caráter atual, sobretudo com a introdução na teoria da noção de Subarranjo, confere-lhe certo poder de estruturação, cuja motivação parece ser intrateórica, já que não pode ser justificada conceptualmente (por relação com as interfaces), pelo menos de acordo com o que pode ser inferido de Chomsky (1995 em diante).

A idéia de que C_{HL} não possa acessar diretamente o léxico parece bastante coerente com o caráter minimalista de FL. Afinal, se tivesse de procurar cegamente, entre todos os traços existentes no léxico, aqueles relevantes para o curso de uma dada computação, isso retardaria enormemente a dinâmica da derivação, aumentando muito o seu custo ou mesmo impossibilitando a formação do par (α, β) – basta imaginar como seria a busca de um verbete

em um dicionário sem nenhum tipo de estruturação, como ordem alfabética, masculino de nomes, infinitivo de verbos etc. Portanto, alguma instância entre LEX e C_{HL} é virtualmente necessária (*virtual conceptual necessity*, cf. Chomsky 1995) – e essa instância é a Numeração.

De acordo com Chomsky (1995, 225), a Numeração deve ser compreendida como um conjunto formado pelos pares (IL, i) , em que IL é um Item Lexical (um composto de traços semânticos, fonológicos e formais) e i é o índice que determina o número de vezes que um dado IL deve ser retirado da Numeração e inserido na derivação. Select é a operação de C_{HL} que retira IL da Numeração e o introduz no espaço derivacional. A cada ação de Select sobre um IL qualquer, o índice de IL é reduzido em um. Assim, dada a numeração $N = \{João_1, amar_1, Maria_1\}$, Select retira o item *Maria* de N e o introduz na derivação, do que resulta a numeração $N' = \{João_1, amar_1, Maria_0\}$, disponível para as próximas operações computacionais. Quando todos os ILs na Numeração têm seus índices reduzidos a zero, diz-se que a Numeração foi exaurida e, conseqüentemente, a derivação chega ao fim. Uma derivação é, portanto, uma seqüência de símbolos Σ formados a partir de uma Numeração N , tal que o último elemento de Σ é o par (α, β) e o índice de todos os ILs em N está reduzido a zero (Chomsky, 1995: 225-26).

A Numeração é o conjunto de referência necessário para que C_{HL} possa calcular o custo de derivações alternativas e, assim, adotar a opção mais econômica. É através da Numeração que o elenco de derivações *comparáveis* é determinado. Só podem ser comparadas, para efeitos de economia, derivações assentadas exatamente numa mesma Numeração N . Uma mínima diferença em N e as derivações já não se comparam. Por exemplo, considerando-se as sentenças (5a) e (5b):

- (5) a. Paula comprou um carro.
 b. Paula comprou um carro usado.

não há dúvidas de que (5b) é computacionalmente mais complexo que (5a), já que envolve todas as computações presentes nesta e mais o Merge do qual resulta adjunção entre os constituintes *carro* e *usado*. Logo, se C_{HL} tivesse acesso direto ao léxico, (5a) seria uma derivação mais econômica que (5b). Conseqüentemente, em razão das Condições de Economia, (5b) não deveria ocorrer em Português. Mas, como C_{HL} não acessa diretamente o léxico e, sim, a Numeração, não faz sentido compararmos (5a) e (5b), pois (5a) se dá a partir de $N = \{Paula_1, comprar_1, um_1, carro_1\}$, ao passo que (5b) é derivado com base em $N = \{Paula_1, comprar_1, um_1, carro_1, usado_1\}$. Essas Numerações distintas fazem de (5a) e (5b) derivações independentes e incomparáveis em termos derivacionais.

Muito embora haja ainda certos problemas conceituais e técnicos no que diz respeito à caracterização de Numeração no design de FL,¹⁸ a existência de uma instância entre C_{HL} e o léxico parece decisiva para que a natureza ótima de FL possa ser implementada em termos de derivações simples e econômicas. Com a correlação entre os conceitos de Numeração e Fase (Chomsky, 1999), a Numeração será reformulada no conceito de Subarranjo, o que definitivamente fará com que ela tenha de possuir alguma organização interna, um nível próprio de estruturação ou pré-estruturação, fato que levará a uma necessária rediscussão sobre sua motivação conceitual.

¹⁸ Lima (2003 e comunicação pessoal) aponta, por exemplo, que o fato de a Numeração ser interpretada como uma instância fora de C_{HL} torna difícil a caracterização do que seria a via de comunicação entre essas duas realidades de FL. O autor indica que ainda não se formalizou explicitamente na teoria linguística como é possível que C_{HL} *saiba* se o índice de IL já se encontra zerado, dentre outras limitações.

3.2. Merge over Move

De posse de um conjunto de traços (Numeração) que serão computados de modo a formar o par (α, β) , C_{HL} será capaz de calcular a maneira otimizada de derivar (α, β) . Um tipo de cálculo computacional fartamente exemplificado na literatura é a comparação entre as operações Merge e Move, através daquilo que se conhece como Preferência de Merge sobre Move (*Merge over Move*). Como vimos na seção 2, Move é na verdade um termo genérico pelo qual nos referimos a um compósito de quatro operações: Copy, Merge, Form Chain e Delete. Assim, Merge em relação a Move deve ser interpretada como uma operação computacional menos custosa para o sistema – Merge é, inclusive, uma das subpartes de Move. Dessa forma, se numa derivação D houver a opção entre (i) formar um constituinte C por meio da operação Merge ou (ii) formar C por meio da operação Move, então C_{HL} aplicará Merge – e Move será descartado.

A escolha sistemática da opção derivacional menos custosa ao Sistema é uma forma de implementação do princípio minimalista segundo o qual os objetos a serem enviados às interfaces devem apresentar mínima complexidade estrutural. Do confronto entre tal *Condição de Economia*, de um lado, e a complexidade derivacional de Move, de outro, resulta o seguinte axioma: Move só será aplicado quando obrigatório, isto é, caso não haja outro expediente menos custoso por meio do qual FI venha a ser satisfeito, do contrário a opção mínima será sempre Merge (Chomsky, 1995). Aplicações opcionais de Move são, portanto, algo absolutamente impensável no PM – Move é aplicado somente como último recurso (*Last Resort*). O exemplo da língua portuguesa a seguir ilustra Move como Last Resort.

- (6) N = {Maria₀, parecer₀, estar₀, triste₀}
- a. [_{TP} Maria_i ~~EPP~~ [_T parece [~~Maria_i~~ estar triste]]]
- b. * [_{TP} ~~EPP~~ [_T parece [Maria estar triste]]]

Para que o constituinte *Maria* valere caso (nominativo) e para que o traço EPP de T (*parecer*) seja eliminado da derivação, a única operação computacional disponível é aplicar Move sobre *Maria*, que somente na posição em TP é capaz de satisfazer tais exigências das interfaces (cf. (6a)). Note-se que, no momento em que o EPP de *parecer* deve ser eliminado, *Maria* já se encontra no curso da derivação e não há outro elemento DP na Numeração que pudesse ser de lá retirado para sofrer Merge junto a T. Logo não há possibilidade de aplicação de Merge, e o Move de *Maria* é o último recurso, sem o qual a derivação não se tornará convergente (cf. (6b)).

Vejamos agora um caso da língua inglesa, em que há opção derivacional entre Merge e Move, e Merge é estratégia que prevalece. Trata-se de um caso das chamadas construções existenciais, fenômeno largamente explorado na literatura sobre Merge over Move (adaptado de Hornstein, Nunes e Grohmann, 2005).

- (7) N = {there₀, seem₀, to₀, be₀, someone₀, here₀}
- a. There seems to be someone here.
- b. There seems someone to be here.

Deve-se notar que (i) ambas as derivações estão assentadas numa mesma Numeração e (ii) ambas são derivações convergentes. (7a) e (7b) são, portanto, derivações em competição. Nessa disputa, (7a) é a opção menos custosa para o sistema, e, por essa razão, (7b) é uma construção inaceitável, banida na língua inglesa, muito embora não seja agramatical. Vejamos como cada uma das derivações chega a satisfazer as exigências de FI e

como somente (7a) satisfaz as condições de economia de C_{HL} .

- (8) a. $[_{TP} \text{there}_i [_{T} \text{seems}_j [_{VP} \text{seems}_j [_{TP} \text{there}_i [_{T} \text{to} [_{VP} \text{be someone here}]]]]]]]$
 b. $[_{TP} \text{there} [_{T} \text{seems}_j [_{VP} \text{seems}_j [_{TP} \text{someone}_i [_{T} \text{to} [_{VP} \text{be someone}_i \text{here}]]]]]]]$

Em (8a) o traço EPP de *T to be* é eliminado com o Merge de *there*, o elemento T da cláusula matriz é a sonda que valora, via Agree, o caso (nominativo) do alvo *someone* e o EPP de *seems* é eliminado pelo Move de *there*. Já em (8b), o Move de *someone* elimina o EPP de *T to be*, o T da matriz valora nominativo em *someone* e o Merge de *there* satisfaz o EPP de *seems*. Sendo (8a) e (8b) derivações convergentes, como C_{HL} pode identificar que (8a) é a opção ótima para o sistema? Não podemos assumir que C_{HL} tenha concluído as duas computações paralelamente para, então, no cotejo entre ambas, escolher a menos custosa, afinal essa hipótese (i) seria baseada numa comparação global, representacional, insuficiente para dar conta do problema,¹⁹ e (ii) seria, como dissemos, uma contradição com a natureza mínima de FL, já que a opção perfeita para o sistema seria identificar prontamente a opção derivacional ótima, sem perder tempo derivando estruturas que serão descartadas. Sendo assim, o cálculo do custo derivacional de uma expressão tem de ser feito localmente, isto é, de maneira derivacional, durante o curso da derivação. Tal cálculo local se tornou possível pela introdução na teoria dos conceitos de Fase e de Subarranjo.

¹⁹ Note-se que, no cômputo geral, (7a) e (7b) apresentam a mesma quantidade de operações e de etapas derivacionais e os mesmos tipos de operações computacionais.

3.3. Fase e Subarranjos

Analisando-se a derivação de (8a) (8b) passo a passo, é possível notar que ambas as construções possuem exatamente o mesmo início derivacional. Até que o TP *to be someone here* seja formado, ambas as derivações são indistinguíveis.

$$(9) \quad N = \{ \text{there}_1, \text{seem}_1, \text{to}_1, \text{be}_1, \text{someone}_1, \text{here}_1 \}$$

$$[\text{TP } \mathbf{EPP} [\text{T to } [\text{VP be someone here}]]]$$

Com a formação desse TP, surge na derivação um traço EPP em T, que deve ser eliminado. Nesse momento, tanto (8a) quanto (8b) têm acesso à numeração N^1 abaixo.

$$(10) \quad N^1 = \{ \text{there}_1, \text{seem}_1, \text{to}_0, \text{be}_0, \text{someone}_0, \text{here}_0 \}$$

Para a eliminação do EEP, um elemento DP deve ser inserido em TP, e há para isso duas operações gramaticalmente legítimas: (i) retirar *there* de N^1 e fazer o Merge dele com T ou (ii) fazer uma cópia de *someone*, já inserido na derivação, estabelecer o Merge dessa cópia com T, indexar as duas ocorrências de *someone* pela formação de uma cadeia e deletar a cópia mais baixa da cadeia²⁰ (em resumo: aplicar Move). De (i) resultará (11a), ponto do qual a representação (8a) será formada. De (ii) resultará (11b), a partir do que se formará (8b).

$$(11) \quad \text{a. } [\text{TP } \text{there } \mathbf{EPP} [\text{T to } [\text{VP be someone here}]]]$$

$$\text{b. } [\text{TP } \text{someone}_i \mathbf{EPP} [\text{T to } [\text{VP be } \text{someone}_i \text{ here}]]]$$

$$N'' = \{ \text{there}_0, \text{seem}_1, \text{to}_0, \text{be}_0, \text{someone}_0, \text{here}_0 \}$$

Nota-se, então, que é no momento da eliminação do traço EPP de T *to be* que C_{HL} é

²⁰ Conforme Nunes (2004), a cópia mais baixa da cadeia é a que possui menos traços, em virtude de ter se submetido a menos relações gramaticais, razão por que seu apagamento, e não o das cópias mais altas na estrutura, é a opção ótima para o sistema.

capaz de identificar a opção derivacional mais simples, adotando o princípio de Merge em vez de Move, que levará à formação da derivação mínima (7a). C_{HL} deve cegamente retirar *there* de N^I porque a exaustão da Numeração deve ser processada Fase a Fase, com base em cada Subarranjo da Numeração disponível para a derivação de cada Fase.

Não há consenso na literatura a respeito da motivação conceitual para a noção de Fase. Para Chomsky (1999: 09), Fases são o suporte sintático das estruturas proposicionais inspecionadas em LF, e também uma espécie de *memória de trabalho*, já que, segundo ele, FL só é capaz suportar pequenas fatias de estrutura em sua *memória ativa*. Mas há muitas outras interpretações sobre a natureza das Fases (cf. Uriagereka 1999, 2000; Epstein e Seely, 2002, 2005; Boeckx, 2003; Grohmann, 2003; Bobaljik e Wurmbrand, 2003; Hiraiwa, 2003; Legate, 2003; Matushansky, 2003, Boeckx e Grohmann, 2004; Muller, 2004, e outros).

Como estrutura proposicional, Fases corresponderiam a vPs e CPs. Um vP é o momento em que a estrutura argumental de uma cláusula é saturada, pelo estabelecimento das relações temáticas entre um predador e seus argumentos. CP é o momento das especificações ilocucionais da cláusula, como valoração de tempo, força ilocucionária etc. A hipótese de Chomsky (1999) é que, concluída uma Fase, todo o complemento do núcleo da Fase respectiva (v ou C) é enviado para os subsistemas de interface, através da operação Spell-Out, de modo a ser inspecionado para questões de convergência. Inclusive, é neste momento de conclusão de uma Fase que uma derivação é interrompida caso o objeto que chega às interfaces não seja convergente.

Uma vez enviado para LF/PF, isto é, aplicada a operação Spell-Out, o complemento do núcleo da Fase (chamado tecnicamente de *Domínio*) não será mais acessível à computação. Após a conclusão de uma Fase, somente o núcleo v ou C e seus respectivos

especificadores (chamados de *Margem*) estarão disponíveis para futuras operações. Essa noção é formalizada pela Condição de Impenetrabilidade de Fase (*Phase Impenetrability Condition* – PIC), conforme Chomsky (1999).

Os conceitos de Fase e PIC imprimem um caráter fortemente derivacional à natureza de C_{HL} . Com eles, a opção por uma operação mais ou menos custosa, a valoração e a eliminação de traços, em suma, tudo relativo à convergência e às condições de economia tem de ser resolvido no aqui-e-agora da derivação – hipótese condizente com a concepção de FL como um dispositivo automático para geração de estruturas ótimas para as interfaces.

Com o conceito de Fase, a Numeração passa a ser interpretada como um conjunto formado por diversos subconjuntos, chamados *Subarranjos* (Chomsky, 1998). A idéia é que a derivação não acesse desordenadamente os traços do léxico presentes na Numeração, pelo contrário, os itens disponíveis para a computação são dispostos em torno dos elementos que são núcleo de Fase. Assim, a noção de uma Numeração N como $N = \{\dots\}$ deve ser reanalisada em:

$$(12) \quad N = \{\{C, \dots\}, \{v, \dots\} \dots\}.$$

Dessa forma, a numeração em (9), reapresentada aqui como (13a), deve ser na verdade (13b).

$$(13) \quad \begin{array}{l} \text{a. } N = \{\text{there}_1, \text{seem}_1, \text{to}_1, \text{be}_1, \text{someone}_1, \text{here}_1\} \\ \text{b. } N = \{\{v, \text{seem}_1\} \{C, \text{to}_1\} \{v, \text{be}_1, \text{there}_1, \text{someone}_1, \text{here}_1\}\} \end{array}$$

Nos limites de uma Fase, somente o seu Subarranjo é acessível para Select, até que tal Subarranjo seja exaurido e uma nova Fase tenha início com o acesso a um novo Subarranjo. A noção de Subarranjo pode explicar por que sentenças como as dos pares em (14) não são

mutuamente exclusivas em inglês, em termos de competição via Condições de Economia (adaptado de Hornstein, Nunes e Grohmann: 2005: 335-6).

- (14)
- a. There remains the fact that a problem developed.
 - b. The fact remains that there developed a problem.
 - c. There arose the problem that a typo remained in the proofs.
 - d. The problem arose that there remained a typo in the proofs.
 - e. There remains the suspicion that a problem exists.
 - f. The suspicion remains that there exists a problem.

Não faz sentido comparar entre si, para efeitos de economia, as sentenças de cada par em (14) porque cada uma delas está assentada numa Numeração diferente, na medida em que Subarranjos diferentes caracterizam Numerações diferentes.

A derivação por Fases e a conseqüente inspeção automática da convergência em PF e LF após Spell-Out conferem a C_{HL} uma dinâmica derivacional tal que passa a ser possível, nos limites do modelo de Chomsky (1999), aventar o descarte de PF e LF como níveis de representação. Se a inspeção da convergência é cíclica, podemos imaginar que as interfaces possam ter acesso direto à derivação, durante seu curso, sem ter de esperar a formação de uma representação abstrata em PF/LF (cf. Epstein, Groat, Kawashima, e Kitahara, 1998).

3.4. Move F

No cálculo do custo computacional de uma derivação, C_{HL} deve também ter em conta aquilo que podemos chamar de quantidade de material a ser deslocado com a aplicação de Move. Para preservar as Condições de Economia, Move, se aplicado, deve mover a menor quantidade de material lingüístico possível (respeitando-se FI). Isto significa que se for possível formar uma derivação convergente extraindo-se apenas β do objeto $K = \{\alpha, \beta\}$,

então α não será movido junto a β . O movimento de $\{\alpha, \beta\}$ quando, para efeitos de convergência, basta o movimento de β é uma forma de violação das Condições de Economia de C_{HL} . Para ilustrar, vejamos os casos abaixo.

- (15) a. $[CP [DP \text{ que livro}]_i \text{ WH} [o \text{ João disse que vai } [VP \text{ ler } [DP \text{ que livro}]_i]]]?$
 b. * $[CP [que]_i \text{ WH} [o \text{ João disse que vai } [VP \text{ ler } [DP [que]_i \text{ livro}]]]]?$
 c. * $[CP [VP \text{ ler } [DP \text{ que livro}]]_i \text{ WH} [o \text{ João disse que vai } [VP \text{ ler } [DP \text{ que livro}]_i]]]?$

O traço WH na cláusula matriz é a sonda que toma como alvo o constituinte *que livro*, no qual se encontra o elemento com o traço WH necessário para a checagem. *Que livro* é o constituinte mínimo que deve ser movido para a satisfação do traço WH, como se indica em (15a). Vejamos por quê.

Por um lado, o Move apenas do item *que*, a princípio, seria a operação mais econômica para o Sistema, pois o traço WH exigido na cláusula matriz se encontra justamente na palavra *que* e o movimento de apenas um item é, naturalmente, mais econômico do que o movimento de mais de um. Porém, *que* não é um constituinte sintático, nem um núcleo de constituinte, portanto não está sujeito à operação Move. Seu movimento isoladamente leva à violação de FI, como indicado em (15b).

Por outro lado, o Move da categoria imediatamente superior ao DP *que livro* redundaria numa violação das Condições de Economia de C_{HL} , como ocorre em (15c), em que todo o VP *ler que livro* é deslocado.²¹ Logo, é (15a) que se apresenta como a opção ótima para o sistema, pois o DP *que livro* ao mesmo tempo carrega o traço WH e é o constituinte menor (mais leve) sujeito à aplicação de Move: (15a) é a derivação convergente mínima, que atende

²¹ Não obstante, (15c) seria descrito como uma derivação mínima caso houvesse em sua respectiva Numeração traços como *tópico* ou *foco* que desencadeassem o movimento do VP – o que excluiria essa derivação de comparação com (15a).

tanto FI quanto às Condições de Economia.

Mover dois constituintes de uma só vez é o que se chama de *pied-piping*. Nesse fenômeno, o Move de β obrigatoriamente traz a reboque o constituinte α , do que resulta a cadeia CH = $\{\{\alpha, \beta\}_i, \{\alpha, \beta\}_i\}$. *Pied-piping* só é permitido pelo Sistema como último recurso (Last Resort), se for uma condição necessária para satisfazer FI, afinal o movimento de apenas um constituinte é sempre a opção mínima na aplicação de Move. Em (16) a seguir, vemos um caso em que *pied-piping* deve ocorrer obrigatoriamente.

- (16) a. [CP [PP com [DP quem]]_i WH [você foi à praia [~~PP com [DP quem]]_i]]?
 b. * [CP [DP quem]_i WH [você foi à praia [PP com [~~quem]]_i]]?~~~~

O traço WH em CP é a sonda à busca de um alvo. O DP *quem* é o alvo que contém o traço exigido em CP e, como se trata de um constituinte legítimo, seu movimento seria o bastante para a satisfação de WH. No entanto, o Move do DP isoladamente transgride FI, como se mostra em (16b), pois (simplificadamente) em cláusulas interrogativas do português os traços de P não podem ser foneticamente manifestados independentemente de seu complemento DP. Para satisfazer a essa condição de interface, o Move da categoria superior ao DP é necessário, o que provoca o deslocamento do PP junto ao DP indicado em (16a). *Pied-piping* é, portanto, um movimento não-mínimo forçado pelo princípio FI.

Para Chomsky (1995: 262-5), o movimento visível de constituintes sintáticos é, na verdade, um epifenômeno, a contraparte morfofonológica do Move de traços abstratos (*Move Features* – Move F) que ocorre numa derivação. Segundo o lingüista, C_{HL} opera somente sobre os traços abstratos disponíveis na Numeração, e não sobre categorias morfossintáticas. Dessa forma, uma operação como Move, por exemplo, é na verdade o movimento de traços, não de constituintes. Todavia, traços só se manifestam foneticamente através de categorias

morfofossintáticas, e nunca em isolado. Isso significa que uma operação Move que se aplique antes de Spell-Out e será, portanto, visível em PF terá o correlato morfológico do movimento da categoria na qual o traço em questão se manifesta. Apenas a computação após Spell-Out, no componente encoberto rumo a FL, dá-se sobre traços puramente, sem compromisso com as categorias em que esses se insiram. Em suma, o Move de um traço antes de Spell-Out implica o Move do constituinte em que o respectivo traço se manifesta em PF. No exemplo (16), vemos que o traço WH em CP deve ser checado antes de Spell-Out, fato que desencadeia o Move do PP em que o traço necessário para a checagem do WH se encontra.

Como C_{HL} opera somente sobre traços, todo movimento visível em PF encerra algum tipo de *pied-piping*, que Chomsky chama de *pied-piping generalizado* (1995: 264). A idéia de Chomsky é: sempre que Move ocorrer antes de Spell-Out, um constituinte será carregado junto do traço que sofre movimento, pois nele tal traço se manifesta foneticamente. *Pied-piping* generalizado deve ser interpretado, portanto, uma imposição de PF.

Radford (2004: 216) resumiu da seguinte forma a maneira pela qual C_{HL} pode minimizar o custo derivacional do *pied-piping* generalizado, de modo a preservar as Condições de Economia.

Convergence Principle: a head which attracts a constituent containing a feature [F] attracts movement of the smallest accessible constituent containing [F] which lead to a convergent derivation.²²

De acordo com a minimalidade de C_{HL} assumida no PM, o Move de traços visível em PF envolverá o deslocamento da menor quantidade possível de constituintes. Apenas a categoria que domina imediatamente o elemento em que o traço a ser movido se encontra

²² Tradução: “Princípio de Convergência: um núcleo que atrai o constituinte com o traço [T] desencadeia o movimento do menor constituinte disponível que contém [T] e conduz a uma derivação convergente”.

deve, a princípio, ser deslocada. *Pied-piping* só deve ocorrer como Last Resort, caso a minimalidade descrita acima por Radford leve à violação de FI.

4. O caso das relativas preposicionadas

A maior parte das descrições de cláusulas relativas preposicionadas de diferentes línguas humanas formuladas na Teoria P&P, desde os tempos da TRL até o presente, apresenta sérios problemas para a teoria lingüística de orientação minimalista. Tais problemas decorrem exatamente de uma não-observância das Condições de Economia impostas às operações de C_{HL} , nomeadamente o princípio Move F.

Começamos a entender esse problema ao analisarmos os passos derivacionais que estão necessariamente envolvidos na formação de relativas preposicionadas. Com o termo *preposicionada*, indica-se que, na cláusula relativa, a variável associada ao nome que sofre a relativização é c-comandada simetricamente por uma preposição (P). Essa variável pode ser interpretada como uma lacuna, isto é, uma cópia não-pronunciada do elemento que sofreu Move na formação da relativa, ou como um pronome resumptivo, que realiza os traços ϕ (gênero, número e pessoa) do N relativizado.

Conforme Radford (2004: 223-34), relativas são CPs que carregam o traço WH, o qual, na maioria das línguas (mesmo naquelas com interrogativas *wh- in situ*, como o japonês), deve ser eliminado antes de Spell-Out, com o Move para spec-CP do constituinte que contém o traço WH exigido em CP. Em (17) representa-se o arquétipo da derivação de uma cláusula relativa preposicionada.

- (17) a. [CP **WH** [TP [vP [PP [DP **wh**]]]]]
 b. [CP wh_i ~~WH~~ [TP [vP [PP [DP ~~wh_i~~]]]]]

A extração do traço WH do constituinte que sofre a relativização desencadeia o Move desse mesmo constituinte, já que, como vimos, traços não se movem em abstrato se são visíveis em PF. Tendo-se em vista as Condições de Economia de C_{HL}, e em especial o *Convergence Principle*, devemos esperar que apenas o Move do DP em que o traço WH em questão se encontra seja o suficiente para licenciar a cláusula relativa. Movendo-se DP e deixando-se *in situ* (em *stranding*, enclahada ou órfã) a preposição que o c-comanda, a derivação terá deslocado apenas o material mínimo necessário para a convergência, tal como se ilustra abaixo num exemplo da língua inglesa.

(18) [N something [CP [DP which]_i WH [TP I can [VP write [PP with [~~DP-which~~]_i]]]]]

O alçamento solitário do DP com o conseqüente enclahamento de P é, portanto, a estratégia derivacional mínima (ótima) na formação de relativas preposicionadas, a qual se denomina *Prepositional-stranding* (Pst). À essa estratégia mínima opõe-se a derivação não-mínima, denominada *Prepositional Pied-piping* (Ppp), que consiste na aplicação de Move não apenas sobre o DP que carrega o traço WH, mas também sobre o PP que o domina. Como envolve o Move de pelo menos duas categorias (DP e PP), Ppp deve ser considerado derivacionalmente mais custosa em relação a Pst, levando-se em conta as Condições de Economia em Move F. Em (19) abaixo, vê-se a contraparte Ppp de (18).

(19) [N something [CP [PP with [DP which]]_i WH [TP I can [VP write [~~PP-with~~ [~~DP-which~~]]_i]]]]]

Podemos perceber que (18) e (19) são estratégias derivacionais alternativas (em competição), pois (i) são assentadas numa mesma Numeração, (ii) são convergentes e (iii) ambas têm a mesma história derivacional até o momento (Fase) de aplicação de Move sobre

o constituinte com o traço WH. É precisamente neste momento da derivação que se pode ou mover apenas DP, do que resulta (18), ou mover DP e PP, donde se origina (19).

Ora, se as Condições de Economia de fato restringem os tipos de derivação que C_{HL} pode gerar de forma natural, então devemos esperar que Pst bloqueie sistematicamente Ppp na formação de relativas preposicionadas. Não existem, portanto, razões estruturais para a ocorrência de Ppp em inglês, uma vez que Pst satisfaz FI e mantém a *Convergence Principle* (Move F). Logo, (19) é uma construção que não deveria existir naturalmente na língua inglesa.

No caso do português, a princípio Ppp deveria ser aplicado, como Last Resort, uma vez que Pst parece conduzir à violação de FI, como se ilustra em (20).

- (20) a. O assunto [_{CP} [_{PP} de [_{DP} que]]_i **WH** [_{TP} o professor [_{VP} falou [_{PP} de [_{DP} que]]]]_i
 b. * O assunto [_{CP} [_{DP} que]]_i **WH** [_{TP} o professor [_{VP} falou [_{PP} de [_{DP} que]]]]_i

Em português, a impossibilidade estrutural de (20b) deveria a princípio conduzir à derivação de (20a). Isso, contudo, não ocorre, considerando-se que as relativas preposicionadas naturais de uma modalidade como o PB são as cortadoras e as resumptivas. Assim, encontramos na análise desse tipo de relativa a seguinte contradição: de acordo com Move F, línguas como o inglês deveriam desconhecer Ppp e, em respeito a FI, línguas como o português deveriam aplicar Ppp como Last Resort – mas nenhuma das duas coisas parece acontecer nos dados dessas línguas, conforme ilustrado acima.

Dessa contradição, a primeira coisa a ser notada é que existe nas relativas preposicionadas uma tensão entre a satisfação de FI, de um lado, e a satisfação das Condições de Economia, de outro. A maneira pela qual essa tensão é resolvida parece caracterizar padrões sintáticos diferentes entre as línguas. O inglês, por exemplo, é capaz de derivar

minimamente uma relativa como (18) – bloqueando a estrutura não-mínima (19). Já o português, em tese, aplicaria Move como Last Resort e derivaria a estrutura complexa (20a), bloqueando a derivação mínima (20b).

Sobre essa tensão, Salles (1997, 1998) sustentou que o que leva ao licenciamento de Pst, de um lado, ou à imposição de Ppp, de outro, é uma questão de opção paramétrica. Segundo a autora, Pst e Ppp se distribuem complementarmente entre as línguas de acordo com a opção do parâmetro que foi por ela denominado [Pst]. Línguas [+ Pst], como o inglês, licenciariam a derivação mínima, e conseqüentemente bloqueariam Ppp. Por sua vez, línguas [- Pst], como o português e todas as demais românicas, licenciariam apenas a derivação não-mínima, tornando obrigatório Ppp e agramatical Pst. Salles assim apresentou um pequeno inventário da distribuição do parâmetro [Pst] em algumas línguas.

	+/- [Pst]	+/- [Ppp]
Romance	-	+
German	-	+
Dutch	-	+
English	+	-
Scandinavian	+	-

Tabela 1: o parâmetro Pst segundo Salles (1997; 1998).

Se tomarmos o inglês e o português abstratamente, como o fez Salles, a hipótese do parâmetro [Pst] parece ser confirmada. O inglês poderia ser caracterizado como uma língua [+ Pst], já que, dentre outras construções, cláusulas relativas preposicionadas mínimas, como (18), são nessa língua licenciadas, ao passo que, em português, o parâmetro parece ser marcado como [- Pst], uma vez que estruturas como (20b) parecem impossíveis – o que conduz, segundo Salles, forçosamente a (20a). No entanto, ao analisarmos a realidade mais

concreta dessas línguas, encontraremos facilmente muitas falhas na hipótese paramétrica da autora. Primeiramente, relativas Ppp são virtualmente inexistentes no vernáculo do inglês (cf. Murphy, 1995; Radford, 2004). E em segundo lugar, relativas Pst parecem existir em português, ainda que em contextos restritos. Além disso, como mencionamos, a (suposta) inexistência de Pst não conduz inevitavelmente a Ppp. Ppp é construção desconhecida no vernáculo do PB, tanto quanto Pst, e nessa língua a relativização preposicionada é derivada pelas estratégias cortadora e resumptiva (cf. dentre outros, Mollica, 1977; Tarallo, 1983; Kato, 1993; Kenedy, 2003).

Em resumo, as relativas preposicionadas são um problema para a Teoria da Gramática quando consideradas numa perspectiva Minimalista. Na tensão entre a satisfação de FI e das Condições de Economia, uma língua como o inglês deveria banir Ppp de sua gramática, licenciando apenas Pst como derivação mínima convergente. Em português, a derivação mínima Pst não parecer ser convergente, mas isso não leva ao licenciamento Ppp na língua, ao menos quando consideramos o PB, o que parece indicar que cortadoras e resumptivas são derivações em competição com Ppp e Pst, capaz de bloquear essas estratégias. Exploraremos essa problemática nas seções a seguir.

4.1. O problema da língua inglesa

No caso do inglês, o problema teórico central na descrição minimalista das relativas preposicionadas é bastante óbvio: Pst e Ppp não podem coexistir naturalmente naquela língua. Se levarmos as Condições de Economia a sério, teremos de assumir que Pst é a derivação mínima a ser executada pelo sistema, restringindo-se Ppp aos casos de Last Resort.

Assim, C_{HL} deve gerar somente (21a) e nunca (21b).²³

- (21) a. [_N something [_{CP} [_{DP} which_i] ~~WH~~ [_{TP} I can [_{VP} write [_{PP} with [_{DP} ~~which_j~~]]]]]]]
 b. * [_N something [_{CP} [_{PP} with [_{DP} which]]_i] ~~WH~~ [_{TP} I can [_{VP} write [_{PP} with [_{DP} ~~which_j~~]]]]]]]

Entretanto, essas duas formas são encontradas no inglês contemporâneo, e, muitas vezes, são apresentadas em livros e manuais lado a lado, como se a coexistência de Pst e Ppp na língua não fosse um problema teórico (cf. Alexiadou, 2000; Radford, 2004; dentre outros). Autores como Radford (2004: 213-16) tentam evitar o problema indicando que Pst e Ppp se distribuem complementarmente, de acordo com o nível de formalidade do discurso: (21a) seria uma construção típica do uso espontâneo do inglês e (21b), um exemplo de um uso mais monitorado. Murphy (1995) chegou a formular uma versão exagerada da análise de Radford, ao propor que esses diferentes níveis de formalidade configurariam, na verdade, opções paramétricas distintas, tal e qual diferenças entre línguas.

I will attempt to synthesize a theory from these previous approaches (*sobre pied-piping*) while proposing that the formal register of English, which allows extensive pied piping, is due to a different parameterization for the language. In this regard, formal English will more closely approximate languages like French, Russian and German; pied piping will be due to a restriction that *wh*-elements be properly governed in [Spec, CP]. We therefore expect to find pied piping of governors along with *wh*-elements in literary English. On the other hand, I propose that the parameter for colloquial English is set the opposite way; *wh*-elements should not be properly governed in [Spec, CP], and pied piping should not occur unless dictated by other rules of the grammar.²⁴ (Murphy, 1995: 07-8)

²³ Usaremos asteriscos para indicar que uma construção viola as Condições de Economia. Tradicionalmente, asteriscos indicam apenas a violação de FI.

²⁴ Tradução: “Procurarei sintetizar uma teoria sobre as abordagens anteriormente referidas e ao mesmo tempo proporei que o registro formal do inglês, que licencia extensivamente *pied-piping*, decorre de um tipo diferente de parametrização da linguagem. Nesse sentido, o inglês formal aproxima-se mais de perto de línguas como o francês, o russo e o alemão; *pied-piping* forma-se em consequência de uma restrição que força o elemento *wh*- a permanecer em [Spec-CP] de modo a ser regido apropriadamente. Portanto, esperamos encontrar *pied-piping* ao lado de regentes de elemento *wh*- no inglês literário. Por outro lado, proponho que o parâmetro para o inglês coloquial seja fixado de maneira oposta: nesse caso, o elemento *wh*- não precisa ser regido apropriadamente em Spec-CP, e assim *pied-piping* não deve ocorrer, exceto em dialetos com regras gramaticais diferentes.”

De que maneira uma gramática natural chegaria a derivar uma estrutura como Ppp, se Pst é naturalmente possível em C_{HL}, não é algo claramente formalizado nas abordagens sobre o tema. Para Murphy (1995: 86), P deve reger DP sempre localmente e nunca via cadeia, o que compele o alçamento em conjunto das duas categorias no caso de uso formal da língua. Se o uso é informal, então P pode reger DP via cadeia normalmente. Sag (1997) assume que, nos dialetos formais do inglês, o traço WH no DP que deve sofrer a relativização se espria para todo o PP, forçando o seu alçamento via Ppp – espriamento esse que não ocorre no uso informal da língua, no qual Pst prevalece.

Já Radford (2004: 211) sustenta que a formalidade de Ppp funciona como uma espécie de *traço* que provoca o movimento de P junto a DP, embora isso não seja obrigatório na satisfação de FI. A idéia de que em Ppp há uma aplicação opcional de Move foi também defendida por Salles (1998). De acordo com a autora, o movimento de P ocorre opcionalmente em inglês, mas em português é obrigatório.

Em termos minimalistas, pode-se dizer que tanto em português como em inglês, a categoria C tem um traço EPP, do que decorre o alçamento obrigatório da palavra QU para specCP antes de *Spell Out* (Chomsky (1995), (1998)). Em português (e demais línguas românicas), porém, se a palavra QU é extraída de sintagma preposicional, a preposição é obrigatoriamente carreada (o chamado *pied piping* generalizado). Em inglês, o carreamento da preposição é opcional. As derivações em português e em inglês estão ilustradas em (5a) e (5b/b'), respectivamente:

- (5) a. [_{CP} com quem (que) [_{IP} Maria [_Γ falou [_{VP} ~~Maria~~ [_{VP} ~~falou~~ [_{PP} ~~com~~ [_{DP} quem]]]]]]]]
 b. [_{CP} who did [_{IP} Mary [_Γ talk [_{VP} ~~Mary~~ [_{VP} ~~talk~~ [_{VP} [_{PP} to [_{DP} who]]]]]]]]
 b'. [_{CP} to whom did [_{IP} Mary [_Γ talk [_{VP} ~~Mary~~ [_{VP} ~~talk~~ [_{VP} [_{PP} to [_{DP} whom]]]]]]]]

(Salles, 1998: 03)

A coexistência de Pst e Ppp na língua inglesa é inaceitável no PM atual porque flagrantemente viola as Condições de Economia, notadamente Move F. Nenhuma das

abordagens citadas parece perceber a contradição existente na assumida *variação* entre Pst e Ppp. Murphy (1995), por exemplo, lança mão da noção de regência para explicar a distinção entre as duas estruturas, sem indicar como dois tipos distintos de regência poderiam variar livremente numa língua sem provocar a violação de Economia. A proposta de Sag – o espriamento do traço WH no uso formal do inglês – não parece ser motivada por alguma imposição das interfaces ou por alguma necessidade virtual do Sistema, além do que parece totalmente arbitrário que tal espriamento se limite ao nódulo PP, sem propagar-se aos demais nódulos superiores na estrutura sintática. E, por último, a hipótese de um movimento opcional de P, assumida por Radford e Salles, é completamente descartada segundo as Condições de Economia de C_{HL} (desde Chomsky, 1995: 262-64), em que Move só ocorre como Last Resort e nunca pode ser opcional.

Dessa forma, há ainda na teoria lingüística uma lacuna a ser preenchida: Ppp não deveria existir em inglês, de acordo com Move F. Como é então possível explicar a ocorrência dessa construção naquela língua? O preenchimento de tal lacuna é um dos objetivos da presente tese, com a hipótese APP, de acordo com a qual relativas Ppp de fato não existem em inglês, língua que, em situação natural, só deve conhecer a relativa Pst.

É importante ressaltar que a variação entre Ppp e Pst em cláusulas relativas só pode ser interpretada como problema teórico no contexto do atual Minimalismo (desde Chomsky, 1995). Nos momentos pré-minimalistas da teoria P&P, ambas as construções poderiam coexistir pacificamente num mesmo sistema lingüístico. Para ilustrar como, tomemos Pst X Ppp como uma oposição paramétrica.

No espírito da TRL, se um parâmetro é marcado como positivo numa língua, isso permite a variação estilística entre as duas realizações desse parâmetro em certos contextos.

Por exemplo, no caso do clássico parâmetro do sujeito nulo, conhecido como [pro-drop], a opção [+ pro-drop] do português permite a ocorrência de sujeitos nulos e de sujeitos preenchidos nessa língua, que são intercambiáveis na maioria dos contextos sintáticos, embora possam veicular valores discursivos diferentes: *eu vou à praia amanhã* X *pro vou à praia amanhã*.²⁵ É apenas o valor negativo dum parâmetro que exclui uma de suas realizações, como no caso das línguas [- pro-drop], a exemplo do inglês, em que, à exceção de contextos controlados, somente sujeitos plenos são licenciados: *I went out yesterday* X **pro went out yesterday*.²⁶

Seguindo essa lógica, o suposto parâmetro [+ Pst], marcado como positivo, daria conta da variação entre Pst e Ppp em inglês, ao passo que a marca negativa [- Pst] explicaria a *obrigatoriedade* de Ppp em português. Sucede, no entanto, que apenas a variação entre sujeitos nulos e preenchidos pode ser assumida no PM, já que essas construções não podem ser caracterizadas como derivações em competição. Por exemplo, “*eu fui à praia*” e “*pro fui à praia*” são derivações assentadas em Numerações diferentes (há no primeiro caso o item “*eu*”, ausente no segundo caso, e neste há um o item “*pro*”, ausente naquele), fato que impede comparações de Economia entre essas construções. Por seu turno, “*I went out yesterday*” X “** pro went out yesterday*” também não competem entre si, pelas mesmas razões expostas para o exemplo em português, além do que apenas na primeira frase ocorre uma derivação convergente. A situação da variação entre Pst e Ppp é radicalmente diferente, pois ambas são

²⁵ De um ponto de vista discursivo, orações com sujeitos preenchidos e nulos raramente são intercambiáveis. Os contextos no discurso em que sujeitos nulos e preenchidos são geralmente opostos. A equivalência entre uma construção e outra só existe de um ponto de vista formal, considerando-se o limite da sentença, com vistas à noção de gramaticalidade.

²⁶ Também aqui levamos em consideração os limites da sentença, de um ponto de vista formal. Em certos contextos discursivos e em certas modalidades textuais, registra-se no inglês a ocorrência de sujeitos nulos mesmo em frases declarativas simples.

derivações convergentes assentadas numa mesma Numeração, fato que as põe numa competição da qual, segundo os preceitos básicos do PM apontados nas seções anteriores, somente a mais econômica será licenciada naturalmente.

4.2. O problema da língua portuguesa

Em relação ao português, a situação das relativas preposicionadas é ainda mais problemática. Primeiramente, a hipótese paramétrica de Salles (1997; 1998) toma como indiscutível a agramaticalidade de Pst em qualquer dialeto da língua, mas parece existir um número significativo de casos em que o encaimento da preposição não redundava em violação de FI (cf. Kenedy, 2005), como exemplificado a seguir.

- (22) a. Tv por assinatura, você não pode ficar sem.
 b. Eu vou votar contra.
 c. Esse não é o tópico central da palestra, mas ele deve falar sobre.

Kenedy (2005) sugeriu que o *stranding* de P em português é ou não licenciado em função de certos traços presentes nas preposições individualmente, e não em função de algum parâmetro da gramática. Por exemplo, *sem* e *sobre* parecem licenciar o *stranding* em muitos contextos, porém o mesmo não acontece com as preposições *com* e *de*.

- (23) a. * Tv por assinatura, você tem que ficar com.
 b. * Esse não é o tópico central da palestra, mas ele deve falar de.

Em segundo lugar, como já comentado, mesmo que Pst fosse uma construção de fato banida em português, isso não parece ser condição suficiente para tornar Ppp uma derivação obrigatória na formação de relativas nessa língua. Em PB, há vasta bibliografia em que se aponta a inexistência de Ppp na língua e a altíssima produtividade das relativas cortadoras e

resumptivas (cf. Mollica (1977), Lemle (1978), Tarallo (1983), Kato (1993), Corrêa (1998), Kenedy (2003)). No caso do PE, autores como Peres e Mória (1995), Alexandre (2000), Mateus et al. (2003) e Arin, Ramillo e Freitas (2005) chamam a atenção para a ocorrência significativa de resumptivas e cortadoras nas relativas produzidas de maneira mais ou menos espontânea pelos portugueses – muito embora Ppp ainda seja considerada a estratégia natural e padrão em Portugal. Em (24) exemplificamos (a) relativas Ppp, (b) Pst, (c) cortadora e (d) resumptivas em português.

- (24) a. O assunto de que o professor falou na última aula. (*Ppp*)
 b. * O assunto que o professor falou de na última aula. (*Pst*)
 c. O assunto que o professor falou na última aula. (*cortadora*)
 d. O assunto que o professor falou dele na última aula. (*resumptiva*)

As relativas cortadoras e resumptivas do PB foram interpretadas como estratégias por meio das quais a gramática dessa língua levaria a termo uma relativa preposicionada, uma vez que relativas Ppp e Pst não existem no PB. Tarallo (1983) chegou mesmo a afirmar que as cortadoras seriam uma criação do PB, que teria passado por um processo de mudança lingüística que o afastou do PE (cf. Capítulo III desta tese).

A hipótese APP pretende negar essa diferença entre PB e PE. Na seção 5.1. abaixo, assumiremos que relativas cortadoras e resumptivas devem ser interpretadas como derivações sintáticas estabelecidas em C_{HL} que, por um lado, evitam a violação de FI (e impedem Pst) e, por outro, preservam as Condições de Economia (e impedem Pst) – as quais, a princípio, estão disponíveis em qualquer língua natural. A produtividade de Ppp em línguas como o PE deve ser explicada em função de fatores artificiais, como o letramento/escolarização.

4.3. O problema da Aprendibilidade

A variação entre Pst e Ppp em inglês e a situação problemática das relativas de preposição em PB representam uma dificuldade, também, para as teorias sobre aquisição da linguagem. No caso do PB, podemos imaginar que a criança brasileira tenha dificuldades com as relativas preposicionadas, já que o estatuto gramatical das relativas preposicionadas em português seria incoerente: não existiram Ppp ou Pst nos dados disponíveis para a criança, o que impossibilitaria a fixação do (suposto) parâmetro [+/- Pst], em razão da falta de evidência positiva para [+] ou para [-]. Diante desse quadro, seria preciso compreender como a relativização preposicionada em PB se torna visível à criança de modo a possibilitar a sua aquisição.

Em relação ao inglês e assumindo-se os pressupostos do PM, ocorreria o inverso do que se passa com o PB. A coexistência de Pst e de Ppp nos dados disponíveis à criança parece violar uma condição básica da aprendibilidade de um sistema lingüístico e tornar impossível a aquisição de relativas preposicionadas naquela língua. A aprendibilidade é um conceito que diz respeito a certas condições que um sistema formal, como uma gramática, deve satisfazer de modo a tornar viável o seu aprendizado tácito (cf., dentre outros, Pullum, 2001). De acordo com essa a noção, os dados lingüísticos expostos a uma criança representam um subconjunto das expressões geráveis pelo sistema formal da língua a ser adquirida, e tais expressões devem fornecer evidências que permitam a identificação do tipo de gramática em questão, sacado do universo de gramáticas formais possíveis. Isto é, os dados presentes no subconjunto de sentenças expostas a uma criança devem tornar visíveis (*aprendíveis*) os algoritmos formais da língua.

Nesse sentido, tal subconjunto não pode ser composto de informações contraditórias,

que indiquem a direção D na identificação de uma propriedade P da gramática e, ao mesmo tempo, indiquem a direção D', que leva a uma propriedade oposta a P e é característica de uma outra gramática. Dizendo de outra forma, para que se preservem as Condições de Aprendibilidade, um dos fatores a serem considerados é que não deve haver, num mesmo subconjunto de dados acessível a uma criança, evidências positivas para diferentes valores de um mesmo parâmetro lingüístico (cf. Pullum, 2001: 07). Tomando o caso específico das relativas de proposição como exemplo, uma criança em fase de aquisição do inglês não pode receber informações que indiquem o caminho para Pst e, simultaneamente, indiquem Ppp.

Em termos minimalistas, a identificação de Pst numa língua deve informar à criança que esta é a derivação mínima para uma relativa de preposição, o que conduz automaticamente à eliminação de Ppp (mais custosa) como opção derivacional. Por seu turno, a evidência de Ppp na relativização deve indicar que essa é a única derivação convergente possível (Last Resort), e o *stranding* da preposição provocará a violação de FI. O acesso indiferente a Pst e Ppp durante a aquisição torna impossível o domínio do sistema de relativização preposicionada de uma língua, pois impede a identificação do tipo de relativa (mínima ou não-mínima) licenciado pela gramática em questão.

5. A hipótese da antinaturalidade de *pied-piping* em orações relativas (APP)

Na tentativa de encontrar soluções para os problemas teóricos e empíricos acerca da relativização preposicionada apresentados nas seções anteriores, formularemos nesta tese a hipótese segundo a qual relativas Ppp não podem ser uma construção natural na gramática do inglês ou do português – e, provavelmente, em nenhuma língua humana. Assumiremos que uma gramática natural (*core-grammar*) é incapaz de gerar por si mesma esse tipo de estrutura, dadas as Condições de Economia de C_{HL}, particularmente Move F.

(25) *Hipótese APP*

Relativas Ppp são bloqueadas por C_{HL} e não existem nas línguas naturais.²⁷

No caso do inglês, a justificativa teórica para essa hipótese é bastante clara: não há motivação estrutural para o Move de PP e DP numa relativa preposicionada. Apenas o move do DP satisfaz FI e, ao mesmo tempo, preserva o *Convergence Principle*, como se vê em (26), em que (a), como estrutura mínima, deve bloquear a estrutura não-mínima (b).

(26) a. [N something [CP [DP which]_i WH [TP I can [VP write [PP with [~~DP~~ which]_i]]]]]

b. * [N something [CP [PP with [DP which]]_i WH [TP I can [VP write [~~PP~~ with [~~DP~~ which]_i]]]]]

Com efeito, estruturas Ppp como (26b) não ocorrem no vernáculo do inglês (cf. Murphy, 1995), tal como previsto pela APP. Assim, as relativas preposicionadas naturais do inglês são as Pst. Relativas Ppp devem ser analisadas como uma invenção da língua escrita formal e, portanto, serão completamente desconhecidas de indivíduos que ainda não se submeteram aos processos de letramento/escolarização e de habituação com as idiossincrasias da língua escrita. Como se trata de um tipo de comportamento lingüístico artificial, que viola propriedades naturais de C_{HL}, denominamos Ppp em relativas como estrutura *antinatural*.

No caso do português, Ppp é também uma construção inexistente no vernáculo (cf. Mollica, 1977; Tarallo, 1983; Kato, 1993; Correa, 1998; Kenedy, 2003 – com relação ao PB). Isso não significa, porém, que relativas Pst sejam automaticamente licenciadas na língua, como acontece no inglês. Como já comentado, construções Pst em português são licenciadas

²⁷ Uma possível exceção à hipótese APP seria o caso de uma língua em que Pst, cortadora e resumptivas violassem, todas, FI, legitimando assim Ppp como Last Resort em relativas preposicionadas – à semelhança do que ocorre com as interrogativas preposicionadas do português. Até o momento, não tivemos notícias desse tipo de língua.

apenas em contextos restritos. Preposições com valor lexical evidente e que nunca se apresentam amalgamadas a determinantes, como é o caso de *sem* e *sobre*, manifestam a possibilidade de *stranding* em relativas, topicalizações, clivadas e respostas a perguntas ou coordenadas. Já preposições funcionais, sobretudo as que são amalgamadas a determinantes, como *de* e *em*, não sofrem *stranding*. Trata-se de um comportamento sintático interessante: preposições com valor lexical do tipo *sem*, podem sofrer o *stranding* e nunca podem ser apagadas, ao passo que preposições como *em* nunca sofrem *stranding* e podem normalmente sofrer a supressão, como se indica nos pares a seguir.

- (27) a. É uma coisa que eu não posso ficar sem.
 b. * É uma coisa que eu não posso ficar ~~sem~~.
 c. * É um lugar que quero ir em.
 d. É um lugar que eu quero ir ~~em~~.

Em suma, relativas Pst parecem ser inquestionavelmente a derivação natural no inglês, como prevê a APP. Já em português, o bloqueio de Ppp por Pst não é imediato. Na seção a seguir veremos como relativas cortadoras e resumptivas podem ser interpretadas como espécies de relativas Pst com diferentes tratamentos em PF, e por essa razão são capazes de bloquear Ppp da mesma forma que autênticas Psts, conforme previsto pela hipótese APP.

6. A derivação de cortadoras e resumptivas

A derivação de uma relativa Pst envolve o Move apenas do DP, deixando-se *in situ* o PP que o domina, tal como representado a seguir.

- (28) a. [CP **w_H** [TP [vP [PP [DP **wh**]]]]]
 b. [CP **wh_i** **w_H** [TP [vP [PP [DP ~~w_H_i~~]]]]]

Essa é rigorosamente a mesma derivação que ocorre em cortadoras e resumptivas. Tal interpretação sintática pode parecer contra-intuitiva se considerarmos que (i) relativas cortadoras não manifestam preposição visível e, assim, não apresentariam a mesma Numeração que Ppp, já que P presente nessa falta àquela; (ii) relativas resumptivas manifestam um pronome pessoal ausente tanto em cortadoras quanto em Ppp, razão por que deveriam também possuir Numeração distinta, em que há o item “ele/ela” ausente nas outras estratégias. Entretanto, numa interpretação estritamente minimalista da linguagem, não devemos considerar que os itens que entram na derivação sejam *palavras*, com a mesma manifestação morfofonológica que reconhecemos em PF. De fato, devemos interpretar que os itens que compõem uma Numeração são *traços abstratos*, sobre os quais C_{HL} construirá objetos sintáticos (cf. Chomsky, 1995; Hornstein, Nunes e Grohmann, 2005; Marantz, 1997 entre outros).

Assim, parece correto assumir que Ppp, Pst, cortadoras e resumptivas possuem, todas, a mesma Numeração N, isto é, compartilham o mesmo conjunto de traços que dão entrada na computação. Evidência empírica disso é a interpretação idêntica que damos a esses quatro tipos de relativa em LF. Assumiremos que as diferenças entre Pst, cortadoras e resumptivas ocorrem em PF, de acordo com o tratamento, nesse componente, dos traços de P e DP que devem ser apagados para efeitos de Linearização de Cadeias (cf. Nunes, 2004), conforme ilustrado em (29) a seguir. Ou seja, antes de Spell-Out, Pst, cortadoras e resumptivas são o mesmo objeto sintático que se opõe a Ppp.

- (29) $N = \{o_2, assunto_1, de_1, que_1, professor_1, falou_1\}$
 LF = [o [N assunto_i [CP [DP que]_i **WH** [TP o professor [vP falou [PP de [DP que]_i]]]]]]
 PF₁ = [o [N assunto [CP [DP que]_i **WH** [TP o professor [vP falou [~~PP de [DP que]_i~~]]]]]]
 PF₂ = [o [N assunto [CP [DP que]_i **WH** [TP o professor [vP falou [PP de [DP ele]_i]]]]]]
 PF₃ = * [o [N assunto [CP [DP que]_i **WH** [TP o professor [vP falou [PP de [~~DP que]_i~~]]]]]]

Em PF₁, ocorre a relativa cortadora, pois os traços de P são apagados juntos aos do DP movido. Em português e nas línguas românicas de uma maneira geral, os traços de P normalmente são amalgamados aos do DP (por incorporação de núcleo, cf. Kenedy, 2003), do que resultam as contrações morfofonológicas *do, das, nas* etc. Dessa maneira, é possível que a computação de traços em PF identifique P e DP como um único objeto, daí o apagamento dos traços de P quando os de DP são também apagados na base. É em função da existência desse núcleo composto [P + DP] (cf. Salles, 1997) que se torna impossível apagar os traços do DP, mas não os de P, realizando uma relativa (agramatical) Pst como a exemplificada em PF₃.

Esse tratamento distinto para os traços de P e DP só ocorre com preposições que carregam informações lexicais e não se incorporam morfofonologicamente ao DP. Nesses casos, o núcleo [P + DP] não se estabelece, o que permite o tratamento independente, em PF, dos traços de P e de DP, como ocorre de uma maneira geral no inglês e em alguns casos do português, em preposições como *sem* e *sobre*.

Por sua vez, relativas resumptivas (cf. PF₂ acima) são, conforme Pesetsky (1997, 1998), a manifestação fonética dos traços ϕ do pronome relativo, os quais são correferentes aos do DP alvo da relativização. Assim, no lugar da cópia fonética nula na posição de base do DP relativizado, comum a cortadoras e Ppp, as resumptivas manifestam os traços de gênero, número e pessoa do DP alvo, do que resultam relativas como PF₂. Deve-se ressaltar que os

traços que compõem um pronome resumptivo são *copiados* do alvo da relativa e, por essa razão devem estar presentes na Numeração N a partir da qual uma relativa preposicionada será formada. Dessa forma, a interpretação de Pesetsky (resumptivos como cópias parcialmente realizadas em PF) não fere a Condição de Inclusividade de Chomsky (1995), já que pronomes-cópia não são palavras independentes, e sim traços de um dado constituinte.

Com essa abordagem, é possível concluir que, para C_{HL} , só há duas derivações possíveis numa relativização preposicionada: (i) mover o DP em que o traço WH se encontra ou (ii) mover o DP em que o traço WH se encontra e mais o PP que domina o DP, caracterizando na sintaxe visível (*covert*) – antes de Spell-Out – somente dois tipos de relativas, conforme (30).

- (30) Fase F = [CP **WH** [TP [VP [PP [DP wh]]]]]
 (i) [CP [DP wh]_i **WH** [TP [VP [PP [DP ~~wh~~]_i]]]]]
 (ii) * [CP [PP [DP wh]_i **WH** [TP [VP [PP [DP ~~wh~~]_i]]]]]

Como WH é um traço forte, sua eliminação deve ocorrer antes de Spell-Out, com a respectiva contraparte em PF. (30(i)) é a *derivação ótima* que satisfaz esse traço WH. O Ppp em (30(ii)) é uma derivação não-mínima, que por isso é bloqueada por C_{HL} .

Derivações Pst, cortadoras e resumptivas são formadas apenas em PF, portanto após Spell-Out, e todas as três possuem a mesma estrutura sintática subjacente que se representa em (30(i)). Por seu turno, Ppp deve ser formado antes de Spell-Out, dando origem à representação (30(ii)). De acordo com a hipótese APP, C_{HL} deve sistematicamente adotar (30(i)), respeitando assim FI e Move F. Por essa razão, (30(ii)) nunca chegará a PF e não existirá na gramática natural de uma língua.

Segundo a APP, a produção de Ppp deve ser interpretada como um fenômeno pós-

sintático artificial e antinatural, que não é produto das computações de C_{HL} e, na verdade, viola uma de suas condições naturais. Ppp é um tipo de comportamento lingüístico que deve ser aprendido formalmente, no contexto artificial da escola ou noutro ambiente de treinamento – e nunca é adquirido de forma espontânea no processo de aquisição da linguagem.

Como já indicava Emonds (1986),²⁸ o discurso formal do inglês apresenta fenômenos gramaticais artificiais, tão específicos e restritos que não poderiam ser gerados ou superdeterminados por um sistema natural. Nesse conjunto de idiossincrasias da escrita literária, certamente figuram as relativas Ppp. Como dissemos, o artificialismo desse tipo de construção pode ser evidenciado na análise de *corpora* de uso do inglês oral e espontâneo – à semelhança do que fez Tarallo (1983) ao sustentar a ausência de Ppp em PB. Dentre alguns estudiosos, Murphy (1995) apontou para a quase inexistência de relativas Ppp no uso cotidiano do inglês, por contraste à presença sistemática de relativas Pst – como afinal reconhece Radford (2004: 215). É exatamente a inexistência de Ppp no inglês que permite a aquisição das relativas preposicionadas, com respeito às condições de aprendibilidade.

7. Conclusões

Neste primeiro Capítulo, apresentamos formalmente a hipótese APP. Segundo ela, as relativas preposicionadas de uma língua natural devem ser naturalmente geradas por estratégias derivacionais tão simples quanto possível, no sentido de que envolvam o

²⁸ Emonds (1986: 96, 113) refere-se especialmente ao uso artificial de pronomes acusativos em construções nas quais o inglês vernacular marca nominativo (“I’m sure it was *him/he* who did it”). O uso de acusativo caracteriza o estilo formal, pautado pela maior semelhança com construções correspondentes em latim. Entre os artificialismos da escrita formal do PB se destacam: o uso de ênclise e mesóclise, de pronomes acusativos de 3ª pessoa, sujeitos nulos, pronomes relativos e relativas Ppp, que também aproximam a língua ao latim clássico e/ou ao português culto baseado na norma lusitana.

movimento do mínimo de material necessário para a convergência. Tal hipótese é motivada pela interpretação minimalista da natureza de FL que se vem sustentando nos últimos 15 anos da teoria lingüística.

A hipótese APP assume que estruturas como Ppp não podem ser geradas naturalmente por C_{HL}, pois violam o *Convergence Principle* em Move F (Radford, 2004: 216). Pst, cortadora e resumptivas, como relativas mínimas, devem sistematicamente bloquear a derivação de Ppp, em inglês, português e, possivelmente, qualquer língua natural.

Nos próximos capítulos, procuraremos sustentar empiricamente essa hipótese. Apresentaremos dados de *corpus* e de pesquisas sobre aquisição da linguagem em línguas de diferentes tipos, como o inglês, o espanhol, o francês e o servo-croata, que apontam para a inexistência de Ppp em condições naturais de uso da língua. Também analisaremos a condição específica da problemática PE X PB, descrevendo a hipótese da sociolingüística paramétrica e confrontando-a com evidências experimentais e de *corpus*, as quais conduzirão a uma reanálise do estatuto da relativização natural nas duas variantes continentais do português. Segundo a hipótese APP, PE e PB devem apresentar o mesmo sistema nuclear de relativização preposicionada, na qual Ppp está ausente e Pst, cortadora e resumptivas são um mesmo tipo de estrutura sintática com diferentes tratamentos em PF.

CAPÍTULO II

EVIDÊNCIAS EM FAVOR DA APP

Introdução

O *design* de FL assumido no PM apresenta-se como uma hipótese formal, que deve orientar as pesquisas no âmbito da lingüística teórica. Não obstante, tal hipótese, ao assumir que a natureza de FL é, de certa forma, influenciada por seus sistemas de *performance*, aos quais deve servir (cf. Chomsky, 2004), pode ser interpretada como muito mais do que um formalismo, mas como uma nova concepção de língua enquanto fenômeno cognitivo que vem abrindo espaços para o diálogo entre Teoria da Gramática e ciências empíricas, como a Psicolingüística e os estudos sobre a evolução humana (cf. Jenkins, 2001). Dessa aproximação resulta a hipótese de que a descrição abstrata de FL pode ter como correlato fenômenos perceptíveis no nível do desempenho lingüístico, de forma que evidências da neuropsicologia da linguagem (como as de estudos de aquisição, processamento e perda da gramática) podem ser utilizadas para validar certos modelos de linguagem como mais ou menos adequados em termos descritivos e explanatórios (no sentido de Chomsky, 1965). Trata-se de um diálogo complexo, que por vezes pode gerar questões controversas, como a proposta de redução da realidade epistemológica da gramática à sua realidade neuropsicológica ou mesmo abordagens que assumem, de alguma forma, transparência total entre representação gramatical e execução real de fala.²⁹

Não faz parte dos objetivos desta tese discutir a complexa relação entre *competência* e *desempenho* revista à luz do Minimalismo. Pensamos que as correlações entre teorias do conhecimento e do uso lingüísticos são importantes e frutíferas, mas reconhecemos que cada

²⁹ Para uma discussão detalhada sobre o assunto, ver Corrêa e Augusto (2006) e as referências ali presentes.

qual deve reservar-se o seu domínio nos estudos da linguagem, afinal, como Chomsky tem sempre reiterado, há farta evidência empírica de que as pessoas *sabem coisas e fazem coisas* – sendo essa distinção, inclusive, uma necessidade conceptual (Chomsky, 1997). Dessa forma, teremos muito cuidado ao explorar, neste Capítulo, parte do diálogo entre Teoria da Gramática e Psicolinguística, assumindo ser possível estabelecer *correlações* entre essas subáreas. Apresentaremos resultados de pesquisas experimentais sobre aquisição de orações relativas, em diferentes línguas, que parecem sustentar indiretamente, com dados empíricos, a hipótese APP. A idéia fundamental do Capítulo é que a APP seja uma hipótese formal que, para ser válida, deve encontrar correlatos no nível do desempenho linguístico.

Como dissemos no Capítulo I, a APP prevê que somente indivíduos letrados/escolarizados podem ter aprendido a utilizar a relativa Ppp, como uma espécie de habilidade paralingüística cultivada tardiamente por intermédio escrita formal. Assim, é natural esperarmos que, nos dados de fala de indivíduos ainda não submetidos ao letramento/escolarização, as relativas Ppp nunca sejam encontradas, já que essa estrutura não pode existir na gramática subjacente a tais dados. Isso parece ser confirmado em estudos independentes realizados com crianças em idade pré-escolar (ou nos anos iniciais da escolarização) falantes do inglês, do francês, do espanhol e do servo-croata, como demonstraremos.

Na seção 1 do Capítulo, será apresentado o estudo de McDaniel et al. (1998), realizado com 115 crianças com idade entre 3 e 11 anos, que tinham como língua-alvo o inglês norte-americano. Trata-se de uma pesquisa fundamental para a argumentação em favor da hipótese APP, pois é esse estudo um dos raros que reconhecem a especificidade das relativas preposicionadas, separando sua análise da dos demais tipos de relativa. Com base

em McDaniel é possível contrastar o desempenho de crianças, em tarefas como *Produção de fala induzida* e *Julgamento de gramaticalidade*, no que diz respeito a relativas preposicionadas e relativas genitivas. Esse contraste é interessante porque relativas genitivas obrigatoriamente realizam o *pied-piping* de DP e NP em inglês (*whose friend, whose car* etc.) já que o *stranding* do NP viola FI. No caso das relativas preposicionadas, o *pied-piping* de PP e DP (Ppp) não deve ocorrer, pois viola as Condições de Economia de C_{HL}.

Apresentaremos na seção 2 a pesquisa de Labelle (1990), que analisou a *Produção de fala induzida* de 120 crianças entre 3 e 6 anos de idade, em aquisição do francês do Canadá. Labelle não tratou especialmente das relativas preposicionadas, mas em seus dados é possível perceber que, nas funções sintáticas de objeto indireto e locativo, as crianças canadenses nunca realizam Ppp, derivando relativas desse tipo com o corte da preposição ou com o uso de resumptivos.

O estudo de Pérez-Leroux (1995) será apresentado na seção 3. Trata-se de um trabalho sobre a produtividade de pronomes resumptivos em orações relativas. Pérez-Leroux analisou a produção e a compreensão de 26 crianças de 3 a 6 anos em aquisição do espanhol. No cotejo com os dados do inglês e do francês, a autora demonstrou que essas 3 línguas apresentam diferentes tratamentos com respeito aos resumptivos, mas todas partilham a inexistência de relativas Ppp.

Na seção 4, consideraremos o estudo descritivo de Brito (1995) acerca das relativas preposicionadas das línguas românicas e também os dados experimentais sobre as relativas do servo-croata, com base na pesquisa de Goodluck e Stojanovic (1996), a qual parece indicar a recorrência de relativas cortadoras e a inexistência de Ppp em indivíduos ainda não letrados/escolarizados naquela língua eslava.

Ao observarmos os dados dessas pesquisas, parece legítimo esperarmos que, em português (PB, PE e outros), Ppp também não seja uma estratégia natural de relativização. Afinal, como língua indo-européia, irmã do francês e do espanhol, não há motivo aparente para que seu sistema de relativização seja dramaticamente diferente, de modo a licenciar Ppp. Os dados do PE disponíveis no CHILDES (*Child Language Data Exchange System*) e as evidências experimentais de Vasconcelos (1992) parecem confirmar essa hipótese, ainda que restritamente, conforme demonstraremos na seção 5. Todavia, há na lingüística luso-brasileira uma tradição descritiva segundo a qual as relativas cortadoras seriam uma inovação do PB, sendo o PE uma língua em que Ppp ocorreria naturalmente (cf., dentre outros, Tarallo, 1983; Kato, 1993; Perez e Mória, 1995; Corrêa, 1998; Galves, 2001; Mateus et al., 2003; Arim, Ramilo e Freitas, 2005). A incongruência entre essa suposta situação do PE e a hipótese APP será apresentada ao final deste Capítulo e mais profundamente desenvolvida nos subseqüentes.

1. Evidências do inglês³⁰

O trabalho de MacDaniel et al. (1998) é parte de uma série de estudos dos autores a respeito da aquisição de relativas em inglês (cf. McDaniel & Maxfield, 1992; McDaniel et al., 1995; McDaniel & Cairns, 1996). Essa pesquisa analisou, em particular, relativas preposicionadas e relativas genitivas, razão por que apresenta particular importância na argumentação da presente tese.

³⁰ Para simplificar a exposição e evitar o acúmulo de informações desnecessárias à argumentação em favor da hipótese APP, apresentaremos apenas o que, nos estudos a serem descritos, está essencialmente relacionado à relativização preposicionada. Muitos aspectos das pesquisas de McDaniel et al. (1998), Labelle (1990, 1996), Pérez-Leroux (1995) e Goodluck e Stojanovic (1996), não poucas vezes essenciais para a compreensão detalhada dos mesmos, serão aqui ignorados. Inclusive os resultados e as conclusões desses trabalhos que não dizem respeito às relativas de preposição não serão aqui mencionados.

As relativas genitivas do inglês são derivadas obrigatoriamente pelo *pied-piping* de DP e NP, que ocorre como Last Resort, isto é, como o único recurso pelo qual é possível preservar FI, uma vez que o *stranding* do NP é agramatical naquela língua, como se vê a seguir em (1).

- (1) a. *Stranding em genitivas*
 * This is the boy [whose] Ms. Piggy likes [cat].
 b. *Pied-piping em genitivas*
 This is the boy [whose cat] Ms. Piggy likes.

A obrigatoriedade de *pied-piping* em relativas genitivas do inglês contrasta com sua antinaturalidade em relativas preposicionadas, o que faz com que esperemos, em acordo com a APP, que crianças em fase de aquisição dessa língua realizem *pied-piping* normalmente em genitivas, mas nunca o façam nas preposicionadas.

A pesquisa de McDaniel consistiu em dois experimentos aplicados aos mesmos sujeitos. O primeiro deles é denominado *Produção de fala induzida (Elicited Production Experiment)* e consiste em provocar a fala do sujeito por meio de contextos comunicativos que induzem a descrição de *cenários*. O segundo experimento denomina-se *Julgamento de Gramaticalidade* e consiste na apresentação oral de frases aos sujeitos, os quais são instados a julgar tais frases como *aceitáveis* ou *inaceitáveis*, conforme sua percepção.

1.1. Sujeitos

Os experimentos da pesquisa contaram com a participação de 115 crianças norte-americanas, distribuídas em 3 grupos, conforme a faixa etária, além de um grupo de controle formado por 20 adultos, que possuíam escolarização média completa. A tabela abaixo indica as faixas etárias consideradas.

FAIXA ETÁRIA	NÚMERO DE SUJEITOS	MÉDIA ETÁRIA	IDADE
Young	36	4 anos e 9 meses	de 3 anos e 11 meses a 5 anos e 11 meses
Middle	53	7 anos e 6 meses	de 6 anos e 3 meses a 8 anos e 11 meses
Old	26	10 anos e 1 mês	de 9 anos e 1 mês a 11 anos e 11 meses
All	115	7 anos e 3 meses	de 3 anos e 5 meses a 11 anos e 11 meses
Control (adults)	20		

Tabela 1: distribuição dos sujeitos em faixas etárias em McDaniel et al. (1998).

Todas as crianças foram selecionadas em maternais e escolas primárias públicas e privadas das regiões de Portland, Maine e Tucson (Arizona). Como indicaram os autores, a origem social dos sujeitos foi cuidadosamente considerada na seleção das crianças, de modo a constituir um grande grupo de sujeitos oriundos de todos os estratos sócio-econômicos. Tal cuidado torna-se metodologicamente necessário para que a presumível inexistência de Ppp em relativas não possa ser associada a um possível ambiente de fala iletrada da criança.³¹

1.2. Materiais

Tanto o primeiro como o segundo experimento contaram com o mesmo tipo de material: relativas com diferentes tipos de extração, conforme apresentado na tabela a seguir.

TIPO DE EXTRAÇÃO	EXEMPLO
Sujeito	The truck that is driving to work.
Objeto direto	The cat that Goofy petted.
Oblíquo	The girl that the giraffe is sitting on.
Genitivo	The robber whose rope Dorothy is swinging.

Tabela 2: materiais dos experimentos de MacDaniel et al. (1998).

No primeiro experimento, essas relativas eram provocadas na fala das crianças, através de situações no cenário que as induziam. No segundo, as frases eram produzidas pelo pesquisador e, em seguida, submetidas à análise dos sujeitos. Em ambos os casos, os sujeitos

eram testados individualmente, com um intervalo de sete dias entre um experimento e outro.

1.3. Primeiro experimento

Os cenários usados na tarefa de produção induzida eram compostos por pares de bonecos exatamente idênticos, por exemplo, dois coelhos, duas girafas, dois caminhõezinhos etc., indistinguíveis visualmente um do outro. Cada membro desses pares envolvia-se numa situação diferente no cenário, o que tornava sua identificação dependente dos eventos desenvolvidos à frente da criança. Numa situação, por exemplo, há dois porquinhos e a Minnie Mouse num mesmo cenário. A Minnie salta por cima de um dos porquinhos. Para esse cenário, a construção alvo é uma relativa Ppp, como descrevem os autores: “scenario: 2 pigs, Minnie Mouse jumps over one pig (target: the pig that Minnie Mouse is jumping over)”. Assim, os diferentes eventos ocorridos nos cenários induziam a produção de diferentes tipos de relativa (com extração de sujeito, objeto direto, oblíquo ou genitivo).

1.4. Procedimentos

McDaniel et al. (1998: 313) citam os procedimentos no estilo *jogos com a linguagem*, com referências em Hamburger e Crain (1982), Crain et al. (1990) e McKee et al. (1998), como aqueles em que se fundamentaram na aplicação do experimento de *Produção de fala induzida*. Há dois pesquisadores na execução desse experimento. O primeiro deles narra uma pequena história e manipula os bonecos do cenário de acordo com os eventos narrados (*Acting out*), enquanto o segundo observa a encenação junto da criança. Ao final da pequena narrativa/encenação, o segundo pesquisador deve vendar os olhos, e, neste momento, o primeiro pesquisador escolhe um dos bonecos idênticos, indicando-o à criança através de

³¹ Atentos a essa variável, McDaniel et al. (1998: 314) citam a presença, entre os sujeitos do experimento, de filhos de pessoas com alto nível de escolarização, inclusive Ministros de Estado.

gestos. A partir de então tem início um pequeno jogo. O segundo pesquisador retira as vendas, e a criança deve instruí-lo verbalmente a pegar o boneco para o qual o primeiro pesquisador havia apontado. Como os bonecos são idênticos e distinguem-se somente pelos eventos narrados e visíveis para o primeiro pesquisador e a criança, há aqui um contexto comunicativo em que a produção de uma relativa torna-se provável, já que é preciso delimitar o universo de referência de uma expressão nominal como *o coelho, a girafa, o caminhãozinho* etc. Assim que a criança produzisse uma frase completa e significativa, dentro de no máximo três tentativas, o segundo pesquisador deveria pegar o brinquedo citado pela criança, como ilustrado na citação que se segue.

Protocol designed to elicit the genitive relative.

Exp. 1 [introducing props]: There are two robbers in this story and they look exactly the same. [lay robbers down] There are also two ropes and they look exactly the same too. This is this robber's rope and this is this robber's rope. [puts one rope under each robber] Dorothy is in this story too. She's going to come along and swing one of the robber's ropes. [Exp. 1 makes Dorothy swing one robber's ropes, and then speaks to Exp 2] Cover your eyes. [Exp. 2 covers eyes. Exp. 1 continues the rope-swinging and speaks to subject] Now I'm going to point to one of the robbers and you tell Exp. 2 to pick him up.

Subject: Pick up the robber whose rope Dorothy is swinging.

Exp. 2 [uncovers eyes and picks up designated robber]: Did I get the right one?³² (McDaniel et al., 1998: 313)

1.5. Resultados

Os resultados do experimento 1 indicam a utilização quase categórica (acima de 95%) de Pst na formação de relativas preposicionadas por parte de todos os grupos etários –

³² Tradução: “Protocolo para ensinar uma relativa genitiva. Exp. 1: Há dois ladrões nesta história e eles são exatamente iguais. [põe os ladrões no cenário] Há também duas cordas e elas também são exatamente iguais. Esta é a corda deste ladrão e esta é a corda deste ladrão. [põe uma corda embaixo de cada ladrão]. Dorothy também está nesta história. Ela virá até aqui e puxará uma das cordas dos ladrões. [Exp. 1 faz com que Dorothy puxe uma das cordas dos ladrões, e então fala para o Exp. 2] Vende seus olhos. [Exp. 2 venda os olhos. Exp. 1 continua a puxada da corda e fala ao sujeito] Agora vou apontar para um dos ladrões e você dirá ao Exp. 2 para pegar esse ladrão. Sujeito: Pegue o ladrão cuja corda Dorothy está puxando. Exp. 2: [desvenda os olhos, pega o ladrão indicado]: Peguei o certo?”

inclusive no grupo controle dos adultos. As estratégias resumptiva e cortadora mostraram-se marginais, com percentual reduzido a 2% ou 3% entre os grupos. Como é previsto pela hipótese APP, Ppp não apresentou nenhuma ocorrência, nem mesmo entre o grupo dos adultos, como demonstrado no gráfico 1 a seguir.

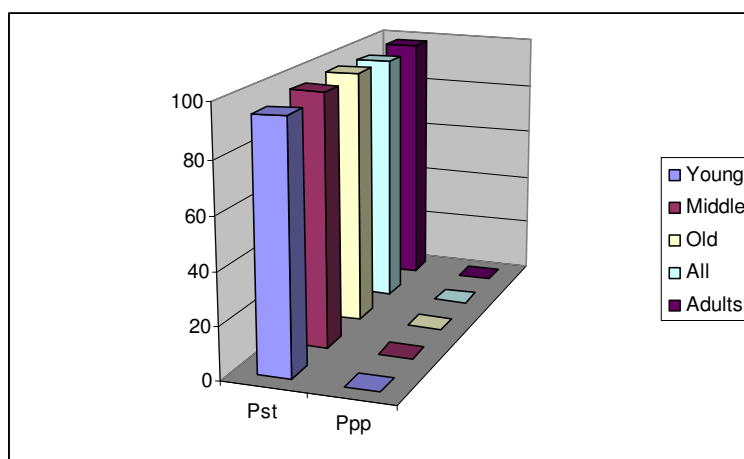


Gráfico 1: distribuição de Pst e Ppp entre os sujeitos
(adaptado de McDaniel et al., 1998: 316).

Padrão oposto foi manifestado nas relativas genitivas, em que o *stranding* do NP nunca ocorre. Isso, no entanto, não leva à produção sistemática do *pied-piping* do genitivo e do NP, embora essa estratégia tenha sido catalogada com 15% de ocorrência. Derivações resumptivas, cortadoras (do marcador genitivo), o uso do conectivo *that's*, além de outras estratégias menos sistemáticas foram derivações independentes (sem competição entre si) por meio das quais se formaram as relativas genitivas dos sujeitos, conforme o gráfico seguir. Apenas o grupo controle (adultos) realizou sistematicamente o *pied-piping* nas relativas genitivas.

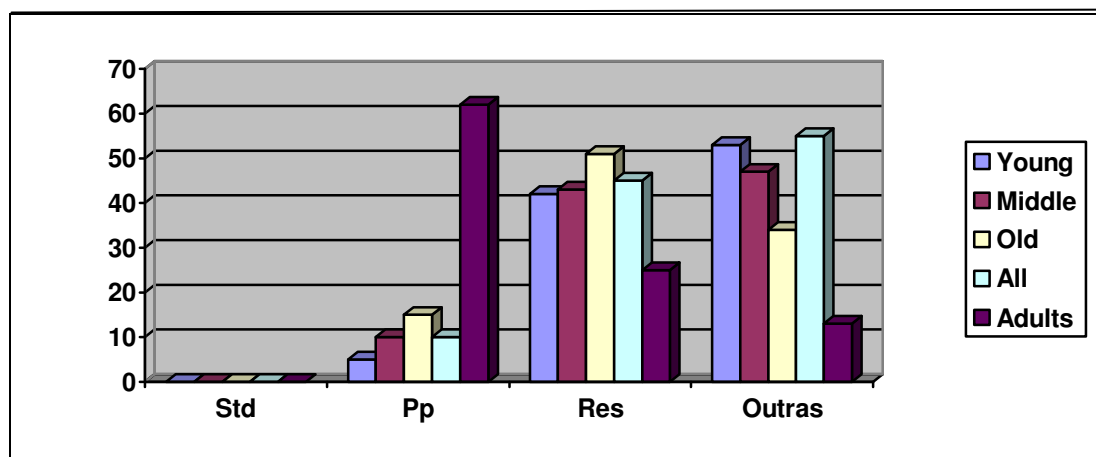


Gráfico 2: distribuição de relativas genitivas
 (Std = stranding do genitivo, Pp = Pied-piping do genitivo, Res = resumtiva)
 (adaptado de McDaniel et al., 1998: 316).

McDaniel et. al (1998: 317) assim resumizam os resultados do experimento 1.

Our production data show that even the youngest children we tested have prepositional stranding as an option in their grammar. Preposition pied-piping, on the other hand, was never produced by any subject, including adults. While our data contained fewer genitive relatives, these showed the opposite pattern: Genitive pied-piping, rather than stranding, appears to be the option in our subjects' grammars.³³

1.6. Segundo experimento

Nesse experimento, os sujeitos foram levados a emitir julgamentos de gramaticalidade sobre frases que os pesquisadores lhes apresentavam. As crianças eram rerepresentadas aos cenários que compunham o primeiro experimento e ouviam o pesquisador proferir frases que descreviam as relações entre os bonecos do cenário. A tarefa do sujeito consistia simplesmente em dizer *sim* ou *não* caso considerasse a frase proferida *corretalnormal* ou *incorretalanormal*.

³³ Tradução: “Nossos dados de produção mostram que mesmo as crianças mais novas testadas apresentam *prepositional-stranding* como uma possibilidade em sua gramática. *Preposition pied-piping*, por outro lado, não foi produzido uma vez sequer, mesmo entre os adultos. Apesar de nossos dados apresentarem poucas relativas genitivas, essas manifestaram padrão oposto: *genitive pied-piping*, em vez de *stranding*, parece ser a opção na gramática de nossos sujeitos.”

1.7. Procedimentos

Em conversas e brincadeiras com os sujeitos, realizadas antes do experimento, os pesquisadores procuraram fazer com que as crianças compreendessem a língua como um objeto passível de análise. Para tanto, chamavam-lhes a atenção para fatos como a existência de línguas estrangeiras, os erros que falantes não-nativos do inglês cometem e que são percebidos pelos falantes nativos, além de outras ilustrações que cumpriam a tarefa de levar a criança a pensar na *estrutura* da língua ao julgar as frases a serem apresentadas, independente de sua condição de verdade. Após essa preparação à aplicação dos experimentos, os seguintes protocolos eram cumpridos.

Protocol designed to elicit judgments of the relative clauses

Exp. [using props to illustrate]: Suppose that we have these two robbers and Dorothy talked to this robber. [makes Dorothy talk to robber and then holds out robber] Is it right to say, “This is the robber who Dorothy talked to”?

Subject: Right.

Exp.: How about, “This is the robber to whom Dorothy talked”?

Subject: Wrong.³⁴ (McDaniel et. al., 1998: 318)

1.8. Resultados

Todas as faixas etárias testadas demonstraram altíssima aceitação de Pst nas relativas preposicionadas: 94% de Young e 100% de Middle, Old e Adult consideram Pst uma construção legítima em sua língua. Por contraste, crianças Young aceitam Ppp em apenas 6% dos casos, Middle em 17% e Old 54%, num claro processo ascendente de aceitação que pode ser associado ao crescimento da escolarização dos indivíduos em sociedades letradas como a norte-americana, o que se confirma com os 87% de aceitação de Ppp registrados entre os adultos.

³⁴ Tradução: “Protocolo para ensinar o julgamento de orações relativas; Exp. [usa brinquedos ilustrar]: Suponha que tenhamos esses dois ladrões e Dorothy fale com este ladrão. [faz Dorothy falar com um ladrão e, então, segura esse ladrão nas mãos] É correto dizer “esse é o ladrão que Dorothy estava falando”? Sujeito: Correto. Exp.: Que tal “esse é o ladrão com quem Dorothy estava falando”? Sujeito: Errado.”

Por sua vez, o *stranding* em genitivas (Gst) foi considerado categoricamente inaceitável por quase todos os grupos, com exceção de Young, que apresentou 19% de aceitação. O *pied-piping* em genitivas (Gpp) demonstrou níveis altos de aceitação, variando de 72% a 95%, como é possível verificar no gráfico abaixo.

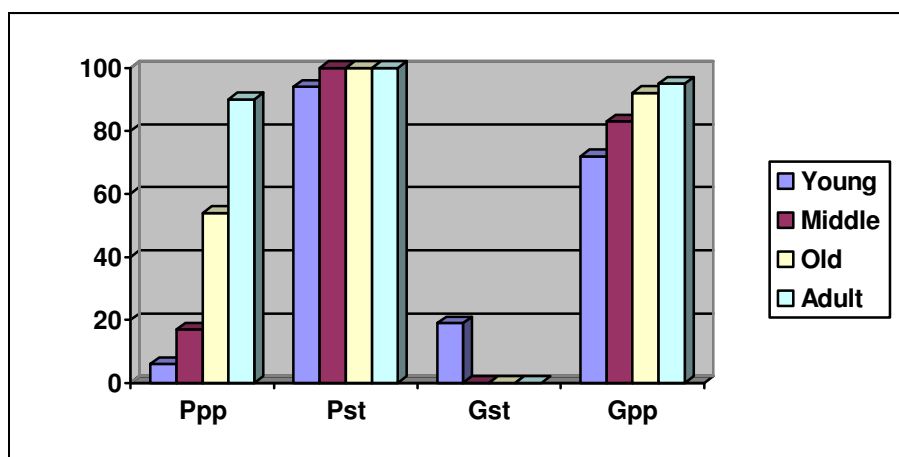


Gráfico 3: aceitação de relativas preposicionadas e genitivas (adaptado de McDaniel et al., 1998: 323).

1.9. Discussão

Os dados dos dois experimentos de McDaniel et al. (1998) parecem indicar que as crianças de fato não possuem Ppp em sua gramática natural. Como se pôde ver, relativas preposicionadas são quase sempre derivadas via Pst – e relativas Ppp nunca são produzidas, mesmo em se tratando de indução de fala em interação com adultos. Além disso, nas tarefas de julgamento, as crianças mais jovens não reconhecem Ppp como uma construção possível em sua língua, considerando-o sistematicamente inaceitável. Essa estrutura passa a ser aceitável somente entre as crianças em idade já avançada, época em que os efeitos da escolarização e da habituação com os formalismos da escrita já parecem surtir resultados, e ainda assim com percentuais reduzidos ou médios. Todos esses dados são completamente compatíveis com a hipótese APP – e, com efeito, são por ela previstos: a gramática do inglês

deve licenciar Pst como a derivação mínima para uma relativa preposicionada, sendo Ppp bloqueado em C_{HL}.

As relativas genitivas são um bom exemplo de estrutura que pode ser cotejada com as preposicionadas, pois elas também são derivadas pelo Move de dois constituintes (*pied-piping*). Como foi visto, embora utilizem estratégias de derivação independentes (como o corte do marcador genitivo ou o complementador *that's*), as crianças sempre realizam o alçamento duplo quando as genitivas são mediadas pelo pronome *whose*. Essa estrutura foi usada em cerca de 15% dos casos no primeiro experimento, e foi reconhecida como aceitável com média de 80% na tarefa de Julgamento. Novamente, esses resultados são previstos pela APP. Nas genitivas, o *stranding* do DP viola FI, razão por que o *pied-piping* é acionado (quando *whose* está na Numeração). A propósito, a existência de *pied-piping* em relativas genitivas (e também em interrogativas Ppp) é algo natural em C_{HL}, e por isso essas estruturas são encontradas na fala de crianças já a partir dos 2 anos de idade (cf. MacDaniel, 1998: 326), por contraste à antinaturalidade de Ppp prevista pela APP.³⁵

2. Evidências do francês

Os estudos de Labelle (1988, 1990) tiveram o objetivo de discutir a existência ou não de regra Movimento de pronomes relativos na competência lingüística de crianças em fase de aquisição do francês do Canadá. Labelle (1990: 66) assumiu, com base na literatura citada em seu estudo, que crianças em aquisição do inglês são capazes de derivar relativas com o Move visível de pronomes (*who*, *whose*, *where* etc.) a partir dos 2 anos de idade, por contraste aos dados do francês (cf. Labelle, 1988), em que as relativas de crianças de qualquer idade

³⁵ A existência de interrogativas Ppp na fala de crianças já a partir dos 2 anos de idade deve indicar que a inexistência de Ppp em relativas apontada por McDaniel et al. (1998) não pode ser associada a algum fenômeno mais geral como *ausência* ou *maturação* da operação Move na gramática dessas crianças.

parecem ser mediadas exclusivamente pelo complementador *que*, gerado na base.

Labelle teve a intenção de argumentar contra a hipótese de que ocorra Move (de operador nulo ou de DP) na formação das relativas das crianças canadenses. Para a autora, na derivação desse tipo de estrutura ocorre uma regra de predicção (aplicada em LF) – assim, as relativas das crianças falantes do francês devem ser derivadas *in situ*, sem regra de Movimento antes de Spell-Out. Para sustentar sua hipótese, Labelle aplicou testes de *Produção de fala induzida* em 120 crianças entre 3 e 6 anos, a fim de verificar a existência (ou a ausência) de estratégias que indiscutivelmente envolvem Move, como *pied-piping* ou mesmo relativas de sujeito mediadas por pronome relativo.

Apesar de não se tratar de um estudo especialmente dedicado à relativização preposicionada, os dados de Labelle (1988, 1990) apresentam referências a relativas com função de objeto indireto e com função oblíqua que serão muito úteis como evidência empírica em favor da hipótese APP.

2.1. Sujeitos

Participaram do experimento 120 crianças da região de Ottawa, pertencentes a diferentes classes sócio-econômicas, com idade entre 3 e 6 anos.

2.2. Materiais

As frases alvo da situação de fala induzida criada no experimento foram distribuídas em 5 tipos, conforme o local da possível extração de uma categoria.

TIPO DE EXTRAÇÃO	EXEMPLO DAS RELATIVAS-ALVO
Sujeito	La fille qui court.
Objeto direto	La balle que le garçon lance.
Objeto indireto	La fille à qui la madame fait un sourire.
Locativo	Le boîte dans laquelle la fille est cachée.
Genitivo	Le garçon dont le chien dort.

Tabela 3: materiais dos experimentos de Labelle (1990).

Essas construções-alvo refletem as relativas-padrão do francês para cada uma das diferentes funções sintáticas elencadas. Segundo Labelle (1990, 1996), tais relativas-padrão são naturais no uso corrente de adultos, sobretudo na escrita, inclusive o Ppp exemplificado na extração de objeto direto e de locativo.³⁶

2.3. Procedimentos

Trata-se de um experimento de *Produção induzida*. As crianças eram convidadas a colorir cartões com desenhos de figuras em preto e branco. Eram-lhes apresentados dois cartões por vez, cada qual continha variações de um mesmo tipo de desenho. Cada criança deveria escolher um dos dois cartões, por meio de comandos verbais. Nas variações dos desenhos, os personagens dos cartões desempenhavam diferentes ações, as quais ensejavam as relativas-alvo do experimento, como descreve a autora.

The examiner showed the child a piece of cardboard on which two black-and-white pictures were placed side by side. On each picture, the object or character corresponding to the target of relativization was involved in a different activity. The examiner asked the following question: “On which [X] do you want to put your sticker?” (“Sur quel [X] est-ce que tu vas mettre ton collant?”).³⁷ (Labelle, 1990: 97)

2.4. Resultados

À semelhança dos dados do inglês descritos em McDaniel et al. (1998), nenhuma das 120 crianças estudadas por Labelle jamais produziu sequer uma estrutura Ppp. Tampouco nenhum caso de Pst foi registrado, já que, diferentemente do que ocorre em inglês, em

³⁶ Note-se que a função de locativo pode não apresentar Ppp ou cortadora (ou resumptiva), já que pode ser mediada pelo alçamento de apenas um pronome, como “ou” (*where, onde*).

³⁷ Tradução: “O pesquisador mostrava à criança uma carta em que duas figuras em preto e branco eram colocadas lado a lado. Em cada figura, o objeto ou o personagem correspondente ao alvo da relativização encontrava-se envolvido numa atividade diferente. O pesquisador fazia a seguinte pergunta: em que [X] você quer colocar o seu adesivo?”

francês o *stranding* da preposição viola FI. Assim, as relativas preposicionadas produzidas pelas crianças canadenses são fundamentalmente as cortadoras (53%) e as resumptivas (31%), como prevê a APP. A seguir, apresentamos exemplos desses tipos de relativa em francês.

(2) *Relativas resumptivas*

Celle-là qu le papa lui montre un dessin. (JF: 5;00)

(3) *Relativa cortadora*

Sur la petite fille que le monseieur il montre un dessin. (MJ, 3;06)

Interessantemente, as crianças também produziram um percentual significativo (16%) de relativas preposicionadas em que todo o DP movido recebia manifestação fonética em sua posição de base (*Sur la boîte que la petite fille est debout sur la boîte*). Isso é evidência de que, em PF, além do silenciamento completo dos traços do DP movido ou da manifestação de seus traços ϕ , é também possível a realização de todos os traços desse DP. No gráfico 4, ilustra-se a distribuição das relativas preposicionadas encontradas no experimento.

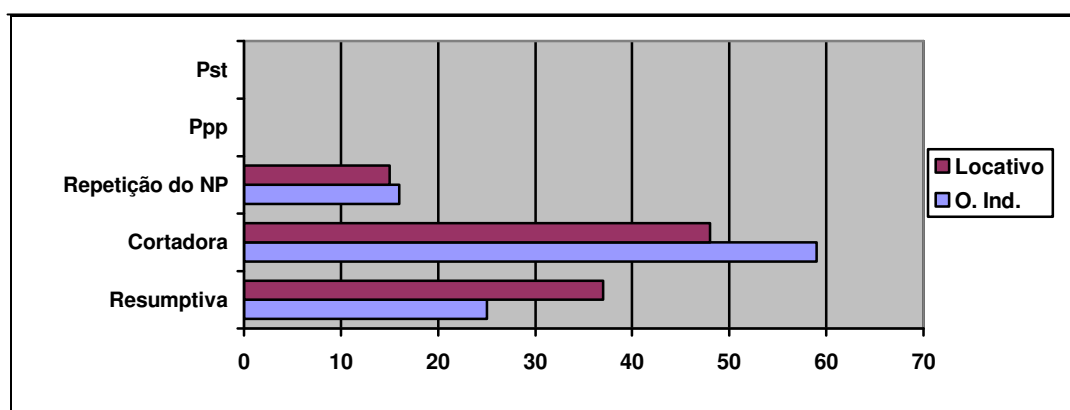


Gráfico 4: Produtividade das relativas preposicionadas (adaptado de Labelle, 1990: 99).

2.5. Discussão

Os dados da pesquisa de Labelle (1990) parecem ser completamente compatíveis com a hipótese APP. Por um lado, as crianças em aquisição do francês evitam categoricamente a produção de Ppp, apesar de esse tipo de relativa ser tradicionalmente considerado padrão na língua dos adultos. Por outro, a amálgama dos traços de P e DP em francês impede o licenciamento de Pst, razão porque as relativas cortadoras são tão produtivas, ao lado das resumptivas (e também da repetição do DP), já que todas compartilham o Move apenas do DP, deixando P *in situ*, e se distinguem apenas em PF, conforme o tratamento que lá se dispensa aos traços de P e de DP.

Deve-se ter em conta que a inexistência de Ppp nas relativas do francês nada tem a ver com uma possível gramática em formação nas crianças, que ainda não seria capaz de derivar estruturas complexas via Move. Como indica Labelle (1990: 108), o *pied-piping* ocorre regularmente na formação de interrogativas preposicionadas, desde muito cedo – já aos 2 anos de idade (*Sur quoi on pese?* (JF 2;00)). Essa assimetria levou Labelle a assumir a controversa hipótese segundo a qual as crianças canadenses adquirem cedo o Move de constituinte *wh-* apenas nas interrogativas, ficando para muito mais tarde o Move nas relativas – diferentemente do que ocorre em inglês, língua em que o Move de *wh-* aparece cedo nos dois tipos de construção.

3. Evidências do espanhol

A pesquisa de Pérez-Leorux (1995) procurou contrastar a produtividade da estratégia resumptiva nas relativas de três línguas: inglês, francês e espanhol. Trata-se de um experimento de *Produção de fala induzida*, aplicado em um grupo de crianças em fase de aquisição do inglês e em um outro grupo em aquisição do espanhol, que tiveram como

objetivo discutir o estatuto dos pronomes resumptivos nos estudos sobre as categorias vazias na Teoria da Gramática. Pérez-Leroux assumiu a hipótese de que resumptivos são formados em decorrência de Move e não são gerados *in situ*, ao contrário do que assumiu, por exemplo, Labelle (1990). A autora cotejou seus dados da fala infantil do inglês e do espanhol aos dados do francês (Labelle, 1988, 1990), a fim de identificar possíveis diferenças translingüísticas no recurso aos resumptivos como estratégia de relativização.

Novamente, não se trata de um estudo dedicado ao fenômeno Ppp em particular. Não obstante, já que a autora considerou o uso de resumptivos também em função regida por preposição (oblíquo e locativo), é possível cotejar a produtividade das relativas resumptivas com as demais teoricamente disponíveis na gramática das crianças (cortadora e Ppp), de modo a verificar se as previsões da APP se confirmam ou não também em espanhol.

3.1. Sujeitos

Participaram dos experimentos 26 crianças em fase de aquisição do espanhol, com idade entre 3 anos e 5 meses e 6 anos e 8 meses.³⁸

3.2. Materiais

O experimento de *Produção induzida* (cujos resultados nos interessa analisar) consistia na criação de um contexto comunicativo junto à criança, o qual favorecia a produção de relativas de cinco tipos, por meio de procedimentos semelhantes aos aplicados no experimento de Labelle (1990).

A diferença importante é a presença de uma estrela que aparece destacada sobre numa das duas figuras que eram apresentadas às crianças. A presença da estrela numa figura, por

³⁸ É notável que a autora não tenha explicitado em seu artigo o perfil sociolingüístico dos sujeitos testados.

oposição à outra em que a estrela não aparece, induzia certo tipo de relativa, como ilustrado a seguir.

TIPO DE EXTRAÇÃO	CONTEXTO COMUNICATIVO
Sujeito	Un niño tira la pelota. Un niño pinta la pelota. ¿Cual niño tiene la estrellita?
Objeto direto	Un vaquero peina un caballo. Un vaquero pasea un caballo. ¿Cual caballo tiene la estrellita?
Oblíquo	Una niña duerme con un perro. Una niña juega con un perro. ¿Cual perro tiene la estrellita?
Locativo	Una niña se sienta en una caja. Un carro entra en una caja. ¿Cual caja tiene la estrellita?
Genitivo	Las niñas pasean sus perros. Un perro tiene sombrero. Un perro no. ¿Cual niña tiene la estrellita?

Tabela 5: materiais dos experimentos de Pérez-Leroux (1995: 136).

Tendo como parâmetro a fala adulta padrão do espanhol, espera-se para as funções *oblíqua* e *locativa* a produção de relativas Ppp, como “*El perro con que la nina duerme*” e “*La caja en que el carro entra*”. É importante notar que, com a metodologia adotada nesse experimento, é possível que a criança recorra a outras posições de extração diferentes daquelas esperadas num dado contexto comunicativo. Por exemplo, para o contexto oblíquo, seria possível criar uma relativa de sujeito (“*El perro que durme con la nina*”). Assim, Pérez-Leroux (1995: 123) assume criar mais liberdade e naturalidade à produção das crianças, por oposição ao estudo de Labelle (1988, 1990) em que os materiais seriam mais rigidamente induzidos.

3.3. Procedimentos

As crianças eram convidadas a participar de um jogo, no qual deveriam descrever, verbalmente e em interação com o pesquisador, o cartão que continha uma estrela colorida. Havia sempre dois cartões com os mesmos personagens, que desempenhavam ações diferentes (cf. Tabela 5 acima), e em apenas um desses cartões estava a estrela.

The task used was modeled after Labelle (1988). It consisted of a picture-cued relative elicitation task, where pictures of characters were presented to the child. One of the characters was identified by a colored sticker in the shape of a star, and the child was asked to explain for the experimenter which item was marked by the star. The picture was placed so that it could not be visible from the experimenter's perspective.³⁹ (Pérez-Leroux, 1995: 121-22)

3.4. Resultados

Em função da maior liberdade na construção das frases, as relativas preposicionadas apresentaram baixo percentual de ocorrência. Apenas 35 foram catalogadas dentre as 381 relativas produzidas no total. Dentre essas 35, nenhuma era Ppp ou Pst (ou repetição do DP). Foram produzidas 14 relativas cortadoras e 21 resumptivas, como se demonstra a seguir em escala percentual.

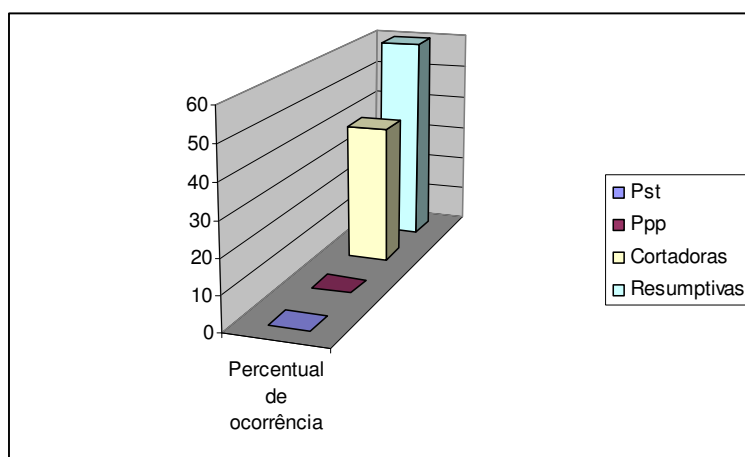


Gráfico 5: percentual das estratégias de relativização preposicionada em espanhol (adaptado de Pérez-Leroux, 1995: 123).

³⁹ Tradução: “O experimento aplicado baseou-se em Labelle (1988). Consistiu em um teste de produção induzida do tipo “cartão-pista”, em que figuras de personagens eram apresentadas à criança. Um dos personagens era identificado por uma adesivo colorido em forma de estrela, e a criança tinha de dizer ao pesquisador qual era o item que estava marcado com a estrela. A figura foi estrategicamente localizada, de modo que não estivesse visível na perspectiva do pesquisador.”

3.5. Discussão

O desempenho de crianças em aquisição do espanhol aproxima-se do que foi verificado em francês na pesquisa de Labelle (1990): Ppp parece não existir na relativização natural dessa língua, bem como Pst está ausente. Mais uma vez, tais resultados são previsíveis a partir da hipótese APP: Ppp é uma construção impossível de ser gerada em C_{HL} e, nas línguas românicas, Pst viola FI na maioria dos casos. Assim, relativas preposicionadas são derivadas com o corte da preposição ou com a sua manutenção seguida de um pronome resumptivo, fenômenos que ocorrem em PF, após o alçamento isolado do DP deixando *in situ* a preposição antes de Spell-Out.

Também à semelhança do francês, *pied-piping* ocorre naturalmente, desde os dois anos de idade, na gramática das crianças em aquisição do espanhol, quando encaixado em orações interrogativas (*Con quién saíste?*(JC; 2;3)). Assim, a ausência absoluta de Ppp em relativas não pode ser explicada por um princípio geral como ausência de Move ou restrição ao Move de PP.

4. Evidências de outras línguas

Além das evidências do francês e do espanhol, dados de uma outra língua irmã, o italiano, também parecem dar suporte à hipótese APP. Num estudo comparativo entre português, espanhol, francês e italiano, baseado em *corpora* de fala e escrita, Brito (1995) apontou que as relativas cortadoras são uma construção bastante produtiva na realidade oral de todas essas línguas.⁴⁰

⁴⁰ Brito (1995: 75-6) cita dados de análise de *corpus* como os de Tarallo (1985) e Dinis (1987), mas não descreve explicitamente as fontes estatísticas de sua assunção de que as cortadoras são comuns na realidade oral das quatro grandes línguas românicas.

É cada vez mais freqüente nas quatro línguas, sobretudo na linguagem oral, o uso das formas *que / che* em contextos em que seria de esperar o emprego quer de PREP + *que / o qual* quer de *onde, où, cujo + N, cui, dont* quer de SN + *de que / qual / quem* e seus correspondentes.

(22a) A pessoa que te falei é minha amiga.

(Em vez de: A pessoa de quem te falei...)

(22b) Este es el asunto que te hablé.

(Em vez de: Este es el asunto de que te hablé.)

(22c) La settimana che sono stata in Itália ha fatto bel tempo.

(Em vez de: La settimana nella quale sono stata...)

(22d) Il y a des jours que j'ai tout le temps envie de dormir.

(Em vez de: Il y a des jours où j'ai tout le temps...)

Os exemplos poderiam multiplicar-se. (Brito, 1995:75)

Considerando-se que a alta da produtividade da relativa cortadora nas línguas românicas verifica-se, segundo Brito (1995: 76) e também Blanch-Benveniste (1990), já entre indivíduos escolarizados, é legítimo esperarmos que essa estratégia (ao lado da resumptiva) seja ainda mais produtiva entre pessoas não submetidas ao letramento/escolarização, dentre as quais Ppp deve ser uma estrutura desconhecida.

Para além das evidências das línguas românicas e do inglês, há na literatura sobre aquisição da linguagem dados de uma língua eslava que parecem corroborar a inexistência de Ppp na gramática de indivíduos pré-letrados. Goodluck e Stojanovic (1996) aplicaram um experimento de *Produção induzida*, adaptado de Labelle (1990), em 42 crianças entre 4 e 6 anos de idade, falantes do servo-croata, residentes da província croata de Vojvodina. Os autores concluíram que, apesar do uso padrão do servo-croata registrar Ppp, como ocorre também no inglês, no francês e no espanhol, as crianças de seu experimento jamais produziram esse tipo de estrutura. Entre as crianças servo-croatas, registraram-se, nas relativas de preposição, apenas as estratégias cortadoras e resumptivas. Como essa língua eslava também não licencia Pst, os dados Goodluck e Stojanovic (1996) também parecem confirmar a hipótese APP.

5. Discussão geral

Os resultados das pesquisas descritas parecem indicar que crianças falantes de línguas diferentes pertencentes a famílias lingüísticas distintas apresentam comportamento similar no uso de relativas preposicionadas: todas elas evitam completamente Ppp. A diferença significativa ocorre com o inglês, língua que licencia a derivação Pst – o que faz com que essa estratégia seja quase categórica entre as crianças norte-americanas, com mais de 95%. Por seu turno, francês, espanhol, italiano e servo-croata não licenciam Pst, mas isso não leva à produção de Ppp. Nessas línguas, as relativas preposicionadas são derivadas ou com o corte da preposição ou com a sua manutenção na posição de base seguida de um pronome resumptivo.

Esses dados são plenamente compatíveis com a hipótese APP. Primeiramente, a inexistência de Ppp na fala das crianças pode ser explicada pelo bloqueio dessa estrutura em C_{HL} , já que se trata de uma violação de Move F. Em segundo lugar, as diferenças entre o inglês, de um lado, e as línguas românicas e o servo-croata, de outro, podem ser explicadas em função da computação dispensada em PF aos traços de P e de DP. Enquanto, em inglês, P e DP possuem traços totalmente independentes, nas outras línguas esses traços estão amalgamados, formando o núcleo complexo [P + DP] (cf. o modelo de Salles, 1998). A independência dos traços de P permite, em inglês, o apagamento, na base, apenas dos traços do DP (Pst), enquanto, nas línguas românicas e no servo-croata, o apagamento dos traços do DP leva ao apagamento de P (relativa cortadora), já que [P + DP] é um conjunto coeso de traços. Pelas mesmas razões, a manutenção, na base, dos traços ϕ do DP leva à manifestação de P (relativa resumptiva).

Assim, todas essas línguas parecem compartilhar, em C_{HL} , o mesmo sistema de

relativização preposicionada, com o Move apenas do DP, deixando P *in situ*. As diferenças superficiais entre elas dão-se após Spell-Out, quando da manifestação fonética dos traços na base de P e DP. Com essa interpretação, as diferenças entre as relativas do inglês e do francês, por exemplo, devem ser explicadas em função da realização morfofonológica dos traços de certos constituintes, e não em termos de sintaxe estrita.

6. O português: caso-problema

Infelizmente, não há (ou não conhecemos) pesquisas experimentais sobre aquisição de relativas em língua portuguesa que tenham sido dedicadas especialmente ao problema das relativas preposicionadas. Estudos como os de Perroni (2001) e Corrêa (1998), com dados do PB, e Vasconcelos (1992), com relação ao PE, apresentam uma visão importante sobre o desenvolvimento das relativas em crianças brasileiras e portuguesas, mas não possuem informações sobre as relativas de função preposicionada que permitam o cotejo com trabalhos como os de Labelle (1990) e McDaniel (1998). Não obstante, é natural prevermos que a situação das crianças em fase de aquisição do português não poderá ser dramaticamente diferente do que se verifica nos estudos do francês e do espanhol.

Com relação ao PB, sabemos, desde pelo menos Mollica (1977), que relativas Ppp não fazem parte do vernáculo. Logo, não há expectativas de encontrarmos esse tipo de estrutura na produção de crianças em idade pré-escolar ou ao início do letramento/escolarização.

Com efeito, a pesquisa de Corrêa (1998) indicou que relativas Ppp são um grande problema para os estudantes brasileiros de todos os níveis, mesmo entre universitários: apesar de anos de exposição à língua escrita formal, estudantes brasileiros já com muitos anos de

escolarização demonstram freqüente disfluência no uso de Ppp.⁴¹ Portanto, é esperado que não haja relativas Ppp nas relativas de crianças brasileiras, em função de essas inexisterem no *input* que alimenta a aquisição do PB.

Quanto ao PE, encontramos uma situação peculiar. Diferentemente do PB e das demais línguas românicas, assume-se tradicionalmente que as relativas preposicionadas do PE sejam naturalmente mediadas por Ppp (cf. Mateus et al., 2003: 655; Peres e Mória, 1995: 277; dentre outros). Essa hipótese foi, inclusive, assumida pela sociolinguística paramétrica brasileira (Tarallo, 1983; Kato, 1993; Galves, 2001), segundo a qual as relativas cortadoras seriam uma criação da gramática do PB, por oposição ao PE, em que as relativas Ppp ocorreriam regularmente.

Conforme argumentaremos no Capítulo III desta tese, tais hipóteses tomam como PE a língua padrão de Portugal, usada em situações mais formais e pautada na tradição escrita daquele país. Situação diferente deve ser encontrada no vernáculo do PE, a língua natural anterior ao peso da tradição da língua escrita dos portugueses: prevemos que as relativas cortadoras e resumptivas devem ser produtivas também em PE, como afinal indicam pesquisas mais recentes e um pouco mais orientadas para a realidade oral daquela língua (cf. Arim, Ramilo e Freitas, 2005; Varejão, 2006).

Uma pequena mostra da ausência de Ppp na gramática natural do PE pode ser obtida na análise do CHILDES. Trata-se de um banco de dados com 60 narrativas realizadas por 30 crianças portuguesas, com idade entre 5 e 10 anos, reunidas por Batoréo (2000). Para que narrassem pequenas histórias, as crianças recebiam como estímulos duas historinhas em quadrinhos, em que alguns personagens desempenhavam ações. Tais quadrinhos apresentavam apenas desenhos e não diálogos, cabendo à criança descrever os eventos

⁴¹ Analisaremos a pesquisa de Corrêa (1998) com maior detalhe no Capítulo III.

dedutíveis pelos desenhos.

Nas narrativas portuguesas, torna-se evidente a tendência, indicada por Pérez-Leroux a respeito do espanhol (1995), de as crianças evitarem a extração de constituinte preposicionado. Das 134 relativas registradas nos dados do PE constantes no CHILDES, 124 eram relativas de sujeito. Apenas 3 eram relativas de função preposicionada – e todas essas 3 podem ser caracterizadas como relativas cortadoras, como a exemplificada em (4).⁴²

(4) “... no *momento que* um pássaro traz a caixinha de emergência para ajudar no ferimento do cavalo.” (AR: 10)

Do ponto de vista experimental, o estudo de Vasconcelos (1992) demonstrou que crianças portuguesas com idade inferior a 10 anos são incapazes de produzir Ppp numa tarefa experimental simples como a repetição de frases. A autora realizou um experimento em que orações relativas com diversos pontos de extração eram apresentadas oralmente às crianças, que tinham como tarefa repetir a fala do experimentador. Quando o ponto de extração da relativa era uma posição sintática preposicionada, as crianças *nunca* reproduziam a relativa Ppp proferida pela pesquisadora.

Relativas com foco no sujeito são mais acessíveis do que relativas com foco em constituintes que implicam alteração da ordem canônica. Desse último grupo, as relativas com foco em constituinte predicado de preposição, que exigem *pied-piping*, revelam-se os mais difíceis para a criança. (Vasconcelos, 192: 535)

As crianças de fato ouviam relativas Ppp, mas não as produziam, substituindo-as por cortadoras ou resumptivas (Vasconcelos, 1992: 198), como se vê a seguir.

⁴² Reportamos que, nos três casos catalogados, falta a preposição “em” naquilo que pode ser interpretado como uma expressão fixa (“momento em que...”) e não como uma legítima oração relativa.

(5) Relativa alvo: O menino a quem a velha deu o gato tem calças azuis.

Relativa produzida: O menino que a velha deu o gato tem calças azuis.

(6) Relativa alvo: O professor a quem o menino deu o livro é careca.

Relativa produzida: O professor que o menino deu-lhe o livro é careca.

Em se tratando de análise de *corpus*, autores como Peres e Mória (1995: 291) chegam a reconhecer a produtividade da relativa cortadora na realidade oral e informal do PE. O mesmo ocorre em Mateus et al. (2003: 655) e Arim, Ramilo e Freitas (2005: 70). Alguns desses estudiosos chegam a assumir que a cortadora tenha-se tornado uma realidade em PE em função da influência que o PB vem exercendo nos falantes portugueses nos últimos anos, em decorrência da veiculação de programas televisivos brasileiros no território português. Essa suposta influência, no entanto, não poderia explicar a existência de relativas cortadoras em línguas diferentes do português, e sem influência direta da mídia brasileira, como o espanhol, o francês, o italiano ou o servo-croata. Conforme veremos no próximo Capítulo, uma hipótese mais natural será assumir a APP, segundo a qual as relativas Ppp não existem na gramática natural da língua portuguesa, e possivelmente em nenhuma outra língua humana.

7. Conclusões

Vimos neste Capítulo que a hipótese APP pode ser testada para além da argumentação puramente conceitual da lingüística formal. Como a APP prevê a inexistência de Ppp na competência lingüística de indivíduos ainda não submetidos ao letramento/escolarização, torna-se possível analisar a produção de fala de sujeitos nessa condição sociocultural para verificar se a previsão se confirma. Tal parece ser o que acontece com as crianças do inglês, do francês, do espanhol e do servo-croata, nas pesquisas experimentais aqui descritas. Em

todas essas línguas, as crianças formam relativas de preposição via Pst, cortadora ou resumptiva – mas nunca via Ppp, exatamente de acordo com a APP.

A língua portuguesa supostamente representa uma objeção à hipótese APP, pelo menos no que diz respeito ao PE. De acordo com a tradição lingüística luso-brasileira, as relativas Ppp são altamente produtivas e naturais no PE, sendo cortadoras e resumptivas estratégias marginais, que surgiram no vernáculo apenas recentemente, talvez por influência do PB. No Capítulo III desta tese analisaremos detalhes dessa abordagem, a fim de demonstrar que sua sustentação empírica é extramente frágil e questionável. Veremos que, numa análise do PE oral e espontâneo, considerando-se especialmente a fala de pessoas pouco ou não-escolarizadas, as relativas cortadoras surgem robustamente, bem à semelhança do que acontece nas demais línguas românicas. A testagem experimental da APP será apresentada no Capítulo IV, e com ela será possível cotejar as reações de brasileiros e portugueses a estruturas cortadoras e Ppp, de modo a procurar sustentação para a hipótese de que PE e PB possuem um mesmo sistema natural de relativização preposicionada.

CAPÍTULO III

O CASO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Introdução

O português vem sendo considerado, por grande parte dos lingüistas portugueses e brasileiros, uma língua com dois sistemas de relativização distintos: o do PE e o do PB (cf. Galves, 2001). Essa dicotomia representa, aparentemente, uma objeção à hipótese APP. Afinal, de acordo com tal cisão, relativas Ppp seriam estruturas naturais no vernáculo do PE, enquanto cortadoras seriam raras ou agramaticais, ao passo que, no PB, a situação seria inversa: cortadoras seriam naturais e Ppp não existiriam no vernáculo (cf. Tarallo, 1983; Kato, 1993). Ora, para a APP nenhuma língua pode apresentar Ppp como uma estratégia natural de relativização. Com objetivo de defender a APP, reuniremos, neste Capítulo, evidências de que a suposta naturalidade de Ppp não pode corresponder a uma descrição observacionalmente adequada das relativas do PE, tendo em vista estudos de *corpus* como os de Arin, Ramilo e Freitas (2005) e de Varejão (2006), que atestam a recorrência de relativas cortadoras nessa língua. Veremos como, em situações de comunicação espontâneas e informais, sobretudo, entre pessoas com baixa escolaridade, a alta produtividade de relativas cortadoras no PE se opõe à ocorrência baixa ou nula de Ppp.

Na seção 1, analisaremos a descrição sintática tradicionalmente dispensada às relativas do PE (cf. Mateus et al., 2003, 655-85), segundo a qual essas são sempre derivadas por regra de Movimento de *wh-*, razão por que Ppp deve ser considerada uma estrutura natural na língua. Se as relativas do PE são derivadas via Move, então cortadoras, que não seriam formadas com a aplicação de regra de Movimento, não devem fazer parte de sua gramática.

Na seção 2, descreveremos estudos do PE que analisaram diferentes tipos de *corpus* e, direta ou indiretamente, indicaram a existência de relativas cortadoras em textos escritos e orais, ainda que com percentuais variáveis e baixos em alguns contextos.

Em 2.1., analisaremos o estudo de Peres e Mória (1995), realizado com dados coletados, entre 1986 e 1994, em jornais de grande circulação impressos em Portugal. Os autores não chegaram a citar dados estatísticos, mas reconheceram que as cortadoras “vêm ganhando terreno” entre as estratégias de relativização mais produtivas no PE.

A dissertação de mestrado de Alexandre (2000), dedicada especialmente às relativas resumptivas, sem deixar de analisar também as cortadoras, será apresentada em 2.2. Trata-se de uma análise do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo – Oral* (CRPC), no qual, como veremos, as cortadoras apresentam-se com significativos percentuais de ocorrência.

Os dados da pesquisa de Arin, Ramilo e Freitas (2005), retirados do *corpus* do REDIP (*Rede de Difusão Internacional do Português*) serão apresentados na seção 2.3. Demonstraremos como, a depender de certas variáveis (tipo de preposição e do verbo selecionado na cláusula relativa), as cortadoras podem chegar a ser a estratégia mais produtiva nos dados do REDIP, mesmo em se tratando da língua escrita da imprensa portuguesa.

Na seção 3, descreveremos dois importantes estudos a respeito das relativas do PB. O primeiro deles, a ser analisado em 3.1., é a clássica tese de doutoramento de Tarallo (1983). Veremos como Tarallo inaugurou uma verdadeira tradição de análise das relativas do PB, com um dos primeiros grandes trabalhos da corrente de estudos lingüísticos brasileiros que ficou conhecida como sociolingüística-paramétrica. Procuraremos demonstrar que, embora

confirmem a hipótese APP para o PB, os dados de Tarallo não podem corroborar a principal tese do autor: a cortadora seria uma inovação recente na história do português, surgida através de mudança histórica provocada no PB e, por isso, inexistiria no PE.

Na seção 3.2., apresentaremos a tese de Corrêa (1998), que demonstra como o uso da relativa Ppp está intimamente relacionado ao fator escolarização entre os falantes do PB. Argumentaremos que, embora Corrêa tenha assumido que o aparecimento tardio de Ppp no desempenho dos falantes seja uma idiosincrasia do PB, tal realidade deve ser a mesma em qualquer língua natural.

Por fim, na seção 4, descreveremos a tese de doutorado de Varejão (2006). A autora analisou os dados do *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (Cordial-Sin) – banco de dados constituído para dar subsídio à pesquisa dialetal do PE, com 4.500 horas de gravação de fala de pessoas analfabetas e pessoas com baixa escolaridade residentes em 200 localidades não-urbanas do território português –, e catalogou, dentre outros fenômenos, 98% de relativas não-padrão em função preposicionada. Veremos como a pesquisa de Varejão parece corroborar plenamente a hipótese APP com relação à isonomia entre os sistemas de relativização do PE e do PB.

1. Descrição tradicional do PE

Na descrição formal das relativas do PE, assume-se tradicionalmente a aplicação sistemática da operação Move sobre um constituinte relativo. Esse constituinte pode ser um pronome relativo (*wh*), conforme representado em (1a), ou um Operador Nulo (OP), advogado para os casos em que se interpreta o elemento *que* como um complementador gerado na base, como ilustrado em (1b) (cf. Mateus et al., 2003: 655; Peres e Mória, 1995:

273; Brito, 1991).⁴³

- (1) a. O livro [CP [DP que]_i eu li [~~DP que~~]_i] é muito bom.
 b. O livro [CP [DP OP]_i que eu li [~~DP OP~~]_i] é muito bom.

A obrigatoriedade de Move nas relativas do português procura espelhar o que se passa com as interrogativas dessa língua, em que o deslocamento do elemento *wh* é inquestionável, sendo esse quase sempre visível em PF, como é o caso de (2).

- (2) [DP Que livro]_i você leu [~~DP que livro~~]_i?

Essa correlação entre relativas e interrogativas foi formulada por Chomsky (1977), tendo como língua-base o inglês, e, desde então, vem sendo amplamente assumida pela Teoria da Gramática na descrição de inúmeras línguas naturais. Com efeito, assumir a ocorrência de Move nas relativas do português significa inserir essa língua entre as que são tradicionalmente descritas conforme o *padrão wh-movement de relativização* (a exemplo da maioria das línguas indo-européias), por oposição àquelas em que não há movimento visível em PF – sendo Move aplicado apenas em LF (como o basco, o chinês, o japonês, dentre outras).

Em termos minimalistas, a obrigatoriedade de Move nas relativas implica dizer que há na derivação dessas estruturas um traço *wh* forte, em função do que o alçamento de *wh/OP* deve ocorrer antes de Spell-Out. Relativas Ppp seriam formadas regularmente em PE porque

⁴³ A discussão conceitual sobre a natureza do elemento *que* nas relativas do português não nos interessa aqui. Há, na literatura sobre o assunto, diferentes tipos de interpretação sobre o estatuto teórico do *que*. Como esse elemento não é sensível a nenhum dos traços do referente da relativa (tais como animacidade, gênero, número ou caso) e não manifesta nenhum traço morfológico natural em pronomes (como gênero e número), autores como Tarallo (1983) e Brito (1991) assumiram se tratar de um complementador. Já estudiosos como Faria e Duarte (1981) e Kato (1993) interpretam o *que* como um morfema *wh*, que, embora nunca manifeste traços de concordância ou sensibilidade ao traço +/- humano do referente, é gerado como um pronome co-referente ao nome alvo da relativização e sofre regra de Movimento antes de Spell-Out. Em qualquer uma das abordagens, a antinaturalidade de Ppp se preserva, seja Ppp o alçamento de P + *wh* ou de P + OP.

a extração do *wh*/OP sob regência de P traria consigo também P, já que o *stranding* de P não é licenciado na língua. O *pied-piping* de P e *wh*/OP, conforme (3) abaixo, ocorreria, portanto, como Last Resort.

- (3) a. O homem [_{CP} [_{PP} de que]_i tu me falaste [~~_{PP} de que]_i] está a chorar.
 b. O homem [_{CP} [_{PP} de OP]_i que tu me falaste [~~_{PP} de OP]_i] está a chorar.~~~~

Relativas cortadoras e resumptivas são consideradas agramaticais em PE (cf. Alexandre, 2000: 14), pelo menos com relação à língua culta, justamente porque, nelas, o padrão *wh-movement* das relativas da língua parece ser enfraquecido: cortadoras e resumptivas costumam ser interpretadas como relativas sem Movimento (cf. Brito: 1991; Mateus et al.: 2003: 667). Nessa interpretação tradicional, as relativas preposicionadas do PE só podem ser as Ppp, pois apenas elas respeitam o padrão *wh-movement* desejado para a língua, sendo suas alternativas ou agramaticais, como Pst, ou características de um outro tipo marginal de gramática, como o seriam as cortadoras e as resumptivas.

Não obstante, muitos autores portugueses têm reconhecido a legitimidade de outros tipos de relativa preposicionada, diferentes de Ppp, nos diversos dialetos orais do PE, principalmente naqueles mais distantes do padrão culto escrito, ou mesmo entre indivíduos urbanos cultos inseridos em situação espontânea de fala. Duarte (*in* Mateus et al., 2003: 657), por exemplo, afirma, sem citar dados, que “a estratégia de movimento é, sem dúvida, a mais produtiva” na língua, mas assume que a relativa cortadora “faz actualmente parte do registro oral de falantes altamente escolarizados”, o que, para a autora, “permite supor que estamos perante uma tendência de mudança, mesmo no português europeu”.

Peres e Mória (1995: 284-5) assumem que relativas Ppp são a norma em PE, seja na escrita mais formal, seja na fala espontânea (muito embora citem dados apenas de língua

escrita), mas registram que outras estratégias, sobretudo a cortadora, são muito freqüentes na língua, o que, para os autores, é resultado de uma possível influência do PB sobre o PE, exercida pelos meios de comunicação em massa. Já Brito (1995: 75) admite francamente a alta produtividade de relativas cortadoras na realidade oral do PE, sem restrições dialetais, todavia também reconhece a estratégia com Move (Ppp) como a mais robusta na língua.

É importante notar que o Move sistemático nas relativas do PE, tal como formulada à sombra das interrogativas *wh-*, não parece uma hipótese forte em função do fato de pronomes relativos apresentarem baixíssima produtividade no português oral, por contraste à naturalidade dos pronomes interrogativos (cf. Mateus et al., 2003: 661). De fato, fora de funções preposicionadas, um pronome como, por exemplo, *o qual* e suas flexões chega a ser agramatical em relativas restritivas (cf. Mateus et al, 2003: 662).

- (4) a. * Vi o homem o qual roubou a tua carteira.
b. * O livro o qual me emprestaste é muito bom.

Para além disso, relativas mediadas pelos pronomes *quanto*, *como* e *cujo* parecem ser exclusivas do registro escrito ou de uma fala que procura espelhar a escrita, como afinal reconhece Mória (2001: 354). A onipresença do conectivo *que* nas relativas do português, por oposição ao uso raro ou à inexistência de pronomes relativos, parece ser evidência de que o padrão *wh-movement* assumido para a relativização no PE tenha sido uma idealização, criada pela adoção imediata do modelo de Chomsky (1977) para a descrição do português.⁴⁴ É possível interpretarmos que o suposto uso generalizado de Ppp entre os portugueses e a conseqüente bastardização de relativas cortadoras e resumptivas em PE sejam uma

⁴⁴ Note-se que, no inglês, língua de análise em Chomsky (1977), há indiscutivelmente pronomes relativos no vernáculo, como *who*, *which*, *whose*, que compartilham muitas propriedades com os pronomes interrogativos – o mesmo parece não acontecer em português.

consequência da idealização do português como uma língua de relativização com pronomes relativos, à semelhança do inglês.

Veremos, a seguir, que pesquisas recentes, embora raramente apresentem dados sobre a língua oral espontânea dos portugueses, têm atestado grande percentual de ocorrência das relativas cortadoras em PE, mesmo em textos escritos veiculados pela mídia. Dados como esses parecem confirmar a hipótese de que a relativa Ppp como a única ou a grande estratégia de relativização preposicionada em PE seja uma ilusão, a qual passou despercebida por uma tradição descritiva ainda fortemente influenciada pelo poder da língua escrita e pela secular tradição normativa lusitana.

2. Variação nas relativas do PE⁴⁵

2.1. Peres e Mória (1995)

Peres e Mória (1995: 273-374) foram uns dos primeiros estudiosos a apontar para a “forte variação” nas estratégias de relativização existentes no PE, evidente já em dados de língua escrita monitorada. Os autores reuniram vasto material, colhido nos jornais de maior circulação impressos em Portugal, durante os anos de 1986 e 1994, e separaram os tópicos da gramática do português que apresentaram maior percentual de desvios com relação à norma padrão lusitana. Dentre as *áreas críticas da língua portuguesa*, conforme nomearam os fenômenos gramaticais em intensa variação, as orações relativas ocuparam um lugar especial, merecendo o capítulo mais extenso e mais detalhado da obra.

⁴⁵ Na descrição dos estudos sobre as relativas do PE, manteremos o foco na discussão sobre a existência relevante ou não das relativas cortadoras naquela língua. Não analisaremos em detalhes esses estudos, já que há neles muitas questões teóricas e metodológicas cuja abordagem nos afastaria da argumentação central do presente Capítulo desta tese.

Numa perspectiva veladamente normativa, Peres e Mória apresentam e corrigem os inúmeros usos lingüísticos *desviantes* registrados em seu *corpus*. Dentre esses, há inúmeros casos de relativas cortadoras, como os ilustrados a seguir.

- (5) a. Os temas que os portugueses gostam (neo-realismos, politiquices, maledicências) não quadram nos finos *couchés* de cor-de-rosa de uma euro-revista assim. (*O Jornal Ilustrado*, 31/03/1989, p. 35)
- b. Aguardam agora que nova legislação preencha essa lacuna e que sejam aumentadas as pensões que actualmente dispõe. (*Europeu*, 09/01/1989, p. 03)
- c. Foram momentos embaraçosos que o próprio Noriega acabou por pôr fim. (*Diário de Lisboa*, 05/01/1990)

Os autores, infelizmente, não citam o percentual de relativas cortadoras e resumptivas de seu *corpus*, mas admitem se tratar de fenômeno produtivo na seguinte passagem.

Duas outras possibilidades a considerar (além da relativa Ppp), são as seguintes: (i) movimento apenas do pronome relativo, mantendo-se a preposição na posição original e sendo a posição do pronome relativo preenchida por um pronome pessoal; (ii) movimento do pronome relativo e supressão da preposição. Obtêm-se, respectivamente, as estruturas que se seguem. Como já dissemos, a variante do português que adoptamos não integra regularmente estas estruturas, mas é indubitável que a primeira é muito freqüente e generalizada no discurso oral e a segunda está progressivamente a ganhar terreno, possivelmente por influência do português do Brasil.

(1068) O prédio [que o Paulo vive nele] está a ser restaurado.

(1069) O prédio [que o Paulo vive] está a ser restaurado.

(Peres e Mória, 1995: 291)

Embora seja pouco elucidativo em termos estatísticos, o estudo de Peres e Mória tem o mérito de apontar para o fato indiscutível de que as relativas preposicionadas são um fenômeno em variação no PE, o que, por si, é já evidência de que a alta produtividade de Ppp na fala natural lusa, assumida na descrição tradicional, seja uma irreabilidade. Ora, se na língua

escrita formal dos jornais portugueses, relativas cortadoras e resumptivas apresentam-se como um fenômeno freqüente, ao mesmo tempo em que Ppp é identificada como uma estrutura *crítica* ou problemática, parece coerente esperarmos que essa situação deva ser ainda mais profunda no uso automático da linguagem em situação espontânea, sobretudo entre pessoas que não sofreram influência da padronização da língua escrita. Esse raciocínio é indiretamente assumido pelos autores, quando vagamente reconhecem a alta produtividade das cortadoras no “uso comum” da linguagem. Com efeito, a própria existência de uma obra normativa como a de Peres e Mória (1995) parecer ser um indício de que as relativas preposicionadas padrão (Ppp) são fruto de ensino formal também em Portugal, e nem mesmo a imprensa escrita portuguesa apresenta plena fluência nesse tipo de construção artificial.

É oportuno comentar que a hipótese, formulada pelos autores, de que as relativas cortadoras tenham surgido no PE sob influência do PB parece totalmente arbitrária. Para além da carência de qualquer tipo de evidência objetiva em favor dessa hipótese, deve-se notar que a veiculação do PB pela mídia portuguesa (principalmente a televisiva) envolve a exibição de todos os tipos de fenômenos sintáticos tipicamente brasileiros, como falta de concordância verbal e nominal, próclise pronominal, pronome tônico em função de objeto direto, sujeitos preenchidos, objetos nulos etc. Não faz sentido imaginar que a população portuguesa tenha sido insensível a todos esses fenômenos, mas se tenha deixado seduzir particularmente pelas relativas cortadoras.

2.2. Alexandre (2000)

A dissertação de mestrado de Alexandre (2000) foi especialmente dedicada às relativas resumptivas, com o objetivo de caracterizá-las de um ponto de vista formal, sob a perspectiva do Programa Minimalista, com base num extenso banco de dados de língua

falada, o *Corpus de Referência do Português Contemporâneo – Oral* (CRPC). Desse corpus, a autora extraiu 18.500 ocorrências de orações relativas, em todos os tipos de encaixamento sintático (sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.) e procurou identificar a produtividade da estratégia resumptiva no PE ao longo dessas funções. Alexandre (2000: 14-15) reconhece que as resumptivas são pouco produtivas na língua, se comparadas às relativas preposicionadas padrão e cortadora, mas assume que “o facto de os falantes utilizarem com alguma frequência este tipo de estratégia não-canónica, porque ela se encontra disponível na gramática desses falantes, motivou o interesse pela descrição e compreensão dos mecanismos que subjazem a este recurso”.

De fato, ao considerarmos todas as funções sintáticas catalogadas pela autora, as relativas resumptivas ocorrem em apenas 0,36% dos casos, sendo sensivelmente mais frequentes nas posições sintáticas mais baixas, conforme a hierarquia de acessibilidade de Keenan & Comrie (1977).⁴⁶ Também as relativas cortadoras são apresentadas, na análise da autora, com um reduzidíssimo percentual de ocorrência: 1,21%. Como veremos, esse percentual será drasticamente aumentado quando as relativas preposicionadas, único ambiente em que as cortadoras ocorrem, forem analisadas em separado, sacadas das demais funções sintáticas, coisa que Alexandre (2000) não chegou a fazer.

De um ponto de vista teórico, é interessante notar que a autora reconhece que o “peso derivacional” de uma relativa como Ppp é o que pode desencadear a existência de outros tipos de derivação, como a resumptiva.

⁴⁶ Segundo Keenan & Comrie (1977: 156), muitas línguas que permitem relativização de sujeito (posição sintática mais alta na árvore sintática) são bastante restritivas ou simplesmente coíbem relativas de objeto, preposicionadas e/ou genitivas (posições mais baixas). Para os autores, quanto mais baixa for a posição sintática do alvo da relativa, mais difícil será a sua extração: “(...) the hierarchy *subject* > *direct object* > *non-direct object* > *possessor* defines the ease of accessibility to relative clause formation (...)”

Esta inibição do *pied piping* pode estar relacionada com o facto de este movimento de constituintes ser muito pesado (o operador arrasta mais material lexical consigo para *Spec/CP*). Sempre que é possível, as línguas encontram formas alternativas de formar as suas orações relativas sem recorrer a *pied piping* . Por exemplo, o Inglês é uma língua que só admite *pied piping* quando constrói relativas com pronomes relativos nítidos (excluindo o morfema *that*), embora mesmo nesses casos opte preferencialmente pelo processo de *preposition stranding* . (Alexandre, 2000: 80)

Como citado por Alexandre, o alto custo derivacional de Ppp é o fator estrutural que pode explicar a completa ausência desse tipo de estrutura em línguas crioulas, a exemplo do que ocorre com o kriol e o são-tomense.

(55) *es i omi [CP di ku_i n konta u t_i]
 Este 3SG homem de que 1SG falei 2SG --
 'Este é o homem de que eu falei.'
 (Kriol, adaptado de Kihm, 1984:181)

(56) *es i omi [CP ku n konta u di --]
Este 3SG homem que 1SG falei 2SG de --
 *'Este é o homem que eu falei de.'
 (Kriol, *id.*, p. 180)

A partir dos enunciados de (55) e (56), verifica-se que o Kriol não permite *pied piping* de DPs e de PPs para *Spec/CP* nem *preposition stranding* à inglesa. Kihm (1984:180) afirma que a única solução que resta a este crioulo (assim como ao São-Tomense) para relativizar as posições de OI e de OBL será representar o elemento relativizado no interior do CP relativo através de um vestígio morfofonologicamente realizado. (Alexandre: 2000: 81)

Essa observação parece coerente com a hipótese APP, mas aparentemente não se mostra válida para os dados do CRPC, já que, pela análise da autora, as relativas canônicas, com o movimento do *wh-* visível em PF, aconteceriam em mais de 98% dos casos desse *corpus* . No entanto, quando desconsideramos as funções sintáticas de sujeito, objeto direto, genitivo etc. e analisamos somente os ambientes sintáticos preposicionados, única posição estrutural em que Ppp e cortadoras podem ocorrer, as relativas cortadoras chegam a 34% de ocorrência. Das 18.500 relativas analisadas por Alexandre, apenas 3,5% correspondem à

extração de constituinte preposicionado. São, portanto, 648 relativas preposicionadas, das quais 392 eram Ppp, 222 eram cortadoras e 34 eram resumptivas.⁴⁷

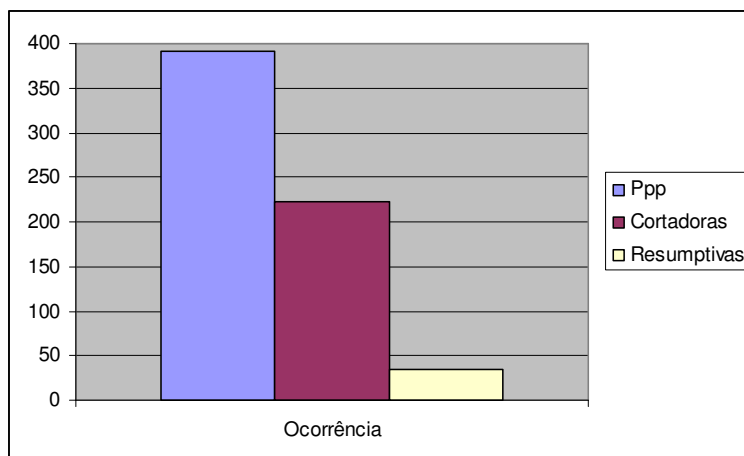


Gráfico 1: dados das relativas do CRPC revistos de Alexandre (2000).

Trata-se de um quadro muito diferente do apresentado pela autora em sua dissertação. Como se vê, metade das 68 resumptivas encontradas no *corpus* ocorre em ambiente preposicionado, no qual a relativização cortadora foi empregada em relevantes 34% dos casos. Naturalmente, Ppp é ainda a relativização preposicionada mais produtiva no *corpus*, fato que pode ser explicado por se tratar de dados colhidos entre pessoas letradas em situação de fala mais ou menos monitorada, contexto sociolinguístico que torna ainda mais significativo os quase 40% de relativas não-padrão catalogados. Por essa razão, acreditamos que, uma vez reanalisados, os dados de Alexandre (2000) são também evidência indireta em

⁴⁷ A autora, em comunicação pessoal, admitiu que, em seu trabalho de 2000, não chegou a analisar cortadoras e resumptivas exclusivamente em função preposicionada, isolando-as, para o cálculo estatístico, das relativas não-preposicionadas. Alexandre reconheceu que a subida percentual de relativas cortadoras e resumptivas que ocorre quando analisadas em separado corresponde mais fielmente à sua intuição como falante do PE e também ao que ela vê ocorrer no seu atual estudo sobre crioulos de base portuguesa, em que relativas Ppp nunca ocorrem. Como a autora já não dispõe de seu excerto com as 18.500 do CRPC, tivemos de reconstituí-lo recorrendo diretamente ao *corpus*. Ao catalogarmos a relativa número 18.500, chegávamos também à 222ª cortadora, que correspondia a 1,21% do total de relativas, exatamente como reportou Alexandre (2000: 24). Portanto, acreditamos que o *corpus* do CRPC que reanalisamos corresponde ao analisado por Alexandre (2000). As relativas cortadoras desse *corpus* são apresentadas no Anexo VI da presente tese.

favor da APP.

2.3. Arin, Ramilo e Freitas (2005)

A pesquisa de Arin, Ramilo e Freitas (2005) tratou das relativas preposicionadas presentes no *corpus* REDIP (*Rede de Difusão Internacional do Português – rádio, televisão, jornais e revistas*). Os autores passaram em revista os trabalhos de Peres e Mória (1995) e Alexandre (2000) para defender que as relativas resumptivas apresentam ocorrência muito baixa no REDIP, por oposição à media recorrência das cortadoras e à alta produtividade de Ppp naquele *corpus*, conforme representado na tabela a seguir.

Tipo de relativa	Casos atestados	%
Ppp	189	71
Cortadora	74	28
Resumptiva	2	1
Total	265	100

Tabela 1: dados das relativas do REDIP (Arin, Ramilo e Freitas, 2005: 70).

Os quase 30% de ocorrência de relativas cortadoras no REDIP podem ser interpretados como altos, se considerarmos as características do *corpus*: registro de língua escrita da mídia (jornal e revista), de língua escrita para leitura (noticiários de TV) e de língua falada mais ou menos monitorada (programas de auditório e entrevistas). Todas essas são modalidades em que o treinamento com a língua formal ensinada pela escola melhor se manifesta. Ainda assim, ao analisarmos no REDIP os casos de língua oral (mesmo que formal, como em textos lidos em telejornal), as cortadoras atingem o considerável percentual de 41%, por oposição aos baixos 3% registrados na língua escrita. Os gráficos 2 e 3 registram a ocorrência de cortadoras e Ppp em dados da oralidade e da escrita, respectivamente.

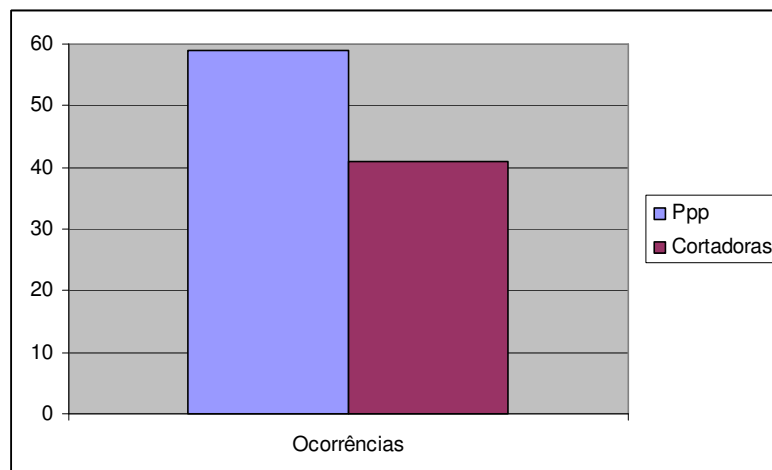


Gráfico 2: dados das relativas do REDIP - língua oral (Arin, Ramilo e Freitas, 2005: 75).

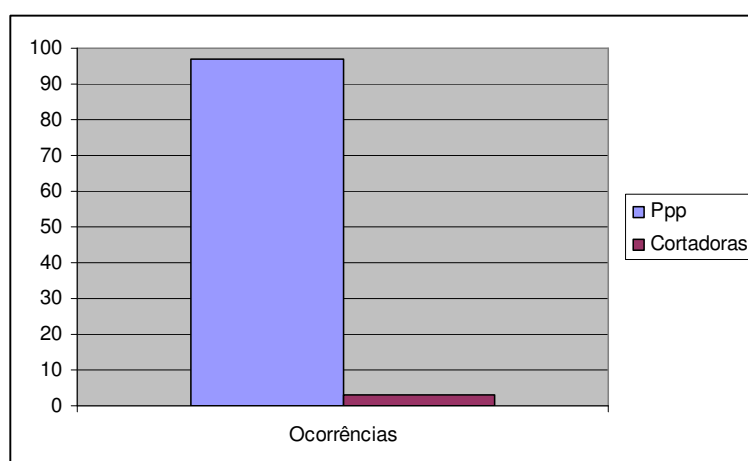


Gráfico 3: dados das relativas do REDIP - língua escrita (Arin, Ramilo e Freitas, 2005: 75).

É interessante notar que, em certas circunstâncias, o REDIP registra cortadoras em maior percentual que o de Ppp. Por exemplo, quando o verbo da relativa é “precisar”, que seleciona a preposição “de”, as cortadoras ocorrem em 100% dos casos, mesmo na língua escrita. Com o verbo “gostar”, a preposição “de” é cortada em 83%, mesmo percentual de corte que ocorre com a preposição “a”, subcategorizada por “chamar”. Com o verbo “falar”, a supressão de “de” acontece em 74% dos casos.

Ilustram-se a seguir casos em que a estratégia cortadora supera a canônica no REDIP.

- (6) Já estivemos a ver as adivinhas que vamos *precisar* para entrarmos no IRC.
[2001, RTP2]
- (7) Isso é um atributo que as pessoas, pronto, *gostam*.
[Dinheiro Vivo, RTP2]
- (8) São passos no sentido daquilo que se *chama* mais união política.
[Noticiário, RDP]
- (9) Idéias é aquilo que toda a gente *fala*.
[Jogo Falado, RTP2]

Dados como esses parecem evidenciar, de acordo com a hipótese APP, que a relativa cortadora deve ser natural no uso espontâneo do PE, por oposição ao uso normativizado de Ppp. Mais uma vez, devemos levar em consideração que os dados do *corpus* em questão são enviesados e favorecem uma produção mais monitorada, próxima do padrão idealizado da escrita, o que, entretanto, não impede a alta produtividade das cortadoras.

3. Variação nas relativas do PB ⁴⁸

O trabalho de Tarallo (1983) inaugurou uma nova linha de pesquisa na lingüística brasileira que ficou conhecida como *sociolingüística-paramétrica* ou, abreviadamente, *socioparamétrica*.⁴⁹ Nesse tipo de pesquisa, alinham-se os métodos da análise quantitativa de *corpus* típica da sociolingüística laboviana e os pressupostos epistemológicos (com algum formalismo) da teoria de Princípios & Parâmetros (Chomsky, 1981). Tarallo analisou, em sua

⁴⁸ Também não analisaremos detalhes teóricos e metodológicos das pesquisas do PB a serem aqui apresentadas ou citadas. Para mantermos o foco na discussão do Capítulo, também não analisaremos estudos sobre as relativas do PB mais teóricos e menos quantitativos, como o de Kato (1993) e o de Kenedy (2003).

⁴⁹ Note-se que o trabalho de Tarallo (1983) merece o mérito de ter inaugurado a tradição paramétrica na análise das relativas do português, mas não foi o primeiro a identificar a inexistência de Ppp no vernáculo do PB, por oposição à alta produtividade das cortadoras e resumptivas. O estudo pioneiro nas relativas vernaculares do PB foi o de Mollica (1977), ao qual se sucederam ainda os de Lemle (1978) e de Kato (1981).

tese de doutorado, que se tornou clássica no Brasil, a variação nas estratégias de relativização no PB. Segundo o autor, as gramáticas do PB e do PE encontram-se num processo de diferenciação (parametrização), a caminho de duas gramáticas independentes, sobretudo no que diz respeito ao sistema de relativização.

De uma maneira geral, Tarallo defendeu que as cortadoras eram uma estratégia de derivação recente, criada no século XIX pelo PB, e inexistente no PE, em que a derivação canônica (Ppp) subsiste normalmente. Parece correto afirmar que a tese de Tarallo criou uma verdadeira tradição na lingüística brasileira e portuguesa, já que muitos estudos vêm reiterando a sua hipótese paramétrica quanto às relativas do português (veja-se, dentre outros, Kato, 1993; Corrêa, 1998; Galves, 2001; Peres e Mória, 1995; Arin, Ramilo e Freitas, 2005; Varejão, 2006). Como se vê, a análise das relativas do PB x PE introduzida por Tarallo é completamente oposta ao que se defende na APP defendida na presente tese, razão por que a analisaremos a seguir.

Também o estudo de Corrêa (1998) deve ser aqui analisado, por se tratar de pesquisa realizada em escolas brasileiras que demonstra, com dados empíricos, que a variante padrão das relativas preposicionadas (Ppp) não existe no vernáculo do PB e só aparece na *performance* de estudantes conforme esses ampliam o seu grau de instrução, e, ainda assim, com grandes problemas de disfluência mesmo entre os alunos mais escolarizados. Corrêa assume a hipótese de Tarallo (1983) e acredita que a inexistência de Ppp nas relativas seja uma característica do PB, por oposição ao PE, em que essa variante não estaria necessariamente associada à variável escolarização. Veremos que as conclusões de Corrêa (1998) indicam que as relativas Ppp são de fato *aprendidas* em português, tendo como caso específico a situação de estudantes brasileiros, mas assumiremos que essa realidade só será

diferente do que ocorre em Portugal ou em outro país na medida em que o Brasil apresente níveis inferiores de letramento/escolarização em sua população, sendo o letramento/escolarização uma condição necessária para o domínio da estrutura Ppp.

3.1. Tarallo (1983)

Tarallo (1983), em estudo diacrônico, apresentou a hipótese de que as relativas cortadoras teriam sido criadas, no século XIX, pelo PB, sendo essas desconhecidas ou irrelevantes na gramática do PE desde sempre. Os dados a seguir demonstram como o autor compreende que o PB tenha invertido completamente o sistema de relativização do PE. As relativas Ppp teriam deixado de ser a estratégia mais produtiva na língua, realidade encontrada nos textos mais antigos, e teriam passado a ser pouco recorrentes nos textos mais atuais, ao passo que as relativas cortadoras praticamente inexistiriam em textos do século XVIII e passariam a ser responsáveis por quase 60% das relativizações em textos do século XIX.

	circa 1725	circa 1770	circa 1825	circa 1880
Ppp	89.2%	88.1%	91.3%	35.4%
Resumptivas	9.9%	7.9%	1.3%	5.1%
Cortadoras	0.9%	4%	7.5%	59.5%

Tabela 2: ocorrência das estratégias de relativização ao logo de textos dos séculos XVIII e XIX, adaptado de Tarallo (1985: 371).

Para o lingüista, essa mudança histórica estaria associada a uma mudança na gramática do português. No PB, o sistema de relativização teria perdido a aplicação sistemática do Move sobre o constituinte *wh-* e teria passado a derivar as relativas na base, sem regras de Movimento, através da aplicação de regras de retenção ou elipse pronominal (pro-drop), conforme o esquema abaixo.

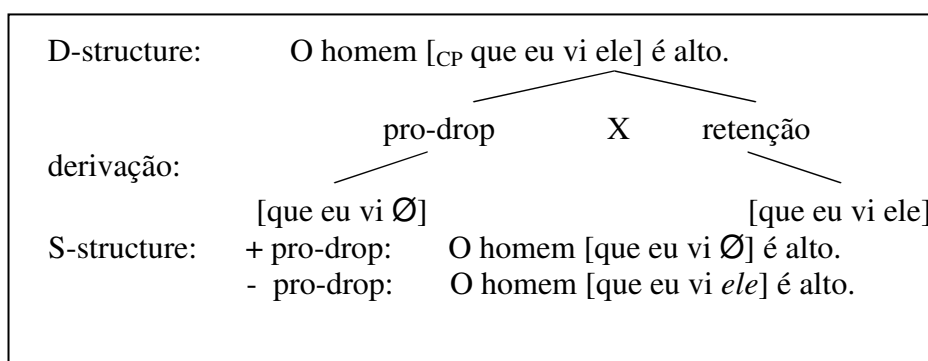


Gráfico 4: descrição formal das relativas do PB, segundo Tarallo (1983) (apud Kenedy, 2003: 88).

As relativas do PB conteriam, na base, um pronome correferencial ao nome relativizado, e esse poderia ou não se manifestar na superfície conforme a regra de *pro-drop* fosse ou não aplicada. Nas relativas não preposicionadas, a aplicação do *pro-drop* geraria as estrutura padrão e a retenção pronominal seria responsável pela formação de uma relativa resumptiva. Com relação às relativas preposicionadas, Tarallo assume que é justamente a perda de Move que impede, na gramática do PB, a existência de relativas Ppp, já que essas são nitidamente derivadas pelo alçamento de constituintes. Segundo o autor, as relativas cortadoras teriam surgido no PB por uma extensão da regra *pro-drop*: a elipse do constituinte pronominal teria levado à elipse também da preposição, provocando o surgimento das relativas cortadoras, conforme ilustrado em (10) e (11) a seguir.

(10) regra *pro-drop*: [a pessoa que eu vi ~~ela~~]

(11) regra *pro-drop* estendida: [a pessoa que eu falei ~~com ela~~]

Como, para Tarallo, o PE continuava a derivar suas relativas com a aplicação de Move, seja sobre o relativo *wh-* ou sobre um operador OP, essa era a razão para que Ppp fosse uma estrutura natural naquela língua: o movimento do *wh-/OP* levava consigo a preposição, enquanto em PB a preposição permanece na base e é apagada via regra de elipse.

O estudo de Tarallo (1983), independente de toda a sua importância para a história da lingüística brasileira e de sua originalidade para a época, apresenta o problema metodológico de trabalhar com textos de escritos em diversos gêneros (formal, informal, anúncios de jornal, documentos legais, peças de teatro etc.), sacados de diferentes momentos históricos, e usar os dados estatísticos ali coletados para fazer generalizações a respeito da gramática natural de uma língua.

Parece correto interpretarmos que textos escritos formais ou artísticos tipicamente não apresentam fenômenos da oralidade – como as relativas cortadoras –, a não ser quando tais textos procuram intencionalmente reproduzir certo tipo de fala, ou ainda quando esses registram o descuido de um escritor que deixou escapar um uso lingüístico menos elaborado. Portanto, acreditamos que os dados da pesquisa diacrônica de Tarallo indiquem o momento em que as cortadoras passaram a ser registradas na língua escrita, considerando-se certos tipos de documentos, escritos sob certas circunstâncias sócio-históricas, mas não concordamos com a hipótese de que esse registro possa dizer algo diretamente relacionável à gramática natural de uma língua, como o surgimento de uma estrutura na gramática ou o desaparecimento de outra. Sendo assim, consideramos que os dados diacrônicos de Tarallo (1983) não podem servir como evidência contrária à APP, já que apenas muito remotamente podem ser relacionados à história natural do português, reportando-se ao que se passa abstratamente na mente de um indivíduo humano e subjaz ao uso de uma língua em circunstâncias naturais.

Do ponto de vista sincrônico, Tarallo (1983: 368) aproxima-se mais do uso natural da linguagem, concentrando-se na língua oral espontânea, e demonstra que, em PB, as relativas cortadoras são, como esperamos, muito mais produtivas que Ppp. No entanto, ao contrário do

que é indicado pelos seus dados diacrônicos, a cortadora não é a relativização mais produtiva no *corpus* da atual sincronia do PB, já que perde numericamente para a resumptiva, que se apresenta com praticamente o dobro das ocorrências registradas para as cortadoras. O autor analisou um *corpus* de língua falada bastante heterogêneo, que continha falantes cultos e falantes com média e baixa escolarização, incluindo trabalhadores da classe operária do estado de São Paulo e também tipos de fala muito díspares, como a conversa casual e a dissertação livre. Nesse *corpus*, Tarallo identificou 324 relativas preposicionadas, retiradas de um universo de 1700 orações relativas. Dessas 324, apenas 21 (6,6%) eram Ppp. As cortadoras registram 101 ocorrências (31,7%) dentre as relativas preposicionadas, e seguem as resumptivas, com 200 ocorrências (61,7%).

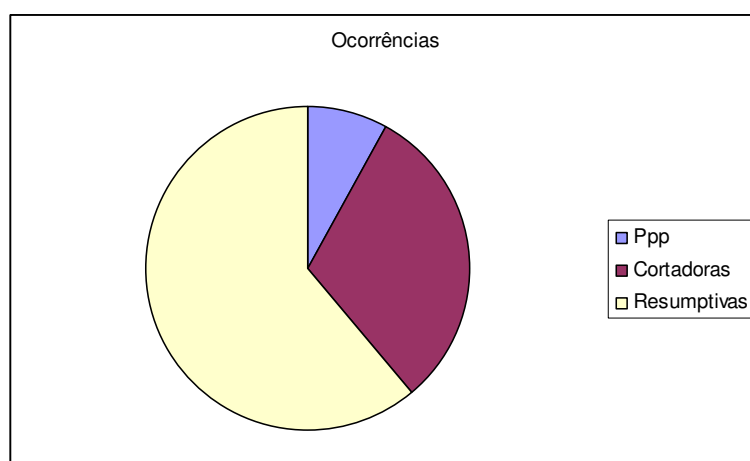


Gráfico 5: as relativas do PB no *corpus* de Tarallo (adaptado de Tarallo, 1983).

O descompasso entre a baixíssima produtividade das resumptivas no *corpus* histórico e a sua preponderância no *corpus* sincrônico pode ser explicado pela diferença na tipologia textual entre os dados analisados por Tarallo. No seu *corpus* da atual sincronia, encontramos dados de língua oral em situações que reproduzem aproximadamente os diálogos naturais, contexto em que as reiteraões com uso de pronomes são muito freqüentes em qualquer

língua humana (cf. Dooley & Levinsohn, 2001). Ao levarmos em conta especialmente a fala de pessoas iletradas, não treinadas nos artificialismos da língua mais formal, será natural encontrarmos um grande número de relativas resumptivas. Por outro lado, os textos escritos que compõem o *corpus* diacrônico são representativos de um uso mais monitorado e artificial da língua, em que reiterações com resumptivos são eliminadas de maneira sistemática, a não ser nos casos em que, por alguma razão, são intencional ou descuidadamente preservados.

Os dados da tese de Tarallo (1983) parecem confirmar, no PB, a hipótese APP, de maneira semelhante ao que foi verificado nas pesquisas descritas no Capítulo II da presente tese. No entanto, a tese do autor, segundo a qual a relativização em PB seja diferente e indique uma mudança em relação ao PE, não parece ser sustentada com os tipos de dados utilizados pelo lingüista para a comparação entre os dois grandes *dialetos* do português (PE x PB). Como tentaremos argumentar no Capítulo IV, as dificuldades de encontrar *corpora* realmente equivalentes de um ponto de vista sociolingüístico entre PB e PE poderá ser superada pela pesquisa experimental.

3.2. Corrêa (1998)

Os dados da pesquisa de Corrêa (1998) demonstram como as relativas Ppp são lentamente aprendidas no PB por meio da progressiva escolarização dos indivíduos. A autora trabalhou com dados de um grupo de pessoas não-escolarizadas e outro composto de estudantes do ensino fundamental, médio e superior, e concluiu que as relativas Ppp só se tornam percentualmente significativas entre os indivíduos mais escolarizados, mas ainda assim apresentam muitos casos de disfluência.

Com um grupo composto por 5 pessoas não-escolarizadas e 40 alunos do ensino fundamental (estudantes de 5^a a 8^a série de uma escola pública de São Paulo), a autora

aplicou a seguinte metodologia para a formação de um *corpus*. Todos assistiram a uma cena de uma peça, encenada apenas com gestos, sem diálogos, na qual se representava o caso de um roubo de uma lanchonete, em que situações discursivas ensejavam o uso de orações relativas. Após a encenação, as pessoas eram instadas a narrar oralmente e também por escrito os eventos da peça. Foram produzidas 50 narrativas orais e 15 narrativas escritas. Nos dados da oralidade, foram encontradas 20 relativas preposicionadas, e todas eram cortadoras. Nos textos escritos, registraram-se 17 relativas preposicionadas, 15 cortadoras e 2 Ppp, essas últimas presentes nos dados de um estudante da 6ª série. Os dois tipos de relativas registradas são exemplificados a seguir.

(12) “(...) sentou na mesa que estavam as outras mulheres.” (red. 3.ª série)

(13) “(...) no momento em que sua mão estava perto da carteira (...)” (red. 6ª série)⁵⁰

Com relação aos estudantes do ensino médio, testados numa escola particular do centro de São Paulo, a metodologia empregada consistiu na realização de exercícios escolares sobre as orações relativas preposicionadas, realizados após um conjunto de aulas expositivas sobre o assunto. Os alunos foram treinados para o uso das relativas preposicionadas padrão e a eficácia desse treinamento foi testada em exercícios de preenchimento de lacuna e de paráfrases de textos. 62 alunos participaram da atividade, que registrou 126 relativas preposicionadas. Dessas, apesar do treinamento explícito e direcionado, as Ppp representaram apenas 13%, com 17 ocorrências, distante das 109 (87%) ocorrências das cortadoras – note-se que, assim como nos dados do ensino fundamental, os dados de Corrêa não registraram

⁵⁰ Note-se que, nas duas ocorrências de Ppp, se registra a expressão “no momento em que”, que pode ser analisada como uma construção cristalizada e estereotipada, que se comporta muito mais como uma conjunção complexa do que como verdadeira uma oração relativa.

relativas resumptivas.

Apesar de baixos, os 13% de relativas preposicionadas padrão entre os alunos do ensino médio representam um aumento significativo em relação aos ainda mais baixos 6% encontrados entre os informantes do ensino fundamental, muito embora a metodologia empregada pela autora não permita a comparação direta entre os dois segmentos escolares.

É interessante notar que, entre os alunos do ensino médio, as relativas Ppp apresentam maior frequência entre aqueles com escolarização mais avançada: a relativa preposicionada padrão ocorre em 44% da produção dos alunos do 3º ano, por oposição aos 7% dos alunos do 1º ano. Para a autora, esses dados indicam que somente a maior consciência lingüística do uso prestigiado na escrita padrão, que só parece ser obtida nas séries finais da escolarização brasileira, pode afetar significativamente o uso das relativas no PB, reduzindo à metade as ocorrências das cortadoras.⁵¹

Para a análise da produção de relativas entre falantes brasileiros com nível superior, Corrêa tomou como *corpus* o NURC (*Norma Urbana Culta Contemporânea*) das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre, em suas três modalidades de discurso: diálogos entre informante e entrevistador, diálogo entre dois informantes e elocuições formais. Ao total, foram catalogadas 123 relativas preposicionadas, das quais 65% eram cortadoras. Abaixo, apresenta-se a variação entre Ppp em cada uma das cidades registradas no NURC.

⁵¹ A autora não considerou explicitamente em sua tese que as turmas tomadas para a pesquisa podem apresentar grande heterogeneidade lingüística, independente da formação escolar dos alunos. Indivíduos com histórico de letramento em sua família, criados em ambientes letrados, podem ser responsáveis pela diferença entre os alunos do 1º e do 3º do ensino fundamental, como hipótese alternativa ao salto de quase 600% na fluência em relativas Ppp obtidos em apenas dois anos de escolarização sustentado pela autora.

Cidade	Ppp		Cortadora		Total	
	N	%	N	%	N	%
Porto Alegre	5	28	13	72	18	15%
Recife	9	69	4	31	13	11%
Rio de Janeiro	1	6	16	94	17	14%
Salvador	10	36	18	64	28	23%
São Paulo	18	38	29	62	47	38%
Total	43	35%	80	65%	123	100%

Tabela 3: tipos de relativização em cinco cidades brasileiras – NURC (adaptado de Corrêa: 1998: 111).

Embora seja possível encontrar diferenças regionais no PB – por exemplo, em Recife as relativas Ppp são majoritárias (69%), e essas são raras no Rio de Janeiro (6%) –, é correto afirmar que as relativas cortadoras são a mais produtiva estratégia de relativização no PB, enquanto Ppp se apresenta em consideráveis um terço da produção de fala, fato claramente relacionável à variável escolarização, por se tratar de fala culta.

A principal contribuição da pesquisa de Corrêa (1998) para a hipótese APP consiste em demonstrar não apenas que as cortadoras são a grande estratégia de relativização de constituinte preposicionado no vernáculo do PB, mas principalmente em apontar que Ppp só chega a apresentar uso significativo apenas entre falantes universitários. No entanto, não se deve assumir que em qualquer língua o uso da relativa Ppp deva ser associado a *nível superior*: é possível que, em sociedades mais letradas que a brasileira, com uma formação escolar mais eficiente no letramento da população, esse tipo de estrutura possa ser encontrado de maneira produtiva já entre indivíduos com escolarização média ou primária. Deve-se, inclusive, levar em que a fluência nas construções prestigiadas na Norma Padrão não está exclusivamente associada ao ambiente formal da escola: crianças crescidas em ambiente de fala culta e que iniciam precocemente o contato com a língua escrita prestigiada apresentam, já nas séries iniciais, maior domínio da língua padrão (cf. Soares: 2002).

O fato que parece ser verdadeiro, desconsiderando-se os casos de variação individual e as diferenças nos níveis de letramento/escolarização entre as sociedades modernas, é que as relativas Ppp apenas tardiamente podem surgir na *performance* dos falantes de uma língua natural, e sempre em consequência do maior contato do indivíduo com a cultura letrada, conforme ilustram, no gráfico a seguir, os dados de Corrêa (1998) relativos ao PB.

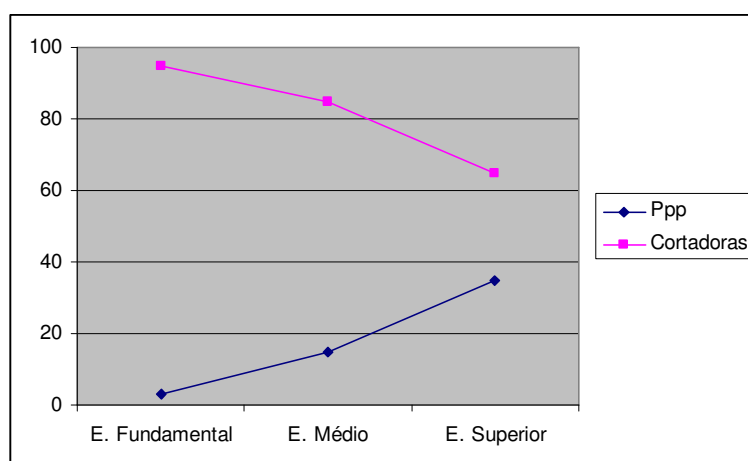


Gráfico 6: o surgimento de Ppp e o declínio da cortadora durante a escolarização no Brasil (adaptado de Corrêa, 1998).

No que pese o fato de a metodologia de coleta de dados de Corrêa (1998) apresentar as mesmas limitações encontradas na pesquisa de Tarallo (1983), já que lida com diferentes tipos de discursos, coletados sob circunstâncias sociolingüísticas muito diversas, esses dois estudos representam o quadro dramático da relativização preposicionada em PB, em que a estratégia considerada padrão praticamente não existe entre os menos escolarizados, e só atinge um terço de ocorrência entre os falantes muito tardiamente, após a conclusão do nível superior. Tarallo (1983) afirmou explicitamente que essa situação se opunha à realidade do PE, em que Ppp seria uma estratégia vernacular, e Corrêa (1998) concordou com a hipótese do mestre, apesar de não ter analisado dados do PE.

4. Varejão (2006)

A tese de doutoramento de Varejão (2006) analisou fenômenos de variação morfossintática no PE (concordância verbo-nominal e estratégias de relativização), com o objetivo de verificar se os fenômenos típicos da variação dialetal do PB (como a falta de concordância e as relativas cortadoras) não seriam também encontráveis na variação dialetal do PE. A autora procurou refutar a hipótese de uma suposta origem crioula para o PB, apontando, com base em Naro e Scherre (1993), a existência no próprio PE dos fenômenos alegadamente *crioulos* atribuídos à gramática do PB.

Os dados utilizados por Varejão foram extraídos do *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (Cordial-Sin), que registra, em 4.500 horas de gravação, a fala de indivíduos analfabetos e indivíduos com baixa escolarização espalhados por 200 localidades não-urbanas do território português.⁵² As gravações desse *corpus* foram feitas ao longo das décadas de 80 e 90, e contaram com a participação de 120 informantes portugueses (75 homens e 45 mulheres), que travavam diálogos livres ou semi-dirigidos com os entrevistadores. Varejão aponta que, em 2006, o Cordial-Sin ainda era um projeto em desenvolvimento no Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, sob a coordenação da Professora Dra. Ana Maria Martins.

Do total das 3315 relativas registradas no Cordial-Sin, apenas 108 eram relativas preposicionadas. Relativas oblíquas não-preposicionadas (mediadas pelos pronomes *onde*, *aonde* ou *quando*) compõem um universo à parte, com 102 ocorrências. Entre as 108 relativas preposicionadas de seus dados, Varejão (2006: 131) catalogou 74 cortadoras, 29 resumptivas e apenas 5 Ppp, exemplificadas a seguir.

⁵² O Cordial-Sin pode ser consultado no site do Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, em http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin_descricao.php.

(14) *Cortadora*

Há comeres que a gente também enjoa (Alcochete, 4),

(15) *Resumtiva*

Tenho um bocado aqui em baixo que dei onze contos por ele (Perafita, 41)

(16) *Ppp*

Houve uma altura em que nevou muito (Enxara do Bispo, 15)

Como é ilustrado no gráfico a seguir, as relativas cortadoras alcançam quase 70% de ocorrência entre os portugueses com baixa escolarização ou analfabetos, seguidas das resumptivas com 27%. Os notáveis 3% de ocorrência de Ppp são explicáveis por se tratar de estruturas estereotipadas (“altura em que”, “momento em que”, “lugar em que”), que devem ser melhor analisadas como construções fixas ou conjunções complexas, e não como legítimas orações relativas.

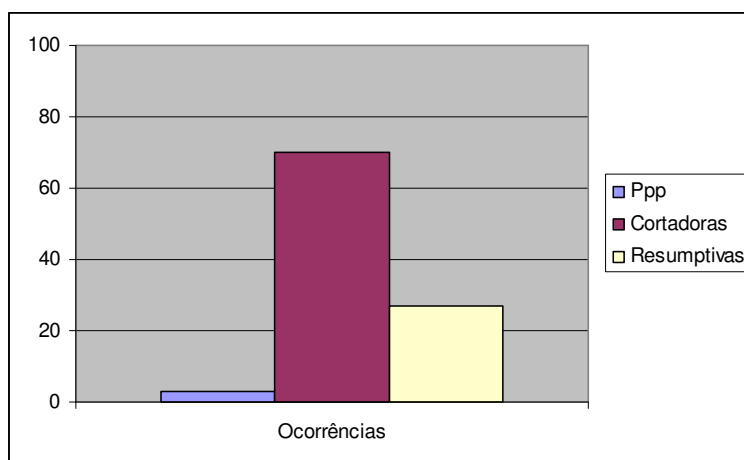


Gráfico 7: relativas preposicionadas do Cordial-Sin (adaptado de Varejão, 2006).

As relativas Ppp chegaram a apenas 5 ocorrências entre as 3315 relativas do Cordial-Sin, e não por acaso se encontram num diálogo sobre a vida escolar, no registro de um informante que apresentava algum nível de instrução (não indicado precisamente no *corpus*).

A tese de Varejão parece indicar inequivocamente que relativas Ppp não existem entre

indivíduos portugueses analfabetos ou com pouca escolarização, conforme previsto pela APP. A autora nos traz forte evidência de que as relativas preposicionadas padrão em PE são uma realidade dos centros urbanos, entre indivíduos escolarizados, à semelhança do que ocorre, *mutatis mutandis*, no PB. Os dados de Varejão indicam que a realidade do PB, apontada por Tarallo (1983) e Corrêa (1996), não é essencialmente diferente do que ocorre em PE, desde que o fator letramento/escolarização seja adequadamente isolado na análise dos dados extraídos de *corpus* de língua oral.

5. Conclusões

Vimos neste Capítulo que as relativas do PE são tradicionalmente interpretadas, nos termos da lingüística formal, como estruturas derivadas via Movimento de *wh-*, à semelhança do que ocorre com as orações interrogativas *wh-*. Se, na gramática do PE, as relativas têm o estatuto de cláusulas formadas pela aplicação de Move, então isso deve ser verdadeiro também para as relativas preposicionadas, e, nesse caso, o alçamento do *wh-* provocaria necessariamente o Movimento da preposição, em *pied-piping*, dando origem a Ppp.

Essa interpretação sintática, motivada pelo estudo de Chomsky (1977), fez com que outras estratégias de relativização preposicionadas diferentes da padrão fossem (e continuassem a ser) ignoradas ou subestimadas pela lingüística descritiva lusitana. Entretanto, estudos de *corpus* mais recentes, como os de Peres e Mória (1995), Alexandre (2000) e Arin, Ramilo e Freitas (2005), em análise de língua falada e escrita, demonstram que a cortadora apresenta grande vitalidade no PE, chegando a quase um terço dos registros em alguns *corpora*, e tornando-se a estratégia mais produtiva, às vezes com 100% das ocorrências, a depender da preposição e do verbo envolvidos na derivação da relativa. No caso da fala iletrada, os dados de Varejão (2006) indicam que Ppp inexistente no PE popular, já que as

raríssimas ocorrências dessa estrutura no Cordial-Sin dão-se em construções estereotipadas como “*no momento em que*”, as quais, inclusive, também são usadas por estudantes brasileiros com escolaridade primária (cf. Corrêa, 1998).

Evidências empíricas como essas parecem confirmar, ainda que indiretamente, a hipótese APP e estão em flagrante contradição não só com a descrição tradicional das relativas do PE, mas também com os estudos da socioparamétrica brasileira, segundo os quais as cortadoras seriam uma criação recente na história do português e um tipo de derivação sintática produtiva apenas no PB. Tarallo (1983) chegou, inclusive, a caracterizar as relativas do PB como estruturas derivadas sem Move, por oposição ao PE, num caso de mudança diacrônica. Do ponto de vista da APP, a relativização preposicionada natural em PE não pode ser diferente da que ocorre naturalmente no PB, e, portanto, a hipótese paramétrica para as relativas do português deve ser considerada incorreta. Tal incorreção pode ter sido provocada por certo enviesamento dos dados, como procuramos apontar em relação ao estudo de Tarallo (1983). Acreditamos que a insinuação das cortadoras nos estudos portugueses de língua culta e sua abundância entre indivíduos iletrados do PE, descritas neste Capítulo, sejam um indício de que, por lá, as cortadoras também figuram como a relativa vernacular, por oposição ao artificialismo de Ppp.

Pesquisas como a de Corrêa (1998) indicam como as relativas Ppp emergem no desenvolvimento da escolarização dos brasileiros, tornando-se uma variante de uso significativo apenas entre pessoas com nível superior. Apesar de o aprendizado de Ppp ser, como indicou a autora, extraordinariamente tardio em PB, tal padrão deve ser reproduzido de maneira menos dramática em outras línguas, inclusive o PE, que apresentarão maior produtividade de relativas Ppp conforme a estandardização da língua seja mais profunda e

eficaz, seja através do ensino formal da escola, seja pelo ambiente familiar letrado.

A problemática da oposição *relativas do PE e do PB* poderá ser superada, acreditamos, com o recurso à pesquisa experimental, seja na aquisição da linguagem, seja no processamento de frases. Com a metodologia experimental, será possível confrontar a *performance* de brasileiros e portugueses em condições controladas, verdadeiramente passíveis de comparação. No Capítulo II, demonstramos dados experimentais que parecem confirmar a hipótese APP com evidências sobre a aquisição de orações relativas em diferentes línguas. No Capítulo IV a seguir apresentaremos evidências experimentais que testarão a APP com sujeitos adultos falantes do PE e do PB.

CAPÍTULO IV

TESTAGEM EXPERIMENTAL DA APP

Introdução

Conforme procuramos sustentar no Capítulo III desta tese, o PE não parece representar uma exceção à APP. Como vimos, há evidências, em estudos de *corpus*, de que relativas cortadoras e resumptivas são produtivas no uso oral e espontâneo daquela língua, sobretudo entre pessoas com pouca ou nenhuma escolarização/letramento, para as quais Ppp é uma construção inexistente (cf. Varejão, 2006). Tais evidências, no entanto, estão em contradição com outras análises de *corpus* (cf. Alexandre, 2000, dentre outros) e com a descrição teórica do PE (cf. Mateus et al., 2003) e a socioparamétrica brasileira (Kato, 1993), segundo as quais relativas cortadoras e resumptivas são apenas marginais em Portugal, sendo Ppp natural e generalizado na língua. No presente capítulo, pretendemos trazer a problemática das *relativas do PE* para o campo da pesquisa experimental. Assumimos que as contradições das análises de *corpus* citadas possam ser superadas por testes experimentais, já que esses permitem o controle objetivo de inúmeras variáveis envolvidas no desempenho lingüístico e, por isso, são capazes de reduzir drasticamente a ação da aleatoriedade nos dados disponíveis ao pesquisador, possibilitando uma análise mais apurada das representações lingüísticas subjacentes aos dados da *performance*.

Pretendemos testar experimentalmente a hipótese APP em língua portuguesa por meio do confronto entre o desempenho de portugueses e de brasileiros nos experimentos psicolingüísticos de percepção (*Julgamento imediato de gramaticalidade*) e de processamento (*Leitura automonitorada*). Os dados desses experimentos poderão ou não demonstrar que relativas Ppp são um objeto sintático estranho – por oposição às cortadoras,

que devem ser normais – tanto para portugueses, quanto para brasileiros.⁵³ Também pretendemos testar a APP com analfabetos brasileiros, observando sua reação a relativas Ppp num experimento de *Julgamento imediato de gramaticalidade*.

Naturalmente, como indicamos no Capítulo II, não estamos assumindo a existência de uma transparência total entre o uso lingüístico e a competência abstrata que a ele subjaz. A observação experimental dos dados da *performance* pode indicar, dentre outras coisas, os tipos de estrutura sintática que parecem ser automatizadas pelo falante, em termos de percepção e/ou processamento, por oposição a estruturas não-automáticas, que exigem do sujeito mais reflexão e menos reflexo – e tal tipo de abordagem é fundamental para a presente tese, já que desejamos, precisamente, opor a habilidade reflexa da *core-grammar* (representada nas relativas cortadoras) a habilidades cognitivas reflexivas (representadas nas relativas Ppp) –, mas a *performance* não é a gramática. A distinção entre as duas realidades impõe-se mesmo como uma *necessidade conceptual virtual*, afinal, como tem reiterado Chomsky (1997), as pessoas *sabem coisas* e as pessoas *fazem coisas*.

Com efeito, como vem sendo assumido tacitamente desde *Aspects* (Chomsky, 1965), o *desempenho* pode oferecer evidências acerca da *competência*, embora se trate de duas realidades de diferentes grandezas. A esse respeito, concordamos com Corrêa (2003) e Corrêa e Augusto (2006), para quem a realidade psicológica capturada nos testes experimentais deve fornecer evidências em favor de um modelo formal de linguagem mais ou menos adequado em termos descritivos e explanatórios, no sentido de que as abstrações da Teoria da Gramática podem ser ou não abonadas por testagens empírico-experimentais, que devem

⁵³ As relativas resumptivas não foram selecionadas como variável em nenhum dos experimentos desta tese. A razão para tanto é clara: as resumptivas provocam naturalmente mais carga de processamento para o ouvinte/leitor, já que lhe apresentam mais material lingüístico, e, além disso, são um tipo de estrutura muito estigmatizada, que dificilmente poderia receber julgamentos aceitáveis por sujeitos escolarizados.

confirmar ou negar a realidade epistemológica dos construtos gramaticais.⁵⁴ Os experimentos a serem apresentados neste Capítulo pretendem justamente testar a realidade da hipótese APP no nível da *performance* como uma forma de sustentar a sua validade para a teoria gramatical e para a descrição das relativas do PE e do PB.

Na seção 1, descreveremos o experimento de *Julgamento imediato de gramaticalidade*, aplicado com sujeitos portugueses da cidade de Lisboa e com brasileiros das cidades de Niterói e de São Gonçalo, na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Nesse experimento, apresentaram-se aos sujeitos estruturas relativas cortadoras e Ppp, cada qual em duas versões: *gramatical* e *agramatical*. A tarefa dos sujeitos consistia em julgar, o mais rapidamente possível, tais estruturas como *aceitáveis* ou *inaceitáveis* conforme sua intuição lingüística. O objetivo do experimento foi verificar se a percepção de cortadoras e de Ppp, quanto à sua gramaticalidade, apresentava ou não variabilidade entre portugueses e brasileiros. De acordo com a APP, a percepção de ambos os tipos de relativa preposicionada deve ser idêntica: somente as cortadoras, por serem naturais, devem apresentar julgamentos rápidos e precisos, como o reconhecimento automático de sua gramaticalidade ou de sua agramaticalidade, ao passo que, em relação a Ppp, por se tratar de uma estrutura antinatural, tais julgamentos tendem a ser lentos e imprecisos, e os sujeitos devem, por exemplo, apresentar dificuldades para identificar agramaticalidades nesse tipo de construção.

Analisaremos, na seção 2, o experimento de *Leitura automonitorada*. Nele, foram testados sujeitos portugueses e brasileiros, nascidos e residentes, novamente, nas cidades de Lisboa e de Niterói/São Gonçalo. Na Leitura automonitorada, os sujeitos foram levados a ler frases divididas em alguns segmentos (grupo de palavras). Um desses segmentos continha a

⁵⁴ Como citado na nota 1 do Capítulo II, ver Corrêa (2006) e as citações ali presentes para uma discussão detalhada sobre a revisão contemporânea da díade *competence & performance*.

estrutura Ppp, que ocorria encaixada ora em orações relativas, ora em orações interrogativas. Com o teste, objetivava-se verificar se Ppp apresentaria tempos de leitura mais longos nas relativas, em comparação às interrogativas, já que, apenas naquelas, por se tratar de uma estrutura antinatural, Ppp deve demandar mais tempo de processamento – o que deve ser refletido num retardamento na leitura de relativas, tanto por parte de portugueses, quanto de brasileiros.

Um outro experimento de *Julgamento imediato de gramaticalidade* será apresentado e discutido na seção 3. Nesse, pessoas analfabetas, pescadores brasileiros do município de Maricá, no interior do estado do Rio de Janeiro, foram instadas a ouvir e a julgar relativas Ppp gramaticais e Ppp agramaticais com incongruências de gênero e de número. Com esse teste, foi possível verificar se relativas Ppp constituem ou não um bloco inalisável para os analfabetos, no qual violações de fenômenos categóricos na gramática do português, como a concordância de gênero, tornam-se invisíveis. De acordo com a APP, relativas Ppp não fazem parte da gramática natural de uma língua, portanto não serão passíveis de análise morfossintática por parte de indivíduos iletrados, que devem, portanto, ignorar incongruências como “*a pessoa com os quais eu saí...*”.

A seção 4 conclui o Capítulo com uma interpretação global dos resultados dessas pesquisas experimentais, tendo em vista a sustentação empírica da hipótese da antinaturalidade de Ppp e também a discussão acerca da isonomia entre as relativas vernaculares do PE e do PB, prevista pela APP.

Os experimentos que serão aqui apresentados focalizam aspectos da percepção e do processamento de frases com orações relativas preposicionadas, mas nada podem dizer diretamente sobre a produção lingüística. Acreditamos que os dados experimentais de nossa

pesquisa possam confirmar e complementar certas indicações presentes nos estudos de *corpus* de produção de fala descritos no Capítulo III. Parece coerente sustentar que a representação mental das estruturas sintáticas subjacente à compreensão da linguagem deve ser relativamente a mesma por detrás da produção lingüística em tempo real, de tal forma que a APP, se confirmada nos estudos de compreensão, pode vir a ser verdadeira também nos de produção.

1. Experimento I – Julgamento imediato de gramaticalidade

O recente trabalho de Sprouse (2007) demonstrou, com grande profundidade, como os julgamentos de gramaticalidade, tão caros à lingüística gerativa, podem ser incorporados à pesquisa experimental, dando desenvolvimento a uma nova área de investigação que, desde, pelo menos, Coward (1997), vem recebendo o nome de *experimental syntax*. O controle experimental dos julgamentos de gramaticalidade confere grande objetividade a esse tipo de dado lingüístico, que não raras vezes foi subestimado, dentro e fora da Lingüística, em razão de seu caráter vago e subjetivo, quando baseado exclusivamente na intuição do lingüista. O experimento I da presente tese pretende explorar parte desse novo campo de estudos, trazendo a percepção subjetiva de relativas preposicionadas ao campo da experimentação e da medição estatística.

No experimento de *Julgamento imediato de gramaticalidade*, os sujeitos testados participaram de uma tarefa de leitura, em que foram levados a ler, na tela de um computador, frases que continham orações relativas preposicionadas, sobre as quais deveriam emitir os julgamentos *aceitável* ou *inaceitável* de maneira imediata, tão logo terminassem a leitura de cada frase. Trata-se de uma metodologia experimental interpretada como *off-line*, já que, nesse tipo de tarefa, as medidas tomadas para análise, como o tipo de julgamento e o tempo

despendido para emití-lo, são obtidas somente após o processamento em tempo real do fenômeno lingüístico na mente dos falantes. Em metodologias *on-line*, como a *leitura automonitorada* (a ser apresentada na seção 2), as medidas relevantes para o experimento são tomadas no curso do processamento lingüístico, isto é, no momento mesmo da construção mental das representações sintáticas.

Se, por um lado, os experimentos *off-line*, comparados aos *on-line*, permitem correlações apenas indiretas a respeito do que pode ter provocado a reação tal ou qual do sujeito, por outro, as medidas *off-line* podem sustentar inferências muito importantes. Por exemplo, a APP poderá ser confirmada por um experimento de *Julgamento imediato de gramaticalidade* se assumirmos as seguintes hipóteses. As relativas Ppp representarão um problema para os julgamentos dos sujeitos, que terão dificuldades em diferenciar Ppp gramatical de Ppp agramatical, por oposição à facilidade com que julgarão relativas cortadoras, reconhecendo-lhes automaticamente a gramaticalidade ou a agramaticalidade. Se são uma estrutura artificial (e antinatural), é coerente esperarmos que relativas Ppp não sejam reconhecidas de maneira automática pela intuição lingüística do falante. O reconhecimento de Ppp deve demandar habilidades mentais desenvolvidas tardiamente, por meio do contato com a língua escrita, que não têm a ver com C_{HL} , e, portanto, estão mais suscetíveis a erros e hesitações. Por contraste, as cortadoras devem ser reconhecidas prontamente, já que se trata de uma estrutura natural, adquirida cedo no processo de aquisição da língua, parte da *core-grammar* presente na mente dos indivíduos.

Parte da expectativa de que Ppp seja uma estrutura problemática para o *julgamento imediato*, por oposição às cortadoras, é motivada pela hipótese da modularidade da gramática. Conforme Fodor (1983), processos modulares são automáticos, rápidos,

específicos, compulsórios, encapsulados e regulares, por oposição a processos cognitivos gerais, que são não-automáticos, lentos, gerais, opcionais, acessíveis à consciência e idiossincráticos. Assumindo-se a modularidade da gramática, devemos esperar que relativas cortadoras, como parte da *core-grammar* (um módulo da mente), sejam mais mecanicamente processadas pelo sujeito, o que deve facilitar o julgamento dessa estrutura, com o rápido reconhecimento inconsciente de sua (a)gramaticalidade. Já com as relativas Ppp, espera-se o comportamento contrário: como habilidade mental geral (não-modular), essa estrutura deve apresentar julgamentos mais lentos e incoerentes no que diz respeito ao reconhecimento de (a)gramaticalidade da construção.

Para que essa assimetria entre uma estrutura automática e outra não-automática seja capturada, é fundamental a utilização de um computador para a execução do experimento, no qual se torna possível ensinar o julgamento rápido dos sujeitos (evitando, por exemplo, a releitura de frases e a conseqüente análise consciente (metalingüística, normativa) da estrutura), bem como registrar, com precisão, os tempos despendidos em sua emissão.⁵⁵

Além disso, no desenho do experimento, deve-se ter o cuidado de fazer com que Ppp e cortadoras sejam, de fato, estruturas passíveis de comparação. Ambas devem diferir-se apenas em termos de estrutura sintática, sendo todo o restante das frases a serem cotejadas exatamente igual (mesmas palavras, mesmo número de sílabas, mesmo significado etc.). Os detalhes do *design* experimental serão descritos a seguir.

⁵⁵ Num questionário *off-line*, aplicado entre universitários brasileiros, alunos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na fase inicial da presente pesquisa, o qual deveria ser preenchido à caneta com tempo ilimitado para a resposta, relativas Ppp gramaticais apresentaram 100% de aceitação, enquanto cortadoras gramaticais apresentaram 100% de negação. Resultados como esses indicam a grande importância do fator escolarização/letramento na reação às relativas Ppp (valorizadas na escrita) e cortadoras (estigmatizadas). A necessidade de um experimento de *Julgamento imediato* surgiu exatamente pelo enviesamento que o questionário *off-line* apresentava, já que nesse havia tempo suficiente para a inspeção consciente das frases. Dessa forma, o presente experimento pode ser mais verdadeiramente definido como *off-line controlado*, por oposição aos questionários *off-line* sem qualquer restrição ao comportamento do sujeito.

Em termos metodológicos, o experimento de *Julgamento imediato de gramaticalidade* contou com duas variáveis independentes, listadas abaixo.

- (a) TIPO DE RELATIVA: *cortadora* ou *Ppp*
- (b) GRAMATICALIDADE DA RELATIVA: *gramatical* ou *agramatical*

Tabela 1: variáveis independentes do *Julgamento imediato de gramaticalidade*.

Com a conjugação dessas variáveis, foram estabelecidas quatro condições experimentais, exemplificadas na tabela 2 que se segue.

- (a) CORTADORA GRAMATICAL (CG)

Ex.: *O petróleo é um recurso natural que todas as economias dependem.*

- (b) CORTADORA AGRAMATICAL (CA)

Ex.: * *O petróleo é um recurso natural o qual todas as economias dependem.*

- (c) Ppp GRAMATICAL (PPG)

Ex.: *O petróleo é um recurso natural de que todas as economias dependem.*

- (d) Ppp AGRAMATICAL (PPA)

Ex.: * *O petróleo é um recurso natural de qual todas as economias dependem.*

Tabela 2: condições experimentais do *Julgamento imediato de gramaticalidade*.

Na manipulação da estrutura sintática de cada condição, foram adotados os seguintes critérios. Na condição CG, tem-se uma cortadora típica, derivada pelo apagamento de uma preposição subcategorizada pelo verbo da oração relativa. Na condição CA, o corte da preposição ocorre normalmente, e a agramaticalidade da construção é provocada apenas pelo tipo de conectivo utilizado: o pronome relativo *o qual*. Na gramática do português, cortadoras são derivadas somente com *que* e nunca com *o qual* ou suas flexões.⁵⁶ Em PPG, tem-se a relativa preposicionada padrão, derivada normalmente pelo alçamento da preposição seguida

⁵⁶ Ignoraremos novamente a discussão teórica acerca do estatuto gramatical do *que* em português, se deve ser interpretado como pronome ou complementador (ver nota 1 do Capítulo III).

do pronome relativo *o qual*. A agramaticalidade da condição PPA é também provocada exclusivamente pelo uso inconsistente do conectivo: trata-se da substituição do pronome relativo *o qual* pelo pronome interrogativo *qual*. Essas manipulações foram mantidas de forma rigorosa em todas as frases experimentais, tanto nos experimentos do PE quanto do PB (cf. Anexos I e III), ou seja, a agramaticalidade de cortadoras e Ppp é sempre desencadeada pelo emprego inadequado do conectivo.

Como já comentado, é possível levantar a hipótese de que, de acordo com a APP, os sujeitos (portugueses e brasileiros) não encontrarão dificuldades em reconhecer a gramaticalidade de CG e a agramaticalidade de CA, julgando essas condições de maneira rápida e consistente como *aceitável* e *inaceitável*, respectivamente. O mesmo não deve acontecer com os julgamentos de PPG e PPA. Pelas razões já expostas, acreditamos que, para essas duas condições, os sujeitos devem emitir o juízo *aceitável* com latências de tempo maiores do que as registradas para CG e CA.

Sendo assim, as duas variáveis dependentes do experimento são: tipo de julgamento (*aceitável X inaceitável*) e tempo de emissão do julgamento, conforme representado na tabela abaixo.

- (a) TIPO DE JULGAMENTO: *aceitável* ou *inaceitável*
- (b) TEMPO DE EMISSÃO DO JULGAMENTO

Tabela 3: variáveis dependentes do *Julgamento imediato de gramaticalidade*.

Com relação ao controle do desenho experimental, todas as condições apresentaram constituinte relativo extraído de posição argumental no domínio da oração relativa. Na tabela 4, indicam-se as preposições, conectivos, pronomes, o traço de animacidade do referente e o peso das frases controlados no experimento.

Preposições: *em, de, a, para, com, sobre e por*.
 Conectivos: *o qual* e suas flexões, *quem e que*.
 Pronome interrogativo: *qual* e suas flexões
 Animacidade do referente: animado X inanimado
 Peso de cada frase: 12 palavras

Tabela 4: estruturas controladas nas frases do experimento de *Julgamento imediato de gramaticalidade*.

1.1. Método

Para assegurar a comparabilidade entre Ppp e cortadoras e entre PE e PB, procurou-se controlar com rigor a metodologia aplicada nos testes. Assim, não apenas o *design* experimental foi cuidadosamente elaborado, mas também a seleção dos participantes do teste foi feita de maneira criteriosa. Os sujeitos portugueses e brasileiros foram submetidos a um questionário sociocultural, em que a situação de habitante de centro urbano desde o nascimento, filhos de pais escolarizados (com ensino médio ou superior completo) fosse confirmada. Todos foram selecionados entre estudantes universitários de instituições públicas conceituadas nos dois países (cf. seção 1.2).

Para que ocorressem as necessárias adaptações à realidade do PE e do PB, as frases do experimento apresentam diferenças lexicais e ortográficas entre si, de acordo com a Norma de cada país, mas todas possuem o mesmo tipo de estruturação sintática no que diz respeito à oposição *Ppp X cortadora* (cf. Anexos I e III).⁵⁷ Vale ressaltar que, na maior parte das vezes, as duas versões do experimento (PE e PB) possuem rigorosamente as mesmas frases. Tanto na versão portuguesa quanto na brasileira, o experimento foi rodado no mesmo computador,

⁵⁷ Sou profundamente grato à minha orientadora em Portugal, Profa. Dra. Armanda Costa, e a seus orientandos Paula Luegi, Agostinho Salgueiro e Sofia Antunes pela ajuda no trabalho de adaptação das frases do PB para o PE. Especialmente no experimento II, essa “adaptação” foi bastante árdua, levando, inclusive, à reformulação do desenho do experimento.

no mesmo programa e com o mesmo protocolo experimental aplicado a cada sujeito, conforme será descrito a seguir.

1.2. Participantes

1.2.1. Sujeitos do PE

Foram testados 20 sujeitos portugueses, com 12 anos completos de escolaridade – o equivalente ao ensino médio completo brasileiro –, 11 indivíduos do sexo feminino e 9 do masculino, com idade média de 19 anos, alunos do primeiro ano do curso de graduação em Lingüística da Universidade de Lisboa.⁵⁸ Os sujeitos declaram ser nascidos e residentes na capital portuguesa e terem sido criados por pais ou responsáveis também lisboetas e com escolaridade média ou superior.

Esse perfil dos sujeitos permitirá identificar se as relativas cortadoras são percebidas como *naturais* e Ppp, como *problemáticas* mesmo entre indivíduos escolarizados, para os quais, segundo a tradição normativa portuguesa, apenas as últimas deveriam ser legítimas na língua. Note-se que o fato de os julgamentos terem de ser emitidos imediatamente, com a metodologia experimental adotada, diminui sensivelmente a possibilidade de *limpeza lingüística* que a formação escolar fomenta ou procura fomentar nos alunos. Parece correto assumirmos que, se forem percebidas como naturais já entre escolarizados, relativas cortadoras devem apresentar-se como aceitáveis (com índices de aceitação provavelmente maiores) também entre os menos escolarizados, e o mesmo, no sentido inverso, pode ser dito sobre Ppp: quanto menor o letramento/escolarização do indivíduo, menor deve ser o a percepção desse tipo de estrutura como algo natural na língua.

⁵⁸ Todos os participantes do experimento I em Lisboa eram alunos da Profa. Dra. Armanda Costa, que gentilmente me pôs em contato com os estudantes e a quem agradeço mais uma vez.

1.2.2. Sujeitos do PB

Os 20 sujeitos brasileiros testados, 10 homens e 10 mulheres, com idade média de 20 anos de idade, possuíam formação média completa e eram alunos do primeiro período do curso de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Todos confirmaram nascimento e residência na região metropolitana do estado do Rio, nas cidades de Niterói ou São Gonçalo, bem como declaram terem sido criados em ambiente letrado, na região urbana do Rio, com pais ou responsáveis portadores de diploma de nível médio ou superior.

1.3. Materiais

Compuseram o experimento 20 frases experimentais. Com isso, cada sujeito foi exposto 5 vezes a cada uma das 4 condições do teste. Naturalmente, um mesmo sujeito não julgou a versão *gramatical* e a *agramatical* ou a versão *Ppp* e a *cortadora* de uma mesma frase, já que isso despertaria a consciência do indivíduo para o objeto do teste em aplicação – e é crucial, para o sucesso do experimento, que o sujeito não faça idéia do tipo de estrutura que compõe as frases experimentais.

Os materiais foram organizados de modo que cada sujeito julgasse 5 vezes cada condição experimental, mas em frases diferentes para cada condição, aplicando-se, para tanto, a distribuição entre sujeitos conhecida como *quadrado latino* ou *between subjects*. Por exemplo, um sujeito de um dado grupo de frases experimentais poderia ser exposto às condições a seguir.

- (1) PPG: João Paulo II era um Papa em quem toda a gente confiava.
- (2) PPA: Os políticos são pessoas em quais os cidadãos já não confiam.
- (3) CG: Ter muito dinheiro no bolso é uma coisa que toda a gente gosta.
- (4) CA: O petróleo é um recurso natural o qual todas as economias dependem.

Para assegurar que os sujeitos não perceberiam o tipo de estrutura lingüística em teste no experimento, foram apresentas, em mistura randômica às frases experimentais, 40 frases distratoras. Essas não apresentavam orações relativas e eram compostas por diversos tipos de construções lingüísticas (orações declarativas simples, passivas, indeterminações etc.).

Das 40 frases distratoras, 20 eram gramaticais e 20, agramaticais, construídas de maneira independente (isto é, uma não é a versão (a)gramatical da outra, como ocorre nas frases experimentais), como ilustrado em (5) e (6).

(5) *Distratora Gramatical:*

A Biblioteca Nacional e o Teatro Municipal estão localizados no centro da cidade.

(6) *Distratora Agramatical:*

O filho afirmou que não quer a sua mãe passar pelos mesmos problemas.

Dessa forma, cada sujeito do experimento foi exposto a 60 frases, das quais 20 eram experimentais (5 de cada uma das 4 condições) e 40 eram distratoras.

1.4. Procedimentos

Cada sujeito recebeu instruções individuais, oralmente e por escrito, a respeito dos procedimentos adequados à execução do experimento. Nessas instruções, chamava-se a atenção para a língua como objeto de investigação e para a sua transformação ao longo do tempo. Com isso, os sujeitos eram convidados a participar de uma pesquisa em que deveriam dizer se consideravam certas frases *normais* ou *estranhas*, *aceitáveis* ou *inaceitáveis* em sua língua, com o suposto objetivo de verificar se o português estaria passando por um processo de mudança nos dias de hoje. Foi solicitado explicitamente que os sujeitos não se preocupassem com a prescrição escolar das palavras e das frases, pois essa não era a

motivação da pesquisa, e levassem em consideração para o julgamento a intuição que surgiria neles automaticamente durante ou ao final da leitura das frases.

Todos os sujeitos participaram de um pré-teste (treinamento), constituído somente de frases distratoras e com o *design* idêntico ao do experimento propriamente dito. Visava-se, com esse pré-teste, evitar que o sujeito tivesse dificuldades no desempenho da tarefa em função da falta de familiaridade com o tipo de experimento ou com o uso de computadores. A tarefa experimental só tinha início depois de o experimentador certificar-se de que o sujeito havia compreendido perfeitamente a tarefa a ser desempenhada e não apresentava problemas para pressionar de maneira adequada os botões que deveriam indicar o seu julgamento *aceitável* ou *inaceitável* para cada frase. Diferentemente do experimento, o pré-teste foi executado na presença do experimentador, que fazia interferências no desempenho dos sujeitos sempre que as julgasse necessárias para o completo entendimento da tarefa.

Na execução do experimento, cada frase (experimental ou distratora) era apresentada individualmente na tela de um computador. As frases eram apresentadas por inteiro, globalmente (por oposição à apresentação segmentada ou seriada), e permaneciam na tela, para a leitura do sujeito, durante 6 segundos. Após esse tempo, a frase desaparecia automaticamente e, em seu lugar, surgiam, no centro da tela, 3 pontos de interrogação (???), os quais serviam como indicação visual de que o sujeito deveria emitir o julgamento *aceitável* ou *inaceitável* para a frase que acabara de ler.

Os julgamentos eram emitidos por meio da manipulação de teclas no computador. Uma tecla verde deveria ser pressionada imediatamente caso o julgamento fosse *aceitável*, e uma tecla vermelha deveria ser pressionada, o mais rápido possível, caso a frase fosse considerada *inaceitável*. Terminado o julgamento de uma frase, o computador permanecia em

espera, com uma tela branca (vazia) em exibição, e o sujeito deveria autorizar a apresentação da próxima frase a ser julgada pressionando a tecla branca, presente entre as teclas verde e vermelha.

O experimento foi elaborado no programa Psyscope⁵⁹ (versão X – B46) e rodado no Sistema Operacional X do computador PowerBook G4 (*laptop* da Apple, Macintosh), com tela LCD de 15". As frases foram apresentadas em letras grandes (fonte 25) e na cor preta, tendo como fundo uma tela branca. O relógio interno do computador registrou os tempos de julgamento das frases.

Em Portugal, o experimento foi aplicado entre os meses de janeiro e fevereiro de 2007, no Laboratório de Psicolinguística da Universidade de Lisboa,⁶⁰ que possuía isolamento acústico e possibilitava um ambiente tranquilo e confortável para a participação dos sujeitos. Cada sujeito permanecia sozinho na sala durante a execução do experimento. Os sujeitos concluíram o experimento em torno de 15 minutos.

No Brasil, o experimento foi aplicado durante o mês de julho de 2007, na sala de reuniões do Departamento de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (*campus* São Gonçalo), localizada na sala 309 da Faculdade de Formação de Professores daquela instituição. Trata-se de um ambiente adequado quanto ao silêncio e ao conforto necessários à concentração do sujeito. Cada participante brasileiro também permanecia isolado durante a participação no experimento. O experimento também foi concluído pelos sujeitos brasileiros em cerca de 15 minutos.

⁵⁹ Psyscope é um software destinado à programação e à aplicação de experimentos psicológicos, desenvolvido na década de 90 por Jonathan Cohen, Matthew Flatt, Brian MacWhinney e Jefferson Provost, professores da Universidade de Carnegie Mellon. Informações sobre o programa encontram-se disponíveis em <http://psy.ck.sissa.it/> e no artigo de Cohen J. D., MacWhinney B., Flatt M., & Provost J. (1993).

Após a participação no experimento, os sujeitos portugueses e brasileiros respondiam a perguntas informais sobre suas impressões acerca das frases lidas. Essas perguntas procuravam identificar se o sujeito havia percebido que as orações relativas estavam sob análise. Em nenhum caso os sujeitos, do PE ou do PB, citaram ter observado orações relativas.

1.5. Resultados

1.5.1. Dados do PE

As relativas cortadoras gramaticais (CG) foram consistentemente consideradas aceitáveis pelos sujeitos portugueses. Em 70% dos casos, CG recebeu o julgamento *aceitável*. As cortadoras agramaticais (CA) apresentam-se numa espécie de distribuição complementar com CG. Isto é, a condição CA raramente foi aceita. Em apenas 15% das ocorrências, CA foi julgado *aceitável* pelos sujeitos portugueses, por contraste aos 85% de sua rejeição, nos julgamentos que consideraram CA *inaceitável*. Tal distribuição complementar é ilustrada no gráfico 1 a seguir.

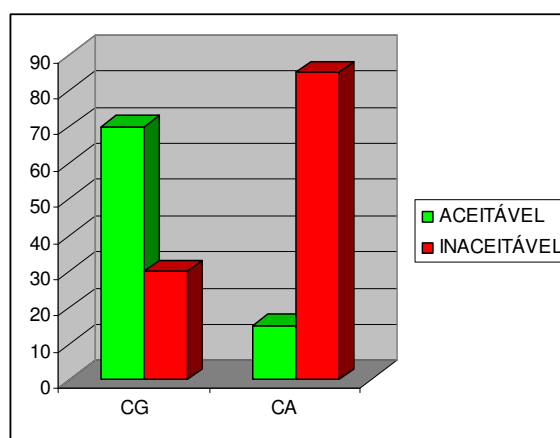


Gráfico 1: julgamentos de relativas cortadoras no PE.

⁶⁰ O Laboratório de Psicolinguística é localizado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e é coordenado pela Profa. Dra. Isabel Hub Faria, a quem agradeço pelo diálogo e pela cessão do espaço. O site do Laboratório é http://www.fl.ul.pt/unidades/centros/lab_psicolinguistica/index.html.

Como se vê, a percepção das condições CG e CA por parte dos sujeitos portugueses é significativamente distinta [$F_1(1,20) = 9,22; p < .01$].⁶¹ Deve-se apontar que os tempos de emissão dos juízos de CA e CG não são diferentes em termos estatísticos, isto é, os sujeitos despendem praticamente o mesmo tempo no julgamento de ambas as condições. CG foi julgado na média global de 2026 milissegundos (*msg*), enquanto CA demandou média de 2174 *msg* para seu julgamento ($p > .05$).

Os tempos de julgamento das cortadoras também não se mostraram significativamente diferentes ao se considerar o tipo de julgamento em cada condição. Assim, CG é considerado *aceitável* em tempos médios de 1983 *msg*, enquanto CA é julgado *inaceitável* em 2048 *msg*, ao passo CG foi julgado *inaceitável* em 2070 *msg* e CA foi aceito em 2301 *msg* (em todos os casos, $p > .05$).

Quanto a Ppp, a condição Ppp Gramatical (PPG) foi considerada *aceitável* em 90% dos casos. Todavia, Ppp Agramatical (PPA) também foi julgado *aceitável* na maioria das vezes, com 72%. Ou seja, a assimetria entre os julgamentos de estruturas gramaticais e agramaticais verificada nas cortadoras não ocorreu em Ppp. Do ponto de vista estatístico, não existem diferenças entre a percepção de PPG e PPA nos sujeitos do PE [$F_1(1,20) = 1,47; p > .05$]. Os portugueses consideraram ambas as estruturas igualmente legítimas em sua língua, conforme se ilustra no gráfico a seguir.

⁶¹ Neste e nos demais experimentos, todos os resultados numéricos foram submetidos ao teste estatístico da ANOVA Bivariada (2-way ANOVA), por sujeito e por item, aplicando-se também os pós-testes *Bonferroni*. Os dados de todos os experimentos foram tratados no software estatístico GraphPad Prism, versão 4.00 para Windows: GraphPad Software, San Diego California USA, www.graphpad.com. Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Marcus Maia, e também ao Prof. Dr. Márcio Leitão (da Universidade Federal da Paraíba), pela supervisão na elaboração das tabelas estatísticas e nas rodadas no Prism.

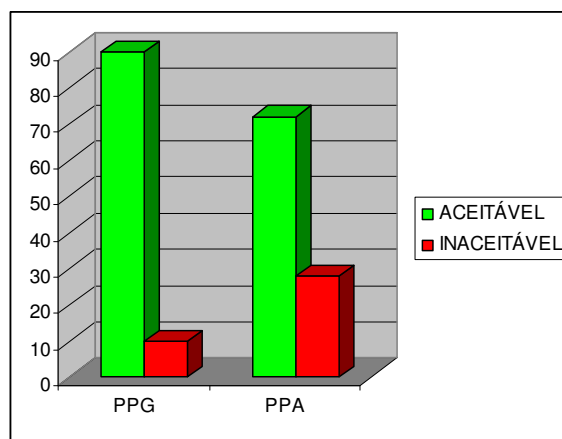


Gráfico 2: julgamentos de relativas Ppp no PE.

PPG e PPA apresentaram latências de, respectivamente, 1844 e 2021 msg despendidos em seu julgamento, diferença que não foi considerada estatisticamente relevante ($p > .05$). PPG é considerado *inaceitável* de maneira mais rápida do que quando é julgado *aceitável*, com, respectivamente 1773 msg opostos a 1916 msg, mas essa diferença não foi considerada significativa ($p > .05$). Com relação a PPA, também não foi detectada diferença entre os tempos de seu julgamento como *aceitável* (1923 msg) e como *inaceitável* (2119 msg) – (em todos os casos, $p > .05$).

No cotejo entre cortadoras e Ppp, mais uma vez não foram detectadas diferenças significativas com relação aos tempos globais de julgamento dessas variáveis. Cortadoras são julgadas em média a 2100 msg e Ppp, em 1958 msg. CG é aceito no tempo médio de 1983 msg, enquanto PPG recebe julgamento *aceitável* em 1916 msg. CA é julgado *inaceitável* em 2048 msg, ao passo que PPA é rejeitado em 2119 msg de média ($p > 0.5$ para todos os casos).

1.5.2. Dados do PB

À semelhança do que foi detectado nos dados do PE, os sujeitos do PB igualmente demonstraram capacidade de diferenciar com nitidez as condições CG e CA. Enquanto CG

apresentou 72% de aceitação, CA foi considerado *aceitável* em apenas 26% dos casos, diferença estatisticamente significativa [$F_1 (1,20) = 6,86$; $p < .01$]. Isto é, CG e CA também se apresentam em distribuição complementar nos julgamentos dos sujeitos brasileiros, como se demonstra no gráfico abaixo.

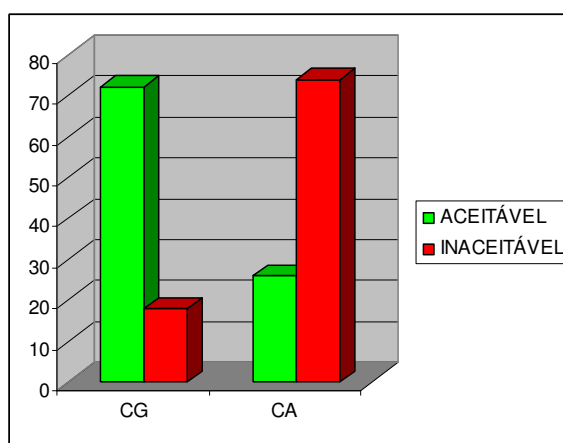


Gráfico 3: julgamentos de relativas cortadoras no PB.

Os tempos de julgamento de CG e CA são estatisticamente indiferentes em PB, tal como foi verificado em PE. CG foi considerado *aceitável* em julgamentos emitidos com média de 1474 msg, e CA foi considerado *inaceitável* com 1598 msg de média. Mesmo nos julgamentos incorretos, não houve diferença significativa quanto ao tempo de emissão dos juízos, tendo sido CG julgado *inaceitável* no tempo médio de 1281 msg e CA, *aceitável* em 1484 msg médios (para todos os casos, $p > .05$).

As relativas Ppp são sistematicamente consideradas aceitáveis pelos sujeitos do PB, seja qual for de fato o seu estatuto gramatical. PPG foi julgado *aceitável* em 65% dos casos, média estatisticamente indistinguível dos 61% de aceitação da PPA [$F_1 (1,20) = 0,100$; $p > .05$]. Quer isso dizer que, conforme o ocorrido no PE, os sujeitos do PB não põem as condições PPG e PPA em distribuição complementar, aceitando-as ambas, conforme ilustrado a seguir.

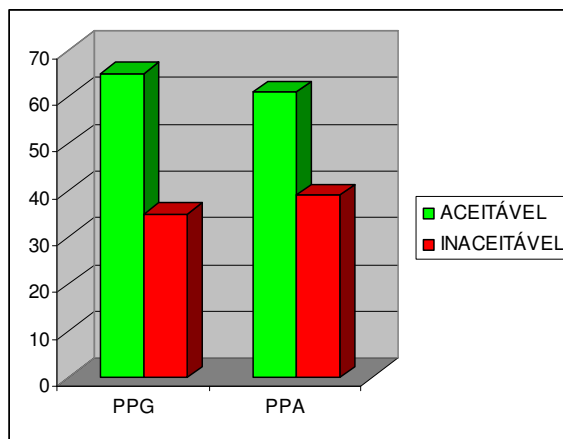


Gráfico 4: julgamentos de relativas Ppp no PB.

Com relação aos tempos de julgamento, não foram encontradas diferenças significativas entre PPG e PPA, tenham sido os julgamentos *aceitável* ou *inaceitável*. PPG foi julgado em média de 1502 msg, dos quais 1529 msg no julgamento *aceitável* e 1473 no julgamento *inaceitável*. Já PPA teve média de 1518 msg. 1486 msg foi a média de julgamento para a aceitação de PPA, e 1569 a média de sua inaceitação ($p > .05$ em todos os cotejos).

No confronto entre cortadoras e Ppp, novamente não se registraram diferenças nos tempos globais de julgamento dessas condições. Cortadoras recebem julgamento em média a 1459 msg e Ppp, em 1493 msg. CG é aceito em 1474 msg em média, ao passo que PPG é julgado *aceitável* em 1529 msg. CA é considerado *inaceitável* em 1598 msg, ao passo que PPA é rejeitado em 1569 msg (em todos os casos $p > .05$)

1.6 Discussão

Com os dados obtidos no experimento de *Julgamento imediato de gramaticalidade*, é possível afirmar que portugueses e brasileiros apresentam o mesmo tipo de reação diante de relativas cortadoras e relativas Ppp. Tanto em PE quanto em PB, os sujeitos manifestaram,

sistematicamente, julgamento *aceitável* para cortadoras gramaticais e *inaceitável* para cortadoras agramaticais, ao passo que consideraram igualmente aceitáveis Ppp gramaticais e Ppp agramaticais.

Tais resultados podem ser interpretados como favoráveis à APP, uma vez que demonstram o reconhecimento, por parte dos sujeitos portugueses, das relativas cortadoras como um fenômeno natural em sua língua, tal como previsto pela hipótese. A aceitação de CG em PE é indistinguível de sua aceitação em PB (70% a 72%, respectivamente – [$F_1(1,40) = 0,11; p > .05$]), fato que parece abonar a hipótese de que as relativas cortadoras sejam percebidas como uma derivação natural em português, tanto entre brasileiros como também entre portugueses.

Os resultados do experimento I vão de encontro à visão tradicional sobre as relativas da língua portuguesa, segundo a qual as cortadoras são uma idiossincrasia do PB. Ora, se, sob as mesmas condições experimentais, portugueses e brasileiros apresentam os mesmos julgamentos sobre as relativas cortadoras, então parece correto afirmar que esse tipo de estrutura possua o mesmo tipo de estatuto gramatical nas mentes de ambos os tipos de sujeito. O gráfico 5 representa a simetria entre o desempenho de portugueses e brasileiros diante de relativas cortadoras.

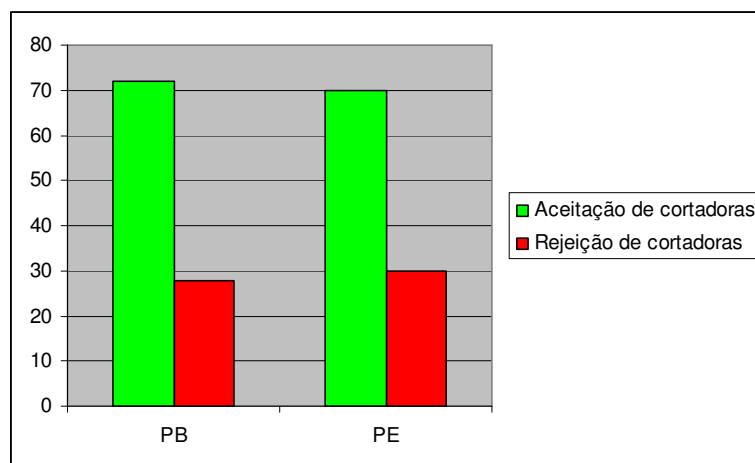


Gráfico 5: aceitação de cortadoras em PB e PE.

Além disso, foi possível verificar que portugueses e brasileiros não são capazes de detectar automaticamente a agramaticalidade de PPA. Enquanto, no PE, a condição PPG foi julgada *aceitável* em 90% dos casos, PPA também foi aceito na maioria das vezes, com 72%. No PB, a aceitação de PPG chegou a 65% e a de PPA a 61%.

Como julgam PPG e PPA igualmente aceitáveis, é coerente sustentar que Ppp seja uma estrutura estranha à competência lingüística natural dos sujeitos do PE e do PB, já que os julgamentos dessa condição não são emitidos com a precisão característica dos juízos sustentados na intuição do falante nativo. Os julgamentos de Ppp assemelham-se aos de um falante não-nativo sobre estruturas sintáticas de uma língua estrangeira: o sujeito chega a reconhecer a existência de uma determinada estrutura, mas não a ponto de detectar-lhe automaticamente certas anomalias. É possível afirmar que portugueses e brasileiros reconhecem Ppp como parte de seus conhecimentos lingüísticos, afinal se trata de uma construção cultivada pela escrita formal e ensinada explicitamente na escola. Contudo, esse reconhecimento não pode ser feito de maneira sofisticada, com a detecção imediata da incongruência no uso do conectivo, já que o processamento de Ppp envolve um processo cognitivo geral (não-modular), inacessível num experimento de *Julgamento automático*. O

experimento parece ter confirmado que Ppp é parte da língua portuguesa como uma construção sócio-histórica, mas não é parte da gramática natural dos falantes de português.

Dizendo de outra forma, a indiferenciação entre PPG e PPA, em favor da aceitação de ambos, em vez de sua rejeição, dá-se provavelmente porque o sujeito reconhece Ppp, mas não dispõe de tempo para analisar conscientemente a estrutura, de tal forma que pudesse perceber agramaticalidades. Situação totalmente contrária ao registrado nos julgamentos de cortadoras, em que CG e CA são instantaneamente diferenciadas – o que indica se tratar de juízos motivados pela intuição lingüística natural dos sujeitos, a *core-grammar* (modular). Deve-se ressaltar que é coerente que os sujeitos tenham aceitado sistematicamente PPG, em vez de o terem rejeitado, já que essa construção não é agramatical em C_{HL}, e, sim, antinatural.

É interessante notar que os níveis de aceitação de PPG foram significativamente maiores em PE na comparação ao PB (respectivamente, 90% a 65% - [F₁ (1,40) = 1,21; p<.05]). Esse resultado é coerente com o fato, registrado nos estudos de *corpus* descritos no Capítulo III, de que relativas Ppp são muito mais produtivas em PE do que em PB. Como apontado por Corrêa (1998), apesar de anos de escolarização, as chamadas relativas preposicionadas padrão (Ppp) só se tornam relativamente produtivas entre os falantes brasileiros com nível superior. Essa falta de familiaridade do brasileiro com relativas Ppp pôde ser detectada no experimento: um terço dos brasileiros rejeitaram PPG, ao passo que a rejeição dessa estrutura não passou de 10% no PE.⁶² O gráfico a seguir ilustra a indiferenciação entre PPG e PPA nos dois grandes dialetos do português, bem como a maior

⁶² Esses dados apontam para o fato de que, em PE, o uso de Ppp é mais normal (no sentido de normalizado) do que em PB. No entanto, em função das evidências reunidas nos experimentos I e II desta tese, essa diferença não parece ser causada por fatores naturais que supostamente separam as relativas preposicionadas do PE das do PB. As motivações para as diferenças na normalização de Ppp no PE e no PB seguramente serão encontradas levando-se em consideração fatores extragramaticais, como o maior ou o menor sucesso dos processos de escolarização/letramento existentes nos dois países.

aceitação de PPG em PE.

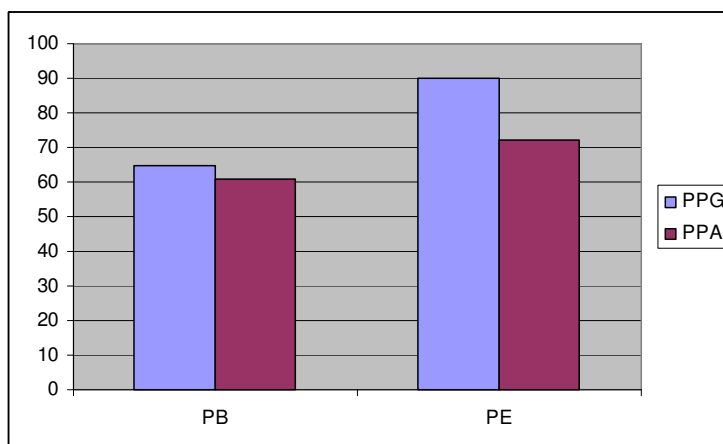


Gráfico 6: aceitação de Ppp em PB e PE.

Já com relação aos tempos de emissão dos julgamentos, não foram detectadas diferenças significativas entre cortadoras e Ppp, seja no PE ou no PB. É verdade que, em todas as condições experimentais, os sujeitos brasileiros emitiram seus julgamentos mais rapidamente que os portugueses. Todavia, essa diferença não indica nenhuma tendência em relação aos julgamentos de cortadoras ou Ppp, dado que, em cada grupo de sujeitos, essas condições são julgadas em intervalos de tempo estatisticamente equivalentes. A previsão de que cortadoras seriam julgadas mais rapidamente que Ppp não pôde ser, portanto, confirmada. Como, em geral, tarefas de julgamentos imediatos registram tempos de emissão de juízos muito rápidos – no caso de nossa pesquisa, os julgamentos raramente ultrapassaram os 2 segundos –, é difícil encontrar neles evidências importantes. Logo, apenas o *tipo de julgamento* mostrou-se uma variável relevante no experimento.

2. Experimento II – Leitura Automonitorada

No experimento de *Leitura automonitorada*, os sujeitos foram levados a ler frases na tela do computador e responder perguntas interpretativas a respeito delas. Cada frase era

apresentada em quatro partes, chamadas segmentos, que surgiam na tela conforme fossem solicitadas pelos sujeitos, mediante o acionamento de uma tecla.

Para o início da leitura, com a apresentação do primeiro segmento, o sujeito deveria pressionar uma barra branca no teclado do computador. Após a leitura do primeiro segmento, deveria novamente pressionar a barra branca para que o segundo fosse apresentado, e assim procederia até que o quarto e último segmento fosse lido – após o qual uma pergunta interpretativa sobre a frase em leitura seria feita.

Essa técnica experimental é tradicionalmente interpretada como *on-line*, já que permite a medição dos tempos de leitura dos segmentos de maneira muito próxima a seu processamento em tempo real na mente dos sujeitos. Assume-se que quanto mais rápida seja a leitura de um dado segmento, mais fácil será o seu processamento, sendo o inverso também verdadeiro: quanto maior for o tempo de leitura de certo segmento, mais custoso será o seu processamento psicolinguístico.

Tal metodologia *on-line* autoriza, a princípio, inferências menos indiretas que as obtidas por meio de testes *off-line*, como as do experimento I. Por exemplo, o cotejo entre os tempos de leitura de construções sintáticas exatamente idênticas, mas que se distinguem pelo contexto estrutural em que estão inseridas, pode embasar afirmações a respeito do maior ou menor custo para o processamento mental dessas estruturas. É precisamente esse viés que procuramos explorar com o experimento II.

Criamos um desenho experimental de tal forma que um dos segmentos a ser apresentado ao sujeito contivesse apenas duas palavras, a seqüência *preposição + pronome*, como *lde quel*, *lcom queml*, *lpara ondel* etc., que caracteriza as estruturas *pied-piping* em português. Essa seqüência (Ppp) ora se inseria no contexto sintático de uma oração

interrogativa, ora, numa oração relativa. Como, em orações interrogativas, Ppp é uma estrutura naturalmente derivada por C_{HL} , espera-se que os tempos de leitura de Ppp em interrogativas sejam mais rápidos do que os de Ppp em relativas, já que, nessas, a seqüência *preposição + pronome* deve ser considerada antinatural, e, por isso, deve ser mais custosa em termos de processamento lingüístico.

Com essa hipótese em mente, elaboramos o experimento II, que pode ser caracterizado como um teste bastante simples, com apenas uma variável independente, ilustrada abaixo.

ENCAIXAMENTO DE Ppp: *oração interrogativa* ou *oração relativa*

Tabela 4: variável independente do experimento de *Leitura automonitorada*.

Na tabela 5 a seguir, ilustram-se as duas condições do experimento, com destaque para o segmento crítico, em negrito, no qual se encontra a estrutura Ppp, e para os demais segmentos, separados por barras oblíquas. Abaixo das duas condições, apresenta-se a pergunta interpretativa relativa a ambas.

(a) Ppp EM INTERROGATIVAS:

A tia olhou para o sobrinho: / de quem / o menino / tinha recebido o chocolate?

(b) Ppp EM RELATIVAS:

A tia não conhecia o senhor: / de quem / o menino / tinha recebido o chocolate.

Pergunta interpretativa para ambas as condições:

A tia deu um chocolate para o menino?

Tabela 5: condições experimentais da *Leitura automonitorada*.

De acordo com a APP, devemos esperar que os tempos de leitura de Ppp na condição (b) sejam significativamente maiores do que em (a). Como se trata de uma simples tarefa de leitura de apenas duas palavras (no segmento crítico), parece correto entreter a hipótese de

que um atraso na leitura de Ppp em relativas seja provocado pela dificuldade de processamento dessa estrutura, já que ela, diferentemente do que ocorre com o Ppp em interrogativas, não é imediatamente reconhecível pela *core-grammar* subjacente no desempenho do sujeito, em função do que demandaria mais tempo de processamento.

A principal variável dependente do experimento 2 é, portanto, o tempo de leitura do segmento crítico, que interpretamos como uma *medida on-line*. Não obstante, também a resposta à pergunta interpretativa foi considerada como uma variável, que corresponde a uma *medida off-line*.

- (a) TEMPO DE LEITURA DO SEGMENTO CRÍTICO (*medida on-line*)
- (b) ÍNDICE DE ERROS NAS PERGUNTAS INTERPRETATIVAS (*medida off-line*)

Tabela 6: variáveis dependentes da *Leitura automonitorada*.

Assumimos a hipótese de que o recurso à cognição geral para o processamento de Ppp em orações relativas deve não apenas atrasar o tempo de leitura do segmento crítico nas relativas, mas também deve sobrecarregar a reflexão sobre a pergunta apresentada, e, com isso, o número de erros nas respostas deve ser sensivelmente superior na condição *Ppp em relativas*. Na verdade, as perguntas formuladas são muito simples, a exemplo da que se pode ver na tabela 5, e dificilmente seriam respondidas de maneira equivocada no caso, por exemplo, de questionários *off-line*. Como se trata de um experimento *on-line*, no qual o sujeito não tem a possibilidade de retornar a leitura e conferir informações, acreditamos que Ppp nas relativas deve causar uma perturbação na concentração dos sujeitos, fato que poderá dificultar a recuperação da informação necessária para a correta resposta à pergunta. Tal não deve acontecer na condição *Ppp em interrogativas*. Nesse caso, o processamento automático do segmento crítico não perturbará a atenção do sujeito, que, assim, deve apresentar baixos índices de erros nas respostas.

Mais uma vez, tanto as hipóteses levantadas para a *medida off-line* quanto para a *medida on-line* do experimento pressupõem a modularidade da gramática, por oposição à cognição geral – que, afinal, justifica a própria APP e o próprio Minimalismo.

No desenho do experimento 2, o segmento crítico (Ppp) corresponde sempre a uma posição argumental no domínio da relativa e da interrogativa. Indicam-se, na tabela a seguir, as preposições, pronomes, o traço de animacidade do referente, o foco da pergunta interpretativa e o peso das frases e dos segmentos controlados no experimento.

Preposições: *com, a, de, em e para.*

Pronomes: *quem, que e onde.*

Animacidade do referente: animado X inanimado

Foco da pergunta: um constituinte do último segmento

Peso dos constituintes: 26 sílabas na frase: 11 no primeiro segmento, 2 no segundo, 9 no terceiro e 4 no quarto.

Tabela 7: estruturas controladas nas frases do experimento de *Leitura Automonitorada*.

O controle dessas estruturas tornou-se necessário para que houvesse simetria entre relativas e interrogativas, de modo a reduzir ao máximo a possibilidade de que outros fatores, que não a estrutura Ppp, pudessem provocar o maior atraso na leitura do segmento crítico nas relativas. O foco das perguntas interpretativas, por exemplo, sempre recaía num constituinte do último segmento da frase, para que o esforço de memória na recuperação de informação presente no meio ou no início da frase não provocasse mais dificuldade na resposta à pergunta.

2.1. Método

Assim como no experimento I, procuramos na *Leitura automonitorada* assegurar o máximo de controle na metodologia aplicada na condução dos testes, seja na observação das variáveis envolvidas na construção das frases, seja na seleção dos sujeitos. Novamente,

brasileiros e portugueses foram submetidos a um questionário sociocultural, para que os marcadores *urbano* e *antecedentes de escolaridade na família* fossem confirmados. A observação desse perfil é necessária para que o provável estranhamento de Ppp em relativas não possa ser atribuído a diferenças no nível de letramento/escolarização dos sujeitos dos conjuntos do PE e do PB. Como dissemos, se confirmarmos que Ppp em relativas é uma estrutura problemática para indivíduos letrados, enquanto cortadoras são um fenômeno natural, isso necessariamente terá de ser verdadeiro também para indivíduos iletrados, mas o inverso não seria verdadeiro.

No desenho das frases do experimento, foram necessárias adaptações lexicais e ortográficas à realidade do PE e do PB. Apenas uma alteração estrutural distingue de maneira significativa as frases nos dois grupos de sujeitos: na condição Ppp em interrogativas, o segmento 3 na versão do PE corresponde ao segmento 4 na versão do PB, modificação necessária para dar conta da inversão do sujeito sintático natural nas interrogativas diretas do PE (cf. Anexos II e IV). Entretanto, essa diferença na apresentação linear dos segmentos não altera qualquer uma das previsões e das medições do experimento, já que tanto a medida *on-line* quanto a *off-line* não parecem ser influenciadas, de nenhuma maneira, por tal inversão do sujeito sintático.

2.2. Participantes

2.2.1. Sujeitos do PE

Para a realização do experimento II, os sujeitos portugueses e brasileiros foram divididos em 3 grupos de escolaridade, correspondentes ao ensino fundamental (9 anos de escolarização), médio (12 anos de escolarização) e superior (mínimo de 16 anos de escolarização). Essa segmentação teve o objetivo de permitir a comparação entre os níveis de

escolaridade mais baixos e mais altos, testando a hipótese de que Ppp em relativas seja uma estrutura mais problemática no nível fundamental, ao passo que Ppp em interrogativas não representaria problema para nenhum dos três grupos. Como, segundo a APP, relativas Ppp só são aprendidas através do letramento, é possível que, nos níveis mais baixos de escolaridade, essa estrutura ainda apresente problemas de fluência, apesar dos 9 anos de vida escolar dos indivíduos desse segmento.

Os 20 sujeitos portugueses com o correspondente ao nível fundamental foram selecionados entre os alunos da Escola Secundária do Lumiar, instituição pública de ensino situada em Lisboa, onde cursavam o 10º ano escolar. 12 deles eram do sexo feminino e 8, do sexo masculino. A idade média registrada foi de 14 anos.

Participaram dos testes no nível médio, 20 estudantes de primeiro ano do curso de Lingüística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino, com idade média de 19 anos.

Os 20 sujeitos de nível superior eram estudantes do último ano de diferentes cursos de graduação do Instituto de Ciências Social da Universidade de Lisboa, e também do curso de Lingüística, da Faculdade de Letras da mesma Universidade. Dentre esses sujeitos, 11 eram mulheres e 9 homens, com idade média de 24 anos.

Todos os sujeitos de todos os níveis declararam ter nascido e serem residentes em Lisboa, bem como terem sido criados em ambiente letrado, com pais e/ou responsáveis formados no nível médio ou superior.

2.2.2. Sujeitos do PB

Os sujeitos brasileiros com nível fundamental foram selecionados entre os alunos da oitava série da Escola Municipal Paulo Freire, localizada na cidade de Niterói (Região

Metropolitana do Rio de Janeiro). Foram 10 rapazes e 10 moças com idade média de 15 anos.

No nível médio, foram testados calouros do 1º semestre de 2007 do curso de Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. 8 homens e 12 mulheres, com faixa etária média de 19 anos de idade.

Os sujeitos de nível superior foram selecionados entre os formandos do curso de Letras, do 1º semestre de 2007, também da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 7 do sexo feminino e 13 do sexo masculino, com idade média de 25 anos.

Em todas as faixas de escolaridade os sujeitos declararam ser nascidos e residentes na região urbana de Niterói ou São Gonçalo, bem como confirmaram criação em ambiente de fala escolarizada, tendo sido seus pais e/ou responsáveis pessoas com nível de instrução médio ou superior.

2.3. Materiais

10 frases experimentais compuseram o experimento 2. Com esse número, foi possível que cada sujeito de cada nível testado fosse exposto 5 vezes às duas condições do teste. Adotou-se novamente a distribuição *between subjects*, de forma que um mesmo sujeito não tivesse acesso à versão *relativa* e *interrogativa* de uma mesma frase. Assim, um sujeito que, por exemplo, fosse exposto à condição (7) abaixo, não veria a versão relativa dessa, mas, sim, outra relativa não-relacionada, como (8).

(7) A tia olhou para o sobrinho: / **de quem** / o menino / tinha recebido o chocolate?

Pergunta: A tia deu um chocolate para o menino?

(8) O aluno conhece os rapazes / **a quem** / o professor / tinha entregado o livro.

Pergunta: O professor ainda tinha o livro consigo?

Às 10 frases experimentais, juntaram-se 30 frases distratoras, que, como a exemplificada em (9), tinham a função de impedir que o sujeito percebesse que relativas e interrogativas Ppp eram o objeto de análise do teste.

(9) O vendedor constatou / que a água da garrafa / apresentava cor estranha / há tempos.

Pergunta: A água estava imprópria para o consumo?

Todas as 10 frases experimentais deveriam receber *não* como resposta correta. Dessa forma, respostas *sim* para essas frases seriam interpretadas como incorretas, e seriam tomadas como evidência de problemas de interpretação. Para acontecer o balanceamento entre o total de respostas *sim* e *não* esperadas no experimento, 20 frases distradoras deveriam ser respondidas com *sim* e 10 deveriam receber *não* como resposta.

2.4. Procedimentos

Cada sujeito recebeu, individualmente, instruções para a realização do experimento, que eram apresentadas oralmente, na interação direta com o experimentador, e também por escrito, ao início da tarefa, na tela do computador. Todos participavam, também, de um pré-teste (treinamento), realizado diante do experimentador, em que ocorriam apenas frases distradoras e que possuía o mesmo *design* do experimento 2. Esse pré-teste tinha intenção de confirmar o perfeito entendimento, por parte do sujeito, da tarefa a ser desempenhada. O experimento real só tinha início quando o sujeito demonstrasse ter compreendido completamente a tarefa a que se submeteria.

Ao pressionar-se a barra branca destacada no teclado, surgia na tela do computador o primeiro dos quatro segmentos de cada frase a ser lida pelo sujeito. Com a conclusão da

leitura de um segmento, o sujeito deveria pressionar novamente a barra branca para autorizar a apresentação do próximo, e assim deveria proceder até que todos os segmentos tivessem sido lidos. Após a leitura do último segmento, a pergunta interpretativa era apresentada na tela. O sujeito deveria pressionar, no teclado do computador, a tecla verde, caso considerasse que a resposta para a pergunta fosse *sim*, e a tecla vermelha caso considerasse *não* como a resposta correta.

Em Portugal, o experimento foi aplicado nos meses de fevereiro e março de 2007, no Laboratório de Psicolinguística da Universidade de Lisboa, para os sujeitos do ensino médio e superior, e na Sala dos Professores da Escola Secundária do Lumiar, para os sujeitos do ensino fundamental. Todas as salas apresentavam ambiente confortável e silencioso, adequado para a concentração dos sujeitos na tarefa.

No Brasil, os sujeitos de nível médio e superior foram testados nos mês de julho de 2007, na sala 309 do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), ambiente adequado para a realização do experimento. No nível fundamental, o experimento foi realizado nos meses de julho e agosto de 2007, na sala de reuniões da Escola Municipal Paulo Freire, que apresentava condições adequadas de iluminação e silêncio necessários para a concentração dos sujeitos.

Os sujeitos portugueses e brasileiros concluíram o experimento em média de 20 minutos. Após a aplicação do teste, todos respondiam a perguntas informais sobre sua percepção das frases, de modo que o experimentador pudesse identificar se algum dos sujeitos teve consciência da recorrência de relativas e interrogativas Ppp durante a participação no experimento. Nenhum sujeito do PE ou do PB pareceu ter percebido que relativas e interrogativas Ppp estavam sob análise.

O experimento foi elaborado e rodado no mesmo software e no mesmo computador descritos no experimento 1: Psycope versão X – B46, Sistema Operacional X do computador PowerBook G4 (*laptop* da Apple, Macintosh), tela LCD de 15". Palavras apresentadas em fonte 25, na cor preta, com fundo branco. O relógio interno do computador registrou os tempos de leitura de cada segmento das frases.

2.5. Resultados

2.5.1. Dados do PE

2.5.1.1. Ensino Fundamental

No que diz respeito à medida *off-line*, os sujeitos do PE com o equivalente ao ensino fundamental apresentaram 39% de erros nas perguntas interpretativas quando as frases lidas continham relativas Ppp. Esse percentual foi considerado significativamente superior aos 9% de erros registrados quando se liam frases em que ocorriam interrogativas Ppp [$F_1(1,20) = 13,64$; $p < .01$]. O gráfico a seguir ilustra as diferenças entre os percentuais de erros de relativas e interrogativas.

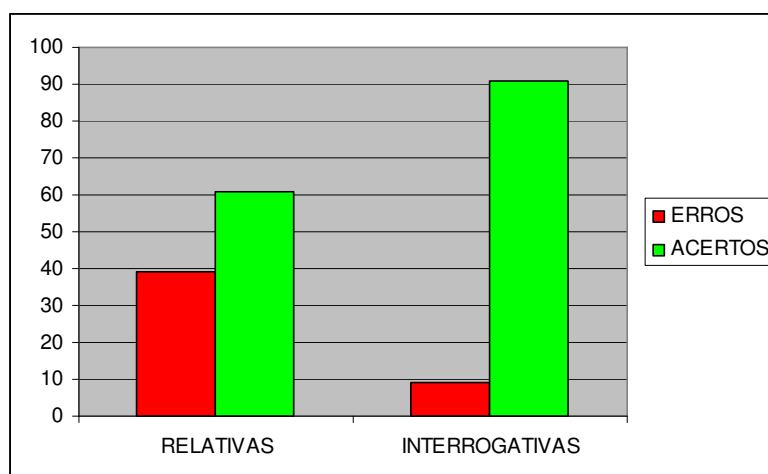


Gráfico 7: erros na medida *off-line* do experimento de *Leitura automonitorada* (Nível fundamental - PE).

Quanto ao tempo de leitura do segmento crítico, foi detectada diferença relevante entre os 1021 msg médios demandados para a leitura de Ppp em interrogativas e os 1996 msg despendidos nas relativas [$F_1 (1,20) = 188,54$; $p < .01$; $F_2 (1,5) = 219,65$; $p < .01$]. Como demonstrado no gráfico seguinte, o Ppp em relativas é lido de maneira sensivelmente mais lenta.

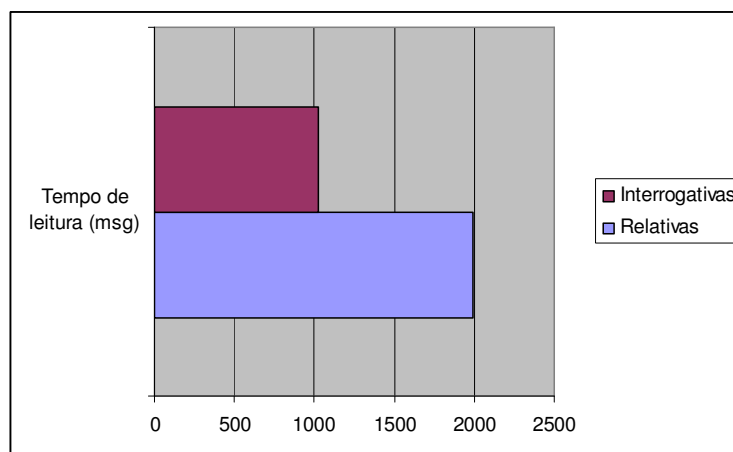


Gráfico 8: tempos de leitura do segmento crítico do experimento de Leitura automonitorada (Nível fundamental - PE).

Deve-se reportar que não houve diferenças significativas nos tempos de leitura dos demais segmentos que compunham as condições experimentais *relativa* e *interrogativa*, que foram analisados como *base-line* (em todos os casos, $p > .05$).

2.5.1.2. Ensino Médio

Entre os sujeitos portugueses com escolaridade média, a medida *off-line* também se mostrou relevante na distinção entre relativas e interrogativas. Enquanto interrogativas apresentaram apenas 3% de erro nas respostas às perguntas de interpretação, relativas provocaram 26% de respostas equivocadas, diferença estatisticamente significativa [$F_1 (1,20) = 27,65$; $p < .01$].

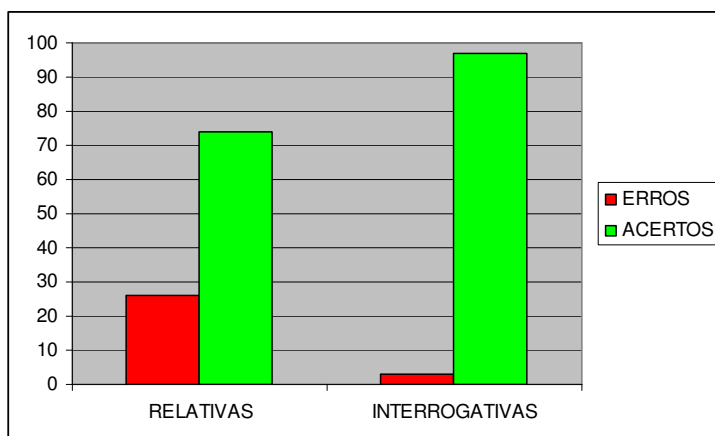


Gráfico 9: erros na medida off-line do experimento de Leitura automonitorada (Nível médio - PE).

Na medida *on-line*, o segmento Ppp apresentou tempos de leitura mais lentos nas relativas (1314 msg) no cotejo com o mesmo segmento nas interrogativas (1088 msg) – diferença detectada como relevante no teste estatístico: [$F_1 (1,20) = 15,66 p<.01$; $F_2 (1,5) = 17,36; p<.01$]. No gráfico 10, ilustra-se essa diferença.

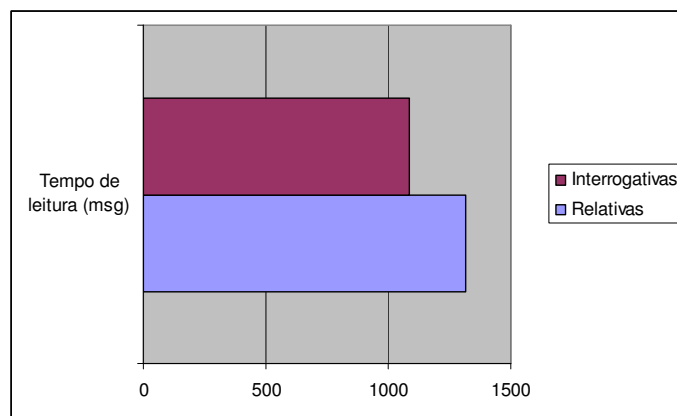


Gráfico 10: tempos de leitura do segmento crítico do experimento de Leitura automonitorada (Nível médio - PE).

Em relação aos *base-lines*, no terceiro segmento das frases também foi identificada diferença significativa entre os tempos de leitura das relativas (1199 msg) e das interrogativas (829 msg) – [$F_1 (1,20) = 61,06; p<.01$; $F_2 (1,5) = 147, 20; p<.01$]. Como esse segmento localiza-se imediatamente após o segmento crítico, pôde-se detectar um efeito *spillover*, em

que a lentidão na leitura do segmento 2 (crítico) é estendida ao segmento 3, numa possível manutenção temporária da estranheza provocada por Ppp em relativas. Note-se que as diferenças entre os tempos de leitura de relativas e de interrogativas são ainda maiores no efeito *spillover*, quando comparados aos tempos de leitura do segmento crítico.

Nos demais segmentos, tomados como *base-line* (o primeiro, antes do aparecimento de Ppp, e o quarto), os tempos de leitura de relativas e interrogativas são indistinguíveis (todos os $p > .05$).

2.5.1.3. Ensino Superior

As diferenças de reação a frases que continham relativas ou interrogativas persistiram mesmo entre sujeitos com nível superior. Na medida *off-line*, as relativas registraram 19% de erros, por oposição aos 5% de respostas equivocadas registradas nas interrogativas [$F_1 (1,20) = 22,65; p < .01$].

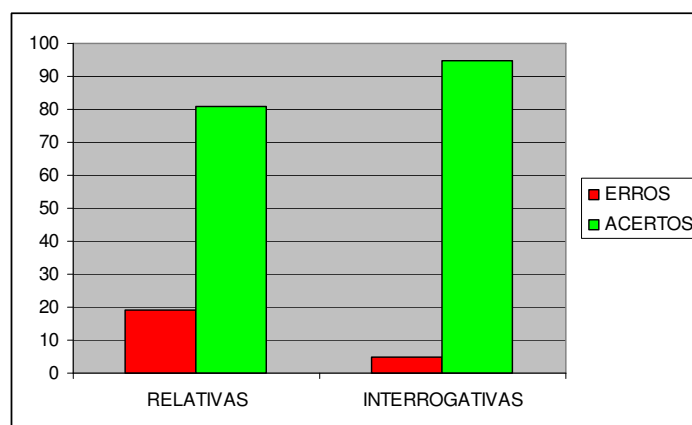


Gráfico 11: erros na medida *off-line* do experimento de leitura automonitorada (Nível superior - PE).

Com relação à medida *on-line*, o segmento crítico em interrogativas foi lido com a média de 1027 msg, tempo bastante inferior aos 1670 msg médios registrados na leitura de Ppp em relativas [$F_1 (1,20) = 79,49; p < .01$; $F_2 (1,5) = 512,66; p < .01$].

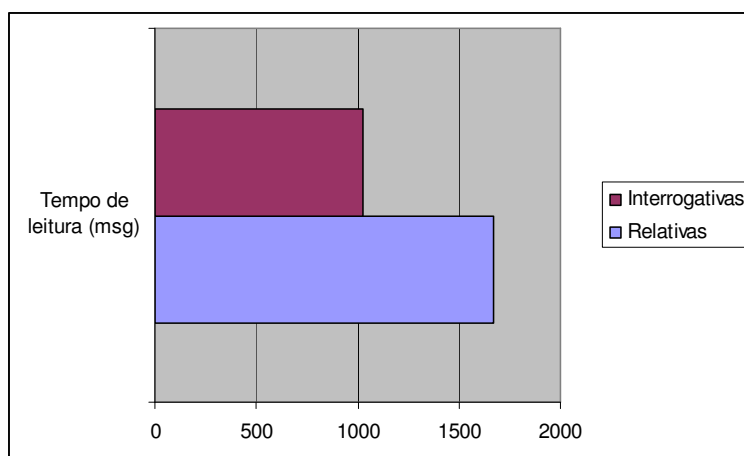


Gráfico 12: tempos de leitura do segmento crítico do experimento de *Leitura automonitorada* (Nível superior - PE).

Mais umas vez, não foram registradas diferenças estatisticamente relevantes na leitura dos segmentos não-críticos (em todos os *base-lines*, $p > .05$).

2.5.2. Dados do PB

2.5.2.1. Nível Fundamental

Os sujeitos brasileiros com escolaridade fundamental apresentaram sensível diferença nas respostas interpretativas, considerando-se as condições *relativa X interrogativa*. As perguntas feitas quando orações interrogativas haviam sido lidas receberam apenas 11% de respostas erradas, por oposição aos 36% de erros verificados nas respostas a perguntas cujas frases continham orações relativas Ppp, diferença importante para a análise estatística [$F_1(1,20) = 13,64$; $p < .01$], conforme representação do gráfico a seguir.

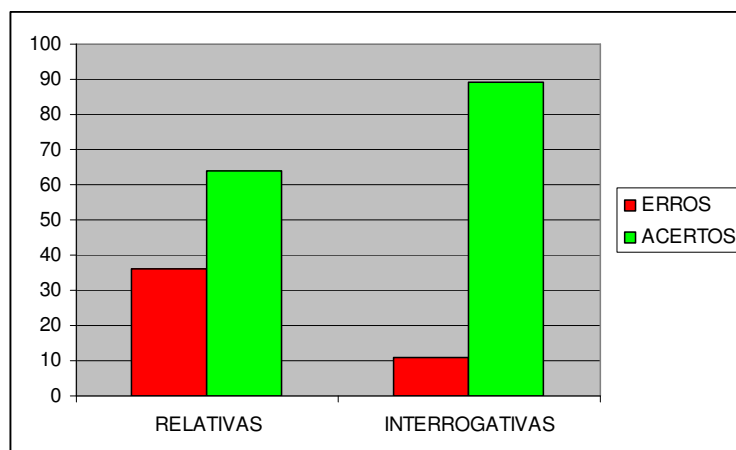


Gráfico 12: erros na medida *off-line* do experimento de leitura automonitorada (Nível fundamental - PB).

A medida *on-line* do experimento também se mostrou significativa. Os sujeitos brasileiros com escolaridade fundamental apresentaram leitura do segmento crítico em interrogativas com a média de 734 msg, um tanto inferior aos 927 msg médios registrados na leitura de Ppp em relativas. Tal diferença, ilustrada no gráfico que se segue, foi interpretada como significativa pela ANOVA bivariada [$F_1 (1,20) = 13,42; p < .05; F_2 (1,5) = 13,06; p < .05$].

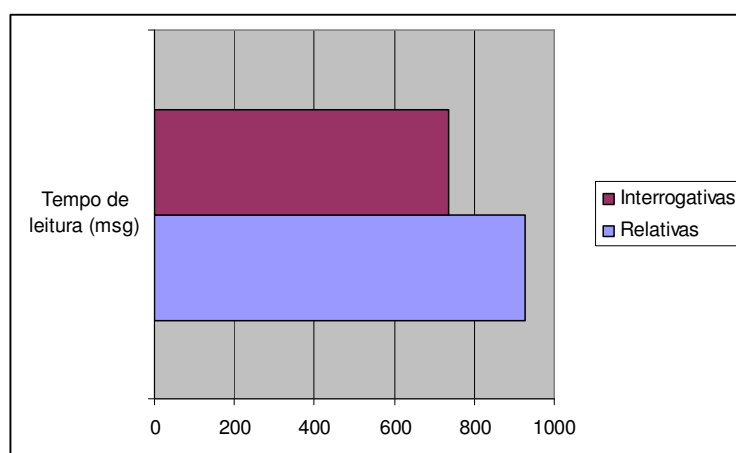


Gráfico 13: tempos de leitura do segmento crítico do experimento de Leitura automonitorada (Nível fundamental - PB).

Nos demais segmentos, não foram registradas diferenças significativas nos tempos médios de leitura dos segmentos em interrogativas e em relativas (em todos os casos, $p > .05$)

2.5.2.2. Nível Médio

Os erros nas respostas interpretativas cometidos pelos sujeitos do PB com nível médio foram menores quando a frase alvo da respectiva pergunta continha uma oração interrogativa, em comparação ao encaixamento de Ppp que envolvia uma oração relativa. Interrogativas registraram 10% de erros, ao passo que, para as relativas, registraram-se 24%.

Mais uma vez, esses resultados foram submetidos à análise estatística, cujos resultados indicam que a diferença dificilmente pode ser aleatória: $[F_1 (1,20) = 13,64; p < .01]$. A diferença entre os índices de *acerto* e *erro* em relativas e interrogativas dentre os sujeitos brasileiros de nível médio é representada no gráfico que se segue.

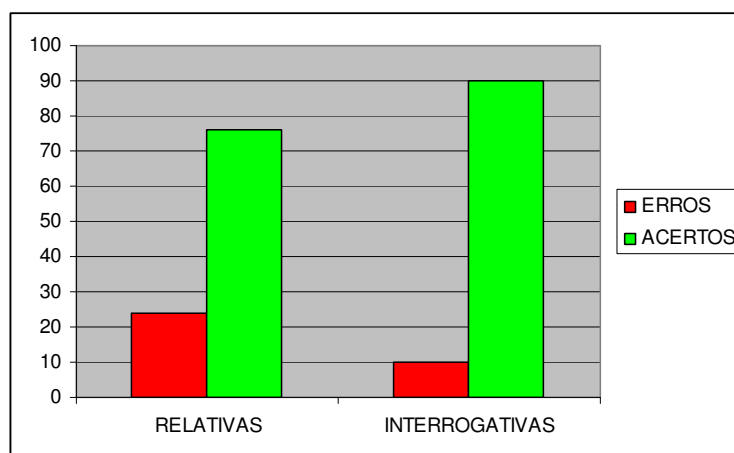


Gráfico 14: erros na medida *off-line* do experimento de leitura automonitorada (Nível médio - PB).

Nos tempos de leitura do segmento crítico, foi verificado que relativas consumiam em média 1164 msg, enquanto interrogativas registraram média de 942 msg, diferença significativa $[F_1 (1,20) = 14,62; p < .01; F_2 (1,5) = 17,64; p < .01]$.

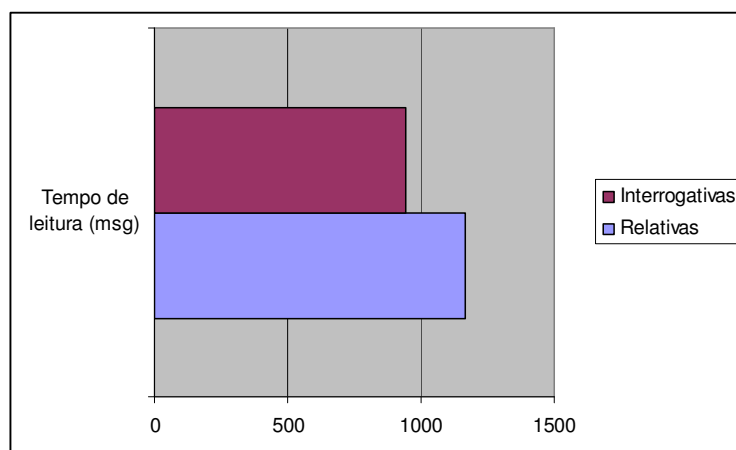


Gráfico 15: tempos de leitura do segmento crítico do experimento de *Leitura automonitorada* (Nível médio - PB).

Nos demais segmentos (*base-line*), não foram encontradas diferenças relevantes entre as condições *relativa X interrogativa* Ppp (todos os $p > .05$)

2.5.2.3. Nível Superior

Nos sujeitos do PB representantes do nível superior, os erros nas repostas interpretativas chegaram a 22% nas frases com orações relativas, exatamente o dobro dos 11% ocorridos em frases com orações interrogativas [$F_1(1,20) = 35,28; p < .01$].

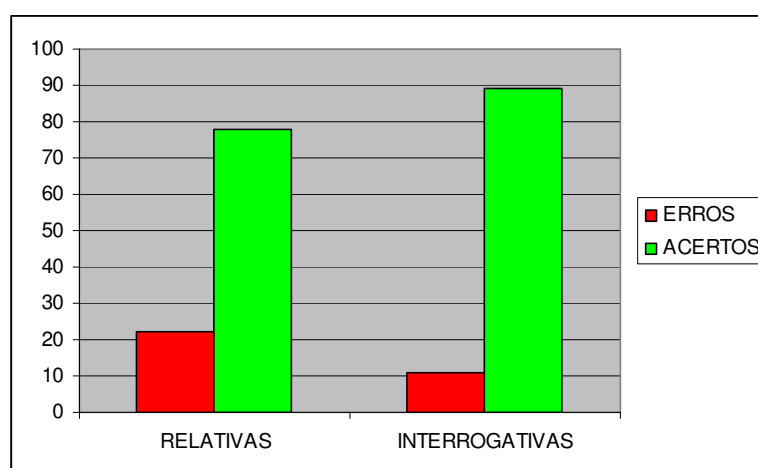


Gráfico 16: erros na medida *off-line* do experimento de *leitura automonitorada* (Nível superior - PB).

Também na leitura do segmento crítico, as diferenças entre relativas e interrogativas mostraram-se significativas. Ppp em relativas registrou tempo médio de 1061 msg, enquanto em interrogativas a média foi de 802 msg [$F_1(1,20) = 18,45$; $p < .01$; $F_2(1,5) = 19,98$; $p < .01$], como ilustrado abaixo.

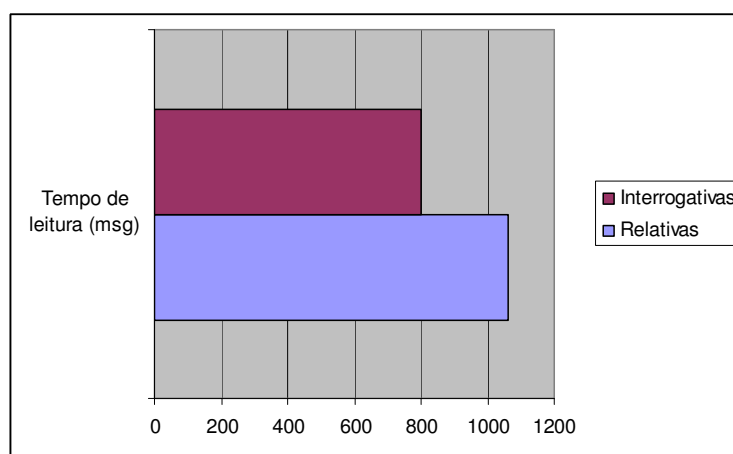


Gráfico 17: tempos de leitura do segmento crítico do experimento de *Leitura automonitorada* (Nível superior - PB).

Por fim, os tempos de leitura dos demais segmentos (não-críticos) do experimento não apresentaram distinção entre relativas e interrogativas (todos os *base-lines* com $p > .05$).

2.6. Discussão

Os resultados do experimento de *Leitura automonitorada* parecem indicar que os sujeitos portugueses e brasileiros apresentam o mesmo tipo de reação a Ppp. Ambos manifestaram um estranhamento quando essa estrutura é encaixada numa oração relativa, por oposição à naturalidade com que reagem ao encaixe de Ppp em orações interrogativas.

Com relação à medida *off-line*, verificou-se que o número de erros nas respostas às perguntas interpretativas é significativamente maior quando tais perguntas têm como alvo frases em que relativas Ppp estão encaixadas, por oposição a frases com o encaixamento de interrogativas Ppp. As relativas superam as interrogativas no percentual de respostas erradas

em todos os segmentos escolares testados, tanto no PE quanto no PB.

É importante notar que os erros cometidos nas frases com encaixamento de interrogativa Ppp não são significativamente diferentes entre os níveis de escolaridade analisados: no caso do PB, os erros chegam a 11% nos ensinos fundamental e superior, e a 10% no ensino médio, enquanto, no PE, não passam de 9% no ensino fundamental, 5% no ensino médio e 3% no nível superior (todos os $p > .05$). Como são praticamente os mesmos em todos os níveis, parece correto interpretar que tais erros encontram-se dentro da faixa de aleatoriedade previsível em testes com respostas *sim* ou *não*.

Já as relativas Ppp apresentam um quadro bastante diferente. Os erros na interpretação de relativas decrescem de maneira significativa conforme os sujeitos apresentem maior grau de escolaridade. No caso do PE, os 39% registrados no ensino fundamental caem para 26% no ensino médio e para 19% no nível superior. No PB, os 36% de erros registrados no ensino fundamental são reduzidos para 24% e 22% nos ensinos médio e superior, respectivamente ($p < .05$), conforme ilustrado abaixo.

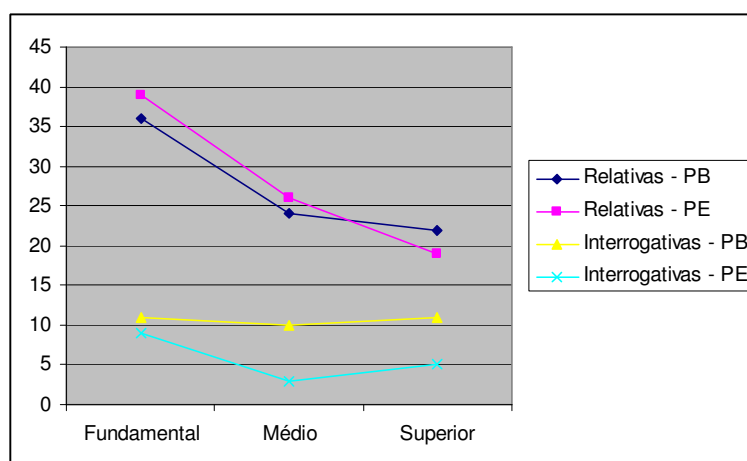


Gráfico 18: assimetria entre índice de erros em relativas e em interrogativas no experimento de *Leitura automonitorada*.

Essa assimetria entre interrogativas e relativas pode ser tomada como evidência em favor da APP. Parece ter sido confirmada a hipótese de que Ppp em relativas causaria uma perturbação na leitura da frase, o que seria responsável por um número maior de erros na medida *off-line* de orações relativas. Além disso, a redução significativa nos erros entre os níveis de escolaridade parece evidenciar que o maior letramento é capaz de reduzir sensivelmente a estranheza provocada pelo Ppp em relativas: quando maior a escolaridade, maior o treinamento com essa estrutura artificial (e antinatural), e, conseqüentemente, maior será a fluência nesse tipo de construção sintática.

Tanto o maior índice de erros em relativas, quanto o decréscimo desses erros com o avanço na escolaridade são perfeitamente congruentes com a APP, e, na verdade, são fatos previstos pela hipótese. A APP prediz justamente que, como estrutura antinatural, Ppp em relativas deve ser uma estrutura estranha à competência lingüística dos falantes, e a única maneira de tornar-se fluente nesse tipo de construção é através do letramento/escolarização.

No que diz respeito à medida *on-line*, foi verificado um efeito principal da variável *estrutura* nas diferenças entre os tempos de leitura de Ppp em relativas e em interrogativas, tanto nos sujeitos do PE quanto do PB. Independente do nível de escolaridade, portugueses e brasileiros lêem Ppp mais lentamente quando inserido em relativas. Essas diferenças entre os tempos de relativas e interrogativas são ilustradas nos gráficos a seguir.

Deve-se atentar para o fato de que os sujeitos do PE apresentam leitura mais lenta que os sujeitos do PB de maneira generalizada, em todos os segmentos de todas as frases, tanto em relativas quanto em interrogativas. Dessa forma, a comparação relevante aqui deve ser feita entre os tempos de relativas e interrogativas em cada conjunto de sujeitos (PE e PB), mas não entre eles.

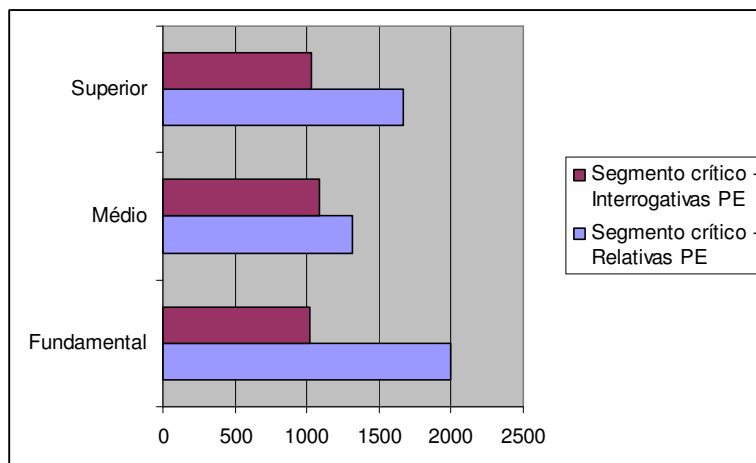


Gráfico 19: tempos de leitura de Ppp em relativas e em interrogativas no experimento de *Leitura automonitorada* (PE).

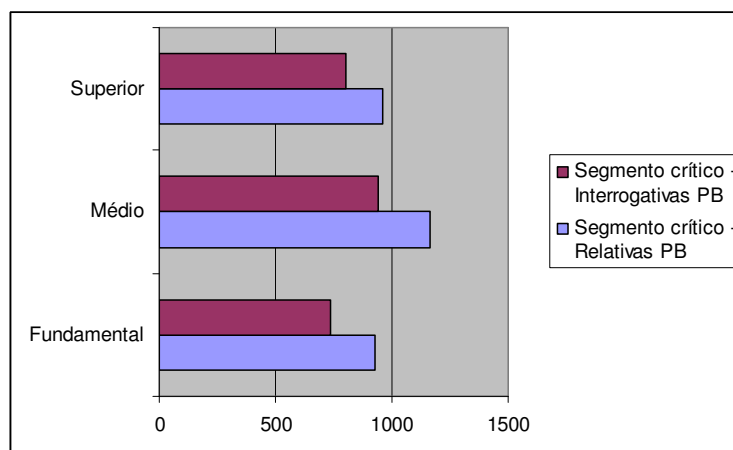


Gráfico 20: tempos de leitura de Ppp em relativas e em interrogativas no experimento de *Leitura automonitorada* (PB).

Como o seguimento crítico do experimento é constituído de apenas duas palavras (*preposição + pronome*), é muito provável que o atraso na leitura desse segmento seja provocado pelo contexto sintático em que tais palavras se inserem: conforme dita a APP, a seqüência *preposição + pronome* é natural em interrogativas, em que ocorre como Last Resort, mas é antinatural em relativas. Essa antinaturalidade parece ter sido capturada pelo maior tempo de leitura de Ppp em relativas, que deve ocorrer como reflexo da dificuldade de processamento dessa estrutura.

Se essa interpretação estiver correta, então é possível assumir que o experimento 2 confirma a APP em língua portuguesa, demonstrando que portugueses e brasileiros apresentam qualitativamente a mesma reação de estranheza a Ppp em orações relativas.

3. Experimento III – Julgamento imediato de gramaticalidade com analfabetos

O terceiro experimento aplicado na busca de sustentação empírica para a APP consistiu num novo teste de *Julgamento imediato de gramaticalidade*, com a particularidade de, desta vez, terem sido tomados como sujeitos indivíduos analfabetos. Com esse teste *off-line*, tivemos o objetivo de verificar se analfabetos/iletrados seriam capazes de realizar alguma análise morfossintática no interior de orações relativas Ppp, demonstrando, por exemplo, sensibilidade a incongruências de gênero e de número entre o alvo da relativização e o pronome relativo utilizado. Como, segundo a APP, relativas Ppp devem ser completamente estranhas à competência lingüística do analfabeto, assumimos que essa análise não acontecerá, e esse tipo de sujeito deve mostrar-se indiferente a agramaticalidades como “*a pessoa com os quais falei*”, “*os lugares para a qual fui*” etc. As relativas Ppp, por serem estruturas antinaturais, devem comportar-se como um bloco inalisável para pessoas sem qualquer tipo de treinamento com as formalidades da escrita.

3.1. Método

A tarefa do experimento consistia em ouvir, através de um fone de ouvido conectado ao computador, frases gravadas, dentre as quais ocorriam *relativas Ppp gramaticais* e *relativas Ppp agramaticais*. Após ouvir cada frase, os sujeitos deveriam pressionar, no teclado do computador, um botão verde, caso considerasse a frase ouvida como *aceitável*, ou um botão vermelho, caso a considerasse *inaceitável*. Como se vê, trata-se de um experimento muito simples, constituído de apenas uma variável independente, formalizada a seguir.

GRAMATICALIDADE DA RELATIVA Ppp: *gramatical* ou *agramatical*

Tabela 8: variável independente do *Julgamento imediato de gramaticalidade com analfabetos*.

Com essa variável, duas condições experimentais foram estabelecidas no experimento, exemplificadas abaixo:

(a) RELATIVA Ppp GRAMATICAL (PppG)

Ex.: *A morte é um assunto sobre o qual ninguém gosta de falar.*

(b) RELATIVA Ppp AGRAMATICAL (PppA)

Ex.: * *A morte é um assunto sobre as quais ninguém gosta de falar.*

Tabela 9: condições experimentais do *Julgamento imediato de gramaticalidade com analfabetos*.

Na condição PppG, ocorre uma típica relativa preposicionada padrão, formada pelo alçamento da preposição, localizada imediatamente antes do pronome relativo (*o qual* ou uma de suas flexões), que mantém concordância de gênero e de número com o alvo da relativização. Já PppA também apresenta a preposição antes do pronome relativo, porém, nessa condição, há incongruência de gênero e de número entre o alvo da relativização e o pronome relativo, conforme ilustrado na tabela 9.

Assumindo-se a APP, é coerente entreter a hipótese de que os sujeitos analfabetos não farão distinção entre PppG e PppA, julgando-os ambos como *aceitáveis*. Inclusive, como PppG e PppA devem parecer-lhes construções idênticas, não deve haver diferença significativa entre os tempos de julgamento das duas condições.

Conjugando-se o tempo e o tipo de julgamento, chega-se às seguintes variáveis dependentes do experimento:

(a) TIPO DE JULGAMENTO: *aceitável* ou *inaceitável*

(b) TEMPO DE EMISSÃO DO JULGAMENTO

Tabela 10: variáveis dependentes do *Julgamento imediato de gramaticalidade com analfabetos*.

No que concerne ao controle do desenho experimental, ambas as condições apresentaram constituinte relativo extraído de posição argumental no domínio da oração relativa. Indicam-se, abaixo, as preposições, pronomes, o traço de animacidade do referente e o peso das frases controlados no experimento.

Preposições: *em, de, a, para, com, sobre e por.*

Pronome relativo: *o qual* e suas flexões

Animacidade do referente: animado X inanimado

Peso de cada frase: 12 ou 13 palavras

Tabela 11: estruturas controladas nas frases do experimento de Julgamento imediato de gramaticalidade com analfabetos.

3.2. Participantes

Foram testados 8 sujeitos analfabetos, todos do sexo masculino, moradores da cidade de Maricá, interior do estado do Rio de Janeiro. Todos os sujeitos exerciam a profissão de pescador, possuíam em média 55 anos de idade e declaram não possuir qualquer problema de audição ou motor que pudesse comprometer a execução do experimento.

3.3. Materiais

O experimento foi composto por 10 frases experimentais. Desta forma, cada sujeito pôde ser exposto 5 vezes a cada uma das condições do teste. Os sujeitos não eram expostos à versão PppG e PppA de uma mesma frase, já que isso poderia despertar a consciência para o tipo de fenômeno morfossintático em análise, tendo sido aplicada, portanto, a distribuição *between subjects*.

Às frases experimentais misturavam-se, randomicamente, 20 frases distratoras (cf. Anexo V). As distratoras eram compostas de 10 frases gramaticais e 10 agramaticais, formadas por diferentes tipos de estruturas sintáticas, exceto relativas preposicionadas.

3.4. Procedimentos

Cada sujeito recebeu instruções individuais sobre os procedimentos adequados na participação do experimento. Foi solicitado que ouvissem atentamente as frases e procurassem identificar-lhes anomalias, de acordo com a sensação de naturalidade ou de estranheza que teriam após ouvir cada frase. Dissemos aos sujeitos, como pretexto para o experimento, que a língua portuguesa falada no Brasil estaria passando por mudanças, de geração para geração, e a identificação dessa mudança seria o nosso objeto da pesquisa, sendo importante a opinião automática que cada sujeito deveria emitir.

Os sujeitos participaram também de um pré-teste (treinamento), formado apenas por frases distratoras, que apresentava o mesmo *design* do experimento real. O pré-teste tinha o objetivo de familiarizar os sujeitos com o tipo de experimento de que iriam participar (praticando a atenção às frases, a percepção da sensação de normalidade ou estranheza após a leitura, o uso do fone de ouvidos, a manipulação de teclas no computador etc.). Esse treinamento foi realizado na presença do experimentador, que fazia tantas interferências quanto julgasse convenientes, e durava tanto tempo quanto o necessário para que os sujeitos compreendessem e se adaptassem perfeitamente à tarefa que deveriam executar.

Na realização do experimento propriamente dito, as frases eram apresentadas aos sujeitos oralmente, com voz feminina em pronúncia pausada e adequada. Cada um dos estímulos orais era proferido em 6 segundos. Após a apresentação de cada frase, a imagem representada na figura 1 a seguir era apresentada na tela do computador. A exposição da imagem indicava ao sujeito que era chegado o momento de fazer o julgamento da frase que acabara de ouvir.

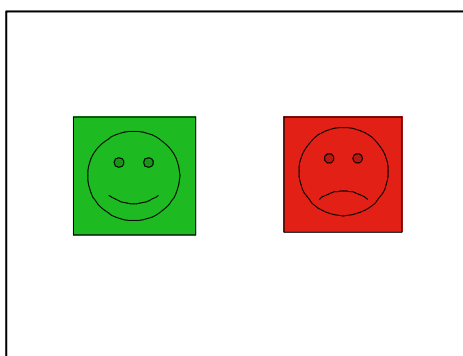


Figura 1: imagem apresentada aos sujeitos analfabetos para indicar o momento do julgamento de gramaticalidade.

Para o julgamento *aceitável*, o sujeito deveria pressionar, imediatamente após ouvir a frase, uma tecla verde, destacada no teclado do computador. Para o julgamento *inaceitável*, deveria pressionar uma tecla vermelha. A imagem da figura 1 demonstra como exploramos a iconicidade do *verde* para o *sim* e do *vermelho* para o *não*.

O software e o computador (laptop) utilizados foram os mesmos já descritos nos experimentos I e II. O experimento foi aplicado ao longo dos meses de agosto e setembro de 2007, na sala de reuniões da Associação de Moradores do bairro Araçatiba, em Maricá, local adequado em termos de conforto e silêncio necessários para a concentração dos sujeitos. Após a participação na tarefa, os sujeitos respondiam a perguntas informais a respeito do teste realizado. Em nenhum dos casos, afirmaram ter percebido algo que pudesse ser relacionado às condições do experimento.

3.5. Resultados

Os sujeitos analfabetos demonstraram percentuais de aceitação estatisticamente indistinguíveis entre as condições PppG e PppA. Ambas foram consideradas igualmente aceitáveis: enquanto PppG registrou 91% de julgamentos *aceitáveis*, PppA recebeu 96% de aceitação [$F_1(1,8) = 0,51$; $p > .05$]. O gráfico que se segue ilustra a equivalência entre esses

percentuais.

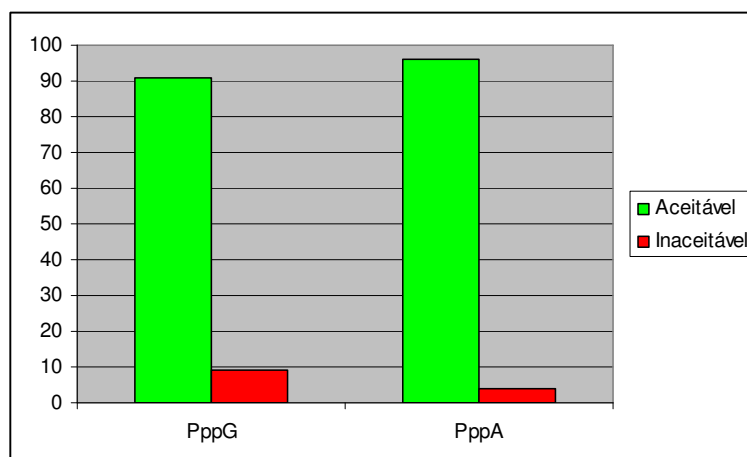


Gráfico 21: aceitação de PppA e PppG no Julgamento imediato de gramaticalidade com analfabetos.

Quanto aos tempos de julgamento, também não foram encontradas diferenças significativas entre PppG e PppA. Enquanto PppG apresentou média de 2924 msg por julgamento, PppA apresentou 2981 ($p > .05$)

3.6. Discussão

Os resultados do experimento de *Julgamento de gramaticalidade com sujeitos analfabetos* também parecem confirmar a hipótese APP. Primeiramente, foi possível verificar que os analfabetos não são capazes de perceber as diferenças entre as condições PppG e PppA, considerando-as ambas *aceitáveis*, apesar da saliente incongruência de gênero e de número no uso do pronome presente nesta última condição. Em segundo lugar, os tempos médios consumidos nos julgamentos de PppG e de PppA são também estatisticamente indistintos, quebrando-se a expectativa de que a estranheza de PppA pudesse ser refletida em tempos de julgamento mais lentos nessa condição.

Como, mesmo entre pessoas analfabetas, a concordância de gênero é normalmente

considerada um traço categórico no PB, a insensibilidade à violação desse traço gramatical quando inserido numa relativa Ppp pode ser tomado como evidência de que tal tipo de estrutura constitui um objeto estranho, um bloco inanalísável para aqueles que não foram iniciados na escrita formal. Do contrário, não haveria razão aparente para que os sujeitos ignorassem a incongruência de gênero manifestada em PppA.

É interessante que os sujeitos analfabetos tenham preferencialmente aceitado PppG e PppA, em vez de sempre os ter negado ou mesmo oscilado de maneira aleatória entre aceitar e negar essas condições. É possível que tenham associado Ppp a um suposto uso *correto* da língua. A situação sociolingüística dos analfabetos contemporâneos é particularmente complexa, uma vez que muitos deles – como é o caso daqueles testados no experimento III –, vivem inseridos numa sociedade urbana e letrada, e, por isso, são freqüentemente expostos à fala culta, presente nos noticiários televisivos, nas novelas populares, nos discursos políticos, no trato com outros indivíduos etc. Dessa forma, parece coerente que, mesmo sem terem recebido instrução formal, esses analfabetos sejam capazes de tacitamente identificar certos marcadores sociolingüísticos cultos, avaliados como *corretos*, muito embora esses marcadores não façam parte de sua gramática natural, como indica, no caso, a aceitação de Ppp mesmo quando a concordância de gênero/número é flagrantemente violada. É natural que a própria situação experimental de análise lingüística tenha ativado essa busca por usos socialmente valorizados.

Os julgamentos dos analfabetos assemelham-se aos dos indivíduos escolarizados testados no experimento I.⁶³ Esses também aceitam Ppp, mas não são capazes de distinguir

⁶³ Vale repetir que Ppp não é uma construção *agramatical*, e, sim, *antinatural* em C_{HL}. Por essa razão, é coerente que os sujeitos não tenham simplesmente negado a estrutura, mas tenham sido incapazes de identificar detalhes na sua caracterização, sejam esses relativamente sutis, como os do experimento I, ou mais evidentes como os do experimento III.

as condições *gramatical* e *agramatical*. Cabe enfatizar que o dado relevante a ser extraído do experimento III não é que os analfabetos tenham aceitado PppG. O importante para a presente argumentação é que tenham aceitado igualmente PppA. Se Ppp fosse, de fato, parte da competência lingüística dos sujeitos testados, a aceitação de PppG conduziria inevitavelmente à negação de PppA. Como isso não acontece, então podemos concluir que Ppp não é parte da *core-grammar* e, sim, parte do conhecimento de mundo desses indivíduos.

Convém registrar que os sujeitos analfabetos não apresentaram julgamento *aceitável* em frases distratoras agramaticais em percentual que pudesse ser considerado significativo (36% das distratoras agramaticais foram consideradas aceitáveis, e 91% das distratoras gramaticais receberam julgamento *aceitável* – $p > .05$). Também a notória ausência de concordância no português popular brasileiro (PPB), muito forte ou categórica sobretudo entre pessoas com baixa escolarização (cf. Naro, 1993), não parece apresentar relação com os resultados do experimento. Salientamos que a não-concordância no PPB ocorre apenas na marcação de número, e nunca na de gênero.

4. Conclusões

Este Capítulo teve o objetivo de testar a APP em língua portuguesa, por meio do confronto entre o desempenho de falantes do PE e do PB em experimentos psicolingüísticos de percepção e de processamento de frases. A hipótese tradicional sobre as relativas do português, representada na descrição clássica das relativas do PE (cf. Mateus et al., 2003) e na sociolingüística-paramétrica brasileira (cf. Kato, 1993), assumiria que os sujeitos do PE e do PB manifestariam um desempenho bastante diferente, afinal, de acordo com essas concepções, relativas cortadoras só existiriam de maneira significativa no PB, enquanto relativas Ppp seriam produtivas apenas no PE. Essa hipótese não foi confirmada na presente

pesquisa, tendo sido verificado que os sujeitos do PE e do PB manifestam o mesmo tipo de reação a orações relativas preposicionadas. Juntamente ao trabalho de Maia, Fernández, Costa e Lourenço-Gomes (2007), os experimentos desta tese são uns dos primeiros estudos a indicar a existência de mais semelhanças do que diferenças entre as relativas do PB e do PE.

No primeiro experimento, demonstrou-se que os julgamentos de gramaticalidade de relativas cortadoras são praticamente os mesmos entre os sujeitos do PE e do PB: ambos reconhecem, de maneira sistemática, as cortadoras como uma estrutura legítima em sua língua. A intuição dos sujeitos PE e do PB acerca das relativas cortadoras é tal, que lhes é possível identificar agramaticalidades nesse tipo de construção de maneira automática: os dois tipos de sujeito rapidamente rejeitaram cortadoras agramaticais no experimento de *Julgamento imediato de gramaticalidade*.

Por contraste, os sujeitos do PE e do PB, embora tenham majoritariamente aceitado Ppp, não foram capazes de identificar agramaticalidades nesse tipo de estrutura, julgando Ppp gramaticais tão aceitáveis quanto Ppp agramaticais. Essa incapacidade de distinguir o Ppp legítimo do ilegítimo indica uma assimetria na capacidade de julgar precisamente cortadoras, mas não Ppp. Os sujeitos até reconhecem Ppp como parte de sua competência, no entanto, como se trata de uma construção artificial, aprendida na escola (ou através de outras formas de letramento), seria preciso uma inspeção mais demorada e mais consciente (algo mediado pela cognição geral) para que problemas nessa estrutura pudessem ser identificados. Esse recurso à cognição geral não seria necessário na análise das cortadoras, que, como parte da *core-grammar* (um módulo da mente), seriam processadas automaticamente, o que permitiria os julgamentos mais precisos que emanam da intuição lingüística natural.

O segundo experimento permitiu o confronto entre Ppp encaixado em relativas e em

interrogativas *wh-*, por meio da *Leitura automonitorada*. Verificou-se que os tempos de leitura de Ppp são significativamente superiores nas relativas, tanto entre indivíduos de escolaridade mais baixa (nível fundamental), quanto entre os de formação superior, passando pelos de nível médio – algo que parece coerente com a hipótese APP, dado que somente em relativas, e não em interrogativas, Ppp pode ser considerado antinatural. A morosidade na leitura de Ppp em relativas foi confirmada no PB e também no PE, indicando novamente a isonomia entre a *performance* de brasileiros e de portugueses.

Ainda na *Leitura automonitorada*, vimos que, independente do grau de escolaridade do sujeito, perguntas interpretativas simples, que tinham como alvo as frases lidas durante a apresentação dos segmentos, recebiam um número de respostas erradas significativamente maior nas frases que continham relativas Ppp, por oposição às que continham Ppp encaixado em interrogativas. Essa maior suscetibilidade a erro nas relativas também pôde ser verificada entre os sujeitos do PE e do PB, mais um fato que parece indicar haver mais simetrias do que assimetrias entre as relativas desses dois grupos de sujeito.

Além de terem ratificado a isonomia entre as relativas preposicionadas do PE e do PB, os experimentos I e II dão sustentação empírica à hipótese APP. Afinal, se as relativas Ppp não parecem emanar da competência lingüística natural dos indivíduos do PE e do PB, isso põe a língua portuguesa em situação semelhante ao que foi descrito para o inglês, o francês, o espanhol, o servo-croata e as demais línguas abordadas no Capítulo II desta tese.

Este Capítulo demonstrou também, com o experimento III, que analfabetos brasileiros não manifestam sensibilidade à falta de concordância de gênero e de número presente em relativas Ppp agramaticais. Os sujeitos desse experimento consideraram indiferentemente aceitáveis as relativas Ppp gramaticais e as agramaticais. Como a concordância de gênero é

um traço categórico no PB, é possível assumir que a violação desse traço torna-se invisível nas relativas Ppp, já que, como construção antinatural, Ppp deve comportar-se como uma estrutura inalisável para os analfabetos, algo por eles simplesmente ignorado.

Ao demonstrar semelhanças no desempenho entre os diversos tipos de sujeito testados nos experimentos descritos e analisados neste Capítulo, acreditamos ter reunido fortes evidências em favor da hipótese APP. Tais evidências, somadas às análises de *corpus* resenhadas no Capítulo III e às análises experimentais compiladas no Capítulo II, indicam que a hipótese APP merece ser seriamente considerada pela teoria lingüística contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A antinaturalidade de *pied-piping* em orações relativas (APP) é uma hipótese formal elaborada no âmbito da Teoria da Gramática de orientação chomskiana (Chomsky, 1995 e posteriores), que parece ser bastante coerente com os princípios de economia derivacional basilares no Minimalismo (cf. Capítulo I) e em favor da qual diversas evidências empíricas parecem convergir (cf. Capítulos II, III e IV). Essa hipótese apresenta uma solução para o problema teórico que é a (aparente) existência, num mesmo sistema lingüístico, de derivações alternativas, em competição entre si, como Pst e Ppp, sendo a primeira computacionalmente menos custosa que a segunda.

A APP assume que, na computação de uma relativa preposicionada, a extração do traço *wh-* para Spec-CP, a ocorrer necessariamente numa fase F antes de Spell-Out, pode ser derivada de duas e apenas duas maneiras: ou (a) somente o DP com o traço *wh-* sofre Move ou (b) Move se aplica a todo o PP que domina o DP com o traço *wh-*, conforme se ilustra, respectivamente, em (1a) e (1b).

- (1) Fase F = [CP **wh** [TP [VP [PP [DP *wh*]]]]]
- (a) [CP [DP *wh*]_i **wh** [TP [VP [PP [DP ~~*wh*~~]_i]]]]]
- (b) [CP [PP [DP *wh*]]_i **wh** [TP [VP [~~PP [DP *wh*]]~~]_i]]]

Após Spell-Out, como consequência de (1a), será formada uma relativa Pst ou uma relativa cortadora, ou ainda uma relativa resumptiva, de acordo com o tratamento computacional, em PF, que uma língua L dispense aos traços de P e de DP. Em línguas como o inglês, P e DP não compartilham traços morfofonológicos e são, portanto, computados independentemente, o que licencia Pst. Já nas línguas neolatinas, os traços de P e DP são

amalgamados em PF, razão pela qual Pst não pode ocorrer e cortadoras são licenciadas em português, espanhol, francês etc. Por sua vez, as relativas resumptivas ocorrem em qualquer tipo de língua, por se tratar da realização fonológica na base dos traços ϕ do DP movido, que por alguma razão são recuperados no curso da derivação em PF.⁶⁴ Por seu turno, a opção por (1b) conduziria inevitavelmente a Ppp.

Como C_{HL} deve executar operações que resultem em estruturas, ao mesmo tempo, *convergentes e mínimas*, devemos esperar que (1b) seja uma opção derivacional descartada, em favor de (1a). Apenas (1a) é capaz de preservar o princípio de economia Move F, de acordo com o qual o mínimo de constituintes deve sofrer Move para a eliminação antes de Spell-Out de um traço T qualquer (cf. Radford, 2004: 216). Não existem dúvidas de que o Move de $[DP]$ seja mais econômico que o de $[PP [DP]]$. *Pied-piping* só pode ocorrer sob condição de Last Resort, isto é, como o único recurso capaz de evitar a agramaticalidade de uma derivação, como acontece com as interrogativas *wh*-preposicionadas em português. Do contrário, nunca se aplica naturalmente.

Assim, o acesso a (1b) terá como resultado uma derivação convergente, mas não-mínima, que viola uma Condição de Economia de C_{HL} . Esse tipo de estrutura não pode ser derivado naturalmente, tendo de ser cultivado de maneira artificial e, na verdade, antinatural, já que viola a natureza mínima da Faculdade da Linguagem.

A APP pode vir a ser interpretada como uma hipótese muito forte, que faz uma interpretação radical do Programa Minimalista chomskiano. Hipóteses fortes apresentam a vantagem de permitir fácil refutação. No caso da APP, a existência de uma cultura ágrafa,

⁶⁴ Note-se que a recuperação dos traços do DP pode ser total, dando origem a uma relativa em que o DP alvo é completamente reproduzido no interior da relativa (ex. *Sur la boîte que la petite fille est debout sur la boîte*). Esse tipo de relativa chegou a 16% de ocorrência nos dados de Labelle (1990), conforme analisamos no Capítulo II.

isolada da moderna civilização ocidental, cuja língua registre a ocorrência de Ppp em relativas fora da condição de Last Resort será o suficiente para falsificar nossa hipótese. Mesmo estudos sobre as línguas européias modernas podem negar a APP, bastando para tanto que registrem crianças em fase de aquisição da linguagem a gerar relativas Ppp, em situação natural ou experimental. Com efeito, muitos estudos sobre aquisição de relativas demonstram justamente o contrário: as crianças nunca produzem Ppp, mesmo quando essa é considerada a relativa preposicionada padrão na língua ambiente (cf. McDaniel et al., 1998; Labelle, 1990; Pérez-Leroux, 1995, e outros)

A princípio, a própria língua portuguesa parece representar uma objeção à APP. Como vimos, a descrição formal do PE (cf. Mateus et al., 2003) e a socioparamétrica brasileira (cf. Galves, 2001) assumem que as relativas cortadoras são agramaticais ou marginais em Portugal, sendo Ppp uma derivação natural e generalizada por lá, numa situação exatamente oposta à verificada no PB. No entanto, essa objeção é apenas aparente. Acreditamos ter reunido, nesta tese, um grande número de evidências em favor da hipótese de que as diferenças entre as relativas do PE e do PB devem-se a fatores socioculturais e não a motivações gramaticais naturais. Por exemplo, a produtividade de Ppp em PE pode cair de 100% a 0% a depender do tipo de *corpus* sob análise, e o mesmo acontece com as cortadoras, que podem apresentar produtividade mínima ou máxima, de acordo com o tipo de texto considerado, o tipo de falante etc. Ademais, como procuramos demonstrar com o experimento de *Julgamento imediato de gramaticalidade*, em situação experimental, contexto em que a *performance* lingüística pode ser mais diretamente associada à competência que lhe subjaz, o desempenho de portugueses e brasileiros é indistinguível: ambos aceitam sistematicamente as relativas cortadoras como parte de sua língua, e não são capazes de

perceber agramaticalidades deliberadamente inseridas em relativas Ppp.

Na verdade, uma pequena temporada em Lisboa, com atenção às manifestações lingüísticas populares, pôde revelar que a baixa produtividade em PE atribuída às relativas cortadoras é um exagero ou uma ilusão. Mesmo na linguagem escrita com apelos populares é possível encontrar muitas ocorrências de cortadoras. As fotos apresentadas a seguir foram selecionadas dentre várias tiradas em Lisboa entre os meses de dezembro 2006 e março de 2007. Apresentamo-las despretensiosamente, apenas a título de ilustração do uso de relativas cortadoras na comunicação popular escrita portuguesa.



Imagem 1: “O anti-rugas que as mulheres confiam”.



Imagem 2: “Quanto mais salto, mais pequenas vejo as coisas que não gosto”.

A primeira foto foi tirada no caminho de Belém ao centro de Lisboa e a segunda, na saída do Metrô na estação Marquês de Pombal. É interessante reportar que o texto da Imagem 1, quando foi reutilizado na revista feminina *Máxima* (edição de 04/2007), parece ter passado por uma revisão ou uma adaptação a outro tipo de comunicação escrita, já que a relativa cortadora do Outdoor foi substituída, na revista, por Ppp, como se pode ver na imagem 3.



Imagem 3: “Descubra o anti-rugas em que as mulheres mais confiam”.

As diferenças relevantes entre as orações relativas do PE e do PB parecem estar relacionadas à muito maior disseminação em Portugal das estratégias padrão, cultivadas na escrita formal e explicitamente ensinadas pela escola, além, é claro, do maior índice de sujeitos preenchidos, objetos nulos, pronomes resumptivos e falta de concordância verbo-nominal presentes nas relativas do PB. Para além disso, o sistema natural de relativização preposicionada do PE, que emerge no indivíduo independente de seu *status* sociocultural, não parece ser diferente do do PB, tal como prediz a APP.

As evidências experimentais compiladas nos Capítulos II e IV desta tese podem receber uma explicação unificada se assumirmos a APP. Crianças em fase de aquisição do inglês, do francês, do espanhol, do servo-croata nunca realizam relativas Ppp, mas são fluentes em interrogativas Ppp, porque somente essas últimas são naturais na competência

lingüística humana. A mesma hipótese pode explicar por que, nos falantes portugueses e brasileiros estudados, a seqüência *preposição + pronome* recebe tempos de leitura mais rápidos quando inserida em orações interrogativas: apenas nesse tipo de encaixamento o processamento se dá sobre uma estrutura natural e, por isso é automático, por oposição ao processamento não-automático de Ppp em relativas, um estrutura artificial e antinatural.

Estruturas sintáticas inventadas no uso da escrita formal podem não ser raras na realidade oral das línguas européias modernas. Relativas Ppp são provavelmente apenas um caso entre um conjunto maior de espécimes sintáticos artificiais com os quais os falantes cultos convivem, e que eventualmente são incorporados à sua competência lingüística mais geral. A simbiose entre fala e escrita, na evolução das línguas de civilizações modernas complexas, é sem dúvida uma área de estudos ainda a ser profundamente explorada. De um ponto de vista naturalista, parece importante, por um lado, determinar quais são os tipos de fenômenos sintáticos observáveis nas línguas humanas que podem ser, de fato, considerados naturais, legítima herança dos milhares de anos de evolução da espécie, separando-os de fenômenos artificiais, que só se tornaram possíveis em função da recente revolução tecnológica provocada pela invenção da escrita. Como alegoricamente expõe McWorther (2001: 128), “se representássemos toda história humana ao longo de 24 horas, a escrita teria surgido às 23 horas e 25 minutos, portanto, para entender o que é uma linguagem natural, temos de observá-la à luz do dia”.

Por outro lado, é também importante procurar compreender como a mente humana pode atingir a hipertrofia verbal que se verifica no desempenho lingüístico de indivíduos letrados nas sociedades complexas contemporâneas. Como é possível que a mente aprenda e adote certos padrões sintáticos estranhos à Faculdade da Linguagem *strictu-senso*,

representada em C_{HL} ? A hipótese explicativa que nos parece mais coerente é a de que a competência lingüística de um falante qualquer seja constituída de dois tipos de elementos: itens e regras (cf. Pinker, 1999). As regras são o que melhor caracteriza a *competence* no sentido chomskiano, e são também o que mais interessa aos estudos sobre a evolução da linguagem. As regras são o algoritmo por meio do qual a propriedade da recursividade permite a produção e a compreensão de um número ilimitado de sentenças. É esse algoritmo que deve estar, de certa forma, inscrito no gene *homo* há milhões de anos, tendo evoluído lenta e gradualmente até o *homo sapiens*. Já os itens são objetos inanalísáveis, uma zona cinzenta, o espaço da arbitrariedade e da convenção, cujo maior exemplo é o Léxico de uma dada língua. Itens de qualquer complexidade devem ser simplesmente memorizados pelos falantes. A presente tese procurou defender a hipótese de que as relativas Ppp são uma espécie de *item* e fazem parte da zona cinzenta da linguagem. Na relativização preposicionada, somente Pst, cortadoras e resumptivas são verdadeiramente parte da gramática natural das línguas.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, N. 2000. *A Estratégia resumptiva em relativas restritivas do português europeu*. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. (Dissertação de mestrado)
- ALEXIADOU, A. et al. 2000. *Syntax of Relative Clauses*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- ARIM, E., RAMILO, M. & FREITAS, T. 2005. Mudança em curso e os média: o caso das relativas. IN.: MATEUS, M. & Do NASCIMENTO, F. (eds) *A língua portuguesa em mudança*. Lisboa: Caminho.
- BATORÉO, H. 2000. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolingüístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- BLANCHE-BENVENISTE, C. 1990. Usages normatifs et non normatifs dans les relatives en français, en espagnol et en portugais. J. Berchert, J. Benini et C. Buridan (eds.) *Toward a Typology of European Language. Empirical Approaches to Language Typology*, 8, Berlin-New York: W de Gruyter, 317-335.
- BOBALJIK, J. & WURMBRAND, S. 2003. Long distance object agreement, restructuring and anti-reconstruction. IN.: KADOWAKI, M. & KAWARA, S. (eds) *Proceedings of the North Eastern Linguistics Society Annual Meeting 33 (NELS 33)*. University of Massachusetts, GLSA, Amherst, pp. 67-86.
- BOECKX, C. 2003. *Islands and Chains*, Amsterdam: John Benjamins.
- BOECKX, C. & GROHMANN, K. 2004. *Putting phases into perspective*. Harvard University, Cambridge, MA and University of Cyprus, Nicosia.
- BRITO, A. 1991. *A sintaxe das orações relativas em Português*. Lisboa: INIC.
- BRITO, A. 1995. As orações relativas restritivas nas variantes culta e oral em quatro línguas românicas, com especial incidência em Português. IN.: Da ROSA, L., SCHÖNBERGER, A. & SCOTTI-ROSIN, M. *Revista de estudos sobre países de língua portuguesa*. Lusorama: Frankfurt.
- CHOMSKY, N. 1965. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.
- CHOMSKY, N. 1975. *Reflections on language*. New York: Pantheon.
- CHOMSKY, N. 1977. On Wh-Movement. IN.: CULICOVER, P. WASOW, T. & AKMAJIAN, A. (eds.) *Formal syntax*. NY: Academic Press.

- CHOMSKY, N. 1980. *Rules and representations*. New York: Columbia University Press.
- CHOMSKY, N. 1981 *Lectures on government and binding*. Dordrecht, Netherlands: Foris.
- CHOMSKY, N. 1986. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. NY: Praeger.
- CHOMSKY, N. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press.
- CHOMSKY, N. 1998. Derivation by phase. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 18. [Versão revisada publicada em Chomsky, 2001].
- CHOMSKY, 2000. Minimalist inquiries: The framework. IN.: in MARTIN, R. MICHAELS, D. & URIAGEREKA, J. (eds.), *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*, Cambridge, MA: MIT Press, 89-155
- CHOMSKY, N. 2001. Derivation by phase. IN.: KENSTOWICZ, M. (ed.), *Ken Hale: A Life in Language*, Cambridge, MA: MIT Press, 1-52.
- CHOMSKY, N. 2004. Beyond explanatory adequacy. In: Belletti, A. (ed.). *Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structures, Vol. 3*, Oxford: Oxford University Press.
- CHOMSKY, N. 2005. Three factors in Language Design. *Linguistic inquiry*. 1-22.
- CHOMSKY, N. 2007 (28 de abril). Erro de gramática. *Folha de São Paulo*, 17.
- COHEN, J. D.; MacWHINNEY, B.; FLATT, M. & Provost, J. 1993. PsyScope: A new graphic interactive environment for designing psychology experiments. *Behavioral Research Methods, Instruments & Computers*. 25(2), 257-271.
- CORRÊA, L. & AUGUSTO, M. 2006. *Computação lingüística no processamento on-line: em que medida uma derivação minimalista pode ser incorporada em modelos de processamento?* Texto para discussão na sessão Inter-GTs da ANPOLL (Psicolingüística e Teoria de Gramática) 19-21 de julho de 2006.
- CORRÊA, L. 2003. Explorando a relação entre língua e cognição na interface: o conceito de interpretabilidade e suas implicações para teorias do processamento e da aquisição da linguagem. *Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora: v. 6, n. 1, p. 113-129.
- CORRÊA, V. 1998. *Oração Relativa: o que se fala e o que se aprende no Português do Brasil*. Unicamp, Campinas. (Tese de doutorado)
- COWARD, W. 1997. *Experimental syntax: applying objective methods to sentence judgments*. London: Sage Publications.
- CRAIN, S. et al. 1990. Visiting relatives in Italy. *Language processing and language acquisition*. FRAZIER, L. & De VILLIERS, J (eds). 335–56. Dordrecht: Kluwer.

- DOOLEY, R. & LEVINSOHN, S. 2001. *Analyzing discourse: a manual of basic concepts*. Dallas: SIL International.
- DINIS, M. J. 1987. Análise de erros na frase relativa. In: *Limani* 2, 34-40.
- EMONDS, J. 1986. Grammatically Deviant Prestige Constructions. *A Festschrift for Sol Saporta*. BRAME, M. et al. (eds) Seattle, WA. Noit Amrofer. 93-129.
- EPSTEIN, S.; GROAT, E.; KAWASHIMA, R; & KITAHARA, H. 1998. *A derivational Approach to Syntactic Relations*, Oxford: Oxford University Press.
- EPSTEIN, S. & SEELY, T. 2002. Rule applications as cycles in a level-free syntax. IN.: EPSTEIN, S. & SEELY, T. (eds) *Derivation and Explanation in the Minimalist Program*, Oxford: Blackwell, 65-89.
- EPSTEIN, S. & SEELY, T. 2005. *Transformations and Derivations*, Cambridge: Cambridge University Press.
- EVERETT, D. L. 2005. Cultural constraints on grammar and cognition in Pirahã. *Current Anthropology*. 46, 621-46.
- EVERETT, D. L. 2007. *Cultural constraints on grammar in Pirahã: a reply to Nevins, Pesetsky and Rodrigues*. Disponível em: <http://ling.auf.net/lingbuzz/>.
- FITCH, W., CHOMSKY, N. & HAUSER, M. 2005. The evolution of the language faculty: clarifications and implications. *Cognition*. 97(2):179--210.
- FODOR, J. 1983. *The Modularity of Mind*. Cambridge, MA: MIT Press.
- GALVES, C. 2001. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp.
- GOLD, E. 1967. Language identification in the limit. *Information and Control*, 10, 447-474.
- GOLDBERG, A. 2003. Constructions: a new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences*, 7(5), 219-224.
- GOODLUCK, H. & STOJANOVICK, D. 1996. The structure and acquisition of relative clauses in Serbo-Croatian. *Language Acquisition*, 5. 285-315.
- GROHMANN, K. 2003. Successive cyclicity under (anti-)local considerations. *Syntax* 6, 260-312.
- HAEGMAN, L. 1995. *Introduction to government and binding theory*. Oxford: Blakwell.

HAMBURGUER, H. & CRAIN, S. 1982. Relative acquisition. *Language development*, Vol. 1: Syntax and semantics.

HAMBURGER, H. & K. WEXLER. 1975. Identifiability of transformational grammars. In: K.J.J. Hintikka, J. M. E. Moravicsik & P. Suppes (eds.) *Approaches to Natural Language*. Dordrech: Reidel.

HAUSER, M., CHOMSKY, N. & FITCH, W. 2002. The faculty of language: What is it, who has it, and how did it evolve? *Science*, 298, 1569-1579.

HIRAIWA, K. 2003. *Cyclic locality*. MIT: CUP Press.

HORNSTEIN, N. 2001. *Move! A Minimalist Theory of Construal*. Oxford: Blackwell.

HORNSTEIN, N., NUNES, J. & GROHMANN, K. 2005. *Understanding Minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press.

JENKINS, L. 2001 *Biolinguistics: exploring the biology of language*. Cambridge: Cambridge University Press.

KATO, M. 1993. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Unicamp. ed. 1996

KATO, M. 1981. Orações relativas: variação universal e variação individual no português do Brasil. *Estudos Lingüísticos V*, 1-16.

KAYNE, R. 1984. *Connectedness and binary branching*. Foris: Dordrecht.

KAYNE, R. 1994. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

KEENAN, E. & COMRIE, B. 1977. Noun phrase accessibility and universal grammar. *Linguistic Inquiry* 8.63-99.

KENEDY, E. 2003. *Aspectos estruturais da relativização em português: uma análise baseada no modelo raising*. RJ: UFRJ (Dissertação de Mestrado).

KENEDY, E. 2005. A hipótese da antinaturalidade de pied-piping: evidências de teste de juízo automático de gramaticalidade em português. *Revista da Pós Graduação em Letras da Uerj-FFP*, p. 41-67.

LABELLE, M. 1988. *Prédication et mouvement: le développement de la construction relative chez les enfants francophones!* [Predication and movement: the development of the relative construction with French-speaking children] University of Ottawa, Canada. (Doctoral dissertation)

- LABELLE, M. 1990. Predication, wh-movement, and the development of relative clauses. *Language acquisition*. 1. 95-119.
- LABELLE, M. 1996. The acquisition of relative clauses. Movement or no movement? *Language acquisition*. 5. 65-82.
- LASNIK, H., URIAGEREKA, J & BOECKX, C. 2005. *A Course in Minimalist Syntax*. Malden, MA: Blackwell.
- LEGATE, J. 2003. Some interface properties of the phase. *Linguistic Inquiry*. 34. 506–516
- LEMLE, M. 1978. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. In: LOBATO, L. (org). *Linguística e ensino do vernáculo*. RJ: Tempo Brasileiro.
- LIMA, R. 2003. *Hipótese da Preservação de Elos Locais: uma explicação unificada dos déficits de compreensão e produção no agramatismo*. RJ: UFRJ. (Tese de doutorado)
- LOPES, R. 2000. *Uma proposta minimalista para o processo de aquisição da linguagem: relações locais*. Campinas: UNICAMP. (Tese de doutorado)
- MAIA, M. A. R.; FERNÁNDEZ, E.; COSTA, A. & LOURENÇO-GOMES, M. DO C. 2007. Early and late preferences in relative clause attachment in Portuguese and Spanish. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 5-2/6, p. 203-229.
- MARANTZ, A. 1997. 'No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon', *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium. University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics* 4.2, 201-225.
- MATEUS, M. et al. 2003. *Gramática da língua portuguesa*. 5ª edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho.
- MATUSHANSKY, O. 2003. *Going through a phase*. CNRS, Université de Paris 8. (Master Dissertation)
- McDANIEL, D. & CAIRNS, H. 1996. Eliciting judgments of grammaticality and reference. IN.: MACDANIEL, D. (ed) *Methods for assessing children's syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.
- McDANIEL, D. & MAXFIELD, T. 1992. Principle B and contrastive stress. *Language acquisition*. 2. 337-58.
- McDANIEL, D. et al. 1995. Parameters for wh-movement types: evidence from child language. *Natural Language and Linguistic Theory*. 13. 709-53.
- McDANIEL, D. et al. 1998. How children's relatives solve a problem for minimalism. *Language* 74. 308-334.

McKEE, C. et al. 1998. Relatives children say. *Journal of Psycholinguistics Research*. 27, 5, 573-596.

McWORTHER, J. 2001. *The Power of Babel: A Natural History of Language*. Sussex: Gardners Books.

MÓIA, P. 2001. Aspectos Sintático-Semânticos das Orações Relativas com *quando* e *como*., *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. 349-361.

MOLLICA, M. 1977. *Estudo da cópia nas construções relativas em português*. RJ: PUC (Dissertação de Mestrado).

MULLER, G. 2004. Verb second as vP-first. *The Journal of Comparative Germanic Syntax* 7. 179-234.

MURPHY, P. 1995. *Pied piping, proper government and the grammars of English*. Chapel Hill: University of North Carolina. (Doctoral dissertation)

NARO, A. & SCHERRE, M. 1993. Sobre as origens do português popular do Brasil. In: *D.E.L.T.A.*, v. 9, 437-54.

NEVINS, A., PESETSKY, D. & RODRIGUES, C. 2007. *Pirahã Exceptionality: a Reassessment*. Disponível em: <http://ling.auf.net/lingBuzz>

NUNES, J. 2004. *Linearization of Chains and Sideward Movement*, Cambridge, MA: MIT Press.

PERES, J. & MÓIA, T. 1995. *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

PÉREZ-LEROUX, A. 1995. *Empty categories and the acquisition of wh-movement*. Amherst, MA. University of Massachusetts. (Doctoral dissertation)

PÉREZ-LEROUX, A. 1996. Resumptives in the acquisition of relative clauses. *Language Acquisition*. 4. 105-38.

PERRONI, M. 2001. As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro. *DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 59-79.

PESETSKY, D. 1997. Optimality Theory and Syntax: Movement and Pronunciation. In. ARCHANGELI, D. & LANGENDOEN, T. (eds.) *Optimality Theory: An Overview*. Blackwell, Malden: Mass. pp. 134 -170

PESETSKY, D. 1998. Some optimality principles of sentence pronunciation. In BARBOSA, P. PESETSKY, D. et al. (eds). *Is the Best Good Enough: Optimality and Competition in Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press. pp. 337-384.

PINKER, S. 1989. *Learnability and cognition: The acquisition of argument structure*. Cambridge, MA: MIT Press.

PINKER, S. 1999. *Words and Rules: The Ingredients of Language*. New York: Basic Books.

PINKER, S. 2003. Language as an adaptation to the cognitive niche. In M.H. Christiansen and S. Kirby, editors, *Language Evolution: The States of the Art*. Oxford University Press.

PINKER, S. 2004. *Why nature & nurture won't go away. Dædalus*.

PINKER, J. & JACKENDOFF, R. 2005a. The nature of the language faculty and its implications for evolution of language (Reply to Fitch, Hauser, and Chomsky). *Cognition*, 97. 211-225.

PINKER, J. & JACKENDOFF, R. 2005b. The faculty of language: What's special about it? *Cognition*, 95. 201-236.

PINKER, S. & BLOOM, P. 1990. Natural language and natural selection. *Behavioral and Brain Sciences*, 13, 707-726.

PULLUM, G. 2001. Empirical assessment of stimulus poverty arguments. *The Linguistic Review*. Disponível em: <http://crl.ucsd.edu/elman/Papers/BU2001.pdf>.

RADFORD, A. 2004. *Minimalist syntax: exploring the structure of English*. Cambridge: CUP.

RAPOSO, E. 1992. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho.

ROSS, J. 1967. *Constraints on variables in syntax*. Cambridge: MIT Press.

SAG, I. 1997. *Syntactic Theory: A Formal Introduction*, Stanford, CA: CSLI Publications.

SALLES, H. 1995 Preposition pied-piping and preposition stranding: a minimalist approach. *Research Papers in Linguistics* 6, 97-123. Bangor: University of Wales.

SALLES, H. 1997. *Prepositions and the Syntax of Complementation*. Bangor: University of Wales (Doctoral dissertation).

SALLES, H. 1998. *Aspectos da sintaxe de clíticos e artigos em português*. Brasília: UnB. Disponível em: hsalles@unb.br.

- SCHUMANN, J. et al. 2006. Language evolution: what evolved? *Marges linguistiques* - Numéro 11. M.L.M.S. Éditeur.
- SOARES, M. 2002. *Linguagem e escola*. SP: Ática.
- SOARES, M. 1998. *Letramento: um tema em três gêneros*. BH: Autêntica.
- SPROUSE, J. 2007. *A Program for Experimental Syntax: Finding the relationship between acceptability and grammatical knowledge*. University of Maryland. (Doctoral Dissertation)
- SUÑER, M. 1998. Resumptive Restrictive Relatives: A Crosslinguistic Perspective. *Language* 74: 335–364.
- TAO, H. & MEYER, R. 2006. Corpora, Language Use, and Grammar. *Special issue of the Journal of Chinese Language and Computing* 14(2).
- TARALLO, F. 1983. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Philadelphia Univ. of Pennsylvania (Doctoral dissertation).
- TARALLO, F. 1985. The filling of the gap: Pro-drop rules in Brazilian Portuguese. In KING, L. & MALEY, A. (eds.) *Selected Papers from the XIIIth Linguistic Symposium on Romance Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.
- URIAGEREKA, J. 1999. Multiple spell-out. IN.: EPSTEIN, D. & HORNSTEIN, N. (eds). *Working Minimalism*. Cambridge, MA: MIT Press, 251-282.
- URIAGEREKA, J. 2000. Warps: Some thoughts on categorization. *Theoretical Linguistics* 25, 31-73.
- VAREJÃO, F. 2006. *Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular*. RJ: UFRJ. (Tese de doutorado).
- VASCONCELOS, M. 1992. *Compreensão e produção de frases com orações relativas: um estudo experimental com crianças dos três anos e meio aos oito anos e meio*. Lisboa: FLUL. (Tese de doutorado)
- YANG, C. 2002. *Knowledge and learning in natural language*. NY: Oxford University Press.

ANEXOS

ANEXO I - PORTUGUÊS EUROPEU - FRASES DO EXPERIMENTO I

FRASES EXPERIMENTAIS

1. João Paulo II era um Papa em quem toda a gente confiava.
2. João Paulo II era um Papa em qual toda a gente confiava.
3. João Paulo II era um Papa que toda a gente confiava.
4. João Paulo II era um Papa o qual toda a gente confiava.

5. O centro da cidade já não é um lugar a que podemos ir com tranquilidade.
6. O centro da cidade já não é um lugar a qual podemos ir com tranquilidade.
7. O centro da cidade já não é um lugar que podemos ir com tranquilidade.
8. O centro da cidade já não é um lugar o qual podemos ir com tranquilidade.

9. Os políticos são pessoas em quem os cidadãos já não confiam.
10. Os políticos são pessoas em quais os cidadãos já não confiam.
11. Os políticos são pessoas que os cidadãos já não confiam.
12. Os políticos são pessoas as quais os cidadãos já não confiam.

13. Ter muito dinheiro no bolso é uma coisa de que toda a gente gosta.
14. Ter muito dinheiro no bolso é uma coisa de qual toda a gente gosta.
15. Ter muito dinheiro no bolso é uma coisa que toda a gente gosta.
16. Ter muito dinheiro no bolso é uma coisa a qual toda a gente gosta.

17. José Saramago é um escritor português de quem as pessoas falam frequentemente.
18. José Saramago é um escritor português de qual as pessoas falam frequentemente.
19. José Saramago é um escritor português que as pessoas falam frequentemente.
20. José Saramago é um escritor português o qual as pessoas falam frequentemente.

21. O petróleo é um recurso natural de que todas as economias dependem.
22. O petróleo é um recurso natural de qual todas as economias dependem.
23. O petróleo é um recurso natural que todas as economias dependem.
24. O petróleo é um recurso natural o qual todas as economias dependem.

25. É preciso ter cuidado com as pessoas a quem pedimos informações na rua.
26. É preciso ter cuidado com as pessoas a quais pedimos informações na rua.
27. É preciso ter cuidado com as pessoas que pedimos informações na rua.
28. É preciso ter cuidado com as pessoas as quais pedimos informações na rua.

29. O estudante universitário a quem mostraste o caminho pareceu-me muito distraído.
30. O estudante universitário a qual mostraste o caminho pareceu-me muito distraído.
31. O estudante universitário que mostraste o caminho pareceu-me muito distraído.
32. O estudante universitário o qual mostraste o caminho pareceu-me muito distraído.

33. Parar na passadeira é um princípio a que nem todos os condutores obedecem.
 34. Parar na passadeira é um princípio a qual nem todos os condutores obedecem.
 35. Parar na passadeira é um princípio que nem todos os condutores obedecem.
 36. Parar na passadeira é um princípio o qual nem todos os condutores obedecem.
-
37. Consigo lembrar-me perfeitamente do número de telefone para o qual acabei de ligar.
 38. Consigo lembrar-me perfeitamente do número de telefone para qual acabei de ligar.
 39. Consigo lembrar-me perfeitamente do número de telefone que acabei de ligar.
 40. Consigo lembrar-me perfeitamente do número de telefone o qual acabei de ligar.
-
41. A violência é uma coisa com a qual aprendemos a conviver.
 42. A violência é uma coisa com qual aprendemos a conviver.
 43. A violência é uma coisa que aprendemos a conviver.
 44. A violência é uma coisa a qual aprendemos a conviver.
-
45. Uma pessoa antipática é aquela com a qual ninguém gosta de sair.
 46. Uma pessoa antipática é aquela com qual ninguém gosta de sair.
 47. Uma pessoa antipática é aquela que ninguém gosta de sair.
 48. Uma pessoa antipática é aquela a qual ninguém gosta de sair.
-
49. O vendedor de telemóveis com quem a minha tia discutiu foi muito mal educado.
 50. O vendedor de telemóveis com qual a minha tia discutiu foi muito mal educado.
 51. O vendedor de telemóveis que a minha tia discutiu foi muito mal educado.
 52. O vendedor de telemóveis o qual a minha tia discutiu foi muito mal educado.
-
53. A morte é um assunto sobre o qual as pessoas não gostam de falar.
 54. A morte é um assunto sobre qual as pessoas não gostam de falar.
 55. A morte é um assunto que as pessoas não gostam de falar.
 56. A morte é um assunto o qual as pessoas não gostam de falar.
-
57. No meu quarto há uma mesa sobre a qual deixo os meus livros.
 58. No meu quarto há uma mesa sobre qual deixo os meus livros.
 59. No meu quarto há uma mesa que deixo sempre os meus livros.
 60. No meu quarto há uma mesa a qual deixo sempre os meus livros.
-
61. O presidente percebeu o problema para o qual os seus ministros pediam atenção.
 62. O presidente conseguiu perceber o problema para qual os seus ministros pediam atenção.
 63. O presidente percebeu o problema que os seus ministros pediam atenção.
 64. O presidente percebeu o problema o qual os seus ministros pediam atenção.
-
65. O cartaz do espectáculo para o qual o rapaz estava a apontar era colorido.
 66. O cartaz do espectáculo para qual o rapaz estava a apontar era colorido.
 67. O cartaz do espectáculo que o rapaz estava a apontar era colorido.
 68. O cartaz do espectáculo o qual o rapaz estava a apontar era colorido.

69. O cargo de primeiro ministro é aquele pelo qual muitos políticos anseiam.
70. O cargo de primeiro ministro é aquele por qual muitos políticos anseiam.
71. O cargo de primeiro ministro é aquele que muitos políticos anseiam.
72. O cargo de primeiro ministro é aquele o qual muitos políticos anseiam.
73. O filho voltou para casa e entrou pela porta pela qual tinha saído.
74. O filho voltou para casa e entrou pela porta por qual tinha saído.
75. O filho voltou para casa e entrou pela porta que tinha saído.
76. O filho voltou para casa e entrou pela porta a qual tinha saído.
77. A vida privada dos artistas é um assunto pelo qual não me interessa.
78. A vida privada dos artistas é um assunto por qual não me interessa.
79. A vida privada dos artistas é um assunto que não me interessa.
80. A vida privada dos artistas é um assunto o qual não me interessa.

FRASES DISTRATORAS

AGRAMATICAISS FORTES

81. A filha da Maria leu um livro o de História usado escola sua.
82. A ponte 25 de abril foi construído na década sessenta do passado século.
83. Na Europa os livros é muitos caro principalmentes de os de Literatura Brasileira.
84. João sabe que mim comprei um novo telemóvel de promoção nas lojas Worten.
85. Amigo o fui dele casa na semana passada para assistir alguns os filmes.
86. Esqueci livro o que aluno me o emprestou para mim ler no sábado.
87. Os corruptos no Brasil punidos raramente pela são Justiça ou presos por polícia.
88. Fernando perguntou ao filho conhece se alguém do colégio envolvido alguma a droga.
89. Os astrónomos observatório parece terem descobrido o novo um planeta no Sistema Solar.
90. A bióloga da faculdade analisou animal o na jaula do jardim zoológico do Rio.

AGRAMATICAISS FRACAS

91. Paulo não sabe dizer se João conhece uma pessoa que escreveu que livro.
92. Grandes ofertas de emprego são precisadas pela maioria da população jovem da Europa.
93. O Ivo parece que a Maria enfrenta mesmo os problemas com muita seriedade.
94. Toda essa indiferença os protestos do povo compromete a reputação dos nossos governantes.
95. O filho afirmou que não quer a sua mãe passar pelos mesmos problemas.
96. O João e o Pedro disseram que um ao outro não se agrediram.
97. Os seus pais lamentam muito os filhos ter repetido de ano de novo.
98. É estranho mas os cavalos parecem que eles costumam a dormir em pé.
99. Com a maioria dos votos o Barbosa foi dito ter sido eleito delegado sindical.
100. O governo do presidente eleito estão a enfrentarem muitos problemas desde o ano passado.

GRAMATICAIIS

101. No país todas as pessoas devem ter sincero respeito pelo património público.
102. A Biblioteca Nacional e o Teatro Municipal estão localizados no centro da cidade.
103. Foi na década de 90 que o cinema brasileiro sofreu uma grande mudança.
104. É um facto indiscutível que o preço dos computadores tem caído muito actualmente.
105. A última feira do livro bateu todos os recordes de venda e de público.
106. A medicina alternativa vem conquistando cada vez mais novos pacientes em cada ano.
107. A Internet pode ser usada para coisas boas mas também para coisas más.
108. A minha prima gosta muito de ler livros deitada na rede da varanda.
109. As empresas de cartão de crédito atendem pelo telefone gratuito 808.
110. Muitas estradas e rodovias não estão em bom estado de conservação.
111. Passar horas a executar a mesma actividade pode provocar lesões graves por esforço repetido.
112. Matemática, português, química e física são as disciplinas mais temidas no exame do 12º ano.
113. As crianças passam mais horas em frente à televisão do que seria aconselhável.
114. Até hoje nenhum filme português foi indicado ao Óscar de melhor filme estrangeiro.
115. O carnaval é uma festa tipicamente brasileira mas tem origem em culturas estrangeiras.
116. Não se provou se as acusações contra Michael Jackson eram verdadeiras ou falsas.
117. O João não conseguiu corrigir todas as provas dos seus alunos da faculdade.
118. A Rede Globo é sem dúvidas o maior veículo de informação do Brasil.
119. A claque do Flamengo é considerada a mais numerosa do Rio de Janeiro.
120. Todos os meus amigos de infância ainda estão vivos e com muita saúde.

ANEXO II - PORTUGUÊS EUROPEU - FRASES DO EXPERIMENTO II

FRASES EXPERIMENTAIS

1.

1a. A mãe está muito desconfiada: / com quem / tem saído actualmente / o seu filho?

1b. A mãe conhece aquela pessoa / com quem / o seu filho / tem saído actualmente.

Pergunta: o filho tem saído sozinho?

2.

2a. O aluno tinha uma dúvida: / a quem / tinha entregue o professor / o livro?

2b. O aluno conhece os rapazes / a quem / o professor / tinha entregue o livro.

Pergunta: o professor ainda tinha o livro consigo?

3.

3a. Aquela mulher perguntava-se: / de que / dizia necessitar / o seu namorado?

3b. A mulher não tinha o dinheiro / de que / o seu namorado / dizia necessitar.

Pergunta: o namorado viva bem?

4.

4a. As raparigas aproximaram-se: / de que / estavam a falar / as colegas?

4b. As raparigas assistiram ao filme / de que / as colegas / estavam a falar.

Pergunta: as colegas estavam a falar com as raparigas?

5.

5a. Os jovens tentaram compreendê-lo: / de que / estava a reclamar / o seu amigo?

5b. O jovem recusou a tal prenda / de que / o seu amigo / estava a desdenhar.

Pergunta: o amigo tinha um temperamento difícil?

6.

6a. Aquele senhor questionava-se: / em que / de facto acreditavam / os seus colegas?

6b. Aquela senhor não conhecia algo / em que / os seus colegas / de facto acreditassem.

Pergunta: os colegas acreditavam no senhor?

7.

7a. A tia olhou para o sobrinho: / de quem / tinha recebido o menino / o chocolate?

7b. A tia não conhecia o senhor / de quem / o menino / tinha recebido o chocolate.

Pergunta: a tia preparou um chocolate para o menino?

8.

8a. Os atletas fizeram as apostas: / a quem / seria atribuída / a medalha?

8b. Os atletas viram o jogador / a quem / a medalha / tinha sido atribuída.

Pergunta: a medalha foi atribuída a todos os atletas?

9.

9a. Os alunos estão preocupados: / para onde / tinha sido enviado / o professor?

9b. Os alunos conheciam a cidade / para onde / o professor / tinha sido enviado.

Pergunta: o professor foi enviado para o mesmo lugar que os alunos?

10.

10a. A dúvida persistia no Júri: / para quem / deveria ser conferido / o prémio?

10b. Foi difícil escolher o candidato / para quem / o prémio / deveria ser conferido.

Pergunta: o prémio foi facilmente conferido ao melhor candidato?

FRASES DISTRATORAS

1. O mau motorista culpou / os outros / pelas suas desastradas / manobras no trânsito.

Pergunta: o motorista era irresponsável?

2. O sonho daquela universitária / era estudar medicina / por isso / mudou de cidade ainda jovem.

Pergunta a jovem era obstinada?

3. O jovem percebeu / que o seu telefone / poderia / estar com problemas.

Pergunta: o jovem tinha dificuldades para telefonar?

4. O vendedor constatou que a água / da garrafa / tinha uma cor estranha / há algum tempo.

Pergunta: a água estava imprópria para o consumo?

5. O telespectador irritou-se / com a baixa qualidade / da programação dos canais.

Pergunta: a televisão apresentava só maus programas?

6. Para aquele homem / duas coisas / importavam na vida: / a sua carreira e a sua família.

Pergunta: o homem era totalmente dedicado à família?

7. O jovem não tinha dúvidas: / a profissão de advogado / era a melhor escolha / a fazer.

Pergunta: o jovem desejava tirar o curso de Direito?

8. O delegado analisou todas as provas: / afinal / elas deveriam apontar / para a verdade.

Pergunta: as provas poderiam auxiliar na investigação?

9. Após a leitura do relatório / havia ainda um problema pendente: / a autorização / para a quebra do sigilo.

Pergunta: a quebra do sigilo deveria ser aprovada?

10. Ao menos uma coisa / a menina aprendeu: / a confiar mais / em seus amigos e parentes.

Pergunta: a menina terá mais confiança nas pessoas mais próximas?

11. A leitura do livro havia deixado / o jovem / ainda mais confuso e perplexo / que antes.

Pergunta: a leitura desorientou o jovem?

12. As obras da cidade alteraram / a rotina / de todos os cidadãos / das redondezas.

Pergunta: as obras atrapalharam os moradores?

13. A baixa nos preços encorajou / o homem / a comprar um computador / para o filho.

Pergunta: o filho poderá ganhar um presente?

14. O custo da vida universitária / desestimula / a busca de profissões / de nível superior.

Pergunta: a falta de recursos diminui a procura pela universidade?

15. O apresentador teve dificuldades / para ler / correctamente / o texto em suas mãos.

Pergunta: o texto foi lido com dificuldade?

16. O professor deu duas opções aos alunos: / ou estudar / ou sair de sala / em silêncio.

Pergunta: Os alunos desinteressados deveriam sair da sala de aula?

17. O pesquisador desesperou-se: / quase todas as suas descobertas / possuíam / erros graves.

Pergunta: Todas as descobertas estavam equivocadas?

18. O automóvel apresentava / pelo menos / dois problemas: /peças e mão-de-obra caras.

Pergunta: O carro tinha manutenção custosa?

19. Havia três opções / na resolução do problema: / ignorar,/ desistir ou enfrentar.

Pergunta: Todo e qualquer problema pode ser resolvido da mesma maneira?

20. Não parecia possível: / a sua mulher / o havia traído / como ele jamais imaginara.

Pergunta: o homem ficou perplexo com a traição?

21. A mãe perguntou ao filho / mais velho / se ele não estava atrasado / para a escola.

Pergunta: todos os filhos estavam necessariamente atrasados?

22. O director já impaciente / quis saber quando / os relatórios / serão finalmente concluídos.

Pergunta: o director estava irritado com os seus funcionários?

23. O presidente do Brasil / não sabe se a inflação / permanecerá controlada / até o fim do ano.

Pergunta: o presidente tem certezas sobre a economia do país?

24. As pesquisas não indicavam / claramente / se o consumo de vinho faz bem / ao coração.

Pergunta: os pesquisadores devem indicar o vinho como remédio?

25. O condutor quis saber / a melhor direcção a ser tomada / a fim de chegar / à Biblioteca Nacional.

Pergunta: o condutor conhecia o caminho?

26. O homem interrogou / a vendedora inexperiente / sobre as características / do produto.

Pergunta: o homem conhecia o produto?

27. O polícia arrependeu-se / por ter escolhido / aquela profissão / tão perigosa.

Pergunta: o polícia estava convicto de sua escolha?

28. A adolescente interrogou / a amiga / sobre o belo rapaz / que lá estava com ela.

Pergunta: a amiga estava desacompanhada?

29. O rapaz queria saber / da namorada / onde ela havia guardado / a chave do carro.

Pergunta: a chave estava em poder do rapaz?

30. O director exigiu / de seus funcionários / um maior comprometimento / com a empresa.

Pergunta: o director está plenamente satisfeito com seus funcionários?

ANEXO III - PORTUGUÊS BRASILEIRO - FRASES DO EXPERIMENTO I

FRASES EXPERIMENTAIS

1. João Paulo II era um Papa em quem todo mundo confiava.
2. João Paulo II era um Papa em qual todo mundo confiava.
3. João Paulo II era um Papa que todo mundo confiava.
4. João Paulo II era um Papa o qual todo mundo confiava.

5. O centro da cidade não é mais um lugar a que podemos ir com tranqüilidade.
6. O centro da cidade não é mais um lugar a qual podemos ir com tranqüilidade.
7. O centro da cidade não é mais um lugar que podemos ir com tranqüilidade.
8. O centro da cidade não é mais um lugar o qual podemos ir com tranqüilidade.

9. Os políticos são pessoas em quem os cidadãos não confiam mais.
10. Os políticos são pessoas em quais os cidadãos não confiam mais.
11. Os políticos são pessoas que os cidadãos não confiam mais.
12. Os políticos são pessoas as quais os cidadãos não confiam mais.

13. Ter muito dinheiro no bolso é uma coisa de que todo mundo gosta.
14. Ter muito dinheiro no bolso é uma coisa de qual todo mundo gosta.
15. Ter muito dinheiro no bolso é uma coisa que todo mundo gosta.
16. Ter muito dinheiro no bolso é uma coisa a qual todo mundo gosta.

17. Paulo Coelho é um escritor brasileiro de quem as pessoas falam freqüentemente.
18. Paulo Coelho é um escritor brasileiro de qual as pessoas falam freqüentemente.
19. Paulo Coelho é um escritor brasileiro que as pessoas falam freqüentemente.
20. Paulo Coelho é um escritor brasileiro o qual as pessoas falam freqüentemente.

21. O petróleo é um recurso natural de que todas as economias dependem.
22. O petróleo é um recurso natural de qual todas as economias dependem.
23. O petróleo é um recurso natural que todas as economias dependem.
24. O petróleo é um recurso natural o qual todas as economias dependem.

25. É preciso ter cuidado com as pessoas a quem pedimos informações na rua.
26. É preciso ter cuidado com as pessoas a quais pedimos informações na rua.
27. É preciso ter cuidado com as pessoas que pedimos informações na rua.
28. É preciso ter cuidado com as pessoas as quais pedimos informações na rua.

29. O estudante universitário a quem mostrei o caminho me pareceu muito distraído.
30. O estudante universitário a qual mostrei o caminho me pareceu muito distraído.
31. O estudante universitário que mostrei o caminho me pareceu muito distraído.
32. O estudante universitário o qual mostrei o caminho me pareceu muito distraído.

33. Parar na faixa é um princípio a que nem todos os motoristas obedecem.
 34. Parar na faixa é um princípio a qual nem todos os motoristas obedecem.
 35. Parar na faixa é um princípio que nem todos os motoristas obedecem.
 36. Parar na faixa é um princípio o qual nem todos os motoristas obedecem.
-
37. Consigo lembrar perfeitamente do número de telefone para o qual acabei de ligar.
 38. Consigo lembrar perfeitamente do número de telefone para qual acabei de ligar.
 39. Consigo lembrar perfeitamente do número de telefone que acabei de ligar.
 40. Consigo lembrar perfeitamente do número de telefone o qual acabei de ligar.
-
41. A violência é uma coisa com a qual aprendemos a conviver.
 42. A violência é uma coisa com qual aprendemos a conviver.
 43. A violência é uma coisa que aprendemos a conviver.
 44. A violência é uma coisa a qual aprendemos a conviver.
-
45. Uma pessoa antipática é aquela com a qual ninguém gosta de sair.
 46. Uma pessoa antipática é aquela com qual ninguém gosta de sair.
 47. Uma pessoa antipática é aquela que ninguém gosta de sair.
 48. Uma pessoa antipática é aquela a qual ninguém gosta de sair.
-
49. O vendedor de celulares com quem a minha tia discutiu foi muito mal educado.
 50. O vendedor de celulares com qual a minha tia discutiu foi muito mal educado.
 51. O vendedor de celulares que a minha tia discutiu foi muito mal educado.
 52. O vendedor de celulares o qual a minha tia discutiu foi muito mal educado.
-
53. A morte é um assunto sobre o qual as pessoas não gostam de falar.
 54. A morte é um assunto sobre qual as pessoas não gostam de falar.
 55. A morte é um assunto que as pessoas não gostam de falar.
 56. A morte é um assunto o qual as pessoas não gostam de falar.
-
57. No meu quarto há uma mesa sobre a qual deixo os meus livros.
 58. No meu quarto há uma mesa sobre qual deixo os meus livros.
 59. No meu quarto há uma mesa que deixo sempre os meus livros.
 60. No meu quarto há uma mesa a qual deixo sempre os meus livros.
-
61. O presidente conseguiu entender o problema para o qual os seus ministros pediam atenção.
 62. O presidente conseguiu entender o problema para qual os seus ministros pediam atenção.
 63. O presidente entendeu o problema que os seus ministros pediam atenção.
 64. O presidente entendeu o problema o qual os seus ministros pediam atenção.
-
65. O cartaz do espetáculo para o qual o rapaz estava apontando era colorido.
 66. O cartaz do espetáculo para qual o rapaz estava apontando era colorido.
 67. O cartaz do espetáculo que o rapaz estava apontando era colorido.
 68. O cartaz do espetáculo o qual o rapaz estava apontando era colorido.

69. O cargo de Presidente é aquele pelo qual muitos políticos anseiam.
70. O cargo de Presidente é aquele por qual muitos políticos anseiam.
71. O cargo de Presidente é aquele que muitos políticos anseiam.
72. O cargo de Presidente é aquele o qual muitos políticos anseiam.
73. O filho voltou para casa e entrou pela porta pela qual tinha saído.
74. O filho voltou para casa e entrou pela porta por qual tinha saído.
75. O filho voltou para casa e entrou pela porta que tinha saído.
76. O filho voltou para casa e entrou pela porta a qual tinha saído.
77. A vida privada dos artistas é um assunto pelo qual não me interessa.
78. A vida privada dos artistas é um assunto por qual não me interessa.
79. A vida privada dos artistas é um assunto que não me interessa.
80. A vida privada dos artistas é um assunto o qual não me interessa.

FRASES DISTRATORAS

AGRAMATICAIIS FORTES

81. A filha da Maria leu um livro o de História usado escola sua.
82. A ponte Rio-Niterói foi construído na década setenta do passado século.
83. No Brasil os livros é muitos caro principais de os de Ciências.
84. João sabe que mim comprei um novo celular de promoção nas Casas Bahia.
85. Amigo o fui dele casa na semana passada para assistir alguns os filmes.
86. Esqueci livro o que aluno me o emprestou para mim ler no sábado.
87. Os corruptos no Brasil punidos raramente pela são Justiça ou presos por polícia.
88. Fernando perguntou ao filho conhece se alguém envolvido alguma a droga.
89. Os astrônomos parece terem descobrido o novo um planeta no Sistema Solar.
90. A bióloga da faculdade analisou animal o na jaula do jardim zoológico do Rio.

AGRAMATICAIIS FRACAS

91. Paulo não sabe dizer se João conhece uma pessoa que escreveu que livro.
92. Grandes ofertas de emprego são precisadas pela maioria da população jovem do Brasil.
93. O Ivo parece que a Maria enfrenta os problemas com muita seriedade.
94. Toda essa indiferença os protestos do povo compromete a reputação dos nossos governantes.
95. O filho afirmou que não quer a sua mãe passar pelos mesmos problemas.
96. O João e o Pedro disseram que um ao outro não se agrediram.
97. Os seus pais lamentam muito os filhos ter repetido de ano de novo.
98. É estranho mas os cavalos parecem que eles costumam a dormir em pé.
99. Com a maioria dos votos o Barbosa foi dito ter sido eleito síndico.
100. O governo do presidente eleito estão enfrentando muitos problemas desde o ano passado.

GRAMATICAIIS

101. Neste país todas as pessoas devem ter sincero respeito pelo patrimônio público.
102. A Biblioteca Nacional e o Teatro Municipal estão localizados no centro da cidade.
103. Foi na década de 90 que o cinema brasileiro sofreu uma grande mudança.
104. É um fato indiscutível que o preço dos computadores tem caído muito atualmente.
105. A última feira do livro bateu todos os recordes de venda e de público.
106. A medicina alternativa vem conquistando cada vez mais novos pacientes em cada ano.
107. A Internet pode ser usada para coisas boas, mas também para coisas ruins.
108. A minha prima gosta muito de ler livros deitada na rede da varanda.
109. As empresas de cartão de crédito atendem pelo telefone gratuito 0800.
110. Muitas estradas e rodovias brasileiras estão em verdadeiro estado de calamidade.
111. Passar horas executando a mesma atividade pode provocar lesões graves por esforço repetido.
112. Matemática, português, química e física são as disciplinas mais temidas no Vestibular.
113. As crianças passam mais horas em frente à televisão do que seria aconselhável.
114. Até hoje nenhum filme brasileiro conseguiu vencer o Oscar de melhor filme estrangeiro.
115. O carnaval é uma festa tipicamente brasileira mas tem origem em culturas estrangeiras.
116. Não se provou se as acusações contra Michael Jackson eram verdadeiras ou falsas.
117. O Jorge não conseguiu corrigir todas as provas dos seus alunos da faculdade.
118. A Rede Globo é sem dúvidas o maior veículo de informação do Brasil.
119. A torcida do Flamengo é considerada a mais numerosa do Rio de Janeiro.
120. Todos os meus amigos de infância ainda estão vivos e com muita saúde.

ANEXO IV - PORTUGUÊS BRASILEIRO - FRASES DO EXPERIMENTO II**FRASES EXPERIMENTAIS**

1.

1a. A mãe está muito desconfiada: / com quem / o seu filho / anda saindo atualmente?

1b. A mãe conhece aquela pessoa / com quem / o seu filho / anda saindo atualmente.

Pergunta: o filho tem saído sozinho?

2.

2a. O aluno tinha uma dúvida: / a quem / o professor / tinha entregado o livro?

2b. O aluno conhece os rapazes / a quem / o professor / tinha entregado o livro.

Pergunta: o professor ainda estava com o livro?

3.

3a. Aquela mulher se perguntava: / de que / o seu namorado / dizia necessitar?

3b. A mulher entregou o dinheiro / de que / o seu namorado / dizia necessitar.

Pergunta: o namorado vivia satisfeito?

4.

4a. As estudantes se aproximaram: / de que / as colegas / estavam falando tanto?

4b. As estudantes assistiram ao filme / de que / as colegas / estavam falando tanto.

Pergunta: as colegas estavam falando com as estudantes?

5.

5a. Os jovens desistiram da conversa: / de que / o seu amigo / estava reclamando?

5b. O jovem recusou o presente / de que / o seu amigo / estava zombando.

Pergunta: o amigo tinha um temperamento difícil?

6.

6a. Aquele senhor se questionava: / em que / os seus colegas / de fato acreditavam?

6b. Aquele senhor não conhecia algo / em que / os seus colegas / de fato acreditassem.

Pergunta: os colegas acreditavam no senhor?

7.

7a. A tia olhou para o sobrinho: / de quem / o menino / tinha recebido o chocolate?

7b. A tia não conhecia o senhor / de quem / o menino / tinha recebido o chocolate.

Pergunta: a tia preparou um chocolate para o menino?

8.

8a. Os atletas fizeram as apostas: / a quem / a medalha / seria afinal dada?

8b. Os atletas viram o jogador / a quem / a medalha / foi afinal dada.

Pergunta: a medalha foi dada a todos os atletas?

9.

9a. Os alunos estão preocupados: / para onde / o professor / tinha sido enviado?

9b. Os alunos conheciam a cidade / para onde / o professor / tinha sido enviado.

Pergunta: o professor foi enviado para o mesmo lugar que os alunos?

10.

10a. A dúvida persistia entre os jurados: / para quem / o prêmio / deveria ser conferido?

10b. Foi difícil escolher o candidato / para quem / o prêmio / deveria ser conferido.

Pergunta: o prêmio foi facilmente conferido ao melhor candidato?

FRASES DISTRATORAS

1. O motorista ruim culpou / os outros / pelas desastrosas / manobras de trânsito.

Pergunta: o motorista era irresponsável?

2. O sonho daquela universitária era estudar medicina / por isso / ela mudou de cidade / ainda jovem.

Pergunta: a jovem queria ser médica?

3. O jovem percebeu / que seu telefone / estava apresentando / muitos problemas.

Pergunta: o jovem tinha dificuldades para telefonar?

4. O vendedor constatou que a água / da garrafa / apresentava cor estranha / há algum tempo.

Pergunta: a água estava imprópria para o consumo?

5. O telespectador se irritou / com a baixa qualidade / da programação / das emissoras.

Pergunta: a televisão apresentava programas ruins?

6. Para aquele homem / duas coisas importavam na vida: / sua carreira / e sua família.

Pergunta: o homem era dedicado à família?

7. O jovem não tinha dúvidas: / a profissão de advogado / era a melhor / escolha a fazer.

Pergunta: o jovem desejava cursar Direito?

8. O delegado analisou todas as provas: / afinal / elas deveriam apontar / para a verdade.

Pergunta: as provas poderiam ajudar na investigação?

9. Após a leitura do relatório / havia uma pendência: / a autorização / para a quebra do sigilo.

Pergunta: a quebra do sigilo precisava ser autorizada?

10. Ao menos uma coisa a menina aprendeu: / confiar mais em seus amigos/ e parentes.

Pergunta: a menina terá mais confiança em pessoas próximas?

11. A leitura do livro tinha deixado / o jovem / ainda mais confuso / e perplexo que antes.

Pergunta: a leitura desorientou o jovem?

12. As obras da cidade alteraram / a rotina / de todos os cidadãos / das redondezas.

Pergunta: as obras atrapalharam os moradores?

13. A baixa nos preços encorajou / o homem / a comprar um computador / para o filho.

Pergunta: o filho poderá ganhar um presente?

14. O custo da vida universitária / desestimula / a busca de profissões / de nível superior.

Pergunta: a falta de recursos diminui a procura pela universidade?

15. O apresentador teve dificuldades / para ler / corretamente o texto / em suas mãos.

Pergunta: o texto foi lido com dificuldade?

16. O professor deu duas opções aos alunos: / ou estudar / ou sair de sala / em silêncio.

Pergunta: Os alunos desinteressados deveriam sair da aula?

17. O pesquisador se desesperou: / quase todas as suas descobertas / possuíam / erros graves.

Pergunta: As descobertas estavam equivocadas?

18. O automóvel apresentava / pelo menos / dois problemas: / peças e mão-de-obra caras.

Pergunta: O carro tinha manutenção custosa?

19. Havia opções na resolução do problema: / ignorar / desistir /ou enfrentar.

Pergunta: o problema poderia ser resolvido de mais de uma maneira?

20. Não parecia possível: / sua mulher / o traiu / como ele jamais tinha imaginado.

Pergunta: o homem ficou surpreso com a traição?

21. A mãe perguntou ao filho / mais velho / se ele / não estava atrasado para a escola.

Pergunta: todos os filhos estavam necessariamente atrasados?

22. O diretor / já impaciente / quer saber quando os relatórios / serão finalmente terminados.

Pergunta: o diretor estava tranquilo em relação aos relatórios?

23. O presidente do país / não sabe se a inflação / permanecerá controlada / até o fim do ano.

Pergunta: o presidente tem certezas sobre a economia do país?

24. As pesquisas não indicam / claramente / se o consumo de vinho / faz bem ao coração.

Pergunta: pesquisadores indicam vinho como remédio?

25. O motorista quis saber / a direção a ser tomada / a fim de / chegar à Biblioteca Nacional.

Pergunta: o motorista sabia o caminho?

26. O homem / interrogou a vendedora inexperiente / sobre as características / do produto.

Pergunta: o homem conhecia o produto?

27. O policial se arrependeu / por ter escolhido / aquela profissão / tão perigosa.

Pergunta: o policial estava convicto de sua escolha?

28. A adolescente perguntou / à amiga / sobre o belo rapaz / que a estava com ela.

Pergunta: a amiga estava desacompanhada?

29. O rapaz queria saber / da namorada / onde ela havia guardado a chave / do carro.

Pergunta: a chave estava em poder do rapaz?

30. O chefe exigiu / de seus funcionários / um maior comprometimento / com a empresa.

Pergunta: o chefe está plenamente satisfeito com seus funcionários?

ANEXO V - PORTUGUÊS BRASILEIRO - FRASES DO EXPERIMENTO III

FRASES EXPERIMENTAIS

1. João Paulo II era um Papa no qual todo mundo confiava.
2. João Paulo II era uma Papa nas quais todo mundo confiava.

3. Ter muito dinheiro no bolso é uma coisa da qual todo mundo gosta.
4. Ter muito dinheiro no bolso é uma coisa dos quais todo mundo gosta.

5. Paulo Coelho é um escritor brasileiro do qual as pessoas sempre falam.
6. Paulo Coelho é um escritor brasileiro das quais as pessoas sempre falam.

7. É preciso ter cuidado com as pessoas às quais pedimos informações na rua.
8. É preciso ter cuidado com as pessoas aos quais pedimos informações na rua.

9. Eu lembro bem do número de telefone para o qual acabei de ligar.
10. Eu lembro bem do número de telefone para as quais acabei de ligar.

11. A violência é uma coisa com a qual infelizmente aprendemos a conviver.
12. A violência é uma coisa com os quais infelizmente aprendemos a conviver.

13. Uma pessoa chata é aquela com a qual ninguém gosta de sair.
14. Uma pessoa chata é aquela com os quais ninguém gosta de sair.

15. A morte é um assunto sobre o qual ninguém gosta de falar.
16. A morte é um assunto sobre as quais ninguém gosta de falar.

17. O cartaz do show para o qual o rapaz estava apontando era bonito.
18. O cartaz do show para as quais o rapaz estava apontando era bonito.

19. O cargo de Presidente é aquele pelo qual muitos políticos anseiam.
20. O cargo de Presidente é aquele pelas quais muitos políticos anseiam.

FRASES DISTRATORAS

AGRAMATICAIIS FORTES

21. A filho do Maria leu um livro de História nos seus escola.
22. A ponte Rio-Niterói foi construído na década setenta do passada século.
23. Amigo o fui dela casa na semana passada para assistir alguns as filmes.
24. João sabe que mim comprei um nova celular de promoção nas Casas Bahia.
25. Esqueci a anzol o que amigo me o emprestou para mim pescar no sábado.

AGRAMATICAIIS FRACAS

26. O Pedro não sabe dizer se o João conhece alguém que já pescou que peixe.
27. Grandes ofertas de emprego são precisadas pela população jovem brasileira.
28. O José parece que a Maria enfrenta os problemas com muita seriedade.

29. A indiferença os protestos do povo compromete a reputação de nossos políticos.
30. O filho afirmou que não quer sua mãe passar pelos mesmos problemas.

GRAMATICAIIS

31. Neste país todas as pessoas devem ter sincero respeito pelo patrimônio público.
32. A Biblioteca Nacional e o Teatro Municipal estão localizados no centro do Rio.
33. Foi na década de 90 que o cinema brasileiro sofreu uma grande mudança.
34. É um fato indiscutível que o preço dos computadores tem caído muito atualmente.
35. A última feira do livro bateu todos os recordes de venda e de público.
36. A medicina alternativa vem conquistando cada vez mais novos pacientes em cada ano.
37. A Internet pode ser usada para coisas boas, mas também para coisas ruins.
38. A minha prima gosta muito de ler livros deitada na rede da varanda.
39. As empresas de cartão de crédito atendem pelo telefone gratuito 0800.
40. Muitas estradas e rodovias brasileiras estão em verdadeiro estado de calamidade.

ANEXO VI - RELATIVAS CORTADORAS DO *CORPUS* DE REFERÊNCIA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO – ORAL (CRPC)

- (1) ... o grupo até nem é muito grande, nem é propriamente aquilo que se chama um grupo.
- (2) Mas é muito interessante, é uma arte que eu dou muito valor. Eu gosto mesmo disto.
- (3) ... e dizíamos portanto que estávamos a educar fisicamente e é o aspecto que nós agora estamos a ligar talvez menos.
- (4) ... uns três anos, entusiasmou-se por, quer dizer, tinha muitas cadeiras que deram equivalência e agora está a acabar ...
- (5) ... na lâ a percentagem de gordura, quer dizer, uma série de características que essas matérias-primas têm que obedecer...
- (6) ... há um grande desfasamento entre os detentores de cursos que eu chamo técnicos e os cursos de letras...
- (7) ... um estudante, quer dizer, mesmo com uma diferença enorme de, daquilo que nós chamamos mesmo educação...
- (8) ... de maneira que aborrece-me um bocado, esta disciplina que estamos habituados.
- (9) Aquelas bebidas das pedras, do género que nós cá chamamos água mineral, não é, água tónica.
- (10) ... levam pão para ao meio da tarde comerem um pequeno lanche, que eles chamam a merenda...
- (11) ... saber informações mas tive pouca sorte porque um dos moços que eu escrevi, a carta não lhe chegou à mão.
- (12) ... doze mil processos e só duzentos é que atingem realmente um nível que podemos chamar humano e de serviço social.
- (13) É, quer dizer, é aquela pescada pequena que aplicam o nome de soldados.
- (14) ... porque andava com a minha irmã, era uma miudinha pequenina que eu achava muita piada, a amiga da minha irmã...
- (15) ... portanto é menos um que nos tá a dar trabalho, é menos um que a gente tem de fazer a cama...
- (16) ... e quando nós acabámos o mercado voltámos para a vila, que chamamos nós a vila de Quipese.
- (17) ... até isso muito bem na medida em que tinha uma estaca de vinho, que eles chamavam vinho... era vinho de sete...
- (18) ... no Verão e no Inverno, porque é aquela que nós gostamos mais, é a que se suja menos, mas é um tecido extremamente fininho...
- (19) A maior cidade da Suíça é Zurique, no entanto a que eu gostei mais foi Genève...
- (20) Mas está a ver, estão aí colegas nossos com aldeias que não há meio de transporte, vão a pé ...
- (21) Passo assim os dias que estou em casa. Mas, chego a uma certa altura que cansa também.
- (22) Tudo tem os seus dias santos e assim... Na altura que se precisa de dar um passeio não podem ...
- (23) Pelo contrário, na altura que eu lá estava, tinha, tinha o dobro do comércio ...
- (24) Mas, até por razões de vária ordem de, sei lá, de na altura que eu quis sair de Alcoitão terem os quadros ...
- (25) ... coordena só Braga. Só a cidade. Cada e depois na altura que as uvas estejam maduras,

começam a entrar uvas ...

- (26) ... um é bonito e não é muito frio, quer dizer, na altura que está a nevar propriamente é frio, mas depois ...
- (27) ... sem dúvida, na altura que lá estive achei aquilo até fora do vulgar ...
- (28) ... passou a gravidez inteirinha a chorar e na altura que era para ter o bebé, quase se recusava a ter ...
- (29) O rapaz tentou passar e na altura que ele ia a atravessar a estrada apareci eu ...
- (30) ... foi por ouvir o pai nem o meu irmão gaguejar, porque eles na altura que eu principiei a falar ...
- (31) ... lá lutei debaixo do mar, ela veio acima, ... foi na altura que elas queriam-me levar para França.
- (32) ... do palácio onde o papa se encontrava, mas na altura que ele veio cá fora inda achei um bocadinho esquisito ...
- (33) Eu sei é que só soube na altura que eles nasceram e portanto eu fui para o hospital...
- (34) ... um pavor à serra, é a trovoada, porque lembro-me no primeiro que fui para lá, primeiro não, primeiro ano que vim para cá ...
- (35) ... o papel cortado, franjas, outras são flores, umas, o último ano que a nossa rua foi arranjada, foi a rua Direita ...
- (36) ... não tenho paciência para aturar cachopos, e será o último ano que estou a dar aulas, para o ano tentarei fazer o estágio ...
- (37) ... nós andamos com a farda de Verão no Inverno, porque é aquela que nós gostamos mais, é a que se suja menos ...
- (38) ... o dito armário chinês, e um canapé, aquele que estamos a discutir, e tenho a impressão que pouca ...
- (39) ... mesmo no Inverno porque aqui o clima é... bastante melhor que aquele que estava habituado no norte.
- (40) ... não é, assim como vejo modelos de sapatos, mas só escolho aqueles que gosto.
- (41) ... optam por ir para a lagoa, não é. Mas temos também uma praia aqui que eu ainda ontem falei, não é, que é o Baleal ...
- (42) ... quer dizer, gostam, mas, muitas vezes cada pessoa cultiva aquilo que precisa e não para vender.
- (43) Ao menos faço aquilo que quero e aquilo que gosto.
- (44) ... isso para mim é secundário, o que eu quero é fazer aquilo que gosto realmente, que é dar aulas.
- (45) Eu compro conforme as minhas posses ou aquilo que gosto... e que me interessa...
- (46) Porque realmente se lhe vou fazer sempre aquilo que ela gosta ela nunca sai daquele penteado.
- (47) ... ah e lhes davam abrigo ah e portanto todo, toda..., tudoaquilo queeles necessitavam, quando andavam por exemplo ...
- (48) ... rude que a gente temos na arte do campo, é a enxada, não é a arte que a gente gosta.
- (49) ... gosto porque, enfim, foi uma arte que eu vim logo de pequeno, desde os onze anos...
- (50) Pois está certo. Por acaso, um, um dos assuntos que, que me interesse desde criança ...
- (51) ... e vendeu-se muito mais conversamos, conversamos... Mas os assuntos que a gente conversa é eu sempre a berrar com ele ...
- (52) ... é, por exemplo, eu nos livros, se disserem assim: qual é o autor que gostas mais? Não há assim autores, há livros...

- (53) ... mas de repente disse: Espera! Tenho ali um tom de azul que talvez o senhor goste!
- (54) ... aqui deste ribeizito, que é o tal que alimenta a pequena barragem que eu falei, onde nasceu a companhia eléctrica ...
- (55) ... umas trinta e tal, umas velhotas, e depois, no bocadinho que eu estive à porta e lá à espera dele ...
- (56) É raro vir por aqui, aliás que não é o café que eu mais gosto.
- (57) ... agora conforme ela é interpretada não gosto, pois há muita coisa que eu não gosto.
- (58) ... cor que nos incomoda, portanto foi esta experiência e outra coisa que eu fui sensível também das poucas vezes que saí ...
- (59) ... o próprio tipo que emigra vem, a primeira coisa que pensa é fazer uma casa.
- (60) Olhe, por exemplo aqui uma coisa que reparam imenso é uma moça sair à noite sozinha ...
- (61) ... eu teria de deixar de ganhar e ir, mas era uma coisa que eu gostaria imenso.
- (62) ... costumam vir ranchos folclóricos, uma coisa que eu gosto bastante!
- (63) Oh!... sei lá do que é que gosto! Olhe, há uma coisa que pouca gente gosta; eu gosto muito de Rachmaninof ...
- (64) Olhe, uma coisa que ontem fiquei pasmada foi numa aldeia, ...
- (65) Tá claro, eu gosto de baile, eu gosto de dançar, tem uma coisa que eu gosto imenso.
- (66) Ah, então, umas das coisas que eu acho que eles são muito diferentes é no aspecto...
- (67) ... já não dispomos daquela disposição e dumas quantas coisas que dispúnhamos quando trabalhávamos para ...
- (68) Nós temos um período que podemos fugir do colégio, que são precisamente esses três dias de Maio, ...
- (69) ... não é o curso que mais me interesse, também não é um curso que eu goste, eu gostaria imenso de seguir um curso de ...
- (70) ... é uma água também duma cor completamente diferente daquela que estamos habituados.
- (71) Ora... e portanto eu agora estou numa posição já diferente daquela que entrei para cá, ...
- (72) E é, ele houve um determinado programa dele que ele pôs um problema, que eu conheço muito bem, ...
- (73) Então vem... fala naqueles – alguns deles que o José já não se lembra – naqueles tipos antigos ...
- (74) ... tratar destes rapazes, como eu trabalho, com eles, da idade deles que é uma idade que eles precisam de trabalhar e, ...
- (75) Tive um desastre que ia ficando aqui sem a perna esquerda.
- (76) ... mais vinho de vez em quando, mas isto faz-se na véspera do dia que se quer comer, depois tira-se do forno, ...
- (77) Eu não conheço o director da escola, fui à escola no dia que a levámos e, mas não vimos ninguém, ...
- (78) ... mas tivemos azar foi no dia que choveu! Dias seis de Junho.
- (79) ... foi no dia que o miúdo teve doente, depois a malta foi para o Hospital ...
- (80) ... e a cachorra, tem piada, no dia que eu adoeci, ela adoeceu.
- (81) Depois, a pessoa põe, quer dizer, põe logo... No primeiro dia que entrei, deram-me uma navalha ...
- (82) Ora aqui o corredor vive as corridas desde o primeiro dia que chega.
- (83) ... aquilo com a maior das facilidades, e eu também, o primeiro dia que entrei lá tinha

vómitos.

- (84) ... o tempo correu, passaram-se uns meses, e um dia que estava eu muito despreocupadamente no meu cartório ...
- (85) Mas houve um dia que ele foi lá com uns senhores amigos ...
- (86) Olha ontem não fui, é mais os dias que não vou, que aos dias que vou.
- (87) ... saímos daqui já vamos um bocadinho, para não dizer certos dias que vamos mesmo esgotadíssimos ...
- (88) Ah! Nesse aspecto...! Há dias que se ganha... há dias que não se ganha... a vida de pescador é assim.
- (89) Bom, chega-se, tá compreendendo, há dias que chegam cansadas, cansadíssimas, esgotadas, bom ...
- (90) Gosto, gosto muito, muito, até porque temos dias, há dias que temos muita dificuldade, porque vem aqui gente ...
- (91) Há dias que a gente tá bem disposta para tudo, e outros dias que a gente tá aborrecida seja lá com o que for.
- (92) E há dias que não podemos vir, há dias que ficamos lá fora...
- (93) Há aquele movimento certo, não é verdade, aqui não, mas, há dias que se faz um, uns dias dão para os outros ...
- (94) Nos dias que tenho corridas de toiro, vou para porteiro da corrida ...
- (95) ... ou agarro num crochet, e pronto, passo assim os dias que estou em casa.
- (96) ... no trabalho, nessa altura nós tínhamos que pagar os dias que ela não pudesse trabalhar.
- (97) ... eu todos os dias, vou à, todos os dias, todos os dias que a biblioteca tá aberta eu vou lá.
- (98) ... mês a mês trabalha-se uma semana, pois é assim. Nos outros dias que trabalho às duas, a luta é a mesma da casa ...
- (99) Pescador, temos dias que ganhamos, temos outros dias que não ganhamos, ganhamos um quinhão, um quinhãozinho ...
- (100)... mas gostei bastante aqueles poucos dias que lá estive.
- (101) Quer dizer, tem alturas, não é; tem dias que realmente tá mais agradável uns que outros.
- (102) Mas claro, temos, como temos dias que temos muita gente e temos dias que temos poucos ...
- (103)... pois, é muito, é, cansativo. Tenho dias que chego à noite completamente esgotada ...
- (104) A coisa está assim. Mas eu tenho dias que venho para aqui que eu sozinha rio-me ...
- (105) Trabalha-se mesmo a sério. Eu tenho dias que chego à noite só me apetece ir para a cama dormir ...
- (106) Às vezes aborrece-me, principalmente agora no Verão tenho dias que quase me deixo dormir ...
- (107)... ha evidentemente que, Siza, não fez mais do que, falar, dos projectos que já trabalhou ...
- (108) Deve ser servido bem fresco, é como é bom. A: É um doce que eu gosto muito.
- (109)... deve ser assim: a Irmandade, e no Domingo que há coroação, quando a coroa...
- (110)... há festival folclóricos, corridas de cavalos e etc. No Domingo que é a procissão, não se pode andar cá na vila.
- (111)... fazíamos, lá numa eira, baile, tivemos uns domingos que fazíamos e depois já levavam a mal ...

- (112)... a zona das praias é de facto a única coisa que eu apreciei e que gostei, são esplêndidas ...
- (113) Tenho assim alguns móveis que na verdade gosto muito e que encontrei quase todos fora de Coimbra.
- (114)... é para ver mais ou menos o meio que o aluno... do meio económico que o aluno tá inserido ...
- (115)... ha são festas realmente todas elas interessantes, todas elas que vale a pena assistir ...
- (116)... um bom emprego, não é dos maus, para mim, mas não é este o emprego que eu mais gostava.
- (117) A estudar nunca se arranja um emprego que se ganhe tão bem como se...
- (118)... um ataque a uma esquadra que houve. Houve no Porto, quer dizer, porque há uma esquadra que a polícia veio de metralhadora para a rua ...
- (119) Era para seguir outra vida, vida essa que eu tinha que alcançar estudos,...
- (120)... qualquer coisa assim e acabo por fazer uma estante que eu preciso, mas não eu concebê-la ...
- (121)... não é, posto em direcção, há uma hora de saída, há estações que varia, não é, aqui na central ...
- (122) Agora o dois ponto dois... pronto este é um daqueles exercícios que eu acabei de vos falar agora ...
- (123)... depois já não há timidez, nem nada. Sim, esta experiência que falei há pouco.
- (124)... e os questionários que leva a criança a redigir com uma facilidade que não estava habituada na primeira e na segunda ...
- (125) Filmes que eu gosto mais são... que envolvam um pouco de mistério ...
- (126) E depois temos a estufa e temos as flores que eu gosto e agora ...
- (127)... houve três pontos fundamentais que eu gostei. Era a bacteriologia ...
- (128)... chega a casa perto da meia-noite, é a hora que janta; ora no fim de jantar ...
- (129)... tinha que se estar em jejum desde a meia-noite até à hora que se comungava.
- (130) À hora que o avião chegar nós temos de lá estar, não é.
- (131) Não é porque eu lá vá à praia, já à hora que saio daqui. Já não vou. Só vou jantar...
- (132) Entrámos na reserva na hora que... à hora que os bichos tavam a dormir ...
- (133) Transporte – há mesmo muita dificuldade! – sobretudo à hora que normalmente entram nos empregos.
- (134)... quer dizer, dentro da idade que estou, que julgo que tenho que me rebaixar um bocado ...
- (135)... como eu trabalho, com eles, da idade deles que é uma idade que eles precisam de trabalhar...
- (136) Pois, quer dizer, a indústria têxtil é uma das indústrias que nós cá temos mais trabalho porque ...
- (137)... em circunstâncias normais logicamente que é mais um jogador que nós podemos contar ...
- (138)... dois grupos e com ideias contrárias, portanto, e do jornal que há pouco falei surgiu precisamente essa cisão ...
- (139)... e não há mais nenhum baile, caso, por acaso cá é o único liceu que só fazem baile de sétimo.
- (140)... tem tudo, quer dizer, a pessoa ali vai com a lista que precisa para casa ...
- (141)... pois, nem podem estar à frente daquilo, embora já haja uma lista que eu tenho o

- nome comercial dum lado e à frente ...
- (142)... muito característico cá da Terceira, até porque é o único lugar que há touradas no, já o ano passado ...
- (143)... é exactamente, é húmido, porque há lugares que há muita humidade, não é, sim que há lugares que há muita humidade ...
- (144)E então a, a minha madrinhaque a senhora dona B ainda se recorda,...
- (145)... para fazer o exame de admissão ao magistério, que eu afinal não cheguei a ir; e ando daqui ...
- (146)Cá houve uma pequena, uma ligeira manifestação que nós nem nos apercebemos.
- (147)Essa fruta muito melindrosa, que não, não se pode mexer muito.
- (148)... dezasseis escudos por dia e durante esses meses que estiverem doentes não pagam a cota à casa do povo.
- (149)... cadeiras em Julho, Outubro, Dezembro e Janeiro e até nos meses que não falei, quer dizer, se de facto conseguisse ...
- (150)... a melhor festa para mim, que eu gostava mais era a queima das fitas...
- (151)... duas horas à procura de, para ver, nos encontrarmos com um moço que eu me escrevia naquele tempo, entrávamos em ...
- (152)... e ele então imaginou aquela, a esposa como o tipo de mulher que gostava. Passado quinze dias saiu do hospital ...
- (153)... e tou convencido até que de verdade e o mundo que ele normalmente gravita, que é um mundo cheio de ...
- (154)... nem toda a gente consegue as máquinas que precisam.
- (155)Não posso explicar, porque não tenho os métodos que é preciso, não é, para explicar, não sei.
- (156)E há certos períodos do mês que a gente também anda com a pele irritada ...
- (157)... economizam bastante, mesmo bastante para chegarem cá e no mês que estão cá de férias, nota-se perfeitamente que até ...
- (158)... no primeiro mês que eu vim para aqui trabalhar aqui neste sítio achei um ...
- (159)Tenho assim alguns móveis que na verdade gosto muito e que encontrei ...
- (160)... querem muitos feitios numa peça só porque viram os punhos naquela que gostaram, mas viram a gola na outra ...
- (161)... a gente acabou com os bilhares porque foi sempre um negócio que eu nunca gostei, primeiro.
- (162)... trabalhava de dia e de noite, havia noites que eu não me deitava para aproveitar...
- (163)... mas mesmo assim quando é um objecto que nós temos dúvidas, pedimos o recibo da compra.
- (164)Não sei como é que é possível fazer obras, as obras que isto precisa, não sei, não percebo nada ...
- (165)... foi mais sorte tê-lo encontrado do que na ocasião que ele o perdeu, lho perderam.
- (166)Havia lá, uma ocasião que fui a um,que fui a uma exposição e que havia lá ...
- (167)... uma senhora muito simpática, também vem, as únicas, a única ocasião que eu comunico com ela é quando vem pagar a renda ...
- (168)E agora tenho certas ocasiões que penso nessas palavras que esse senhor me dizia.
- (169)... trabalhar mais talvez ainda do que aqui porque tinha certas ocasiões que às vezes levantava-me às seis horas da manhã ...

- (170)... nunca fui muito amiga do camarão. A mim já havia ocasiões que até já estava enjoada.
- (171)Ah, tem ocasiões que há, não é, e tem outras ocasiões que não há, ocasiões que quando há é barato ...
- (172)Lá vem um dia ou outro, um dia ou outro que a refeição é menos agradável, mas na, no geral é boa ...
- (173)Gostei. Pois pára com isso agora. Vi. Ah, mas vi outro que gostei mais.
- (174)... creio que era um são... um são Bento ou são Braz e, e outros que não me lembro agora de repente.
- (175)... não quer dizer que também não haja a esperar deficiência, a parte que o assinante se queixa e que tem muita razão ...
- (176)... é o desporto amador, claro, embora no futebol que é a parte que eu mais estou ligado é o futebol ...
- (177)Para lá é o único país, o último país que eu queria ir.
- (178)É faneca e é, há também outro peixe que eu gosto muito, o polvo ...
- (179)... nós estamos a envenenar ... lá vem um, um certo período que o nosso estado de saúde enfraqueceu ...
- (180)É conforme a licença. Se a licença calha num período que não faz diferença, costumo estar lá oito dias ...
- (181)... água com abundância, não é verdade, agora veio um período que as culturas foram apanhadas ...
- (182)... contacta sempre com outras pessoas e cria amizades com outras pessoas que diariamente no dia-a-dia nós falamos, não é?
- (183)... quinze tostões, dois mil réis, conforme o preço que a gente compra, conforme a gente compra ...
- (184)... e do que me agradar e o preço que eu possa vender.
- (185)... educadora infantil ou assistente social que era realmente as profissões que eu achava que me sentia mais realizada, mas ...
- (186)... tinha visto um casamento qualquer que tinha gostado muito, de maneira que chamou-a ...
- (187)... depois tem o aparador, tipo alentejano, aquele tipo aparador que, que se vêem os pratos cá fora, com duas portas ...
- (188)Por acaso, um, um dos assuntos que, que me interesse desde criança ...
- (189)... dentro de mil sapatos modernos há dois ou três ou até quinhentos que nós gostamos, não é.
- (190)... nós moramos na região que se carrega mais no erre, que é ali em Troino ...
- (191)O primeiro salto que eu caí em cima dum pinheiro foi o oitavo ...
- (192)... tirar uma licença de obras, que é mais ou menos dentro da secção que eu estou, não é ...
- (193)... as últimas pares de calças que eu fiz foi na semana que a minha filha casou.
- (194)Entrei primeiro para um serviço que não gostei, tive três meses, pois mudei...
- (195)... preferi Queluz, porque achei que era o sítio que eu também gostava.
- (196)... a pessoa tá habituada a barulho, e quando vai para um sítio que não ouve barulho... também estranha.
- (197)É que ali é uma, um sítio que inda passam eléctricos, passam autocarros ...

- (198) Falávamos sobre a guerra em Angola, que é um tema que eles lá estão mais a par do que nós cá ...
- (199) Fica o carvão, fica, dá-se aquele tempo que tem de arder, quando tiver ...
- (200) No espaço de tempo que não sou precisa, portanto, ao balcão, dedico-me a ...
- (201) ... se a senhora quer isto... Ora isso houve tempo que não havia uma batata, não havia manteiga ...
- (202) ... só no tempo de, quer dizer, no tempo das férias dele, no tempo que não estuda, pois.
- (203) ... até praticaria mais modalidades. Mas durante o tempo que cumpri, aquela, aquele, a tropa com ...
- (204) E durante o ... durante o tempo que o meu filho esteve em (Timor), eu fiz ...
- (205) Sim, efectivamente, durante o tempo que lá tive, tive oportunidade de fazer alguns passeios ...
- (206) ... é um prejuízo que a senhora tem e o tempo que ela esteve com uma saúde deficiente, tudo isso.
- (207) ... não sou muito amiga de estar à janela, e então o tempo que tou em casa, se há televisão ...
- (208) Em todo o tempo que andei com ele nunca houve problemas.
- (209) Eu tenho saudades dos tempos que eles são pequeninos.
- (210) Ora bem.. relativamente ao, aos produtos turísticos que eu falei o há dois produtos turísticos ...
- (211) Sim, já sei o que é. Pelo menos há um que me lembro, que foi o José António que em tempos jogou ...
- (212) Qual é a ópera que gosta mais? Eu tenho uma que gosto acima de todas ...
- (213) ... porque para ir para essas ilhas, ou se vai de barco, há umas que só se pode ir de barco, e há outras ...
- (214) Uma das vezes que eu tive problemas foi quando saí para um mercado...
- (215) ... eu estou numa fase da minha vida que eu estou aqui em Lisboa ...
- (216) ... essa coisa de natação levou-me logo a fazer várias coisas na vida que gostei, como por exemplo mergulhar livre, à vontade ...
- (217) ... com o mesmo número de pessoal temos que corresponder àquilo que os patrões necessitam ...
- (218) ... quando eu trabalhava no campo; mas vinha-se uma certa época que a gente não tinha que fazer no campo ...
- (219) ... nas grandes cidades isso não tem importância mas numa cidade como Évora que as pessoas todas são conhecidas ...
- (220) Certo é que eu só posso ir àquele Pão de Açúcar porque é o único que eu sei desembaraçar-me porque se for a outro ...
- (221) Uma folga fraca... e temos uma, manhã, que saímos às dez da manhã, de Domingo, e ao depois ...
- (222) ... é, que está aqui em Tomar, não é, e passa, é assim um, uma coisa que realmente eu tenho pena, não haver mais... amizade ...